Em um mundo dominado por seus inimigos, em quem você poderá confiar?



FRAGMENTADA

TERI TERRY

FAROL
LITERÁRIO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

FRAGMENTADA

Teri Terry

FRAGMENTADA

Tradução: Flávia Côrtes

FAROL
LITERÁRIO

Copyright © 2013 do texto: Teri Terry
Copyright © 2013 da edição brasileira: Farol Literário
Todos os direitos reservados ao autor.

Título original: *Fractured*

Publicado originalmente em inglês em 2013 pela Orchard Books.

DIRETOR EDITORIAL: Raul Maia Junior
EDITORA: Eliana Gagliotti
COORDENAÇÃO EDITORIAL: Varanda
TRADUÇÃO: Flávia Côrtes
PREPARAÇÃO DE TEXTO: Eliane de Abreu Santoro
REVISÃO: Simone Zac / Paulo Santoro
EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Claudio Tito Braghini Junior
PRODUÇÃO DIGITAL: Estúdio Editores.com

Texto em conformidade com as novas regras ortográficas do acordo da língua portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

Terry, Teri
Fragmentada [livro eletrônico] / Teri Terry ; tradução [de] Flávia Côrtes. – São Paulo : Farol Literário, 2013.
1 mbp ; ePUB.

ISBN 978-85-8277-036-8

1. Ficção - Inglesa. 2. Memória - ficção juvenil. 3. Identidade (Psicologia) - ficção juvenil. 4. Escolas de ensino médio - ficção juvenil. 5. Ficção científica. I. Côrtes, Flávia, trad. II. Título.

T329f CDD 823

1ª edição • novembro • 2013

Farol Literário
Uma empresa do grupo DCL — Difusão Cultural do Livro
Rua Manuel Pinto de Carvalho, 80 — Bairro do Limão
CEP 02712-120 — São Paulo — SP

Tel.: (0xx11) 3932-5223
www.farolliterario.com.br

À memória de meu pai.

CAPÍTULO 1

A chuva tem muitas utilidades.

Árvores como estas à minha volta precisam de chuva para viver e crescer.

Ela apaga os rastros, esconde as pegadas. Faz com que as trilhas fiquem difíceis, e hoje isso é uma coisa boa.

Mas, acima de tudo, lava o sangue da minha pele, das minhas roupas. Estou de pé, tremendo, enquanto o céu se abre sobre mim. Cruzo mãos e braços, esfregando-os várias vezes na chuva congelante. Os traços escarlates há muito já se foram da minha pele, mas não consigo parar. O vermelho ainda mancha minha mente. Isso levará mais tempo para sair, mas agora eu me lembro como fazer. Memórias podem ser fragmentadas, encobertas por medo e negação, e trancadas atrás de uma parede. Paredes de tijolos, como a que Wayne construiu.

Ele está morto? Está morrendo? Estremeço, e não apenas pelo frio. Será que o deixei sofrendo? Devo voltar e ver se posso ajudá-lo. Não importa o que ele seja, ou o que tenha feito, será que merece ficar estirado lá, sozinho e com dor?

Mas, se alguém descobrir o que fiz, será o meu fim. Eu não deveria ser capaz de ferir alguém. Mesmo que eu tenha apenas me defendido do ataque de Wayne. Reiniciados são incapazes de cometer atos de violência, mas eu cometi; Reiniciados são incapazes de lembrar algo do próprio passado, mas eu me lembro. Os Lordeiros me levariam. Provavelmente iriam dissecar meu cérebro para descobrir o que houve de errado, o porquê de meu Nivo ter falhado em controlar minhas ações. Talvez eles fizessem isso comigo enquanto eu ainda estivesse viva.

Ninguém jamais poderia saber. Eu deveria ter verificado se ele estava morto, mas agora é tarde. Não posso arriscar voltar. *Você não conseguiu fazer isso antes, o que faz você pensar que agora conseguirá?* Uma voz zombou dentro de mim.

Uma dormência se espalha por minha pele, músculos e ossos. Tão frio. Recosto-me em uma árvore, os joelhos se dobrando, caindo ao chão. Quero ficar parada. Quieta, sem me mover. Sem pensar, sentir ou machucar, nunca mais.

Até que venham os Lordeiros.

Corra!

Me levanto. E meus pés começam a caminhar, então a correr lentamente, para finalmente voar entre as árvores em direção à trilha, pelos campos. Para a estrada, onde uma van branca marcava o local em que Wayne havia desaparecido: *Melhores Construtores* pintado na parte lateral. Tenho medo de que alguém me veja saindo da mata aqui, próximo à van, onde vão acabar procurando por ele, quando notarem sua ausência. Mas a estrada está vazia sob o céu raivoso; gotas de chuva caem com tanta força contra o asfalto, que respingam de volta quando passo correndo.

Chuva. Existe alguma outra utilidade, algum outro significado, mas ela escorre e escoa por minha mente como rios por meu corpo. E se vai.

A porta se abre antes que eu a alcance: uma mãe preocupada me puxa para dentro.

Ela não pode saber. Há poucas horas eu não teria sido capaz de esconder meus sentimentos; eu não sabia como. Relaxo meu rosto, tirando o pânico dos olhos. Apática como uma Reiniciada deve ser.

— Kyla, você está ensopada — uma mão quente toca minha bochecha. Olhos preocupados. — Os seus níveis estão bons? — ela pergunta, pega meu pulso para ver o Nivo, e eu olho com interesse. Eu deveria estar com níveis baixos, perigosamente baixos. Mas as coisas haviam mudado.

6.3. O Nivo pensa que estou feliz. Oba!

Ela me mandou para o banho e lá eu tento novamente. Pensar. A água está muito quente e eu relaxo, ainda anestesiada. Ainda tremendo. A quentura começa a confortar o meu corpo, minha cabeça está uma bagunça.

O que foi que aconteceu?

Tudo antes de Wayne parece enevoado, como quando se olha por um vidro manchado. Como se olhasse para uma pessoa diferente, alguém que parece a mesma por fora: Kyla, pouco mais de um metro e meio, olhos verdes, cabelos loiros. Reiniciada. Um tanto diferente da maioria, talvez, um pouco mais consciente e com alguns problemas de controle, mas eu *fui* Reiniciada: Lordeiros apagaram minha mente como punição por crimes dos quais não me lembro mais. Minhas memórias e passado deveriam ter desaparecido para sempre. Então, o que foi que aconteceu?

Esta tarde, saí para uma caminhada. Foi isso. Eu queria pensar sobre Ben. Novas ondas de dor vieram junto com seu nome, pior do que antes, tanto que quase chorei.

Não perca o *foco*. E depois, o que aconteceu?

Aquele inútil, Wayne: ele me seguiu pela mata. Me forcei a pensar no que ele fez, no que tentou fazer, suas mãos me agarrando, e o medo e a raiva voltaram. Ele me deixara zangada, tomada de tal modo por uma fúria insana, que ataquei sem pensar. E algo dentro de mim *mudou*. Transformou-se, caiu, realinhou-se. Penso nas carnes sangrentas de seu corpo, e me encolho: eu fiz *aquilo*? De alguma forma, uma Reiniciada — eu — era violenta. E não era só isso: eu me lembrava de coisas, sentimentos e imagens do meu passado. De antes de ter sido Reiniciada. Impossível!

Não era impossível. Aconteceu.

Agora não sou mais apenas a Kyla, o nome dado a mim no hospital quando fui Reiniciada, há menos de um ano. Sou algo — alguém — mais. E não sei se gosto disso.

Ra-ta-ta-tá!

Giro o corpo para fora da banheira, espalhando água pelo chão.

— Kyla, está tudo bem?

A porta. Alguém — mamãe — acabou de bater à porta. Foi só isso. Relaxo os punhos.

Acalme-se.

— Tudo bem — consegui responder.

— Você vai ficar com a pele toda enrugada se continuar aí um pouco mais. O jantar está pronto.

No andar de baixo, com mamãe, está minha irmã, Amy, e o namorado, Jazz. Amy: Reiniciada e designada para esta família como eu, mas diferente em tantos aspectos. Sempre radiante, cheia de vida e tagarelice, alta, a pele como de um chocolate quente, e eu uma pequena, quieta e pálida sombra. E Jazz é natural, não um Reiniciado. Ajuizado, menos quando observa a bela Amy, sonhador. É um alívio que papai esteja longe. Posso ficar sem seu olhar preocupado hoje à noite, mensurando, certificando-se de que nada esteja saindo errado.

Assado de domingo.

Conversa sobre o estágio de Amy e a nova câmera de Jazz. Amy tagarela empolgada sobre ter sido convidada para trabalhar, depois de formada, no consultório do médico local, onde ela estagiou.

Mamãe olha para mim.

— Vamos ver — ela diz. E eu vejo algo mais: ela não me quer sozinha depois do colégio.

— Eu não preciso de uma babá — digo, embora não tenha tanta certeza.

A tarde vai se esvaindo em noite e eu subo as escadas. Escovo os dentes e observo pela janela. Olhos verdes me olham de volta, grandes e familiares, mas vendo coisas que não viam antes.

Coisas simples, mas nada é simples.

Uma dor pungente no tornozelo insiste em que eu pare de correr, exige isso. O perseguidor está ficando para trás, mas logo estará perto. Ele não descansará.

Esconda-se!

Lanço-me entre as árvores e me jogo num riacho gelado para não deixar rastros. Rastejo sob os arbustos espinhentos, ignorando os puxões em meus cabelos e roupas. Sinto dor quando um deles acerta meu braço.

Não posso ser encontrada. De novo não.

Arrasto-me pelo chão, empurrando folhas, frias e podres, com os braços e pernas. Uma luz passa pelas árvores acima: congelo. Ela desce devagar, direto sobre meu esconderijo. Eu só volto a respirar quando ela se afasta e parte em outra direção.

Ouço passos. Eles se aproximam, e então continuam e seguem adiante até não serem mais ouvidos.

Agora espere. Calculei uma hora; tensa, úmida e fria. Com todas as criaturas correndo, cada galho movendo-se na brisa, sinto medo. Mas, quanto mais os minutos passam, mais começo a acreditar. Desta vez, posso ter sucesso.

O céu já está brilhando quando retorno, um passo adiante do outro, com cuidado. Os pássaros iniciam seus cantos da manhã e meus espíritos cantam com eles enquanto me levanto. Será que finalmente ganhei no jogo de pique-esconde do Nico? Eu poderia ser a primeira?

Uma luz ofusca meus olhos.

— Aí está você! — Nico segura meu braço, me puxa para cima e eu grito de dor no tornozelo, mas não dói tanto quanto o desapontamento, quente e amargo. Eu falhei, de novo.

Ele tira as folhas das minhas roupas. Passa um braço morno ao redor da minha cintura para me ajudar a voltar para o acampamento, e sua proximidade, sua presença, ressoa pelo meu corpo apesar do medo e da dor.

— Você sabe que nunca vai sair daqui, não sabe? — Ele pergunta, ao mesmo tempo orgulhoso e desapontado comigo. — Eu sempre vou achar você — Nico se inclina para baixo e me beija na testa. Um raro gesto de afeição que, sei, não vai tornar mais branda seja qual for a punição que ele tem em mente.

Eu jamais sairei daqui.

Ele sempre me encontrará...

CAPÍTULO 2

Ouço um distante *triiiimmmm* no meio do nada. Isso me traz certo desgosto, meio acordada, meio confusa, e então sigo numa lenta deriva de volta aos meus sonhos.

O *triiiimmm* soa novamente.

Que injusto!

Acordo num instante e me levanto num pulo, mas algo me segura e eu quase grito, luto, lanço-o ao chão, e agacho numa postura de luta. Pronta para o ataque. Pronta para qualquer coisa...

Mas não para aquilo. Formas estranhas e assustadoras se distorcem e se modificam, tornando-se coisas comuns. Uma cama. Um despertador, que ainda está tocando, sobre uma cômoda. O que me segurava, as cobertas: a maioria estava agora no chão. Carpete sob pés descalços. Uma luz fraca vinda de uma janela aberta. Um gato sonolento e rabugento, miando em protesto, pego em flagrante sobre as cobertas no chão.

Controle-se.

Alcanço o botão do despertador. Faço força para respirar mais lentamente — *inspiro, expiro, inspiro, expiro* —, tento acalmar as batidas do meu coração, mas meus nervos ainda gritam.

Sebastian me olha do chão, os pelos eriçados.

— Você ainda me conhece, gato? — sussurro, esticando a mão para que ele a cheire, e acaricio seu pelo, para acalmar tanto a ele quanto a mim. Arrumo novamente os cobertores sobre a cama e Sebastian salta sobre eles, se aconchegando, mas mantendo os olhos entreabertos. Observando.

Quando acordo, sinto que estive *lá*. Meio adormecida, me lembro de cada detalhe. Os abrigos improvisados, as barracas. A umidade e o frio, a fumaça da madeira queimada, o farfalhar das árvores, as aves da madrugada. Vozes que sussurram. No entanto, quanto mais desperto, mais as lembranças se esvaem. Os detalhes se perdem. Um sonho, ou um lugar real?

Meu Nivo marca 5.8, meio-feliz, embora meu coração ainda bata forte. Após o que houve, meus níveis deveriam ter despencado. Giro o Nivo em meu pulso

com força: e nada acontece. Ele deveria ao menos me causar dor. Criminosos Reiniciados não podem ser violentos para si mesmos ou para os outros, não enquanto o Nivo controlar cada sentimento. Não enquanto causar desmaios ou morte se o usuário ficar muito chateado ou irritado. Eu deveria estar morta pelo que fiz ontem: eletrocutada pelo chip que colocaram em meu cérebro quando fui Reiniciada.

Ecos do pesadelo da noite anterior preenchem minha mente: *nunca conseguirei fugir. Ele sempre me encontrará...*

Nico! É esse o nome dele. Ele não é apenas um sonho. É real. Olhos de um azul pálido cintilam em minha mente, olhos que podem refletir frio ou calor em um instante. Ele saberá o que tudo isso significa. Uma parte viva e real do meu passado que de alguma forma surgiu nesta vida: curiosamente no papel do meu professor de biologia. Uma estranha transformação de... de... o quê? A memória escapa e falha. Meus punhos se fecham em resposta à frustração. Eu o tive ali, estava claro quem e o que ele era; mas, a seguir, o nada.

Nico saberá. Mas devo perguntar? Fosse lá quem ele tivesse sido, ou quem ele é agora, de uma coisa eu sei: ele é perigoso. Só de pensar no nome dele, meu estômago dá voltas, tanto por medo quanto por saudade. De estar perto dele, não importam os custos.

Ele sempre me encontrará.

Alguém bate à porta.

— Kyla, você já levantou? Vai se atrasar para o colégio.

— Sua carruagem, senhoras — diz Jazz, curvando-se respeitoso. Ele coloca o pé na porta do carro e a escancara. Eu me ajeito no banco traseiro e Amy no da frente. E, apesar de existir uma sensação de ritual em tudo isso, a mesma coisa todas as manhãs, há algo de *estranho* no ar. Uma mesmice que irrita.

Observo pela janela durante o caminho: fazendas. Restolho de colheitas. Vacas e ovelhas nos encaram, mastigando placidamente. Somos um rebanho a caminho do colégio, sem questionar as forças que nos mantêm em nossas vidas previsíveis. Qual a diferença?

— Kyla? Terra chamando Kyla.

Amy está voltada para mim.

— Desculpe. Você falou alguma coisa?

— Só estava perguntando se você se importa que eu trabalhe depois do colégio. Seriam quatro dias na semana, de segunda a quinta. Mamãe acha que

talvez você não deva ficar tanto tempo sozinha. Ela me disse para conversar com você sobre isso.

— Está tudo bem, de verdade. Por mim, sem problemas. Quando você começa?

— Amanhã — ela responde, com um olhar de culpa.

— Você já tinha dito a eles que podia, não foi? — pergunto.

— Acertou na mosca! — diz Jazz. — Mas e eu? E quanto ao nosso tempo juntos? — e eles fingem discutir pelo resto do caminho.

A manhã está enevoada. Escanear meu identificador em cada aula, sentar, fingir ouvir. Tentar manter um olhar atento, de quem anseia por aprender, para que ninguém tenha motivo para me notar. Escanear o identificador novamente. Almoço sozinha: ignorada como sempre, pela maioria dos outros alunos que se mantêm longe dos Reiniciados. Até gostavam de Ben, mas eu não sou muito querida. Especialmente agora, que ele desapareceu.

Ben, onde está você? Seu sorriso, o toque firme e quente de sua mão na minha, o jeito como os olhos dele refletiam seu interior. Tudo isso se contorce como uma faca em minhas entranhas, a dor é tão real que tenho de me abraçar para aguentar.

Uma parte de mim sabe que não posso controlar isso por muito mais tempo. Preciso colocar para fora.

Mas não aqui. Não agora.

E então, finalmente, chega a hora da aula de biologia. Um mal-estar enjoado cresce em meu estômago a caminho do laboratório. E se eu estivesse louca e não fosse o Nico coisa nenhuma? Será que ele sequer existe?

E se for ele? E daí?

Passo meu cartão na porta, vou até um banco no fundo e me sento, tudo isso antes de ter coragem de olhar: não sei se meus pés continuarão funcionando se meus olhos confirmarem o que não paro de imaginar.

E lá está ele: o senhor Hatten, professor de biologia. Eu o encaro, mas tudo bem, todas as garotas fazem isso. Não é apenas por ele ser muito jovem e bonito para um professor; há um algo mais. E não são apenas aqueles olhos, aquele cabelo loiro ondulado, com reflexos, mais comprido do que se esperaria para um professor, ou que ele seja tão alto e perfeito — é mais do que isso. Algo sobre a maneira como ele se controla: parado, já posicionado para o ataque. Como um leopardo, aguardando o momento de dar o bote. Tudo nele diz *perigo*.

Nico. *É* o Nico realmente; sem dúvida nenhuma. Os olhos, de um inesquecível azul desbotado com contorno escuro, esquadrinham a sala. Eles param ao encontrar os meus. Enquanto olho para ele, sinto um estalo por dentro, um reconhecimento, quase um choque físico que faz disso algo *real*. Quando ele finalmente desvia o olhar, é como se eu tivesse sido solta após um forte abraço.

Não era minha imaginação. Nico *está*, neste momento, do outro lado da sala. Não importa se sei disso por memórias de agora ou de antes, comparadas e misturadas. Até tê-lo visto, por mim mesma, com esses olhos que ainda estão aprendendo a entender as coisas, eu não *sabia* realmente.

Depois me lembro de que, embora as garotas em suas aulas possam encará-lo, eu não posso; ao menos, não muito.

Então, durante a aula, tento não olhar, mas é uma batalha perdida. Os olhos dele vêm na minha direção de vez em quando. Seria curiosidade? Ele queria perguntar alguma coisa? Há um certo interesse quando eles se cruzam com os meus.

Cuidado. Antes que possa entender o que ele é e o que quer, não o deixe saber que alguma coisa mudou. Forço os olhos em direção ao caderno na minha frente; para a caneta que desliza pela página, deixando para trás espirais azuis, rascunhos malfeitos onde deveria haver anotações. A mão no piloto automático.

A caneta; a mão... *mão esquerda*. Sem que me dê conta, eu a estou segurando com a mão esquerda.

Mas eu sou destra. Não sou?

Eu *tenho* de ser destra!

Prendo a respiração, o terror toma conta de mim. Começo a tremer.

Tudo fica escuro.

*

Ela estende a mão. A mão direita. As lágrimas descem por seu rosto.

— Por favor, me ajude...

Ela é tão jovem, uma criança. Ela implorava com os olhos, tinha medo. Eu faria qualquer coisa para ajudá-la, mas não consigo alcançá-la. Quanto mais me aproximo, quanto mais me esforço, mais distante a mão dela parece estar. Algum truque ótico a faz estar sempre virada para a direita. A mão sempre muito longe para alcançar.

— Por favor, me ajude...

— Me dê sua outra mão! — eu digo, e ela balança a cabeça negativamente, os olhos arregalados. Mas eu repito a exigência, até que finalmente ela me estende a mão esquerda, que estava às suas costas, fora de vista.

Os dedos estão torcidos, ensanguentados. Quebrados. Uma súbita visão salta em minha mente: um tijolo. Dedos esmagados com um tijolo. Perco o fôlego.

Não posso agarrar a mão dela, não daquele jeito.

Ela abaixa as mãos e balança a cabeça, desvanecendo-se. Tremeluzindo até que posso ver através dela, como se fosse névoa.

Corro para ela. Mas é tarde demais.

Ela se foi.

— Estou bem agora. Não dormi direito ontem à noite, só isso. Estou bem — insisto. — Posso voltar para a aula?

A enfermeira do colégio não sorri.

— Eu decido isso — ela diz.

Ela escaneia meu Nivo e franze a testa. Meu estômago dá voltas, temo o que será mostrado. Meus níveis deveriam ter caído depois do que aconteceu: até pesadelos costumavam me fazer apagar quando o aparelho estava em ordem. Mas quem sabe como está agora?

— Parece que você desmaiou; seus níveis estavam bons. Você almoçou?

Dê a ela um motivo.

— Não. Eu estava sem fome — menti.

— Kyla, você precisa comer — ela balança a cabeça e verifica a taxa de açúcar em meu sangue, me dá chá com biscoitos e, antes de sair da sala, me manda ficar ali sentada quietinha até o sinal de saída.

Uma vez sozinha, não consigo impedir que meus pensamentos voem. A garota de mão quebrada do meu pesadelo, ou visão, seja lá o que era aquilo... eu sei quem é ela. Eu a reconheci como uma jovem versão de mim mesma: meus olhos, estrutura óssea, tudo. *Lucy Connor*: desaparecida há anos de sua escola, em Keswick, aos dez anos de idade, como denunciado no DEA. Desaparecidos em Ação, um *site* ilegal que eu havia visto algumas semanas antes, na casa do primo do Jazz. Ela era parte de mim quando fui Reiniciada. Mesmo com as memórias descobertas recentemente, não consigo me lembrar de ser ela, ou de qualquer outra coisa sobre sua vida. Nem mesmo consigo pensar nela como “eu”. Ela é diferente, outra, apartada.

Como é que Lucy se encaixa nesta confusão no meu cérebro? Chuto a mesa, frustrada. As coisas estão lá, meio entendidas. Sinto que as conheço, mas, quando foco nos detalhes, elas escapam. Confusas e irreais.

E tudo veio à tona quando me dei conta de estar usando a mão esquerda. Será que o Nico viu? Se ele viu que eu estava escrevendo com minha mão esquerda, ele saberá que algo mudou. Eu deveria ser destra, e isso é importante, tão importante... mas, quando tento focar na razão *por que* eu deveria ser destra, por que eu era antes, por que não pareço mais ser, não consigo decifrar. A memória se torna disforme, como dedos esmagados por um tijolo.

CAPÍTULO 3

Mamãe aparece na enfermaria assim que toca o sinal de saída.

— Olá!

— Oi. Eles chamaram você?

— Claro.

— Desculpe. Eu estou ótima.

— Deve ser por isso que você desmaiou no meio da aula e veio acabar aqui.

— Estou bem agora.

Mamãe busca por Amy e nos leva para casa. Assim que atravessamos a porta, corro para as escadas.

— Kyla, espere. Quero falar com você um minuto — mamãe sorri, mas é um daqueles sorrisos que aparecem mais nos lábios do que no rosto todo. — Chocolate quente? — Ela oferece, e eu a sigo até a cozinha. Ela não conversa enquanto enche a chaleira e prepara a bebida. Mamãe não é muito de falar, a não ser que tenha algo a dizer.

Ela tem algo a dizer. E eu sinto um desconforto no estômago. Será que ela notou minha mudança? Talvez se eu contar, ela possa me ajudar e...

Não confie nela.

Quando fui Reiniciada, me tornei uma página em branco. Levei nove meses no hospital para aprender a funcionar: andar, falar e lidar com o meu Nivo. Depois fui designada para esta família. Aprendi a vê-la como uma amiga, alguém em quem posso confiar: mas eu conheço essas pessoas há quanto tempo mesmo? Nem dois meses. Parece muito mais porque foi minha vida inteira fora do hospital, tudo de que eu me lembrava. Agora que consigo enxergar um pouco mais além, sei que as pessoas devem ser vistas com suspeita, não com confiança.

Ela põe as bebidas na mesa à nossa frente, e eu envolvo a caneca com as mãos, para aquecê-las.

— O que houve? — ela pergunta.

— Acho que desmaiei.

— Por quê? A enfermeira disse que você não comeu, apesar de sua lancheira

estar misteriosamente vazia.

Fico em silêncio e tomo meu chocolate quente, focando naquela doçura meio amarga. Nada que eu disser sobre isso fará muito sentido, nem mesmo para mim. Escrever com minha mão esquerda me fez *desmaiar*? E aquele sonho, ou seja lá o que foi aquilo. Estremeço por dentro.

— Kyla, eu sei como as coisas estão complicadas para você agora. Se algum dia você quiser conversar, pode confiar em mim, você sabe. Sobre Ben, ou qualquer outra coisa. Pode me acordar se não conseguir dormir. Tudo bem.

Meus olhos começam a se encher de lágrimas assim que ouço o nome de Ben, e eu pisco compulsivamente. Se ao menos ela soubesse o quão complicadas as coisas *realmente* estavam; se ela ao menos soubesse o outro lado da história. Tenho vontade de contar a ela, mas como ela iria me olhar se soubesse que talvez eu tenha matado alguém? De qualquer forma, pode ser que ela não se importe de ser acordada, mas papai, sim.

— Quando papai volta? — pergunto, subitamente consciente de sua contínua ausência. Ele sempre viaja a trabalho: instalando e fazendo a manutenção de computadores do governo por todo o país. Mas costuma estar em casa à noite, ao menos duas vezes por semana.

— Bem, talvez ele fique um tempo longe de casa.

— Por quê? — pergunto cuidadosamente, para esconder o alívio que sinto por dentro.

Ela se levanta e lava nossas canecas.

— Você parece cansada, Kyla. Por que não tira uma soneca antes do jantar?

Fim da conversa.

Mais tarde, naquela noite, estou perdida em sonhos confusos: correndo, perseguindo e sendo perseguida ao mesmo tempo. Acordo, talvez pela décima vez, dou um soco no travesseiro e suspiro. Meus ouvidos captam um som distante, algo se quebrando do lado de fora. Talvez, afinal, eu não tenha sido acordada pelos sonhos desta vez.

Atravesso o quarto até a janela e puxo as cortinas para o lado. O vento leva folhas soltas pelo jardim. As árvores parecem ter perdido todas as folhas de uma vez. A tempestade de ontem transformou o mundo em uma lixeira: folhas laranja e vermelhas giram pelo ar e ao redor de um carro escuro ali em frente.

A porta do carro se abre e uma mulher sai; cabelos longos e encaracolados caem por seu rosto. Prendo a respiração. Seria possível? Ela puxa o cabelo para

o lado enquanto bate a porta com uma das mãos, e eu tenho certeza: é a senhora Nix. A mãe de Ben.

Seguro com força a beirada da janela. Por que ela está aqui?

Um entusiasmo percorre meu corpo: talvez ela tenha notícias de Ben! Mas, quase no mesmo instante em que esse pensamento se forma, ele vai embora. O rosto dela, iluminado pela lua, está atormentado e pálido. Se ela tem notícias, não são boas. Ouço passos sobre o cascalho abaixo e uma luz se acende na porta da frente.

Talvez ela tenha vindo para exigir que eu diga o que houve com o Ben, o que eu fiz. Talvez ela vá contar à mamãe que eu estive lá antes de os Lordeiros o levarem. Aquela lembrança dói em minha mente: Ben em agonia; o rangido da porta quando sua mãe entrou. Eu tinha dito a ela que o encontrei com o Nivo cortado e...

O rangido da porta. Ela teve de destrancar a porta para entrar. Eu tinha dito a ela que o encontrei daquele jeito, mas ela sabia que eu estava mentindo. Se não, como a porta poderia estar trancada quando ela chegou?

A porta se abre no térreo; ouço sussurros.

Preciso saber.

Saio do quarto em silêncio e desço a escada escura com cuidado, um pé de cada vez. Escuto.

Ouço o suave assovio da chaleira, vozes baixas; elas estão na cozinha.

Mais um degrau, e mais outro. A porta da cozinha está entreaberta.

Algo encosta em minha perna e dou um salto, quase grito, e então percebo que é Sebastian. Ele dá voltas em minha perna, ronronando.

Por favor, fique quieto, eu imploro silenciosamente, me curvando para coçar atrás de suas orelhas. Mas, quando faço isso, meu cotovelo bate na mesa do *hall*.

Prendo a respiração. Passos se aproximam! Corro para a escuridão do escritório.

— Era só o gato — ouço mamãe dizer, e então um movimento e um “miau” bem baixinho. Passos de volta à cozinha; um clique quando ela fecha a porta. Me arrasto de volta ao *hall* para ouvir.

— Lamento muito pelo Ben — diz mamãe. Ouço movimento de cadeiras. — Mas você não deveria ter vindo aqui.

— Por favor, você precisa ajudar.

— Não compreendo. Como?

— Já tentamos de tudo para descobrir o que houve com ele. Tudo. Eles não nos dizem nada. Achei que, talvez, você pudesse... — sua voz falha.

Mamãe tem seus contatos. Do tipo político: o pai era o Primeiro Ministro antes de ser assassinado, do lado dos Lordeiros na Coalizão. Será que ela pode ajudar? Apuro meus ouvidos.

— Sinto muito. Eu já tentei, por causa da Kyla. Mas não há nada.

— Não sei a quem mais recorrer — ouço sons abafados, fungadas e soluços. Ela está chorando; a mãe de Ben está chorando.

— Ouça. Para o seu próprio bem, você precisa parar de perguntar. Ao menos por enquanto.

E não há lógica, pensamento, controle: não posso evitar. Meus olhos marejam, minha garganta se fecha. Mamãe tentou descobrir o que houve com Ben. Por minha causa. Ela nunca me disse, pois nunca descobriu nada. Ela se arriscou: fazer perguntas sobre as atividades dos Lordeiros é perigoso. Potencialmente letal.

Um risco que a mãe de Ben está correndo, agora mesmo.

Quando elas começam a se despedir, subo novamente as escadas de volta ao meu quarto. O alívio pelo fato de a mãe de Ben não ter contado à mamãe que me encontrou com Ben naquele dia mistura-se à compaixão. Ela se sente como eu: a perda. Ben foi filho deles por mais de três anos, desde que foi Reiniciado. Ele me contou que eles eram muito próximos. Eu queria poder correr até ela e compartilhar essa dor, juntas, mas não ouso.

Abraço a mim mesma, com força. *Ben.* Sussurro seu nome, mas ele não pode responder. A dor me arrebata. Me esmaga. Me parte em um milhão de pedaços. Antes, eu tinha de impedir esses sentimentos, ou meu Nivo me faria apagar. Agora que ele não funciona, a dor é grande demais, e eu estou ofegante. É como uma cirurgia sem anestesia: o golpe de uma lâmina, lá no fundo.

Ben se foi. Meu cérebro funciona melhor agora, não importam as memórias perturbadas que estão ali. Ele se foi e nunca irá voltar. Ainda que tivesse sobrevivido à retirada de seu Nivo, não há chance de ter sobrevivido aos Lordeiros. Com minhas memórias veio a constatação: quando os Lordeiros pegam alguém, eles nunca retornam.

Dói tanto que quero me livrar disso, me esconder. Mas a memória de Ben é algo que devo manter. Esta dor é tudo o que me resta dele.

A mãe de Ben sai pela porta alguns momentos depois. Senta-se no carro e permanece alguns minutos curvada sobre o volante antes de partir. Quando ela se vai, uma chuva fina começa a cair.

Assim que ela some de vista, abro a janela toda, debruço-me e estico os braços para a noite. Gotas geladas caem levemente sobre minha pele, junto com lágrimas quentes.

Chuva. Isso parece importante, se aguça em minha memória, e então se vai.

CAPÍTULO 4

Me inclino sobre o esboço, desenhando com fúria folhas e galhos, sem me esquecer de usar a mão direita. O novo professor de arte finalmente chega e não parece perigoso, nem inspirador. Ele não se parece com nada. Ele não é páreo para Gianelli, a quem substituiu. Mas, desde que eu possa desenhar, qualquer coisa, mesmo que sejam apenas árvores, como pedido, não me importo o quão insípido seja o professor.

Ele anda pela sala, fazendo comentários aqui e ali, até que para olhando sobre meu ombro.

— Hum... bem... isto é interessante — ele diz, e segue adiante.

Olho para minha folha de papel. Desenhei uma floresta inteira de árvores raivosas e, nas sombras abaixo delas, uma forma escura, com olhos.

O que Gianelli faria com isso? Ele teria dito para que eu fosse devagar e tomasse mais cuidado, e teria razão. Mas ele também teria gostado da selvageria.

Comecei de novo, relaxada, pelo som do carvão sobre o papel. As árvores estão menos raivosas. Desta vez, o próprio Gianelli olha para mim, sob suas sombras. Ninguém, a não ser eu, o reconheceria: eu sei o que acontece quando você desenha alguém desaparecido, como ele fez. Em vez disso, eu o desenho como imagino que ele teria sido, um jovem perdido num esboço. Não o homem velho que os Lordeiros levaram embora.

Uma hora depois, escaneio meu identificador na porta da sala de estudo e entro. Sigo para o fundo...

— Kyla?

Eu paro. *Essa* voz: aqui? Eu me viro. Nico está recostado na mesa da frente da sala. Ele sorri, um sorriso lento e preguiçoso.

— Espero que esteja se sentindo melhor hoje.

— Estou bem, professor — respondo, me afastando em direção à minha cadeira, sem me abalar.

Não devia ser uma surpresa a presença dele como professor entediado e responsável por garantir que estudemos em silêncio. Eles mudam o tempo todo, então cedo ou tarde teria de ser Nico. Mas eu não esperava dar de cara com ele

novamente tão cedo assim. Tive de segurar minhas mãos juntas em meu colo por um momento para que parassem de tremer.

Abro o trabalho de álgebra: algo que posso fingir estar fazendo sem me esforçar muito. E tento olhar para a página, enquanto seguro o lápis com cuidado em minha mão direita. Nico tem uma caneta vermelha e papéis para preencher na mesa à sua frente. Embora eu possa ver que ele está fingindo tanto quanto eu, olhando para mim o tempo todo.

É claro que eu não saberia dessas coisas se eu não estivesse olhando para *ele*. Eu respiro fundo e tento encontrar o valor de *X* em uma equação.

Mas os números se embaralham, não se comportam, e minha mente voa enquanto os minutos passam. Rabisco os contornos da página e desenho vinhas e folhas ao redor da data que, como sempre, coloquei na parte superior. Mas então os números me saltam à vista: 3/11. *É dia 3 de novembro.*

Ouço quase um *estalo* dentro de mim, e então tudo se encaixa.

Hoje é o meu aniversário. Eu nasci há dezessete anos, mas sou a única que sabe disso.

Sinto arrepios nos braços. Sei a data *real* do meu aniversário, não aquela que me foi dada pelo hospital quando minha identidade foi modificada, quando meu passado foi roubado.

Meu aniversário? Tento me concentrar nessa ideia, mas não há nada mais. Nada de bolo, festas ou presentes; essa data não significa nada. Mesmo assim, sinto que há mais dentro de mim, coisas que posso encontrar e aprender, se eu começar a sondar.

Algumas das memórias que recuperei são fatos que parecem distantes. Como se eu tivesse lido arquivos sobre mim mesma e me lembrasse de certas partes e de outras, não. Não há sentimento envolvido.

Eu sei sobre o *site* das crianças desaparecidas, que eu era a Lucy, que desapareceu quando tinha dez anos, mas não consigo me lembrar de nada daquela vida. E então, de alguma forma, reapareço como adolescente e ali está Nico. Foi a partir daquele momento que minhas memórias foram roubadas; não há nada antes disso.

Nico é o único que pode ter respostas. Tudo que tenho de fazer é contar a ele que me lembro de quem ele era. Mas será que eu realmente quero saber?

Quando o sinal para de tocar, ainda que eu diga a mim mesma para fugir dali e decidir depois se falo com ele ou não, até que tudo faça sentido, eu faço hora.

Um estremecimento de... empolgação? medo?... desce por minha coluna. Ando lentamente até a frente da sala. Nico está de pé ao lado da porta. O último aluno se foi. Estamos só eu e ele.

Vá logo embora, digo a mim mesma e passo por ele.

— Feliz aniversário, Chuva — ele diz, baixinho.

Eu me viro. Nossos olhos se encontram.

— Chuva? — sussurro. Digerindo aquele nome, tentando entender. *Chuva*. Outra época e lugar passam por minha mente num segundo, vívidos e claros: escolhi esse nome para mim há três anos, em meu aniversário de quatorze anos: eu me lembro! Esse é o *meu* nome. E não Lucy, o nome que meus pais me deram quando nasci. Nem Kyla, o escolhido meses atrás por uma enfermeira indiferente que preencheu o formulário de um hospital após eu ter sido Reiniciada. Chuva é o *meu* nome. E, assim que ouço o som do meu nome dito em voz alta, finalmente, explode qualquer resistência e ou barreira que ainda existissem.

Os olhos dele se arregalam e cintilam. Ele me conhece, e há algo mais. Ele sabe que eu sei quem é *ele*.

Perigo.

A adrenalina toma meu corpo, uma explosão de energia: lute, ou fuja.

Mas aquele olhar some do rosto dele como se nunca tivesse estado ali e ele dá um passo atrás.

— Tente se lembrar do trabalho de biologia para amanhã, Kyla — ele diz, o olhar por cima dos meus ombros.

Eu me viro e vejo a senhora Ali. Sinto uma onda de ódio, depois de medo: mas é um medo que a Kyla sente. Eu não tenho medo dela. Chuva não tem medo de nada!

— Tente se lembrar — repete Nico, desta vez sem se referir ao trabalho de casa, inventado para despistar os ouvidos da senhora Ali. Ele desaparece pelo corredor.

Tente se lembrar...

— Precisamos ter uma conversinha — diz a senhora Ali, sorrindo. Ela é muito mais perigosa quando sorri.

Ambas somos. E retribuo o sorriso.

— Claro — respondo, tentando acalmar o turbilhão dentro de mim. Meu

nome! Eu sou a *Chuva*.

— Não vou mais acompanhar você entre uma aula e outra; você obviamente já conhece bem o colégio agora — ela diz.

— Bem, obrigada, então, pela ajuda — respondo o mais docemente possível.

Os olhos dela se estreitam.

— Me disseram que você anda distraída durante as aulas, sem prestar atenção e entristecida. Mas você parece feliz hoje.

— Ah, desculpe. Mas me sinto muito melhor, sim.

— Você sabe, Kyla, se alguma coisa estiver incomodando você, pode confiar em mim — ela sorri novamente e sinto um arrepio descer minha coluna.

Tenha cuidado. Oficialmente, ela pode ser uma mera professora substituta, mas é muito mais do que isso. Ela tem me observado, esperando por qualquer sinal, qualquer escorregão. Qualquer coisa diversa do rígido comportamento que se espera de um Reiniciado — qualquer indício de retorno aos meus hábitos criminosos — e eu seria devolvida aos Lordeiros. Exterminada.

— Está tudo bem. Sério.

— Certo, continue assim. Você precisa dar o seu melhor no colégio, em casa, na sua comunidade...

— Cumprir meu contrato. Aproveitar minha segunda chance. Sim, eu sei! Mas obrigada por me lembrar. Darei o melhor de mim — ofereço um sorriso largo, de bem com a vida a ponto de ser simpática com uma espiã dos Lordeiros. Não ter mais a senhora Ali como minha sombra no colégio era um bônus inesperado.

Sua fisionomia estava entre confusa e aborrecida. Será que eu tinha exagerado?

— Você consegue — ela diz, secamente; o sorriso desapareceu. Ela obviamente gosta mais quando eu estremeço em sua presença.

Mas que pena que *Chuva* não estremece.

Vermelho, dourado, laranja: o carvalho em frente ao nosso jardim cobriu a grama de cores, e busco um ancinho no barracão.

Eu tenho um nome.

Ataco as folhas com o ancinho e as arrumo em pilhas, depois as chuto e começo tudo de novo.

Eu tenho um nome! Um que *eu mesma* escolhi; era essa pessoa que *eu* queria ser. Os Lordeiros tentaram tirar isso de mim, mas, de alguma maneira, eles

falharam.

Um carro estaciona na rua: um que eu nunca vi antes. Um garoto, mais ou menos da minha idade, ou um pouco mais velho, sai do carro. Calça jeans larga e camiseta amarrotada, como se estivesse dirigindo por horas, ou estivesse dormindo — espero que não as duas coisas ao mesmo tempo —, embora pudesse ser um estilo “não dou a mínima para o que visto”. Ele abre o porta-malas. Tira uma caixa e a leva até uma casa. Sai novamente, vê que estou olhando e acena para mim. Aceno de volta. Kyla não faria isso; ela provavelmente ficaria corada ou algo assim. Chuva é corajosa. Ele pega outra caixa.

Ele finge descer do outro lado do carro, como se estivesse em uma escada rolante, e me olha para ver se estou olhando. Eu reviro os olhos. Ele começa a esbanjar truques; eu embalo as folhas, as coloco sobre um carrinho de mão e as levo para os fundos de casa, entrando a seguir.

— Obrigada por recolher as folhas — diz mamãe. — Estava uma bagunça.

— Sem problemas. Eu queria fazer alguma coisa.

— Para se manter ocupada?

Concordo, fazendo que sim com a cabeça, lembrando-me de ir devagar, antes que minhas alterações de humor a fizessem me levar ao hospital para uns exames. Esse pensamento me dá uma sensação de desconforto e o sorriso desaparece do meu rosto.

Mamãe coloca uma mão em meu ombro e o aperta.

— Jantaremos assim que...

A porta se abre.

— Cheguei! — grita Amy.

Logo depois estamos à mesa ouvindo um relato profundo de seu primeiro dia como estagiária no consultório médico.

No final das contas, aquele local de trabalho é uma incrível fábrica de fofoca. Em pouco tempo já estávamos sabendo quem teria um bebê, quem tinha caído da escada após beber uísque demais, e que o garoto novo do outro lado da rua era o Cameron, que veio do norte para ficar com seus tios por razões ainda desconhecidas.

— Adoro trabalhar lá. Mal posso esperar para ser enfermeira — diz Amy, provavelmente pela décima vez.

— Você viu alguma doença legal? — brinca mamãe.

— Ou ferimentos? — colaborei.

— Ah! Isso me lembrou de uma coisa. Você nunca vai adivinhar.

— O quê? — pergunto.

— Foi esta manhã, então eu não vi, mas ouvi TUDO a respeito.

— Conte logo, então — diz mamãe.

— Um homem chegou extremamente ferido.

— Minha nossa — diz mamãe. — O que houve?

Eu começo a ter um mau pressentimento. Um frio na barriga, que me causa um enorme mal-estar.

— Ninguém sabe. Ele foi encontrado na mata, no final do vilarejo, espancado quase até a morte. Com ferimentos na cabeça e hipotermia. Acham que ele ficou lá por dias. É incrível que ainda esteja vivo.

— Ele disse quem foi que fez isso? — pergunto, lutando para controlar a respiração e parecer natural.

— Não, e talvez nunca fale mais nada. Ele está em coma induzido.

— Quem é ele? — pergunta mamãe, mas eu já sei a resposta antes que Amy diga qualquer coisa.

— Wayne Best. Você sabe, o pedreiro assustador que fez o muro nos loteamentos.

Mamãe nos diz para nos afastarmos da floresta e das trilhas. Ela tem medo de que haja um maníaco por ali.

Mas eu sou o maníaco.

— Podem me dar licença? — pergunto, me sentindo mal de repente.

— Você ficou pálida — mamãe notou. Ela coloca a mão quente em minha testa. — Está suando frio.

— Estou um pouco cansada.

— Vá cedo para a cama. Nós lavaremos a louça.

Amy resmunga e eu sigo para a escada.

Encaro a parede no escuro; Sebastian é algo quente e aconchegante esticado às minhas costas.

Eu fiz aquilo. Coloquei um homem em coma. Ou Chuva fez: ela ressurgira naquela mesma hora. Ou o quê? Somos a mesma pessoa ou duas em uma? Às vezes sinto que sou ela, como se eu fosse dominada por suas memórias e por

quem ela foi. Às vezes, como agora, ela desaparece, como se nunca tivesse existido. Mas quem era Chuva na verdade? E de alguma forma Lucy se encaixa no passado de Chuva, mas como?

A mesma data de aniversário nos une: três de novembro. Guardo dentro de mim aquele dado, um segredo. Seja lá de que forma essas partes de mim se juntaram agora, esse foi o dia em que comecei a fazer parte deste mundo.

Minha mente flutua, e eu adormeço. Mas então as datas se mostram como num foco de luz e meus olhos se abrem de repente.

Faço dezessete anos hoje. Saí do hospital em setembro. Estou aqui há nove meses. Reiniciada, então, há menos de onze meses. Eu já tinha dezesseis anos. E é ilegal reiniciar alguém com mais de dezesseis. É verdade que os Lordeiros infringem a lei uma vez ou outra, quando têm uma boa razão. Mas por que fariam isso no meu caso?

Ainda tenho todas essas lacunas dentro de mim. Sinto como se quase compreendesse tudo, mas, se tento olhar com mais cuidado, tudo se esvai. Como algo que eu só possa ver de viés, pelo canto do olho.

Nico talvez seja capaz de explicar, se ele tiver vontade; ao menos meu passado como Chuva. Mas o que ele poderia querer em troca?

Talvez seja melhor esquecer Chuva e tudo o que ela foi. Posso dar conta daqui para frente, hoje, amanhã e nos dias que se seguirem, fazer deles o que quiser. Ficar longe de confusões e deixar o Nico para trás. Evitá-lo, fingir que nada daquilo aconteceu.

De qualquer forma, Wayne pode estragar isso tudo.

Você deveria tê-lo matado.

Rápido.

CAPÍTULO 5

Na aula de biologia do dia seguinte há uma surpresa: um garoto novo, Cameron, aparece na porta.

Ele me vê e segue direto para a carteira vazia do meu lado esquerdo. Ele dá um sorriso bobo ao sentar.

O lugar de Ben. Cruzo os braços e pisco ferozmente, sem olhar para ele. O lugar vazio ao meu lado dói, mas ter alguém sentado ali é bem pior.

Nico se vira para o quadro branco. Todas as garotas estão com os olhos nele: na maneira como sua calça envolve seu traseiro, no contorno de suas costas e ombros, no movimento de seus músculos por baixo da camisa de seda quando ele ergue o braço para escrever.

Ele se vira novamente e encara a turma, mantendo-se junto ao quadro.

— O que significa isto? — pergunta, apontando para as palavras que escreveu: “Sobrevivência do Mais Apto”.

— Apenas os fortes sobrevivem — arrisca um aluno.

— Pode ser isso. Mas você não precisa ser o mais forte para vencer, ou os dinossauros teriam comido nossos ancestrais no almoço — ele dá uma olhada pela sala até que seus olhos param em mim. — Para sobreviver, você só precisa ser... o melhor — ele me olha nos olhos enquanto diz aquilo, lentamente, enfatizando as palavras.

Finalmente ele olha para outro lado. Começa a falar de evolução e Darwin e tento tomar notas, para fingir que estou em outro lugar. Ou melhor, que sou outra pessoa. Apenas termine a lição e saia daqui, depois...

Alguma coisa aterrissa no meu caderno. Um bilhete? Desdobro o papel.

Está escrito: *E então nos encontramos novamente*.

Olho para Cameron. Ele pisca.

Finjo um sorriso. *Não nos conhecemos ainda*, escrevi abaixo da frase dele. Depois, fingi me espreguiçar e coloquei o bilhete no livro dele.

Ele volta voando momentos depois. Olho de relance para Nico. Não há reação. Ainda fala sobre dinossauros. Desdobro o papel.

Sim, nos conhecemos: você é A Garota Que Pula Sobre Folhas. E eu sou O Garoto Que Levanta Caixas Pesadas Do Porta-Malas. Também conhecido como Cam.

Então é Cam e não Cameron, como Amy descobriu ouvindo as fofocas. E ele é tão doido quanto pareceu ontem.

Mastigo o lápis por uns instantes. Ignorar ou...

Uma caneta cutuca meu braço. Irritada e impaciente. Na verdade, sei muito bem como é ser novo em algum lugar, não conhecer ninguém.

Está bem. Escrevo: *Dama da Folhagem, também conhecida como Kyla*.

Dobro o papel e o jogo para ele.

— Parabéns! — diz alguém à minha direita. É Nico, parado ao lado de nossas carteiras, me encarando. Seguido por cada par de olhos da sala.

— Ah...

— Você é a sortuda vencedora de uma detenção durante o horário de almoço. Agora tente prestar atenção no resto da minha aula.

Sinto um calor subindo pelo meu rosto, mas não de vergonha pelos olhares. Era a fala de Nico, *Te peguei!* O leopardo dava o bote. E não há nada que eu possa fazer.

Cam, por sua vez, protesta, afirmando que a culpa é sua, mas Nico o ignora. A aula continua, e eu observo o relógio enquanto os minutos passam, torcendo para que outra pessoa seja detida por algum outro delito e me faça companhia. Mas sem chance. Não com Nico no comando.

O sinal toca, e todos começam a guardar os materiais. Cam se levanta com um olhar arrasado no rosto. “Desculpe”, ele move os lábios e segue os últimos alunos. A porta se fecha atrás deles.

Estou só.

Nico me encara, a expressão indecifrável. Os segundos se seguem após outros e por dentro me sinto... o quê? assustada? Mas parece ser outra coisa. Como o medo que surge quando algo é aterrorizante e excitante ao mesmo tempo, como quando subimos uma montanha durante uma tempestade ou descemos de rapel por um penhasco.

Ele movimenta a cabeça como se dissesse *siga-me*. Deixamos o laboratório e seguimos pelo corredor passando pelas salas dos professores.

Ele olha para os dois lados, tira uma chave do bolso e destranca uma das salas.

— Entre — ele diz. Nenhum sorriso, nada. Frio.

Eu o sigo, quase me arrastando; não tenho escolha, mas o pânico cresce dentro de mim. Ele tranca a porta e num rompante agarra meu braço e o torce com força em minhas costas, empurrando meu rosto contra a parede.

— Quem é você? — ele pergunta em voz baixa. — Quem é você! — desta vez um pouco mais alto, mas controlado. Ninguém seria capaz de ouvir.

Ele puxa meu braço com mais força. E, como se a dor em meu ombro ativasse algo, *eu me lembro*. Estou longe dali. Em outra época e lugar. Onde esses testes do Nico poderiam ferir os mais incautos. Mas eu sei como escapar deste aqui! Com um rompante de memória, dou um salto para soltar o braço, giro o corpo e enfio meu punho nos músculos fortes de seu estômago.

Ele me larga e começa a rir, esfregando a região atingida.

— Eu precisava ter certeza, me desculpe. Seu braço está bem?

Um sorriso toma meu rosto. Giro meu ombro.

— Estou bem. Mas, se você quisesse mesmo me segurar, teria puxado meu braço mais para cima. Isso foi um teste.

— Sim. Essa manobra foi típica da Chuva — ele ri novamente, o prazer cintilando em seus olhos. — Chuva! — ele torna a dizer, abrindo os braços; eu me aproximo e eles me envolvem, quentes e fortes. Sinto como se estivesse de volta a um local a que pertenço, a que sempre pertenci. Onde sei quem e o que sou, porque Nico sabe.

Ele então me afasta um pouco e analisa meu rosto.

— Nico? — pergunto, insegura.

Ele sorri.

— Você se lembra de mim. Que bom! Eu sempre soube que você sobreviveria, minha Chuva especial — ele me senta em uma cadeira e se empoleira na mesa. Pega minha mão e olha para o meu Nivo. — Funcionou, não foi? Isto é só um objeto inerte — ele o torce em meu pulso: não sinto dor, nada. Os níveis indicam felicidade moderada.

Dou um leve sorriso, que logo se vai.

— Funcionou? Nico, por favor. Me explique. Me lembro de coisas fragmentadas, mas é tudo muito confuso. Não compreendo o que houve comigo.

— Sempre tão séria. Devíamos estar rindo! Celebrando — e o sorriso dele é tão contagiante, tão vivaz, que o meu logo se segue. — Você precisa me contar:

o que finalmente liberou suas memórias?

Eu estremeço só de pensar nisso. Se ele sabe sobre Wayne, irá cuidar disso, como qualquer outra ameaça em seu caminho. *Em seu caminho*. Guardo tudo para mim.

— Você passou bem perto algumas vezes, pude ver isso. Achei que o que houve com Ben desencadearia isso.

Ben. Seu nome me faz sentir uma agonia. A dor deve aparecer em meu rosto.

— Livre-se da dor: ela torna você fraca. Você se lembra como, Chuva? Você a leva até a porta em sua mente e a tranca.

Balanço a cabeça. Não quero esquecer Ben. Quero? Um relance de meus pensamentos de ontem à noite chega até mim: Nico e suas técnicas são perigosos.

Falo em voz alta o que esteve ali o tempo todo, escondido em um canto de minha mente, ainda desconhecido.

— Você está do lado do TAG, Terroristas Anti-Governistas. Não está?

Ele ergue uma sobrancelha.

— Você não se lembra! — ele segura minhas mãos entre as suas. — Não use esse termo dos Lordeiros para nós, Chuva: somos do Reino Unido Livre. A célula que o Partido da Liberdade do Reino Unido deveria ter na Coalizão Central, mas nunca teve. Somos o estilhaço que fere: eu sou, e você também. Os Lordeiros nos temem. Eles logo partirão em retirada e este maravilhoso país será livre novamente. Nós *venceremos*!

Um eco do passado ressoa em minha mente: *Queremos o Reino Unido livre! Queremos o Reino Unido livre!*

E me recordo de Nico preenchendo o que as aulas de história deixaram para trás. Após o Reino Unido ter fechado as fronteiras com o resto da Europa, e todas as manifestações estudantis e destruições dos anos 2020, os Lordeiros enfrentaram os manifestantes com fúria, assim como as gangues e terroristas, não importava a idade: foram todos presos, ou mortos. Mas então, quando as coisas se assentaram, eles foram forçados a aceitar um acordo com o Partido da Liberdade do Reino Unido na Coalizão Central, e penas severas foram impingidas a menores de 16 anos. O processo de Reiniciação foi criado para dar a eles uma segunda chance, uma nova vida. Mas o Partido da Liberdade do Reino Unido se tornou uma marionete nas mãos dos Lordeiros, que abusavam cada vez mais de seu poder. O R. U. Livre surgiu como resposta, para acabar

com a opressão dos Lordeiros a qualquer custo.

Qualquer custo.

A célula *é* o terror. Eu balanço a cabeça, parte de mim rejeita o que sei ser verdade.

— Eu não sou uma terrorista. Sou?

Ele balança a cabeça.

— Nenhum de nós é. Mas você estava conosco em nossa luta pela liberdade, e você ainda estaria, se os Lordeiros não tivessem pegado você e a Reiniciado, roubado sua mente. Ou pelo menos era o que eles pensavam.

— No entanto, eu estou aqui. E eu conheço você. Me lembro de algumas coisas. Mas eu...

— É demais para uma única vez, não é? Escute, Chuva. Você não precisa fazer nada que não quiser. Nós não somos como os Lordeiros. Não obrigamos ninguém a *fazer* nada.

— Sério?

— Sério. Estou tão feliz de vê-la bem. Você é você mesma novamente — ele sorri e torna a me abraçar.

Mais memórias me vêm à mente. Nico não é conhecido por seus abraços ou sorrisos. Eles são tão raros, que são como um presente quando você chamou a atenção dele o suficiente para ter sua aprovação. Costumávamos lutar por sua aprovação. Seríamos até capazes de matar para consegui-la. Todos nós. Faríamos qualquer coisa para ter um meio sorriso.

— Escute. Não é só isso. Preciso falar com você um pouco mais. Preciso saber como as coisas funcionaram com você, para que possamos ajudar outras pessoas a sobreviver ao processo de Reiniciação. Você quer isso, certo?

— Claro que sim.

— Tenho algo para você — ele diz, abrindo uma das gavetas. O fundo é falso, há um pequeno objeto de metal escondido ali, fino e flexível. Ele me mostra. — Olhe. É um comunicador. Veja, você aperta este botão aqui e espera até eu lhe responder. E então podemos falar. Você pode me chamar se precisar de mim.

Eu estou me perguntando onde esconderia essa peça altamente ilegal, quando ele me mostra. O pequeno aparelho desliza por baixo de meu Nivo e se prende a ele. Os controles não são visíveis por serem muito finos; mal posso senti-los.

— É indetectável. Mesmo que você passe por um escâner de metal, pensarão

estar captando seu Nivo.

Eu giro o meu Nivo; não dá para notar mais nada ali.

— Agora vá, coma alguma coisa. Falaremos novamente quando você estiver pronta — ele toca meu rosto. — Estou tão feliz que esteja conosco — ele diz. Sua mão quente em minha face incita eletricidade por todo o meu corpo.

— Vá — ele diz, destrancando a porta.

Caminho pelo corredor como que entorpecida. Após alguns passos, olho para trás, ele sorri e fecha a porta. Se foi.

Quanto mais me afasto de Nico, mais o calor e a felicidade se dissipam, deixando para mim o frio e a solidão.

Surgem mais partículas e fragmentos. Aquele treino do meu sonho. *Era real.* Treinamento com Nico: com o R. U. Livre. Escondidos na floresta com outras pessoas como eu. Aprendendo a lutar. Armas. Tudo o que poderíamos usar para enfrentar os Lordeiros, nós aprendemos. Pela liberdade! As garotas eram apaixonadas por Nico; os garotos queriam ser ele.

Apenas alguns minutos a sós com ele foram suficientes para que eu me sentisse novamente como antes. Tive certeza de quem eu era ao me ver pelos olhos de Nico: isso me fez voltar a ser a Chuva que ele conhecera. Parte de mim quer que Nico assuma a liderança; que me diga o que pensar, o que fazer. Assim eu não preciso tentar resolver nada por mim mesma.

Quanto mais me distancio dele, mais isso me apavora.

CAPÍTULO 6

— Kyla, você tem visita — diz mamãe da escada.

Visita? Desço a escada e lá está Cam: um olhar acanhado em seu rosto e um prato bem seguro nas mãos. Seu cabelo cor de areia está bem penteado; ele usa uma camisa de colarinho e há um cheiro de colônia pós-barba no ar.

— Oi — ele diz.

— Ah, oi.

— Eu só queria me desculpar — ele diz, e me estende o prato. Bolo de chocolate? E eu pensando intensamente *não diga nada*, mas não funciona. — Aquela detenção que você pegou foi minha culpa.

— Detenção? — pergunta mamãe.

Lancei um olhar de fuzilamento para Cam.

— Ah, desculpe! Você não queria que ela soubesse, né?

Obrigada por verbalizar o óbvio. Eu respiro fundo.

— Kyla? — minha mãe insiste.

— Sim, peguei uma detenção na hora do almoço hoje, e, sim, foi culpa do Cam. Feliz agora?

— Já vi que você não terá segredos com Cam na vizinhança — mamãe comenta rindo.

— Sinto muito — ele repete, parecendo ainda mais desesperado.

— Tudo bem. De verdade. Obrigada pelo bolo — respondo e pego o prato, torcendo para que Cam entenda a indireta e vá embora.

— Entre — convida mamãe. — Acho que precisamos de um chá para acompanhar o bolo.

Que sorte a minha.

A palavra “bolo” é tão tentadora que Amy sai da frente da TV e se junta a nós. Um bolo de chocolate bem escuro e cintilante com cobertura amanteigada.

— Está uma delícia — eu digo, com o bolo começando a derreter assim que tiro um pedaço. Uma delícia de chocolate meio amargo, doce apenas o

suficiente. — Você quem fez?

— Acredite, se eu tivesse feito, você não ia querer comer. Meu tio fez.

— Por que você veio morar com eles? Ficará por muito tempo? — pergunta Amy.

— Amy! — mamãe lhe chama a atenção.

Cam dá uma risada. Covinhas aparecem quando ele sorri — uma em cada bochecha.

— Tudo bem. Não sei bem por quanto tempo. Minha mãe está fazendo um trabalho de pesquisa numa plataforma do Mar do Norte. Depende de quanto tempo eles vão levar para descobrir algo importante, eu acho.

— E o seu pai? — pergunta Amy.

— Eles se separaram no ano passado — diz Cam, sem pensar muito, e com uma expressão no rosto que sugere que Amy se aventurou por um território proibido. Mamãe rapidamente muda de assunto, perguntando por seus tios.

Elas finalmente deixam a cozinha quando Cam pergunta o que já estudamos em biologia até agora. Como se eu estivesse prestando atenção. Mas eu saio para pegar minhas anotações.

— Desculpe. Não serei de muita ajuda. — Passo para Cam meu caderno e ele o folheia, mas logo se dá conta de que só há coisas sem sentido. — Tenho problema para me concentrar em aula — admito.

— Você estava no mundo da Lua esta manhã — ele diz. — Eu só lhe passei aquele bilhete para desviar seus olhos do Deus Professor Que Anda Entre Nós.

— Isso é ridículo — eu digo, preocupada com o quanto ele poderia ter percebido, com o quanto os outros teriam notado.

— Ah, deixe disso. Você e todas as outras garotas estavam totalmente maravilhadas com a magnificência arrogante dele: eu percebo essas coisas. Mas Hatten me dá arrepios, se você quer saber.

— Como assim?

Ele tira um pedaço de papel do bolso. Desdobra-o para mostrar um desenho com a frase “Sobrevivência do Mais Apto”.

Primeiro um coelhinho fofo; depois uma raposa perseguindo o coelho; a seguir um leão perseguindo a raposa. E, perseguindo o leão, um dinossauro: um *Tyrannosaurus rex*? Que é finalmente perseguido por Nico. Coberto por peles como um homem das cavernas, segurando uma clava com um olhar maníaco e

perverso no rosto.

Eu ri.

— É assim que você o vê?

— Ah, sim. Ele é um animal. Como foi que ele conseguiu licença para lecionar? Tenho a impressão de que a qualquer momento ele vai nos levar em marcha para um *freezer* e nos transformar em salsicha ou algo assim.

Como foi que ele *conseguiu* licença para lecionar? Embora pareça saber mais de biologia do que eu, tenho certeza de que Nico não tem uma licença. Talvez em algum momento ele tenha sido realmente o senhor Hatten, professor de biologia, mas não é mais. Meu sorriso desaparece.

Distraída, começo a rabiscar alunos com o uniforme do colégio Lord William: salsichas marrons e pretas marchando.

— Uau, você realmente sabe desenhar!

— Obrigada. Você também desenha bem.

— Nada, são só rabiscos. Coisa boba.

— Não, é sério; são bons. Mas posso ver que precisa de algumas aulas.

— É?

— Para começar, isto — dou uma batidinha no desenho dele. — Não é a sobrevivência do mais apto. Está mais para a cadeia alimentar.

— E...?

— Dinossauros não estão mais na cadeia alimentar.

Ele fica por mais uma hora ou um pouco mais. Ele poderia falar pela Inglaterra: sobre nada ou sobre tudo. Seguem-se mais desenhos de outros professores. Eu me pergunto como ele desenharia a senhora Ali.

— É muito bom vê-la sorrir, Kyla — diz mamãe quando subo para dormir.

E eu penso: não seria bom continuar sendo essa garota? Que não tem nada mais na cabeça além do colégio, brincadeiras sobre professores e garotos que trazem bolos. Cam é legal, divertido; descomplicado e bobo. Nada a ver com Ben.

Ben. Aflita, me pergunto o que ele acharia de Cam. Ele provavelmente acharia que Cam não estava apenas sendo amigável. E provavelmente ele teria razão.

Onde eu estava com a cabeça? Num instante a noite se esvaiu, a sensação de uma outra vida possível. A culpa e a dor me corroem. Eu não estava pensando

em Ben. Mamãe disse que foi bom me ver sorrindo. Mas como posso sorrir, mesmo para Cam, quando Ben está... está... está o quê?

Na outra noite, a mãe de Ben não sorria para nada. Mamãe não podia ajudá-la, e ela estava desesperada.

Talvez haja uma maneira de eu ajudar. Dar a ela algo que ela *possa* fazer: denunciar o desaparecimento de Ben no DEA, com as outras crianças desaparecidas. Algo assim talvez lhe desse esperança, a fizesse ser capaz de seguir em frente.

Talvez isso a impeça de me odiar quando ela souber a verdade.

*

Corro.

A areia desliza sob meus pés. A maresia invade minha garganta e eu engasgo, sem ar. Corro mais rápido.

Meu medo é tamanho que ainda ouço os gritos das gaivotas, vejo estrelas cintilantes na água. O barco atraca na praia.

Mais rápido!

Estou tão cansada agora, um pé não se ergue o bastante, acerta a areia e eu tropeço. Voo pelo ar e caio com força. Me falta o ar nos pulmões, que já mal conseguiam se manter para que eu continuasse correndo. Vejo tudo girar...

... e mudar. A noite é mais amena. Mais distante. Não sinto mais a dificuldade de respirar ou as batidas do meu coração, mas o medo está maior, mais completo.

— Jamais esqueça quem você é! — uma voz grita, e então desaparece. Se desconecta.

Tijolos se erguem em toda volta, tum tum, tum tum. Como uma pá acertando a areia.

E tudo que há é a escuridão.

O silêncio.

Denso e absoluto.

CAPÍTULO 7

Jaqueta escura, jeans e luvas grossas. Um chapéu escuro com duas utilidades, para cobrir os cabelos loiros que podem se destacar sob a luz da Lua e para aquecer: está frio esta noite.

Deslizo como uma sombra pelas escadas, e então, cuidadosamente e em silêncio, abro a porta lateral e saio pela noite. Me espanto de andar sem fazer barulho. Não é mais um mistério, essas habilidades que estavam escondidas têm uma explicação: eram parte do meu treinamento no R. U. Livre. Elas foram muito bem escondidas e só apareceram quando necessárias. Quem sabe o que mais posso fazer?

Estou indo ver a mãe de Ben.

Mapas antigos que encontrei enfiados em uma prateleira da minha casa mostram os canais que ligam a parte de trás da casa de Ben com a trilha acima do nosso vilarejo, cruzando algumas rodovias no caminho. Pouco mais de nove quilômetros. Talvez doze. Correndo eu chegaria lá em uma hora, e eu estou desesperada para correr. Para afastar o meu sonho. Um sonho com algumas variações que tem assombrado o meu sono desde que acordei no hospital após ter sido Reiniciada.

É um lento começo, pelas sombras do vilarejo, para o caso de alguma pessoa insone chegar até a janela. Há um momento de tensão quando um cão sonolento dá alguns latidos, mas nenhuma porta se abre e nenhuma voz se segue, e logo tudo volta a dormir. Assim que alcanço a trilha, no final do vilarejo, começo a correr: mais lento do que esperava, tomando cuidado para não tropeçar nas raízes das árvores mal iluminadas pelo luar, e então mais rápido assim que meus olhos se acostumam.

A trilha onde eu e Ben acabamos juntos.

O mirante, onde ele riu com a vista obstruída pela névoa, e estava prestes a me beijar. Antes de o Wayne interromper.

Antes que os níveis de Ben entrassem em colapso e ele quase desmaiasse; o que aconteceria se ele não tivesse tomado a tal Pílula da Felicidade, medicamento altamente ilegal. As pílulas que começaram toda a confusão. E foi tudo por causa do Wayne: o ataque, a incapacidade de Ben para ajudar. Os

Reiniciados não podem usar de violência, nem mesmo para se defender. O que teria acontecido se Amy e Jazz não tivessem interrompido? Minhas memórias teriam voltado ali? Estremeço por dentro.

Não há nada a temer agora.

Não. Não desde que eu comecei a me lembrar de tudo o que Nico me ensinou. Perguntem ao Wayne. Meu sorriso vacila.

Após um longo tempo, a trilha se bifurca. O caminho da esquerda, eu conheço; leva direto para a outra extremidade do vilarejo. O da direita é novo e leva para o destino desta noite.

A corrida, a escuridão, a noite: são extasiantes! Estive trancada por tempo demais. O ar frio, o ritmo dos pés e o vapor branco da respiração, o aqui, o agora foram tomando conta de mim. Até que tudo o que havia era a corrida.

Mas, conforme me aproximo, os pensamentos me invadem. O que vai acontecer quando eu chegar lá? A reação da mãe de Ben com alguém batendo a sua porta dos fundos às quatro da manhã é difícil de se prever. O que eu devo dizer?

Só há uma maneira de lidar com isso: dizer a verdade. Tenho de contar o que realmente aconteceu.

Ela precisa saber que eu amo Ben. Eu jamais o machucaria, por nada neste mundo.

Mas você o machucou.

Não! Não foi nada disso. Ele ia arrancar o Nivo de qualquer jeito. Eu tentei impedi-lo.

Você deveria ter se esforçado mais.

Tenho de encarar isso agora: eu devia ter me esforçado mais. Sempre nos disseram que qualquer dano ao Nivo nos mataria, fosse pela dor, fosse pelos desmaios. E, sim, ele estava tão determinado a se livrar daquilo que não daria ouvidos a ninguém! Mas, embora a dor pela ausência de Ben seja intensa, pensar que eu deveria ter sido capaz de fazer algo, qualquer coisa, para impedi-lo, é muito pior.

Minhas razões para ajudá-lo pareceram corretas. Com minha ajuda, ele teria mais chance de sobreviver. Sem minha ajuda, ele provavelmente teria falhado.

Ainda assim ele falhou, não foi?

Falhou? O Nivo saiu rápido com minhas mãos firmes na serra, o pulso dele ainda preso num grampo. Ele ainda estava vivo. Apesar da *dor*. O menor toque

em um Nivo em atividade dói como ser atingido na cabeça por uma marreta; o corte deve ter sido como uma amputação sem anestesia.

Não consigo esquecer o que houve a seguir, a última vez que o vi. A mãe de Ben chegando em casa inesperadamente, encontrando o filho se contorcendo, se esvaindo em dor, em meus braços, lágrimas rolando pelo meu rosto. O Nivo dele no chão, o corpo em convulsão. Não houve tempo para perguntas. Ela chamou os paramédicos e me mandou sair dali antes que eles chegassem. E foi o que fiz. Saí, para me salvar. Ben estava deitado lá, em agonia. Seu corpo em espasmos, seus lindos olhos fechados com força. Ao menos ele não me viu ir embora e deixá-lo.

E então vieram os Lordeiros, e o levaram embora.

Pisquei para me livrar das lágrimas enquanto corria. Foco: nos pés, na trilha, na noite, em ficar de pé. A mãe de Ben merece saber a verdade.

Meus pensamentos sombrios e a corrida levaram a concentração embora. A casa deles está próxima agora, mas há algo errado. O ar parece diferente. Um pouco no início, depois piorando.

Fumaça?

O cheiro fica mais forte, e eu diminuo o ritmo da corrida, passo a caminhar.

Está forte demais agora: o ar está denso e nebuloso, cortando a luz da Lua. Meus olhos ardem e é apenas o desejo de me manter em silêncio que me impede de tossir.

Cuidado. Vá devagar e em silêncio.

A rua de Ben já está visível, as casas estão às escuras além das cercas de um lado da trilha do canal. Acima de uma delas, a fumaça se ergue lentamente, se contorcendo no ar. É de uma tonalidade prata e vermelha irreal, iluminada pela Lua com um brilho vermelho na parte de baixo. No entanto, aquilo já não é mais uma casa; agora estou perto, posso ver que a devastação é total. Os restos de uma casa em ruínas.

É a casa de Ben. Não pode ser. Olho as outras de cada lado e a de trás. Nenhuma delas se parece com a dele, com a oficina ao lado, onde a mãe fazia suas esculturas de metal. Só pode ser essa.

O vento muda de lado, e eu coloco minha camiseta no rosto para respirar, engasgando com o ar, incapaz de continuar impedindo a tosse. Não vejo bombeiros, nem ninguém. Seja lá o que aconteceu, já está quase acabado; sobraram apenas ruínas, e cinzas chamuscando. Fumaça. Mas como...?

Fique distante. Volte. Deve haver observadores.

Será mesmo a casa de Ben? Será possível? O que aconteceu?

Saia daí. Não há nada a ser feito.

Nada a ser feito. Qualquer um que estivesse nessa casa...

Observo as ruínas. As casas em volta estão intocadas; e essa completamente destruída. Não houve chance para ninguém que estivesse lá dentro. Nenhuma.

Eles estariam lá dentro? Os pais de Ben? Sou dominada pelo horror. Não conheci o pai dele, mas a mãe era tão cheia de vida, com a sua arte. Agora está tomada pela dor da perda de Ben.

Mas não mais.

Saia daqui.

E a urgência e o medo me tomam. Meus pés começam a retornar, seguindo lentamente pela trilha do canal, margeando as árvores do entorno. Haverá olhos atentos nesta rua esta noite.

Paro. A trilha se inclina um pouco agora; posso olhar para trás e observar melhor.

Saia de vista!

Se posso ver abaixo, outros olhos podem ver aqui em cima. Deslizo por entre as sombras das árvores.

Meus instintos gritam para que eu corra, me esconda, mas não consigo *não* olhar. Não posso tirar meus olhos das ruínas de fumaça. Eles estariam lá dentro? Queimados até a morte? Estremeço. Não posso suportar isso, não posso...

Mãos agarram meus ombros por trás.

CAPÍTULO 8

Dou uma cotovelada para trás, acertando as carnes de alguém, que tosse e se reclina contra uma árvore. Me viro rapidamente com o pé direito, o punho direito pronto para esmagar um crânio contra uma árvore, e...

Minha mão cai pesada.

Uma garota está curvada, tossindo e apertando a barriga, cabelos negros e longos caindo em cascata. Mal a vejo com aquela luz, embora eu reconheça aquele cabelo.

— Tori?

Ela ergue o rosto. Feições familiares e perfeitas, olhos bonitos. Embora não sejam os mesmos. Vazios. Bloqueados por lágrimas.

— Tori? — repito. Ela confirma e se lança ao chão. — O que faz aqui? Como...?

Ela balança a cabeça, incapaz de falar, e eu não consigo acreditar. Como ela pode estar aqui? Como pode estar em *algum lugar*. Ela foi devolvida para os Lordeiros. Tori era amiga de Ben: Reiniciada como nós. Eu mal a conhecia, mas ela era namorada dele antes de mim, tenho certeza disso. Embora ele tenha dito que nunca a tinha beijado, jamais acreditei nele. Como ele poderia ter resistido a Tori? Mas ela foi levada pelos Lordeiros: ninguém retorna de lá.

— Vaca — ela finalmente consegue dizer. — Por que fez isso?

— Eu não sabia que era você — sussurro. — Fale baixo. Como você conseguiu... — começo a perguntar, mas minha voz trava. Eu não sei o que perguntar primeiro.

— Escapei, e vim ver Ben. Mas ele... — sua voz falha, as lágrimas começam a descer por seu rosto.

Saia daqui! Não é seguro.

— Tori, temos que ir. Não podemos ficar aqui. Seremos pegas.

— O que importa agora? Sem Ben, eu... — e ela balança a cabeça. — Estão todos mortos. Eles não salvariam ninguém. Eu vi tudo!

Saia daqui!

Mas eu preciso saber.

— Me conte o que aconteceu.

— Cheguei há algumas horas; a casa estava em chamas, e eu me afastei quando carros de bombeiros vieram apressados, de sirenes ligadas. Mas não fizeram nada.

— O quê?

— Os Lordeiros já estavam aqui. Eles obrigaram os bombeiros a deixar queimar. Permitiram apenas que não deixassem que o fogo se espalhasse pelas outras casas. Eu ouvia os gritos deles, Kyla. E eu não fiz nada. Pude ouvi-los gritando dentro de casa. Um dos bombeiros discutiu com os Lordeiros, e eles atiraram no homem.

— Eles fizeram o *quê*?

— Eles simplesmente atiraram — ela soluça ainda mais. — Ben está morto, e eu não fiz nada.

Eu sei como ela se sente; a culpa generalizada. Ela não precisa disso.

— Tori, ele não estava na casa. Ele não estava lá — os ombros dela estão sacudindo, ela é incapaz de ouvir. — Escute: Ben não estava lá. Entendeu?

As palavras começam a chegar até ela, que olha para cima.

— Ele não estava? Onde ele está, então?

— Vou lhe contar tudo. Mas primeiro precisamos sair daqui.

— Para onde? Não posso voltar para casa; é o primeiro lugar em que irão me procurar. Não tenho para onde ir.

— Venha.

Eu a faço se levantar rápido. Ela está em péssimas condições. Usando sapatos estúpidos e cintilantes, tremendo em roupas estraçalhadas, e mancando. Os braços desnudos estão ainda mais pálidos ante o luar, um farol para quem olha. Seguro sua mão e a apresso, depois seu braço: sua pele está um gelo. E então, finalmente, coloco um braço em sua cintura e a ajudo a andar.

— O que houve com você?

— Eu estava bem até você me acertar com seu golpe de karatê.

— Mentirosa.

— Andei o dia inteiro. Não consigo mais.

A voz dela está mais fraca, e seu corpo, embora seja leve, se torna um peso

morto em meu ombro.

— Pare. Preciso descansar — ela diz, e as palavras se arrastam.

— Não podemos parar. Vamos lá, Tori — eu digo, mas então seu corpo despenca. Só consigo pegá-la e colocá-la no chão.

Deus. O que vou fazer? Ela escapou dos Lordeiros: qualquer um que for pego ajudando-a será culpado. Estar perto dela é *perigoso.*

Deixe-a. Sobrevivência dos mais aptos!

Não. Não posso. Não vou!

E me recordo do desenho de Cam, e Nico, o homem das cavernas. Não há mesmo outra solução, há? Mesmo que ela conseguisse andar aquilo tudo. Não posso levá-la para casa. Não posso envolver minha mãe nisso. Mesmo que ela ajudasse, Amy não conseguiria guardar segredo, e não haveria como escondê-la de Amy. E se papai chegasse em casa... Estremeço. Ele ficou tão desconfiado de mim quando Ben desapareceu, ameaçou me devolver para os Lordeiros se eu desse um único passo em falso. Isso daria a ele a desculpa para livrar-se de mim, finalmente. Talvez Jazz e seu primo, Mac, pudessem ajudar. Mas não há como entrar em contato com eles, ou levá-la até lá. Ela não conseguiria andar tanto. Tem de ser o Nico.

Ele ficará furioso.

A fúria de Nico não é algo para se ignorar. Mas ele disse para eu telefonar se precisasse. Que motivo maior que esse para contactá-lo?

Passo o dedo por baixo do meu Nivo no escuro até encontrar o botão do comunicador. Eu o aperto. Esteja acordado, Nico!

Segundos depois ele responde, a voz alerta.

— Espero que tenha um bom motivo — ele diz.

CAPÍTULO 9

— Que coisa estúpida, Chuva! — Nico acomoda Tori no banco traseiro do carro. — O que vou fazer com ela?

Eu não respondo, evito pensar no que ele pode sugerir. Me acomodo no banco da frente, ao lado de Nico, exausta pelo esforço de arrastar e convencer uma Tori semiconsciente pela trilha no escuro até a estrada mais próxima. O ponto de encontro arranjado às pressas.

— Obrigada, Nico — digo, e estou sendo absolutamente sincera. O alívio ao ver o rosto dele é tão grande que eu quero me jogar em seus braços. Mas ele não está num dia de abraços.

O carro ronca pela pista. Parece um carro comum, mas há algo mais no motor. Nico fica de olho quando chegamos à estrada principal. Que explicação daríamos se fôssemos vistos, com uma garota inconsciente no banco de trás? Precisamos nos apressar.

— Você está com cheiro de fumaça.

— Estou? Que horas são?

— Quase cinco.

— Tenho de chegar logo em casa, ou serei descoberta. Mamãe levanta cedo.

— Não cheirando desse jeito.

Ele dirige rápido. Tori choraminga, a seguir se cala novamente. Chegamos a uma casa escura com uma descida ao lado que vai até os fundos. A casa fica em uma colina, sem vizinhos por perto.

Ele a carrega sobre o ombro para dentro de casa. Eu o sigo. A casa é pequena, moderna e bem cuidada. Não o buraco-esconderijo normalmente usado pelo R. U. Livre.

— Você mora aqui? — pergunto, surpresa. Ele olha para mim.

— Não há tempo de levá-la a outro lugar.

Ele coloca Tori no sofá. Fecha as grossas cortinas e acende uma lâmpada.

É quando eu realmente vejo em que estado ela se encontra. Finas roupas coloridas em farrapos, como se tivesse se arrumado para uma festa, e não para

sair no frio. Está coberta de machucados e arranhões. Um tornozelo tão inchado que é um milagre que ainda conseguisse andar.

Ela desperta; seus olhos se entreabrem e observam tudo até chegar a Nico. Ela se senta, o pânico em seu rosto.

Eu seguro a mão dela.

— Tori, está tudo bem. Este é... — eu faço uma pausa, em dúvida sobre qual nome ele quer usar. — Um amigo meu. Ele cuidará de você.

Nico se aproxima sorrindo.

— Olá. Tori, não é? Eu sou o John Hatten. Preciso lhe fazer algumas perguntas.

— Isso não pode esperar? — pergunto em voz baixa.

— Temo que não. Desculpe, Tori. Mas você sabe o risco que estou correndo por sua causa. Preciso conhecer muito bem a sua história para saber o que fazer com você.

Meu sangue gela. Uma palavra errada, e o que ele fizer a ela pode ser permanente.

— E então, Tori? — ele começa, gentil.

Ela observa as próprias mãos, virando-as de um lado para o outro, como se não fossem dela, como se não fizessem parte dela.

— Eu o matei — ela diz, em voz baixa. — Com uma faca.

— Quem?

— Um Lordeiro. Eu o matei e fugi.

Ela fecha os olhos.

— Você está segura aqui. Descanse, Tori — ele diz. A cabeça de Tori se inclina para um lado: ela se desliga novamente.

Nico ergue uma sobrancelha para mim. Ela não podia ter escolhido algo *melhor* para dizer, nem se eu a tivesse orientado. Ele provavelmente se pergunta se eu a orientei.

— Vá, tome uma rápida chuveirada. Vou cuidar dela. Mas você tem uma dívida comigo, Chuva. Das grandes. Este é um risco enorme, uma complicação desnecessária que pode interferir nos nossos planos. Agora vá.

Corro para o chuveiro, pego uma toalha, uma camiseta escura indescritível e um short de ciclismo que ele joga para mim. *Nossos* planos? Será que ele se

referia aos planos do R. U. Livre, aqueles que me dizem respeito de alguma forma? Lavo e seco meu cabelo o mais rápido possível, uma parte de mim anotando coisas sobre o Nico. Eu nunca estive em seu local particular antes. Ele gosta de um bom sabonete líquido, e tem o cheiro dele, não consigo parar de cheirá-lo profundamente. Será que ele tem secador? O cabelo dele está sempre bonito, mas ainda assim. Esboço um sorriso, subitamente apavorada porque, enquanto admiro o estilo do seu banheiro, penso que a versão de Nico para cuidar de Tori poderia ser acabar com a vida dela de forma dolorosa em vez de outra coisa.

Mas então surjo na sala; ele enrolou Tori em um cobertor, que sobe e desce lentamente com sua respiração. Ela dorme profundamente.

— Vamos lá — ele chama. — Levo você para casa.

— E se ela acordar enquanto estamos fora?

— Ela não vai acordar.

Estamos a meio caminho da estrada quando eu ouso perguntar.

— Como você sabe que ela não vai acordar?

— Dei um jeito nela.

— Um jeito?

— Não fique tão assustada. Foi apenas um sedativo e um analgésico, ela precisava dos dois — ele xinga entre os dentes. — Se algo der muito errado, é por sua conta, Chuva.

— Desculpe — prendo a respiração: angustiada e temerosa por ser a causa da infelicidade de Nico, tudo ao mesmo tempo.

— A propósito, pensei que você tivesse dito que ela era Reiniciada.

— Ela é.

— Bem, ela não tem um Nivo.

Perdi o fôlego com o choque e parei para pensar. Eu havia segurado a mão dela e a ajudado a andar. Nem percebi. Tinha outras coisas com que me preocupar. E fiquei tão acostumada a ignorar meus próprios níveis, que não dei importância aos dela. Mas o que ela enfrentou esta noite, e o que deve ter enfrentado antes, seria o suficiente para que ela apagasse com certeza. Se ela ainda tivesse um Nivo.

— O que houve com ele? — pergunto.

— Isso é só uma das muitas perguntas que ela terá de responder em breve.

Tenho algumas coisas para discutir com você. Mas, primeiro, me fale sobre o fogo.

As lágrimas chegam sem avisar e eu pisco diversas vezes.

— A casa de Ben, a casa dos pais dele. Queimou completamente. Tori viu tudo. Ela disse que eles estavam lá dentro, gritando, mas os Lordeiros impediram que recebessem ajuda.

Ele sacudiu a cabeça.

— Pense, Chuva. Que dia é hoje?

— Cinco de novembro.

— Cinco de novembro. Guy Fawkes — ele diz, amargo. — Este não foi o único incêndio da noite. Começavam a chegar comunicados quando você ligou. Os Lordeiros tomaram para eles este dia que costumava ser nosso. Lembre-se, Chuva. Guarde este dia.

Respiro ofegando enquanto uma série de imagens flutua por minha mente. Fogos de artifício. Invasões. Fogueiras! Guy Fawkes: um dos responsáveis pela conspiração para explodir o Parlamento inglês, há mais de quatrocentos anos. Nós havíamos usado aquele dia para lembrar aos Lordeiros que seu poder não era absoluto. Para lembrar aos cidadãos que eles tinham uma chance.

Agora os Lordeiros usavam isso para nos lembrar que Guy Fawkes foi enforcado por ter causado problemas.

— E pensar que eles ousam agir abertamente contra as pessoas às quais deveriam servir! As coisas estão ficando piores, Kyla. O domínio dos Lordeiros está se acirrando. Muito em breve, ninguém ousará vir para o nosso lado, em oposição a eles. A hora de reavaliar as coisas é agora — ele para no final da nossa rua. — Você precisa fazer uma análise de tudo, Chuva. Falaremos mais disso amanhã, após o colégio. Agora vá.

Saio do carro e me embrenho entre as sombras, com cuidado, passando pelas casas. Ainda está escuro, mas são quase seis, as pessoas devem estar acordando. Sobrancelhas com certeza se ergueriam se alguém me visse chegar me esgueirando e vestida deste jeito. Mas não vejo ninguém. Quando chego a nosso jardim, percebo algo: um movimento na estrada? Me encolho num canto da casa e observo, mas não vejo nada. Mas tenho certeza de que algo se moveu.

Entro pela porta lateral e subo as escadas com cuidado e em silêncio até chegar ao meu quarto: em segurança, finalmente.

Por enquanto.

Sebastian está enroscado em minha cama, os olhos arregalados. Tiro rápido as roupas de Nico e visto meu pijama, então enfio suas roupas em minha mochila para me livrar delas depois.

Só me resta cerca de uma hora de sono, descanso de que preciso desesperadamente, mas não há como. Não com incêndios me assombrando.

A noite está cheia de perguntas. Como Tori escapou dos Lordeiros? Ela foi devolvida a eles: Ben descobriu isso com a mãe de Tori. O motivo, nunca soubemos exatamente — num dia ela estava lá, no outro havia sumido. Tornado-se mais um dos desaparecidos. Mas o que houve com o Nivo?

Não preciso me perguntar o que houve com os pais de Ben: eu sei a resposta. Eles fizeram muitas perguntas incômodas. Os Lordeiros deram um jeito neles, foi isso o que aconteceu. Um dia depois de a mãe de Ben vir até aqui pedir ajuda. Meu sangue gela quando me lembro do que mamãe disse a ela: “Você não devia ter vindo aqui”. Será que minha mãe a entregou aos Lordeiros? O pai dela havia sido o Primeiro Ministro dos Lordeiros, foi ele quem começou tudo isso.

Não consigo apagar a visão da casa deles destruída. O lar deles virou seu túmulo. Será que vão tirar os corpos? Eles já foram cremados.

Segundo Nico, aquilo se repetiu em outros lugares hoje à noite. Outras vítimas.

Quero chorar por elas, mas não consigo. Me sinto gelada por dentro, cega de ódio pelo que aconteceu. Isso deixa toda a dor de lado.

E ela quer sair.

CAPÍTULO 10

— Kyla, espere! — paro diante da porta da biblioteca e me viro. Cam chega apressado.

— Almoça comigo? — ele olha para os dois lados e abaixa a voz. — Eu trouxe bolo.

— Hum... sei lá. É de chocolate?

Ele olha dentro da mochila.

— Hoje é o pão-de-ló da rainha Victória. Meu tio é um *chef* frustrado, adora um forno.

— Está bem — respondo. Açúcar e distração podem me ajudar a sobreviver a este longo dia. Tudo o que consigo pensar é nos pais de Ben, no que os Lordeiros fizeram a eles e a outros como eles. E no encontro que tenho com Nico no fim do dia. Precisamos fazer *alguma coisa*.

Atravessamos o pátio e vemos que um dos dois bancos está vazio. Quando os garotos que estão sentados no outro veem que estamos nos aproximando, rapidamente espalham suas coisas nos dois bancos.

— Legal — resmunga Cam.

— Estou acostumada com isso. Tem certeza de que quer ser visto comigo?

— Está brincando? Você é um doce.

— Um doce Reiniciado, não se esqueça — digo, rindo.

— E isso é problema deles? — ele olha para trás. — Quer que eu arranque eles de lá para você? — ele mostra os punhos, movendo-se como se lutasse boxe.

— Todos os três? O que você faria se eu dissesse que sim?

Ele olha para os dois lados.

— Me esconderia. Mas tenho meus próprios meios de dar o troco nas pessoas, sabe. Quando eles menos esperarem — e ele ri como um vilão.

— Claro.

— O que eles fizeram chateia você, não é?

— Chateava. Mas... — eu paro.

— Mas o quê?

— As pessoas à minha volta costumam desaparecer. Pode ser por causa disso, mas, se for, não tenho como sair perguntando por aí.

— Desaparecer? — o rosto dele fica sério. Então ele sabe ser sério. — Isso acontece em toda parte — ele diz, tão amargurado, que me pergunto o que há por trás daquilo.

— Olhe, aquele está vazio — aponto para um banco vago, atrás do prédio da administração. — Se você tiver coragem.

— Bom, deixe-me pensar. Você teria um triângulo das Bermudas portátil com você?

Olho de um lado para o outro e respondo:

— Devo ter deixado em casa.

— Você irá colocar uma poção da invisibilidade no meu sanduíche quando eu não estiver olhando?

— Não!

— Então, vou arriscar.

E eu não conto a ele a outra razão por que aquilo já não me incomoda mais. A lista de coisas que me incomodam diminuiu consideravelmente; e garotos idiotas do Ensino Médio não estão no topo dessa lista.

Comemos nossos sanduíches em silêncio e a seguir ele pega o bolo.

— Há dois pedaços aí — observo. — Você tinha planejado isto?

— Quem? Eu? Não. Sou um garoto em fase de crescimento. Sempre levo dois pedaços de bolo. Mas não me importo de dividir — ele me passa um pedaço, e eu dou uma grande mordida.

Leve, doce. Delicioso!

— Queria que minha mãe gostasse de cozinhar.

— Há quanto tempo você mora lá?

Olho para ele de canto de olho.

— Não muito. Quase dois meses.

— Você já se perguntou sobre seus outros pais?

— Meus outros pais? — ganho tempo, embora saiba o que ele quer dizer. A conversa está indo por um território perigoso, o tipo de coisa que não devo

pensar, muito menos falar. Reiniciados não têm passado; eles estão começando de novo. Não é permitido olhar para trás.

— Você sabe, antes de ter sido Reiniciada.

— Às vezes — admito.

— Você procuraria por eles, se pudesse?

Desconfortável com o rumo que a conversa está tomando, ocupo minha boca com o bolo. Investigar minha vida passada é definitivamente ilegal. Pode ser perigoso para nós se formos ouvidos tendo essa conversa. E quem sabe quem nos ouve, ou como o faz? Eu não duvido que os Lordeiros colocariam escutas em todos os bancos do colégio — eles e seus espiões, como a senhora Ali, estão por todo canto.

— E você? — pergunto, quando só me sobram farelos de bolo.

— O quê?

— Você disse que seu pai partiu. Você ainda o vê?

O olhar sério está de volta e a pausa é longa.

— Kyla, escute — a voz dele fica muito baixa. — Sabe o que eu disse antes, que pessoas desaparecem por toda parte?

Balanço a cabeça positivamente.

— Meu pai não se separou da minha mãe. Os Lordeiros o levaram. Eles invadiram nossa casa no meio da noite e o arrastaram com eles. Eu não o vejo ou tenho notícias dele desde então.

— Oh, Cam — eu olho para ele, chocada. Ele parece tão despreocupado, tão descomplicado. E, ainda assim, ele sabe como é quando alguém importante para você desaparece. Alguém como Ben.

— Sim. Ele estava envolvido em coisas que não agradavam aos Lordeiros. Algo relacionado a encontrar pessoas desaparecidas. *Sites* ilegais e coisas do tipo.

DEA?

Nervosa, olho de um lado para o outro. Não há ninguém perto o suficiente para ouvir, ainda que uma parte de mim não ache segura essa conversa. Mas não consigo evitar.

— E sua mãe? — pergunto.

— Acho que ela teria ido embora, assim como eu, se não fosse pela pesquisa dela. Eu não sei muito, mas eles queriam que ela continuasse. Eles se livraram

de mim para mantê-la na linha.

— Que horrível. Sinto muito, eu não devia ter perguntado.

— Não é sua culpa. Você não estava por perto para usar sua habilidade secreta do desaparecimento. A menos que seus poderes se estendam por alguns quilômetros ao norte.

E Cam está de volta às brincadeiras. Mas ele já não me engana. Há mais coisas acontecendo com ele do que eu poderia imaginar.

— Escute — ele diz. — Quer dar uma volta de carro mais tarde? Realmente preciso conversar. Aqui não é um bom lugar.

A curiosidade luta com a precaução. Mas não preciso decidir, não agora.

— Hoje não posso. Ficarei aqui até tarde.

— Por quê?

— Tenho coisas a fazer.

— O quê?

— Coisas.

— Que tipo de coisas?

— Escute aqui, senhor curiosidade, estarei ocupada; e ponto-final.

Ele faz uma pausa.

— Eu espero. Posso lhe dar uma carona para casa?

— Não sei quanto tempo vou demorar.

— Não importa. Não tenho nada para fazer.

Tento dissuadi-lo. A última coisa que quero é ver meus “poderes do desaparecimento” se manifestando nele se algo acontecer. A mãe dele já sofreu o bastante. Mas ele insiste que irá esperar no carro até que eu apareça, então, a não ser que eu queira que ele espere até a manhã seguinte, é melhor eu aceitar.

O corredor está vazio. Bato uma vez; a porta de Nico se abre. Eu entro, e ele a fecha.

— Como está Tori? — pergunto.

— Ela está se saindo bem — ele diz. — Só precisa de algumas refeições quentes e descansar o tornozelo torcido. Essa é a parte física.

— Ela não está lhe dando trabalho?

— Não. Ainda não. Se der, você saberá. Terei de enviá-la para outro local em

breve; só falta acertar algumas coisas. Mas ela disse que sabe cozinhar. Talvez eu fique com ela.

Ela está se saindo bem; ela sabe cozinhar. O enorme monstro verde dentro de mim vê imagens dos dois sentados para um jantarzinho romântico. Usando as velas que notei em sua mesa, terminando a garrafa aberta de vinho da sua bancada.

Nico sorri, como se soubesse exatamente o que estou pensando, um sorriso que diz *se você não gosta disso, a culpa é toda sua.*

Sinto meu rosto queimar, e, quando ele aponta para a cadeira ao lado de sua mesa, eu me sento.

— Ontem à noite, me dei conta de uma coisa — ele diz, puxando uma cadeira e colocando-a adiante da minha; ficamos um de frente para o outro. Meus olhos estão cravados nos dele. Os longos cílios que parecem escuros demais para as íris de um azul tão pálido. A mecha de cabelo que cai em sua testa e que tenho de me segurar para não afastá-la com a mão.

Engulo em seco.

— O que foi?

Ele se inclina para mim.

— Chuva está de volta — ele sussurra em meu ouvido, e suas palavras, seu hálito, dão choques em minha pele.

Ele sorri e se recosta na cadeira, uma cadeira escolar pequena que parece ridícula sob ele.

— Ela realmente está de volta. Eu não tinha certeza do quanto dela ainda havia em você. Mas o que você fez ontem à noite foi típico dela, não foi? Saindo pela noite para xeretar. Kyla não teria feito isso.

— Não, não teria — eu digo, e me dou conta de que ele está certo. Eu mudei, e muito. Ainda estou mudando. Minha cabeça está girando. A sala é como um caleidoscópio, tudo se mexendo, se revolvendo. Pisco os olhos, e o mundo, Nico no centro, entram em foco.

— Mas alguma coisa ainda não está certa.

— O que há de errado? — pergunto. — Eu dou um jeito.

— Mesmo? — ele sorri. — Essa história toda com a Tori. A Chuva que conheço não arriscaria expor todo o R. U. Livre para salvar uma garota. Ela teria resolvido isso, e não haveria Tori, ou problema.

A segurança do grupo é imprescindível: qualquer risco de atrair a atenção dos Lordeiros deve ser tratado com os meios necessários. Mas será que ela — ou melhor, eu — de fato poderia simplesmente ter torcido o pescoço de Tori? Ou esmagado seu crânio? Tenho uma visão de Tori, com a cabeça esmagada contra uma árvore; me encolho. Não. Eu não seria capaz de fazer algo assim. Seria? Mas eu quase fiz, só parei porque a reconheci. Pensando bem, as memórias estão fluindo em minha mente — armas, gritos, sangue —, e elas dizem *sim*, Chuva teria feito *qualquer coisa*. E eu nem mesmo gostava da Tori: por que ajudá-la?

— Me diga o que você está pensando — diz Nico, em um tom de voz que não permite rodeios.

— Meus pensamentos estão em conflito — tento explicar. — Como se houvesse duas vozes na minha cabeça, com ideias diferentes.

Ele balança a cabeça, os olhos pensativos.

— Por favor, explique o que houve comigo — imploro. — Não compreendo.

Ele hesita. Sorri.

— *Eu* tenho algumas coisas para perguntar ainda. Mas irei explicar um pouco. Às vezes você é mais Kyla, outras vezes mais Chuva. E isso faz sentido. As coisas estão se realinhando. No seu tempo. Chuva irá prevalecer, ela é mais forte.

Uma visão surge sem ser convidada: Lucy, com dedos ensanguentados. E Nico... segurando um tijolo.

Ofegando, ergo minha mão direita num gesto expressivo. Viro-a de um lado para o outro.

— Você fez isto? Para que eu fosse destra?

— Fiz o quê?

— Esmagou os meus dedos — hesitei. — Os dedos de Lucy.

Os olhos dele se desviam. Há uma pausa: uma batida, duas. Ele torna a olhar para mim.

— Você se lembra de quando era Lucy?

— Não. Não exatamente, apenas alguns sonhos que não fazem sentido. Por favor, Nico: é tudo tão confuso dentro de mim. O que houve com Lucy? O que houve com a garotinha de dez anos que *eu* fui?

Ele hesita, pensa, e então acena afirmativamente.

— Tudo bem. Você era importante para mim, Chuva. Mas, por estar lutando

pela liberdade, havia sempre o risco de ser pega. Eu sabia que precisava encontrar uma maneira de protegê-la se os Lordeiros colocassem a mão em você.

— Como?

— Separando você em duas partes, por dentro, para que alguma delas sobrevivesse se você fosse Reiniciada. Chuva era mais forte que Lucy; ela sobreviveu.

Quando ele disse aquelas palavras, eu soube. Eu sempre soube. Eu era uma que se tornou duas: Lucy, com suas memórias de infância, e Chuva, cuja vida era com Nico e o R. U. Livre. As peças do quebra-cabeça se encaixavam. Lucy foi feita para ser destra: ela não cooperaria, então Nico a forçou. Chuva era canhota. A forma como alguém é Reiniciado depende da mão que costuma usar: a memória é acessada pelo hemisfério dominante e ligada ao uso das mãos. Mas quem era eu quando fui Reiniciada?

— Ainda não compreendo. Se Chuva era mais forte e estava no controle, por que os Lordeiros não a reiniciaram, como se eu fosse canhota?

— Aí é que está a beleza de tudo isso. Chuva escondeu-se quando foi capturada; você foi treinada para fazer isso. Então a parte Lucy dentro de você era dominante.

— Então, até onde os Lordeiros sabiam, quando me reiniciaram no ano passado, eu era destra. E eles não sabiam sobre Chuva. Quando eles pegaram minhas memórias, só pegaram parte delas.

— Perfeito. Lucy se foi, ela era fraca. Mas você, Chuva especial, sobreviveu ao processo: escondida aí dentro. Esperando o momento certo para se libertar.

— E isto — digo, girando meu Nivo. — Não funciona mais porque sou Chuva novamente: canhota. E ele está ligado ao lado errado do meu cérebro.

— Exato — ele segura minha mão esquerda. Gentilmente beija a ponta dos meus dedos. — Me perdoe por ter ferido você naquela época. Mas era a única maneira de proteger você.

Lucy havia partido para sempre. É por isso que não consigo me lembrar daquela vida. A dor da perda me consome, se espalha pelo vazio que há dentro de mim. Tanta coisa da minha vida destruída, esquecida. Mas parte de mim ainda está aqui: Nico me salvou. Se não fosse por ele, eu teria desaparecido completamente. Eu não teria sequer sabido o que perdi.

— Obrigada — sussurrei. E me perguntei: se Chuva é mais forte, Kyla desapareceria também? Tudo pelo que ela ansiava e se preocupava? Como Ben?

Posso sentir as lágrimas pingando de meus olhos e pisco furiosamente. Não chore. Não na frente dele. Não! E então o medo luta com a dor: Nico não gosta de fraqueza.

Mas, em vez de ficar zangado, ele segura minha mão.

— O que foi? — ele diz, gentilmente.

Agarro sua mão. Ela é grande, forte. Ele poderia esmagar a minha em um instante.

— Ben — sussurro.

— Me diga. Eu sei um pouco, mas me diga. O que realmente houve com ele? — ele enfatizou o *realmente*, como se soubesse que havia mais do que a história oficial.

— Foi tudo culpa minha. Fui eu — finalmente falo em voz alta o que estava me assombrando e apodrecia dentro de mim.

— O que você fez? Me conte.

— Eu cortei o Nivo dele. Com um esmeril.

E, conforme vou contando a ele os fatos, os acontecimentos, Nico puxa sua cadeira para o lado da minha e passa um braço pelos meus ombros. E as imagens preenchem minha mente. A agonia de Ben. Eu fugindo, deixando-o à própria sorte. E o que foi aquilo, exatamente? O que houve com ele? Teria morrido por causa do que fiz? Ou depois, pelas mãos dos Lordeiros?

— O que houve com ele? — pergunto, meus olhos implorando por uma chance, uma esperança.

— Você sabe a resposta para essa pergunta — diz Nico. — Você sabe o que os Lordeiros teriam feito com ele se lhe restasse um mínimo de vida.

Concordo por entre as lágrimas.

— E você sabe o que eles fizeram com os pais dele.

— Sim.

— Você sente isso, Chuva? Por dentro. A raiva.

E isso ganha vida, um fogo, como se o próprio Nico tivesse jogado um fósforo para acendê-lo. A fogueira queima em minha mente, mais quente e violenta do que as chamas que consumiram a casa deles. Do que todas as fogueiras que os Lordeiros acenderam naquela noite.

— Agora me escute, Chuva. Isso não significa que você tenha de esquecer Ben ou o que ele significava para você, ou o que os Lordeiros fizeram aos pais

dele. Nada disso. Apena use isso; use da forma correta.

Use a raiva.

E ela chega como uma onda — um fogo que queima percorrendo cada músculo, cada osso. Cada gota de sangue ferve em minhas veias.

Aperto os braços da cadeira.

— Temos de fazer os Lordeiros pagarem pelo que fizeram. Eles precisam ser impedidos!

Nico segura meu rosto com as mãos e o inclina. Seus olhos me estudam, buscando por algo, avaliando. Por fim, ele balança a cabeça. Seu olhar é afetuoso. Uma onda de formigamento passa por minha pele, toma o meu corpo.

— Sim, Chuva — ele sorri, inclinando-se para mim. Seus lábios tocam levemente minha testa. — Mas há uma pergunta que você ainda não respondeu. Quando conseguiu suas memórias de volta?

O ataque na floresta. Wayne. As palavras começam a se formar em minha garganta, para contar a ele o que houve, mas eu paro. Ele fará algo com Wayne se souber. Mas por que estou protegendo Wayne? Não é isso que ele merece?

— Deveria ter sido quando você deixou Ben e os Lordeiros o pegaram. Teria sido isso; é o tipo exato de trauma. Então por que não aconteceu ali? — Nico fala como se para si mesmo, como se tivesse esquecido que estou ali.

Eu me contorço, desconfortável com sua análise, seu exame para avaliar meu "trauma" e seus efeitos. Mas, se minhas memórias não voltaram naquele dia, por que não desmaiei e morri? Olhei para meu Nivo inútil.

E então me lembrei.

— Eu sei — digo. — Foram as pílulas.

— Que pílulas?

— Pílulas da felicidade. Ben as conseguiu em algum lugar — explico. Omitindo onde ele as conseguiu, nem mesmo sei por quê. Elas vieram de Aiden, que está no DEA: eles coordenam o *site* dos Desaparecidos em Ação que vi na casa do primo de Jazz.

Nico balança a cabeça.

— Faz sentido. Elas bloquearam a experiência completa. Depois, quando elas perderam o efeito, Chuva apareceu.

Ele dá um largo sorriso e ri.

— Chuva! — ele me abraça. — Você sempre foi minha favorita, você sabe

disso.

Meu coração se alegra. Nico nunca se relacionara com uma garota dos campos de treinamento — não que eu tivesse percebido. Seu poder era absoluto, mas todas nós o desejávamos.

— Agora escute — ele me afasta. — Há algo que você pode fazer por mim. Você ainda vai às consultas no hospital de Londres, não vai?

Faço que sim.

— Todo sábado.

O hospital Nova Londres, onde fui Reiniciada, é um símbolo do controle dos Lordeiros, um alvo frequente do R. U. Livre; foi para onde me levaram, assim como inúmeros outros além de mim, e onde deliberadamente apagaram nossas memórias.

— Quero mapas. Tão precisos quanto possível, de cada pedaço do hospital. Por dentro e por fora. Você pode fazer isso por mim?

— Claro — respondo, ansiosa por atingir os Lordeiros, ainda que de forma tão insignificante. Posso ver o desenho em minha mente sem me esforçar; minha memória e capacidade de mapear as coisas estão tão engrenadas por dentro que...

Uma memória me vem à lembrança. Um treinamento longo e tedioso.

— Você me ensinou isso — digo lentamente. — Como memorizar posições e lugares, como desenhar mapas. — As consequências eram terríveis se errássemos: eu me lembro, e estremeço por dentro. Mas não cometo mais erros.

— Sim — ele sorri. — Isso foi parte do seu treinamento. Você consegue.

— Consigo.

— Agora vá.

Eu me levanto, ele abre a porta e olha para os dois lados.

— Caminho livre. Vá.

Corro pela pista do colégio, sem me sentir segura para encontrar Cam e pegar carona com ele até que me acalme. Durante os momentos em que estive com Nico, me segurei por dentro.

Eu era sua favorita!

Ele me abraçou. Minha testa ainda está formigando onde seus lábios a tocaram.

Ele me salvou.

Tinha tantas razões para estar zangado, mas não estava.

E acima de tudo: *eu sei quem eu sou*. Eu sei de onde vim, e a onde pertenço. O que preciso fazer. Os Lordeiros falharam. Eu me lembro.

A alegria intensa ameaça minha serenidade e eu aumento o passo dando voltas na pista, até que um assovio me tira do devaneio. Me viro.

Cam.

Ele bate palmas e eu diminuo o passo, dou mais uma volta para desacelerar e ando até ele.

— Nossa, você corre muito. Era isso que precisava fazer tão desesperadamente depois da aula?

Minha respiração está acelerada. Dou de ombros.

— Às vezes, eu realmente preciso correr — eu digo, sem responder exatamente à pergunta. O que não deixa de ser verdade. Eu apenas costumava correr para manter meus níveis altos. Curiosamente, olhei para o meu Nivo. Ainda em torno dos 6: correr costumava fazê-lo subir para 8, mas agora é uma peça sem utilidade.

— Hora de ir para casa?

Faço que sim com a cabeça.

— Desculpe, estou toda suada — digo, com um risinho irônico, depois me lembro de parecer mais gentil. Pelo menos eu tenho a corrida como desculpa para estar atordoada.

CAPÍTULO 11

— Está pronta? — pergunta mamãe.

Afasto os olhos do exercício do caderno, que finjo estar fazendo na mesa da cozinha.

— Para quê? — pergunto, minha mente em branco.

— Que dia é hoje? — Ela ri.

E tudo que posso pensar é em Guy Fawkes. Difícil acreditar que ainda é o mesmo dia que começou antes de o sol nascer com uma casa queimada, e Tori.

— É quinta-feira — ela diz.

— Quinta? — Olho para ela sem entender.

— Grupo, certo?

— Ah, desculpe — me apresso para escovar os cabelos e me calçar. Como fui esquecer? Tanta coisa passando por minha cabeça. O grupo se encontra toda quinta à noite. Todos os Reiniciados da redondeza se encontram com a enfermeira Penny para receber apoio na transição do hospital para a sociedade. Bah! É mais para nos espionar e observar cada desvio que precise de ajuste. Mergulho em meus pensamentos. Isso pode até ser verdade, mas Penny é legal.

Ainda assim, é um teste.

Sim. Eu tenho que ser como os outros. Penny ou qualquer outro ouvido escondido não pode notar nada de diferente ou errado. Rebusco em minha memória. Na quinta passada, eu estava tão aborrecida por causa de Ben que mal conseguia regular os níveis o suficiente para me manter consciente. Ela estará esperando o mesmo.

Foco naquele dia, em ser aquela pessoa, empurrando Chuva e suas memórias para um canto.

Kyla, é com você agora.

O macacão de Penny é de um verde-limão cintilante com listras roxas, seu rosto está iluminado. Ela está falando com uma mulher e uma garota, não reconheço nenhuma das duas. A garota deve ter uns catorze anos e sorri como uma lunática: recém-Reiniciada. São todos assim no início. Cheios de felicidade

porque os Lordeiros roubaram suas memórias, seu passado; porque, não importam os crimes que eles tiverem cometido, eis uma segunda chance em uma nova vida. Eu também era daquele jeito, embora menos que a maioria. Teriam sido as memórias de Chuva escondidas em mim que sempre me fizeram ser diferente?

Os outros nove estão como sempre. Não existe mais Tori; nem Ben. E eu não preciso me lembrar de ser apenas Kyla, de agir e parecer como ela. Aqui eu *sou* ela. Chuva não pertence a este lugar.

Colocamos nossas cadeiras em círculo e começamos.

Penny está na frente da sala.

— Boa noite, pessoal!

Todos se olham, indecisos.

— Boa noite — algumas poucas vozes respondem, a seguir o resto as acompanha.

— Esta noite quero que deem boas-vindas à Ângela. Ela está se juntando a nós. E o que vocês fazem agora?

Ela olha para todos, e eu resmungo por dentro, me lembrando do meu primeiro dia ali. Foi Tori quem revirou os olhos e disse a todos para se apresentarem, sarcástica. Ben chegou atrasado.

A memória me invade. Salta como uma pedra sobre a água. Eu posso vê-lo, irrompendo pela porta. De short e uma camisa de manga comprida, colada em seu corpo por causa da corrida. Sempre correndo. Suspiro.

— Kyla?

Penny se aproxima, a preocupação em seus olhos.

— Você está bem, querida? — ela pergunta.

— Desculpe, me distraí por um momento — ela verifica meus níveis, ergue uma sobrancelha quando vê que estão bem, em 5.8. Ela retorna para a frente da sala.

Eu me dou uma sacudida por dentro. Não devo sorrir em exagero, nem mergulhar em tristeza. O que importa é me manter no *nível*. O que todos os Reiniciados devem fazer, embora não seja mais o mesmo para mim.

Penny está sorrindo para a garota nova, cujo sorriso é ainda maior. Ela parece tão feliz que não corre perigo de desmaiar com níveis baixos como costumava me acontecer às vezes. O resto deles, também: todos parecem *tão* felizes. Felizes

por terem sido pegos pelos Lordeiros, que os fizeram parar de fazer ou dizer o que não agradava. Lanço um olhar para os rostos extasiados. Será que algum deles era um criminoso *de verdade* como deveriam ser? Assassinos ou terroristas. Como eu. Estão felizes. Será que se importam com quem foram? Se minha Reiniciação tivesse funcionado como deveria, eu estaria sorrindo com eles.

Eu também estaria feliz.

Levo um susto quando uma mão quente aperta meu ombro. É Penny.

— Você pode responder à minha pergunta? — ela reclama.

— Ah...

— Por que estamos aqui?

— Por ser nossa segunda chance?

— Exato, Kyla.

Eu realmente tenho uma segunda chance — não a mesma a que ela se refere. Ela não sabe que eu voltei, que os Lordeiros falharam. Minha Reiniciação falhou. Guardo o segredo dentro de mim, uma pequena satisfação interior.

Voltando-se para o grupo novamente, Penny nos diz que vamos praticar uns jogos. Ela abre um baú, pega desenhos, cartas e um tabuleiro de jogos. Estamos em número ímpar e ela decide que eu e ela faremos um par. Ainda de olho em mim?

— Você já jogou algum desses antes? — ela pergunta, e eu olho no baú para ver o que há lá.

— A maioria deles. Gosto de xadrez. Costumava jogar tarde da noite no hospital: um vigilante me ensinou.

Ela tira a caixa de xadrez, me entrega para arrumá-la enquanto verifica os outros alunos. A caixa é de madeira trabalhada; ela se abre e as peças estão acomodadas lá dentro, um grupo em madeira clara, outro em escura. Eu os retiro e os alinho no tabuleiro. As torres nos cantos, depois os cavalos, os bispos, o rei e a rainha. A longa fileira de peões na frente, alinhados e dispensáveis. No entanto, com a estratégia certa, o jogo certo, um peão pode fazer a diferença.

Penny retorna e coloca uma cadeira para que possamos jogar.

Minha mão é atraída para uma das minhas torres: eu a pego. Um *castelo*, diz algo dentro de mim. Você costumava chamar de castelo.

Não. Faço cara feia. O vigilante — entediado, obrigado a dar uma de babá

tarde da noite quando eu tinha pesadelos — me ensinou a jogar. Ensinou os nomes corretos para cada peça, seus movimentos, e ficou surpreso como aprendi a jogar rápido. Quando deixei o hospital, já havia até ganhado algumas vezes.

— Kyla? — Penny olha para mim com curiosidade.

Faço esforço para ficar atenta e coloco a peça de volta em sua casa. Começamos.

— Teve uma boa noite? — pergunta mamãe.

— Foi tudo bem — ela ainda me olha, querendo mais. — Jogamos xadrez. Penny e eu.

— Quem ganhou?

— Ela.

Não dei tudo de mim no jogo. Continuei tendo essas sensações estranhas conforme tocava as peças. Havia algo no modo como eu as sentia nas mãos. Eu continuava querendo pegá-las, passar meus dedos pelos cantos e contornos para perceber suas formas apenas pelo toque.

Fingi um bocejo.

— Estou cansada. Vou me deitar.

Mas, já em meu quarto, meu cérebro está a mil.

Minha segunda chance, mas não como os Lordeiros queriam. Minha segunda chance com o R. U. Livre. Para combater os Lordeiros.

Ainda assim... o que eu fiz antes com o R. U. Livre? Sempre que *tento* me lembrar daquela vida, com Nico, ela se acanha e se esconde. As coisas parecem retornar quando não caço ou não procuro. Tento relaxar, deixar a mente flutuar. Posso ver o campo de treinamento — sim. Mas nada mais. Eu saía em ataques? Os Lordeiros me pegaram de alguma forma, então devo ter ido. Mas não me lembro de nada.

O rosto de Nico parece pairar e não vai embora. Com ele, esta tarde, foi difícil pensar, saber o que dizer ou fazer. Eu só fui o que ele quis.

Balancei minha cabeça, confusa. Não. Não está certo. É isso o que *eu* quero também.

Embora esta noite, jogando xadrez, eu me sentisse mais *eu*, seja lá o que signifique isso. Em minha própria pele. Como se segurar uma torre na mão fizesse, de alguma forma, as coisas começarem a se acertar por dentro, a fazer sentido.

Eu me concentro no tabuleiro, as peças trabalhadas, cada uma em sua casa. Mordo meu lábio. Cada movimento que posso ver terminará na captura de uma das minhas peças. Não me sobraram muitas. Estico a mão e a retraio novamente.

— Não sei o que fazer — admito, finalmente.

— Quer uma dica?

Coloco meus dedos em uma peça e depois em outra. Olhando para os olhos dele.

Ele pisca quando toca no castelo ao lado do rei. Mas não há para onde ir, há poucas casas entre ele e o rei. O rei está numa posição desprotegida e logo estará em perigo. A não ser que...

— Qual é aquela coisa especial que o castelo pode fazer? — pergunto.

— É uma torre, Lucy.

— Parece um castelo!

— Parece, não é? — ele sorri. — Ele pode deslizar até o rei. E então eles trocam de lugar.

— Eu me lembro! — faço como ele diz, eles trocam de lugar, e meu rei está salvo.

O jogo continua. Eu finalmente venço.

Sei que ele me deixou ganhar. Seguro o castelo em minha pequena mão, levo-o para o quarto quando vou dormir. Ele está na mesinha ao lado da minha cama, quando papai me dá um beijo de boa-noite.

*

Acordo lentamente; aquecida, feliz, segura. Abro os olhos. A torre desapareceu. Sento rápido, em choque; o quarto se dobra e se contrai, mudando, se tornando o quarto de Kyla novamente. E não o de Lucy.

Como posso ainda ter essa memória? Deveria ter sido apagada com o resto delas, como disse Nico. Me sinto confusa. Tive sonhos com Lucy antes, mas nunca algo tão real.

Nunca algo com ela em casa, segura e feliz.

Eu me agarro ao sonho, mas ele já está desaparecendo, tornando-se irreal. Cambaleio pelo quarto e acendo as luzes. Pego meu bloco de desenho e meus lápis, e tento diversas vezes desenhar o rosto dele. Para mantê-lo ali.

Mas ele se vai. Eu não consigo. Tudo o que resta é vago e incerto, uma mera percepção de tamanhos e proporções. Sem detalhes, sem características que pudessem ser reconhecidas como individuais.

Desisto da tarefa impossível de desenhar o pai de Lucy. Meu pai. Em vez disso, começo com Ben. Agora que os pais de Ben se foram, não há mais ninguém para se lembrar dele. Olharei para o desenho dele todos os dias. Dessa forma eu não o esquecerei: sempre vou me lembrar dele quando vir seu rosto.

E há algo mais que eu posso fazer. Lucy me lembrou.

Há uma última chance.

Uma última maneira de tentar descobrir o que houve realmente com Ben: DEA.

CAPÍTULO 12

— Você não quer ir com o Cameron? — Amy sorri. Na verdade, é mais uma risadinha debochada. — Ele é um fofo, você não acha?

— Não! Quero dizer, não, não quero ir com o Cameron.

— Então você concorda que ele é um fofo.

Eu reviro os olhos e me sento no banco traseiro do carro de Jazz.

Eu tinha dito a eles que não me esperassem ontem, que eu voltaria para casa com Cam. Mamãe não sabia e provavelmente não aprovaria. Não necessariamente por causa dele, mas por Amy e Jazz ficarem sozinhos: eu sou a dama de companhia deles. Bah! Eu já expliquei isso ao Cam para que ele não pense que passou a ser meu motorista. Principalmente hoje, quando tenho planos dos quais ele não faz parte.

Pegamos a estrada antes que eu pergunte.

— Jazz, você acha que podemos visitar Mac hoje depois do colégio?

— Claro — ele responde, e é só isso. Mac é o primo de Jazz; foi no computador ilegal em seu quarto dos fundos que eu descobri sobre Lucy e sobre o DEA. Será que eles podem encontrar Ben?

Amy começa a tagarelar sobre as fofocas de ontem no consultório médico. Eu me desligo, mas algo chama minha atenção.

— Amy, o que foi isso? — pergunto, na dúvida se ouvi direito; se queria ouvir.

— Sabe aquele homem de que lhe falei, o que eles encontraram espancado e que estava em coma? Ele acordou lá no hospital.

Meu coração parece parar por um instante, uma agitação no fundo do peito.

Tente parecer despreocupada.

— Ele disse alguma coisa? Sobre o que aconteceu com ele?

— Ele estava bem fora de si, segundo a enfermeira do centro cirúrgico, que tem uma amiga que trabalha no hospital. Deve ter tido amnésia por causa dos ferimentos na cabeça. Os Lordeiros foram falar com ele, mas desistiram porque ele falava coisas sem sentido.

Conte ao Nico!

Mas e depois, o que vai acontecer? Depois que passar a raiva por ser a primeira vez que ele ouve a respeito. Após ele superar que eu não tenha contado sobre o ataque ao Wayne quando me perguntou o que havia desencadeado a volta de minhas memórias. Wayne é um risco: se ele falar sobre o que eu fiz, os Lordeiros virão me pegar. Nico cuidará dele de um jeito ou de outro. E, nesse caso, cuidar significa matar. E depois ele terá que cuidar de mim.

Não farei isso.

Meus instintos protestam contra um risco tão grande. Melhor esperar para ver, talvez Wayne não se lembre de nada.

Mas talvez se lembre.

Naquela tarde, nos enfileiramos no corredor para a reunião do segundo ano. Cada um pega o seu lugar sem correria, num silêncio mortal. Na frente da sala está a razão: Lordeiros.

Sinto um arrepio gelado que desce pela minha coluna quando olho para eles.

Não encare.

Luto para desviar o olhar. Esses Lordeiros eu conheço: agente Coulson e seu ajudante. O olhar frio de Coulson varre a sala, e eu luto para afastar o meu, mas ele está travado. O que Coulson está fazendo aqui?

Coulson não é um Lordeiro qualquer; ele é algo mais. Ficou óbvio quando eles vieram me interrogar assim que Ben desapareceu. Para começar, eles tiveram cuidado em escolher quem enviariam por causa da mamãe. Eles queriam ter certeza de como seria tratada a filha do herói dos Lordeiros — William Armstrong, Primeiro Ministro, antes que o R. U. Livre o explodisse junto com a esposa. Mamãe podia não estar envolvida em política agora ou não explorar seus contatos (pelo menos, que eu tenha visto), mas, ainda assim, eles não fariam ou diriam algo que não pudesse ser explicado se necessário. Ela tinha sido a única razão, tenho certeza, para eu não ter sido arrastada para uma inquisição nada gentil.

Mas, mais do que isso, Coulson exala certo poder cauteloso. Ele não é só um valentão desagradável, embora eu tenha certeza de que ele seria se a ocasião o permitisse. Tudo nele era friamente calculado.

Os olhos dele descansavam sobre mim. Gotículas de suor brotavam em minha testa.

Olhe para o outro lado!

Desviei o rosto e baixei os olhos. Resisti ao impulso de olhar novamente, para ver se ele estava encarando.

Ele é só um homem. Um homem desagradável.

Ele sangraria vermelho como todo mundo. E era isso que deveria acontecer com ele!

Começa a reunião. O diretor fala em tom monótono sobre as conquistas dos alunos, depois passa seus avisos de sempre. Conselhos para alcançar o seu potencial... ou algo assim.

Mas estou longe dali.

Em minha imaginação, é Coulson quem arrasta o corpo destruído de Ben para longe de sua mãe.

É Coulson quem segura o fósforo. E o lança sobre a casa de Ben.

É Coulson quem arranca Lucy de sua família.

O ódio me toma por dentro. Ódio ardente, perturbado. Do lado de fora, meu rosto está calmo, atento; por dentro é bem diferente.

Se eu tivesse uma arma em minha mão agora, eu a levantaria. Atiraria nele. Ele merece. Todos eles merecem.

A dureza do banco onde estou sentada, a monotonia da voz do diretor e o corredor cheio de estudantes atentos começaram a se esvanecer. Minhas mãos seguram firme em um metal gelado, meus olhos miram cuidadosamente no alvo. O dedo indicador puxa o gatilho. Uma explosão, a arma dá seu coice de volta em minhas mãos. A munição voa pela sala rápido demais para que olhos normais a sigam, mas os meus assistem ao seu trajeto até o alvo.

Ela atinge o peito dele. Seu coração explode: uma onda vermelha se espalha em todas as direções, como quando uma pedra é lançada em águas tranquilas. Ele cai.

Eu sorrio, e então me dou conta de que a reunião acabou; estão todos saindo da sala. Eu me levantei e os segui sem perceber. Cam se afastou do seu tutor e caminha ao meu lado. Ele deve pensar que sou totalmente louca para sorrir, aqui e agora.

E sou.

O feitiço — se houve um feitiço — se quebrara. Nos aproximamos das portas do corredor. O outro Lordeiro está lá, olhando os alunos saírem, um por um. Coulson está na frente, de guarda na porta. Estou aliviada. E então o almoço revira em meu estômago conforme as imagens do corpo ensanguentado de

Coulson se repetem em minha mente.

— Você está bem? — sussurra Cam quando saímos do corredor. — Você ficou pálida.

Apenas balanço a cabeça, corro para o banheiro do prédio seguinte e vomito, várias vezes. Quando tenho certeza de que não há nada mais para sair, jogo água em meu rosto e olho para o espelho.

Que diabos houve aqui?

Minhas mãos estão tremendo. Eu não sou essa pessoa, eu não poderia fazer aquilo. Poderia? Eu não choraria se ele morresse, mas não por minhas mãos.

Mas então para que foi todo aquele treino?

E as visões flutuam por minha mente como um filme em velocidade acelerada. Aula de tiro. Alvos. Facas e seus usos. Girando rápido. Foi um tiro, o melhor da minha unidade. Uma unidade que, por si só, já era a melhor.

Não!

Sim. O que é ser uma terrorista? Discussões políticas em uma mesa de chá? Os Lordeiros são maus. Ele merece morrer. Todos eles merecem.

Olho para minhas mãos. Posso sentir o peso gelado de uma arma ali. Eu sei o que fazer com uma. Ele merece morrer. Por que não?

CAPÍTULO 13

— Vou lhe contar um segredo — Jazz está sorrindo, então deduzo que não sejam más notícias.

— Qual?

— Antes de você pedir esta manhã, eu já estava planejando ir ao Mac de qualquer forma. Ele tem uma surpresa para você.

Meu estômago dá saltos. Jazz ainda está sorrindo, ele deve saber o que é, e deve ser coisa boa.

— Não é o Ben, é? — sussurro. Sabendo que não seria, que não poderia ser, mas incapaz de impedir a mim mesma de fazer essa pergunta.

O sorriso de Jazz se desfaz.

— Sinto muito, Kyla. Se eu descobrir algo sobre ele, você será a primeira a saber.

Me recosto em seu carro, incapaz de controlar a onda de desapontamento, ainda que irracional. Aiden prometeu que enviaria notícias através de Mac se descobrisse algo sobre Ben — então meu cérebro instintivamente deduziu isso. *Grande erro*.

Amy aparece no estacionamento. Ela vem até nós e coloca o braço em volta de Jazz. Ele se vira e a beija, enquanto tento não olhar.

— Você está bem? — ela me pergunta.

— Estou.

— Uma amiga minha viu você correndo para o banheiro, parecendo enjoada.

— Ah. Eu só tive uma dor de estômago, nada demais. Estou bem agora.

— Tem certeza de que não quer ir direto para casa?

— Tenho!

— Não fique tão zangada! Já estamos indo.

— Às suas ordens, senhoras — anuncia Jazz, abrindo a porta do carro.

Seguimos pelas rodovias, através de campos gramados. Passamos por fazendas e bosques até a casa de Mac. Ela fica depois da descida de uma pista

estreita, isolada. Seu enorme quintal dos fundos está cheio de pedaços de carros que ele desmonta e salva por partes, para construir novos carros. Como o que ele fez para Jazz. Mas ele não é apenas um mecânico.

Qual seria a surpresa?

A surpresa se lança sobre mim quando entramos pela porta da frente na casa de Mac.

Skye! A cadela de Ben, uma linda golden retriever que salta e cobre meu rosto com beijos lambidos e entusiasmados. Eu me ajoelho e a abraço, mergulhando meu rosto em seu pelo. Pelo que cheira a fumaça.

Jazz leva Amy para uma caminhada, para ficar a sós com ela, como sempre. Mac observa a mim e a Skye, o rabo dela batendo no chão, meio esparramada em meu colo. Algo se esconde por trás do olhar cuidadoso no rosto de Mac.

— Como? — pergunto. Uma única palavra com tanto significado. Como foi que ela sobreviveu? Como a cadela de Ben foi parar na casa de Mac?

Mac se senta ao nosso lado, no chão. Ele acaricia as orelhas de Skye e ela se esparrama entre nós, sua cabeça em meu joelho.

— É a primeira vez que vejo esta cadela feliz desde que chegou aqui ontem à noite.

— Você sabe o que houve?

— Em parte. O resto posso deduzir. O que não consigo entender é como você não parece surpresa de vê-la aqui e por que você é quem está me perguntando se sei o que aconteceu.

— Eu ouvi coisas — explico, cautelosamente.

Mac levanta uma mão.

— Você não precisa me contar como sabe sobre os pais de Ben. Você sabe, não sabe?

Afirmo com a cabeça e me abraço a Skye novamente.

— Skye é uma cadela de sorte.

— Sim. Primeiro perde o garoto que ama, depois o resto de sua família: muita sorte.

— Ela é uma sobrevivente. Não sei se ela estava do lado de fora, se saiu, ou o quê. Mas o amigo de Jazz a encontrou no dia seguinte, e Jazz a trouxe para cá. Nenhum dos vizinhos queria ser visto com ela no caso de algum oficial se ofender por ela ter escapado — pela forma como ele diz isso, percebo que ele

pensa sobre isso tanto quanto eu.

— Espere aqui — ele diz, se levantando para ir à cozinha. Retorna um momento depois com uma tigela nas mãos. — Veja se consegue fazê-la comer.

E então eu sento no chão com Skye com metade do corpo no meu colo, e a alimento com pedacinhos de carne. Ela come um pouco, depois fecha os olhos e dorme.

O calor de seu corpo e o cheiro de cachorro, mesmo com um toque de fumaça, são gostosos, reais, e não quero sair dali. Mas tenho outros assuntos com Mac. Eu a tiro das minhas pernas com cuidado e o encontro na cozinha.

Prendo a respiração ao ver a coruja no topo de um armário: a escultura de metal que a mãe de Ben fez para mim a partir de um desenho meu. Tão linda, e mortal. Ela tinha tanto talento, e isso é tudo que restou agora. Passo as pontas dos dedos pelas penas; por dentro, a dor está brotando, querendo sair.

Luto para contê-la, segurá-la dentro de mim. Estou aqui por uma razão.

— Posso ver o DEA? — pergunto.

Mac me olha desconfiado, depois concorda. Eu o sigo até o quarto dos fundos e ele descobre seu computador altamente ilegal, não governamental. Ele não bloqueia os *sites* que os Lordeiros não querem que sejam vistos, como fazem os computadores legais. Logo o *site* do DEA preenche a tela: Desaparecidos em Ação. Cheio de crianças desaparecidas.

Foi quando perguntei ao Mac sobre Robert que ele me mostrou esse computador pela primeira vez. Robert, o filho da minha mãe que está no memorial do colégio como tendo sido morto em um ônibus com trinta outros alunos no meio de um ataque do TAG. Mas Mac também estava lá. Ele sabe que Robert não morreu no ônibus, e acha que ele provavelmente foi Reiniciado. Foi quando ele estava me mostrando no DEA quantas crianças desaparecem sem explicação neste país que vi Lucy pela primeira vez. Eu.

Preciso fazer isso, verificar novamente. Entro na caixa de busca: garota, loira, olhos verdes, dezessete anos. Clico no botão de busca.

Páginas de resultados aparecem e não demora para que eu a veja e clique em sua imagem para aumentar a visualização.

O rosto dela — meu rosto — enche a tela. Lucy Connor, dez anos de idade, desaparecida da escola, em Keswick. Já se passaram sete anos, mas ainda se pode ver que sou eu. Ela parece absurdamente feliz, sorrindo para a câmera, com seu gatinho cinza no colo.

Um presente de aniversário.

Prendo a respiração ao me dar conta. O gatinho era o presente dela — o meu presente — de aniversário de dez anos.

— Você está bem, Kyla? — pergunta Mac.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Nunca tinha tido uma lembrança assim; a vida de Lucy era apenas uma imagem em minha mente. Sempre. Fragmentos de sonhos. A maioria pesadelos horríveis, até o sonho sobre o jogo de xadrez da outra noite. Mas os sonhos acessam o inconsciente. Desta vez eu estava acordada. Ela deveria ter desaparecido, por completo; foi o que Nico disse. O que isso pode significar?

Mac coloca a mão sobre a minha.

— O que foi?

— É que por um instante achei que me lembrei de algo. Aquele gatinho — suspirei. — Devo estar ficando louca.

— Você mudou de ideia sobre o DEA? — ele pergunta e olha para a tela. Eu acompanho seu olhar. Há um botão para "encontrado". Um clique com o *mouse* e eu poderia descobrir. Quem deu queixa do desaparecimento de Lucy? Talvez meu pai. Talvez possamos jogar xadrez novamente.

Balanço a cabeça. Não. Minha vida já é bagunçada o suficiente, e, a não ser por alguns fragmentos de sonhos, não sei nada sobre minha família real. De qualquer forma, não posso arriscar que o R. U. Livre ou os Lordeiros me sigam e cheguem até eles. Eles estão melhor sem mim.

Hora de ir ao assunto que me levou até ali.

— Você está envolvido com o DEA?

— Eu sou mais um... propagador do que qualquer outra coisa. Por quê?

— Eu estava pensando. Você poderia colocar o Ben no DEA?

Mac olha para mim. Ele sabe a história de Ben, mais ou menos. Mesmo que ele não saiba meu papel nisso tudo. Que Ben foi levado pelos Lordeiros. Ele deve pensar que será uma perda de tempo, que não sobrou nada de Ben para ser encontrado. Ele provavelmente está certo.

Mas ele concorda.

— Claro. Você tem uma foto?

— Não. Mas eu tenho isto — digo, tirando do bolso o desenho que fiz. Levei horas, para que ele ficasse o mais realista possível. — Você acha que está bom o

bastante?

Ele assovia.

— É mais do que bom; é ele. É perfeito. Mas tenho de escanear, e não tenho como fazer isso aqui. Vou pedir ao Aiden. Tudo bem?

Forço uma reação em meu rosto, escondendo o desânimo.

— Obrigada — é tudo o que eu digo. O amigo de Mac, Aiden, foi quem deu a Ben a ideia de cortar o Nivo. Foram as pílulas da felicidade de Aiden que tornaram aquilo possível. Também foi ele quem quis que eu me reportasse como encontrada para o DEA, o que seria quebrar uma das regras dos Reiniciados, e o que certamente me levaria à sentença de morte se os Lordeiros descobrissem. Ele disse que não era um terrorista, mas um ativista, tentando mudar as coisas de outra forma.

Um inútil.

Talvez. Mas ao menos ele não mata pessoas. Mais cedo, ao pensar no Robert, me lembrei de todos aqueles estudantes que morreram. Atingidos por bombas do TAG destinadas aos Lordeiros. Tive pesadelos com aquele ataque ao ônibus quando soube disso, mas eu não poderia ter estado lá! Eu tinha apenas dez anos de idade quando aquilo aconteceu.

Mas pode ser que Nico estivesse.

Não. Nico jamais faria aquilo, não em um ônibus escolar cheio de crianças. Ele não faria. Sua luta é contra os Lordeiros. *Minha luta*.

Convenço Mac de que estou bem e ele me deixa sozinha para que me recomponha. Fico olhando para Lucy na tela. O que houve com ela? Não consigo entender. Num minuto ela é uma garotinha feliz com um gatinho e um pai que a deixa ganhar no xadrez. E no minuto seguinte? Balanço a cabeça. A menina de dez anos desaparece e então, de alguma maneira, há um enorme salto, um vazio no tempo. As memórias de Chuva não começam até os catorze anos, treinando com Nico e outros adolescentes, em algum acampamento na floresta. Aprendendo a atirar e explodir as coisas.

O que houve com ela nos quatro anos antes de ser levada para aquele lugar?

Amy e Jazz voltam de sua caminhada. Ao sair, toco na coruja que a mãe de Ben fez para mim. Ela guarda um segredo em seu interior. Um bilhete de Ben, ainda escondido ali. Sabendo para onde olhar, posso ver a pontinha branca, o canto do papel que, se puxado, revela as últimas palavras dele para mim. Mas não consigo suportar olhar para isso, não hoje.

Mac segura Skye quando ela tenta vir conosco. Olho para trás. Seus olhos ternos nos seguem até que ela esteja longe de vista.

Árvores verdes, céu azul, nuvens brancas, árvores verdes, céu azul, nuvens brancas...

Mas diferente.

Campos de grama alta. Margaridas. Tantos detalhes, movimentos e sons, como nunca vi antes. Árvores, mas não por baixo: galhos altos passam por mim conforme mergulho. Um barulhinho sugere que haja um camundongo por ali, mas, quando me aproximo, ele desapareceu.

Não faz mal.

Bato minhas asas e subo novamente, o sol aquece minhas penas. Eu deveria me esconder, esperar pela escuridão para caçar melhor.

Mas quero voar até o sol. Deixar esta terra para trás. O quão alto posso voar? Voo a céu aberto: planando em uma massa de ar quente, depois bato as asas para alcançar a próxima. Praticamente não me esforço, subo cada vez mais alto. Posso voar para sempre.

As árvores se fundem com os campos e formam um verde uniforme. É quando acontece. Primeiro um senso cada vez mais forte de obstinação, que faz com que minhas asas trabalhem mais. Depois uma armadilha. Como se meu corpo estivesse dentro de uma caixa em forma de coruja que gradualmente se comprime e diminui, ficando mais apertada e pesada, não importa o quanto eu lute. Até que não é mais carne e asas dentro de uma armadilha, mas tendão e sangue e músculo, todos se afinando lentamente, enrijecendo. Transformando-se em metal. A armadilha não está a minha volta. A armadilha sou eu.

O céu não é mais meu amigo. O ar passa assoviando, e as árvores se aproximam rapidamente. Começo a cair, cair, cair...

CAPÍTULO 14

Na manhã seguinte, mamãe está nos levando de carro pelas ruas de Londres, que agora vejo com outros olhos.

Vejo o perigo. Próximo ao hospital há Lordeiros de uniforme preto em cada esquina. Estão em dupla ou trio: há mais deles agora do que da última vez que estivemos ali. Com metralhadoras. Vejo os sinais de conflito: janelas lacradas, prédios destruídos e abandonados entre outros cheios de vida. E, acima de tudo, vejo os danos reais, os olhos de um povo massacrado. Na forma como seus cidadãos se controlam, para onde eles olham, para onde não olham. É bem pior em Londres do que no interior.

— Tudo bem? — pergunta mamãe, e eu faço que sim. — Seu pai estará em casa quando voltarmos; ele ligou mais cedo — ela fala com casualidade, tanta casualidade que parece planejado.

— Há algo errado? — pergunto, as palavras saindo antes que eu possa impedi-las.

— Por que pergunta?

— Você fica engraçada quando fala dele, só isso — e lembro como ela mudou de assunto da última vez em que o nome dele foi mencionado.

Ela não responde, seus olhos estão direcionados para o trânsito em frente; começo a achar que ela não irá responder.

— Coisas de adultos — ela suspira. — É complicado, Kyla — é tudo o que ela diz.

Seguimos em silêncio até que o hospital surge à nossa frente. Uma enorme ferida na paisagem, entre prédios antigos e ruas sinuosas: uma monstruosidade moderna. Esse hospital é um símbolo do poder dos Lordeiros: é um alvo óbvio, onde o processo de Reiniciação ocorre.

Estudo os números e as posições das torres no perímetro. Prometi a Nico mapas precisos de dentro e de fora. E é o que vou fazer. Qualquer um poderia fazer anotações sobre aquele lugar, e tenho certeza de que isso já aconteceu. O mesmo para a organização interna. Alguém do corpo médico ou outro funcionário poderia ser comprado. Nico quer confirmação de olhos que ele tenha

treinado; olhos em que confia. Os meus.

Seguimos para a entrada principal e entramos na fila. Lordeiros revistam os carros junto aos portões. Os visitantes são obrigados a sair e passar a pé por um detector de metais antes de voltar para o carro e dirigir até o estacionamento.

Sinto meu estômago dar voltas. E se Nico estiver errado e o comunicador da parte interna de meu Nivo não for indetectável? Talvez eu devesse tê-lo tirado antes de vir. Será que é possível tirá-lo? Eu não tentei.

Seguimos em frente devagar. Finalmente é a nossa vez; o Lordeiro deste lado do portão ergue a mão para pararmos. Ele faz um gesto de deferência para mamãe, como filha do Lordeiro herói: a mão toca o coração, depois se ergue. Um ar de desculpa em seu rosto por desta vez termos de obedecer, como todo mundo.

Saímos do carro; meus pés são como chumbo quando ando até o detector de metal. Um alarme dispara quando me aproximo, e quase entro em pânico, até me dar conta de que se trata de meu Nivo. Um Lordeiro com um escâner de mão me faz estender os braços e o passa pelo meu corpo. O aparelho apita novamente próximo ao meu Nivo, e o homem me faz sinal para seguir em frente.

Foi só isso? Por dentro, solto um suspiro. Não é óbvio que o único local para se esconder metal em um Reiniciado é no seu Nivo? E se fosse um explosivo?

No entanto, o comunicador está bem disfarçado. Se eu não soubesse que ele está aqui, eu não conseguiria encontrá-lo ao tocar. E acho que não seria possível ter algo assim na maioria dos Reiniciados. Se o Nivo deles estiver funcionando direito, colocar o comunicador causaria dor e queda dos níveis.

Retornamos para o carro e damos uma volta no hospital para estacionar. Meus nervos estão à flor da pele: será que passo pela inspeção da doutora Lysander? Eu a vejo todo sábado; ela vasculha minha mente. Faz uma sondagem, buscando por frestas. Lugares onde sou diferente dos outros Reiniciados.

E estou *tão* diferente agora. Como disfarçar isso?

Ela é inteligente, a pessoa mais esperta que já conheci. Ela vê o que tentamos esconder.

Simples. Não esconda nada. Fale com ela sobre a terrorista dentro de você.

Ah, claro.

Eu preciso ser Kyla, a garota que ela conhece, e apenas ela. Ninguém mais. Foco, me concentro, penso em Kyla.

— Kyla? — doutora Lysander está de pé em frente à porta de seu escritório.

— Entre.

Eu me sento na cadeira oposta à mesa dela, feliz pela porta fechada atrás de mim: há um guarda na sala de espera como da outra vez. Eles devem estar em alerta para o caso de um novo ataque.

Quando o último aconteceu — muitas semanas atrás —, a doutora Lysander foi arrastada dali ao primeiro sinal de problema. Ela desapareceu antes que os terroristas viessem com sua matança. Um deles me apontou uma arma e seu colega lhe disse para não desperdiçar uma bala em uma Reiniciada. Para onde a levaram e a esconderam tão depressa?

Ela dá alguns toques na tela de seu computador. Olha para cima.

— Você parece pensativa. Talvez possamos começar hoje com você me contando o que a preocupa.

A verdade, mas não muito; mentir para a doutora Lysander é por sua conta e risco.

— Eu estava pensando em toda a segurança que vimos pelo caminho até aqui.

— Ah, entendo. Isso preocupa você?

— Sim.

Hoje, realmente isso me preocupou.

— E por que você acha que isso acontece?

— Eu me sinto como se eles fossem me arrastar e prender.

— Consciência pesada? — ela ri, pensando ser engraçado. Reiniciados nunca fazem nada errado. Quase nunca, mas... e Ben? De qualquer forma, se ser Reiniciado significa não oferecer perigo a si mesmo nem aos outros, então por que somos observados e monitorados com tanto cuidado?

E sou diferente. Agora ainda mais, mas eu sempre fui. É por isso que ela é minha médica? A doutora Lysander é famosa; a inventora do processo de Reiniciação. Em todas as vezes em que a encontrei, nunca houve outro paciente em sua sala de espera. E, mesmo sem entender o motivo para eu ser diferente, ela de alguma forma sabe que há algo errado, e tenta descobrir como e por quê. Nem mesmo ela é capaz de compreender o grau de diferença, as implicações. A bomba-relógio que eu era, que sou.

Uma bomba terrorista, como aquela que atingiu o ônibus de Robert.

Meu estômago dá voltas.

— O que foi, Kyla? Me diga o que está incomodando você.

— O ataque terrorista que houve aqui — respondo.

Ela inclina a cabeça para o lado, analisando minhas palavras.

— Você ainda está pensando naquele dia? Não tenha medo. Você está a salvo aqui, eu garanto. A segurança aumentou consideravelmente — a forma como ela diz isso: ela pensa que eles irão longe, sendo tão cautelosos. Ela está errada.

Descubra.

— Você está falando dos novos portões de segurança pelo qual passamos a pé?

— Sim, entre outras coisas. Coisas tecnológicas. O hospital está totalmente protegido.

Como?

Mas não posso perguntar. Curiosidade excessiva não é uma característica de um Reiniciado.

Então eu vejo. Noto que o telefone e o interfone que estão sobre a mesa mudaram: não são mais sem fio, muito pelo contrário. O computador também: uma serpente de fios desce por ele e passa por toda a sala, atravessando a parede em um canto. Mas isso não é uma tecnologia antiga?

Ela digita algo na tela. E olha para mim.

— Recebi relatórios conflitantes do seu colégio.

— É?

— Aparentemente você tem estado tanto distante e deprimida, quanto feliz e transbordando energia, às vezes, tudo ao mesmo tempo — ela dá um risinho. — Se importa de me explicar isso?

— Eu não sou a mesma pessoa o tempo todo — a coisa mais verdadeira que disse até agora.

— Ser adolescente pode ser duro às vezes. Ainda assim, gostaria de agendar alguns exames, ver como estão as coisas. Talvez na próxima vez.

Eles devem conseguir ver que os padrões de memória mudaram. Exames devem ser evitados!

Mas como?

Doutora Lysander fecha o computador, cruza as mãos e me olha.

— Me diga, Kyla. Você tem pensado ainda nos assuntos que conversamos nas últimas visitas?

— Como assim? — tento ganhar tempo.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Estávamos falando sobre ser diferente. Um desvio. O que está acontecendo dentro e fora de você que foge do comum. Você disse que pensaria a respeito e conversaria comigo.

Dê algo a ela.

— Às vezes... — engulo em seco. — Acho que me lembro de coisas. Que não deveria lembrar.

Ela reflete.

— Isso não é incomum com os Reiniciados. É humano abominar o vazio, a ausência de acessibilidade da memória. Inventar coisas para preenchê-la. No entanto...

Ela faz uma pausa, pensativa.

— Me diga do que se lembra.

Sem querer, sem pensar ou escolher algo real ou inventado, vou direto para o tema que quero guardar comigo e não dividir. A doutora Lysander causa esse efeito.

— Me lembro de jogar xadrez com o meu pai. Meu pai verdadeiro. Foi há muito tempo, minhas mãos são pequenas. Eu era muito nova.

— Me fale sobre isso — ela pede, e eu obedeço. Conto tudo.

A sensação da torre em minha mão. A sensação de calor e segurança quando acordei.

— É apenas um sonho, provavelmente — ela diz.

— Talvez. Mas foi tão detalhado. Parecia tão real.

— Os sonhos podem ser assim às vezes. De qualquer forma, fico feliz que tenha deixado os pesadelos de lado — ela sorri e olha para o relógio. — Quase na hora — ela diz. — Há algo mais que queira falar?

Deixe-a curiosa.

Hesito um instante. Depois balanço a cabeça.

— Tem alguma coisa: me conte.

— Foi um pouco antes desse sonho, eu estava jogando xadrez. E fiquei pegando a torre, para senti-la.

Ela se inclina para a frente.

— Você se sentiu atraída para segurá-la?

Fiz que sim.

— Isso é interessante. Talvez um resquício de memória física? Que desencadeou o sonho, uma invenção do subconsciente, mas, ainda assim, muito interessante.

— Não entendo. Se uma memória se foi, se foi. Não é? — eu sei que deveria deixar isso de lado, não deveria fazê-la dar muita atenção a isso, mas não posso evitar. *Eu quero saber.*

— Isso é o que a maioria das pessoas acha que acontece aos Reiniciados. Mas não é muito preciso — ela se recosta. — É mais ou menos isto, Kyla: sua capacidade de acessar conscientemente as memórias é que foi destruída. As memórias ainda estão lá, você só não consegue alcançá-las.

Ainda estão lá? Presas como Chuva atrás da parede. Isso significa que Lucy está em algum lugar dentro de mim ainda, gritando para sair? Dou de ombros.

— É por isso que as coisas aparecem nos sonhos? Minha mente consciente não chega até lá, mas quando durmo... — eu paro, não gosto do rumo que isso está tomando; não gosto do que ela pode pensar. Reiniciados não têm memórias, acordados ou dormindo. Têm?

— É muito raro isso acontecer. É muito mais provável que seus sonhos sejam inventados nessa sua imaginação fértil — ela tamborila os dedos na mesa por um momento. — Vamos deixar os exames para lá. Por enquanto. Agora vá.

Só depois de voltar ao carro com minha mãe e depois de nos afastarmos do hospital, consegui pensar direito. O que houve? Num minuto a doutora Lysander queria exames, no outro não queria mais.

Se estou acessando antigas memórias, e esses caminhos aparecem nos exames, ela não teria escolha a não ser me denunciar. Eu seria exterminada.

Mas, se a doutora Lysander percebe que algo deu errado com a minha Reiniciação, o que ela pode fazer? Penso em nossa conversa, o que foi dito, e não dito; as expressões do rosto dela. Tudo o que pude perceber é que ela está curiosa.

Ela não pode me estudar se eu estiver morta. Ela quer saber o que me faz funcionar.

Funcionar fazendo tique-taque como uma bomba.

CAPÍTULO 15

O carro de papai está em frente de casa quando chegamos. Ele e Amy estão de braços dados no sofá segurando xícaras de chá quando entramos.

— Minhas outras duas garotas! — ele diz, sorrindo e estendendo uma mão. Eu vou até ele. — Dê um beijo na bochecha do seu pai — ele diz, e, sem alternativa, obedeço.

Ele está de bom humor hoje.

— Sente-se, Kyla. Vou fazer alguma coisa para a gente beber — diz mamãe, entrando na cozinha. Nada de beijos na bochecha da parte dela.

Lá vem a tortura.

— E então, como está no colégio?

— Legal.

— Quem é esse garoto novo sobre o qual tenho ouvido falar? — ele pisca um olho.

Eu me viro para Amy. *Muito obrigada*, digo com os olhos. Mas ela apenas sorri, desviando-se do olhar que lanço a ela.

Amy não parece entender que algumas coisas devem ser ditas, outras não. Logo quando cheguei aqui, costumava ser eu a ter esse problema em relação a ela e Jazz, antes de eles terem permissão oficial para se encontrar. Mas, quanto mais eu entendo, menos compreendo o que há com Amy.

— Que garoto novo?

— Cameron, é claro — ela solta uns risinhos.

— Ele é só um amigo, nada demais. O tio dele faz bolos incríveis.

— Você podia fazer um bolo para nós de vez em quando — ele diz, falando na direção da cozinha. Mamãe não responde, mas xícaras de chá batem umas nas outras na bancada.

— Onde você estava? — pergunto, antes que ele me faça outra pergunta.

— Ah, aqui e ali. Trabalhando, sabe — ele sorri; percebo que ele está muito satisfeito, e qualquer coisa que o anime tanto assim me deixa nervosa.

Alguém bate à porta quando mamãe chega com nosso chá. Ela se vira para atender, mas papai se adianta.

— Pode deixar.

Ela se largou numa cadeira de braço, as mãos segurando a xícara com força. Ela não está *nem um pouco* feliz.

Sebastian está dormindo no sofá preto. Eu o pego e coloco no meu colo. Ele protesta sonolento e então se larga, seus olhos encontram os meus. Um sorriso sem graça. Terapia felina.

— Ora, ora, vejam quem está aqui — papai retorna, seguido por Cam. Eu resmungo internamente. Ele é um mestre da hora certa.

Ele tem um capacete de ciclista pendurado na mão.

— Está um dia lindo; quer dar uma volta de bicicleta? Você pode usar a da minha tia se não tiver uma.

Um pretexto?

Melhor parecer neutra.

— Acho melhor eu ficar. Papai acabou de voltar.

— Não, não; pode ir — diz papai. — Divirta-se — ele sorri, amigável, aberto, atencioso. Esse é o mesmo pai que ameaçou me entregar aos Lordeiros quando Ben desapareceu?

— Você pode pegar minha bicicleta no barracão — oferece mamãe. — Não se esqueça de usar capacete.

Meu pai nos acompanha até a porta.

— Você pode pegar a bicicleta de Kyla? — ele pergunta para Cam, apontando o barracão ao lado da casa. — Ela já vai encontrar você.

Cam faz o que ele disse, e papai e eu ficamos sozinhos no *hall*. Agora vêm as recomendações?

— Kyla — ele começa, sorrindo. — Acho que começamos com o pé esquerdo. Se eu pareci muito duro antes, foi apenas porque estava preocupado que você se metesse em confusão. Você sabe que estou aqui por você, para ajudá-la no que precisar. Não sabe?

— Claro — respondi, surpresa. Ele está sendo mais pai agora do que no início, quando cheguei aqui. Será que está arrependido de suas atitudes exageradas?

— Pode ir. Tenha uma ótima tarde — ele diz, abrindo a porta.

— Acho que não sei andar de bicicleta — digo a Cam, mas, ao segurar o guidão e levá-la pelo jardim até a rua, percebo que sei.

Cam coloca sua bicicleta na grama e segura a minha bem reta. Ele me ajuda a subir e pedalar lentamente na calçada enquanto acompanha, com a mão no guidão. Eu rio e pedalo com mais força, até ele cair para trás. Desço o meio-fio e continuo pela rua.

Mais rápido!

Mas mantenho a velocidade até que ele pegue a bicicleta dele.

— Você aprende depressa!

Eu rio.

— Vamos ver quem consegue pedalar mais rápido — e começo.

O dia está fresco, o céu limpo. O ar ameno de novembro toca meu rosto e corpo, mas pedalo rápido o suficiente para me aquecer. Liberdade!

Me seguro um pouco para que Cam me alcance. Quando começamos a subir uma colina, ele grita para pararmos um pouco e descansar. Eu desvio para uma trilha ao lado da estrada e paro.

Ele respira ofegante quando me alcança.

— Você não apenas está em forma, Kyla. Você ARRASA! — ele fala com dificuldade.

Eu rio. Nós largamos as bicicletas na grama e nos sentamos em um muro de pedra em ruínas. Desse lugar alto podemos ver a zona rural de Chiltern se desdobrando em todas as direções: uma área de inacreditável beleza natural, pelo menos é o que dizem.

Lucy desapareceu do Distrito de Lake: deveria haver montanhas onde ela morava, e não apenas colinas. Uma vez, sem estar prestando muita atenção no que eu estava desenhando, fiz uma imagem dela com montanhas atrás. Mas, se eu tentar pensar nelas de propósito, não consigo nada. Seria outra memória presa dentro de mim?

— Está tudo bem? — pergunta Cam, me encarando com curiosidade, e eu me pergunto quanto tempo estive olhando para o nada.

— Desculpe. Sim, tudo bem.

Olho para ele e me dou conta de algumas coisas. Ele me olha nos olhos; está sentado bem perto. E eu gosto disso. Mas de repente, do nada, eu não gosto.

Me afasto um pouco e olho em direção às colinas.

— Escute, Kyla. Acho que precisamos conversar.

— Sobre o quê?

— Sobre Ben.

Ouvir esse nome me fere por dentro.

— O que você sabe sobre isso?

— Que ele desapareceu. Ouvi algumas coisas, que você esteve envolvida de alguma forma. O que houve? Você pode me contar. Ninguém pode nos ouvir aqui.

Fecho meus olhos com força. Há uma parte de mim que anseia falar sobre isso, contar tudo. Ele irá entender. O pai dele foi levado pelos Lordeiros, não foi?

Há uma outra parte de mim — Chuva — que diz *não*. Não confie. Não confie nunca.

Balanço a cabeça e olho para Cam novamente. Parece desapontado.

— Bem, se você quiser falar, estou aqui. Já entendi uma outra coisa.

— O quê?

— Nós somos amigos, e isso é tudo. Não se preocupe. É óbvio que você ainda está sofrendo por causa desse outro cara. Não vou forçar nada. Está bem?

Olho para ele novamente, e tudo que vejo é preocupação de amigo.

Até parece.

Mas vou acreditar nele. Por enquanto.

— Amigos, então? — digo, sorrindo, e estico minha mão.

Mais tarde, à noite, a casa está em silêncio. Papai se foi. Ele jantou conosco, mas, quando eu e Amy subimos para dormir, ele e mamãe discutiam na cozinha. As vozes estavam baixas, mas dava para perceber o tom. Depois o telefone tocou e ele saiu.

Sinto compulsão para desenhar: o hospital, as torres, os novos seguranças nos portões, tudo começa a tomar forma no papel. Estou curiosa sobre os computadores e telefones com fio. Mamãe disse que seu celular não funcionou lá hoje, e, quando perguntei, ela disse que sempre funciona.

Meu Nivo tem seus próprios segredos: será que o comunicador teria funcionado lá, se eu tivesse tentado? Eu o giro e não sinto nada. Morto, como tem estado desde que minhas memórias voltaram.

Algumas memórias, na verdade. Embora eu tenha me lembrado do gatinho do

aniversário. Eu não teria como me lembrar, se Lucy tivesse realmente desaparecido como Nico disse, não é? Olho para minha mão esquerda, movo os dedos, aqueles que foram quebrados, assim como fui por dentro. Uma mão é uma coisa; o que seria necessário para partir uma pessoa ao meio? Estremeço ante a visão de um tijolo e aperto meus dedos com força.

Talvez, se eu não tivesse visto Lucy no DEA, suas memórias teriam continuado escondidas. Nico deve saber mais, mas algo dentro de mim diz: *não pergunte*. Ele ficou meio estranho quando perguntei sobre Lucy — meio surpreso por eu saber quem ela era, mas não era só isso.

Ele disse que fez aquilo tudo para me proteger, porque eu era especial: ele se esforçou para ser gentil. Mas por que eu sou especial? Por que ele me arrastou para essa nova vida? Não consigo imaginar nada que eu possa fazer pelo R. U. Livre que valha o esforço. Deve ser outra coisa. Preciso descobrir.

Eu hesito. Por que não? Deslizo da cama e fecho a porta do quarto. Toco o botão sob o meu Nivo. Passam-se alguns segundos.

Ouço um clique bem baixo.

— Sim? — ele atende.

Sinto um arrepio ao ouvir sua voz dizer onde devo encontrá-lo amanhã. Estou animada para encontrá-lo, ridiculamente animada. Noto que ele não está mais chateado por eu ter largado Tori com ele. Ele parece feliz, relaxado, e eu estou tão aliviada. Ouço a risada de Tori do outro lado.

CAPÍTULO 16

— Tem certeza de que não se importa? — mamãe aguarda na saída de casa, com o guarda-chuva na mão.

— Tenho. Pode ir.

Mamãe vai para a casa da tia Stacey para um longo almoço de domingo: uma amiga veio buscá-la, com uma garrafa de vinho na mão. Ela não vai voltar tão cedo. E Amy foi passar o dia com a família de Jazz. Uma casa vazia, sem necessidade de fugir.

Penso em ligar para Nico e pedir a ele que me pegue em algum lugar por perto, mas desisto. Está chovendo um pouco, e é improvável que ele seja compreensivo.

Procuro por capas de chuva no andar de cima quando ouço batidas na porta da frente.

Olho pela janela, encolhida em um canto fora de vista. Consigo perceber que é Cam debaixo daquele guarda-chuva.

É difícil se livrar dele. A casa está quieta e às escuras. Vou deixá-lo pensar que não estou aqui. Espero em silêncio até que ele acaba desistindo e atravessa a rua.

Dobro os desenhos que fiz para Nico na noite passada, os mapas do hospital. Embrulho em plástico para que não se molhem e os coloco num bolso interno da roupa.

Mordo uma caneta por um momento e então deixo um pequeno recado: “Saí para uma caminhada” — para o caso de mamãe ou Amy chegarem cedo em casa e não entrarem em pânico ou ficarem preocupadas.

Acho melhor sair pelos fundos, pois Cam pode estar de guarda e querer saber por que não atendi a porta. Mas a saída dos fundos não é convidativa com esse tempo. Suspiro. Já do lado de fora, caminho pelo nosso longo jardim lamacento e alagado, depois avanço para a cerca espinhenta e me desvencilho do arbusto para chegar ao caminho que dá a volta até o fim da rua.

— Você está encharcada — diz Nico, me fazendo esperar na chuva enquanto pega uma toalha no banco de trás e a coloca sobre o banco do carona.

O carro anda e seguimos em silêncio, exceto pela música baixa no som.

Clássica. Eu não imaginava que Nico gostasse, mas, afinal, o que eu sabia sobre Nico de verdade, como pessoa?

— Está tudo bem, Chuva? — ele pergunta.

Balanço a cabeça afirmativamente.

— Sim. Só estou exausta; as últimas semanas têm sido difíceis.

Ele ri.

— Você está ficando mole. O que você precisa é de uns dias de curso de resistência na floresta.

— Está bem: irei se você for.

Ele balança a cabeça de um lado para o outro.

— Se pudéssemos. Aquela foi uma boa época, não foi, Chuva? Com os Corujas.

Meus olhos se arregalam. *Corujas*. Era assim que éramos chamados, o nome secreto da nossa equipe. Era por isso que eu era tão fascinada por corujas? Por desenhá-las e segui-las, não importa para onde me levassem? Imagens flutuam em minha mente.

Os Corujas eram os melhores!

Havia sete de nós. Bem, na verdade, oito, mas uma morreu cedo em um acidente com explosivos, e eu evitava pensar nela. Três garotas e quatro garotos. Eu era a mais jovem, menos de quatorze anos quando me juntei a eles. O mais velho tinha quinze anos. Éramos muito unidos: melhores amigos, ferozes competidores. Deixamos para trás nossas identidades originais e escolhemos nomes novos ligados à floresta quando nos unimos: o meu era Chuva. Um rosto surge diante de meus olhos, e desaparece. Quem era ele? A melhor coisa que havia até que... até que... alguma coisa saiu errada. E então ele passou a ser o pior. O que aconteceu? As memórias falhavam.

— O que houve com todo mundo?

Ele olha para os lados.

— Alguns foram capturados, como você, e provavelmente Reiniciados. Outros morreram em missões. Quer saber quem...?

— Não. Não me diga — eu o interrompo. — Não quero saber quem morreu, me lembrar de seus nomes apenas para saber que eles se foram.

— Eles lutavam por aquilo em que acreditavam — ele diz. — É uma morte boa.

É fácil dizer isso quando se está vivo.

Chegamos à casa de Nico debaixo de chuva. Começo a me afastar da porta do carro e Nico me segura por trás.

— Não saia pingando por toda parte — e eu sacudo o casaco e as botas, ainda molhada e tremendo.

Tori está no sofá, enroscada, lendo, aquecida e seca. Seus arranhões e hematomas estão menos aparentes e seu cabelo escuro está brilhante.

— Oi — ela diz, voltando-se para seu livro.

Eu não sei exatamente o que esperar de Tori. Nunca fomos amigas. Ela não gostava muito de mim antes, e isso provavelmente tinha algo a ver com Ben. Mas mesmo assim eu arrisquei meu pescoço para salvar o dela, então, de alguma forma, eu esperava mais do que isso.

— Tenho de fazer algumas ligações. Por que vocês duas não colocam as notícias em dia? — diz Nico, que desaparece pelo corredor.

Eu me apoio na ponta do sofá.

— E então, como estão as coisas?

Ela dá de ombros.

Tento mais algumas vezes, mas não chego a lugar algum. De certo modo, eu quero quebrar esse gelo. Quero saber como ela se livrou do Nivo. Depois do que houve quando cortei o de Ben... Estremeço. Talvez ela saiba como sobreviver a isso. Talvez ela saiba se há alguma chance de ele estar vivo.

Ben: é essa a maneira de chegar até ela.

— Skye está viva.

Os olhos dela se arregalam.

— A cadela de Ben? Onde ela está?

— Ela está... — começo a dizer, mas paro, não sei se devo dizer o nome de Mac. — Ela está com o primo de um amigo.

— Ben amava aquela cadela — ela diz, os olhos lacrimejantes. Depois os ergue novamente. — Ben me amava — ela diz, um tom de desafio em sua voz.

Não há nada a ganhar com discussões do tipo *ele amava a mim, não a você*. Ela está sofrendo. Deixe-a guardar a memória que quiser.

— Você sabe o que houve com o Ben? — pergunto.

Ela abaixa a cabeça. Depois faz que sim.

— Nico me disse que ele cortou o Nivo e os Lordeiros o levaram. Mas não compreendo. Por que ele faria isso? Ele nunca foi do tipo que fazia perguntas, não fazia nada para se meter em apuros. Por quê? Se ao menos eu estivesse lá. Eu poderia tê-lo impedido.

Não digo nada, mesmo com vontade. Tenho medo da reação dela se eu lhe disser que eu estava lá. Como ela não perguntou sobre isso, Nico não deve ter contado a ela essa parte da história. Ela não sabe o quão próximos eu e Ben éramos.

— O que Ben disse quando eu desapareci? — ela pergunta.

E eu me lembro que ele não se deu conta disso no início. Até que eu perguntasse a ele onde ela estava e então ele tentou descobrir. Mas ela não precisa saber disso.

— Ele foi ver a sua mãe.

— Ele foi? Ele lhe disse o que houve?

Eu hesito.

— Se sabe de alguma coisa, me diga. Por favor. Preciso saber — ela segura minha mão. A minha está fria, e ela coloca sua manta sobre nós duas.

— Tudo bem — eu digo, me aconchegando. Conheço a agonia de querer saber as coisas e não conseguir. — Ben disse que perguntou a ela onde você estava e ela disse que você não morava mais lá. Acho que ele pensou que ela queria dizer que você tinha ido morar com seu pai em Londres.

Ela fungou.

— Até parece. Ela não me deixaria chegar perto dele. E depois, o que houve?

— Ela disse que você tinha sido devolvida.

— Devolvida? Que palavra engraçada para isso. — Ela abaixa a cabeça.

— O que houve, Tori?

— Bem, eles não colocaram uma etiqueta “devolver ao remetente” em minha testa e deixaram na caixa do correio. Uma noite, mamãe estava fora, e eles vieram e me levaram. Eu estava dormindo. De repente aqueles dois Lordeiros estavam no meu quarto e me arrastaram com eles.

Coloquei a mão em seu ombro, mas ela a afastou.

— Ela falou isso? Que eu fui devolvida? — os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Desculpe, eu não devia ter dito nada. Desculpe.

Tori se curvou e colocou a cabeça entre os joelhos.

— Costumávamos ser tão amigas, mamãe e eu. Quando fui morar lá, ela costumava me vestir com roupas parecidas com as dela. Me levava para todas as festas com as amigas. E então, no ano passado, tudo acabou. Foi como se eu exigisse tanta atenção dela, que ela não me queria por perto.

Como uma boneca com que ela não queria mais brincar.

Tori balança a cabeça de um lado para o outro. Sua voz sai entre soluços:

— Eu gostava de ser o centro das atenções; eu pregava peças nas amigas dela. É minha culpa, eu não devia ter feito isso! Mas ainda assim. Uma parte de mim... realmente esperava... quero dizer, eu nunca pensei que ela fosse fazer isso. Eu me perguntava se ela sabia o que aconteceu comigo, entende? Se ela estaria chorando por eu estar desaparecida e... — ela joga o livro do outro lado da sala. — Aquela vaca — ela diz.

Ela se descobre e vai até a cozinha, mancando.

— Chá? — ela pergunta.

— Ah, sim.

Ela remexe as xícaras, sem cuidado. Nico aparece por uma porta do corredor, um olhar tranquilo em seu rosto. De curiosidade.

— Está tudo bem?

Mas ele não pergunta isso para mim. Vai direto para Tori e coloca a mão em suas costas. E está lá, nos olhos dela: ela já o adora.

Ela balança a cabeça, dizendo que sim.

— Estou bem. Obrigada, Nico. Você quer chá?

— Mais tarde — ele responde, e se vira para mim.

— Quando terminar, venha conversar comigo no escritório — e desaparece pelo corredor.

Ela o chamou de Nico. Ele deve ter dito a ela que John Hatten não é seu nome verdadeiro. Como é que ela fez isso? Nico não confia nas pessoas, não confia. Foram meses de tortura e treinamento na floresta até que ele *começasse* a confiar em mim. E então ele tinha dito a ela seu nome verdadeiro.

Balanço a cabeça.

— Açúcar? — ela pergunta.

— Olha, eu não estou com muita sede.

— Você quem sabe — ela coloca minha xícara na pia, pega o livro do chão e começa a ler novamente, com o chá na outra mão.

Havia tantas outras perguntas que queria fazer a ela. Como conseguiu fugir dos Lordeiros? O que houve com o seu Nivo?

Mas ela se fechara novamente. A conversa tinha acabado.

Bato à porta de Nico.

— Entre.

Abro a porta. Há um sofá, uma mesa com um computador saindo de um compartimento dela. Deduzo que o aparelho desapareça no interior da mesa de uma forma inteligente, como se não existisse. Prateleiras aparentemente cheias de livros de biologia. Para manter o disfarce de professor.

E ali está Nico. Ele sorri.

— Mostre-me o que você conseguiu.

Tiro os desenhos do hospital do meu bolso interno. Ele os desdobra em uma mesa baixa em frente ao sofá, acena para que eu sente ao seu lado. E começa a me interrogar sobre as posições e defesas desenhadas, além da segurança da entrada.

— Você já deve saber de tudo isso.

— A maior parte. Mas a segurança da entrada foi reforçada. Mais alguma coisa?

— Acho que há algo novo. Uma pessoa disse que há defesas tecnológicas.

— Algum detalhe?

— Não. Mas os telefones e computadores mudaram. Agora têm cabos e fios que entram pelas paredes. E o telefone da minha mãe não funcionou lá. Ela disse que sempre funciona.

— Interessante. Será que instalaram bloqueadores de sinal por todo o hospital? Os comunicadores serão inúteis.

— E controles remotos?

Ele me olha sem entender.

— Como os explosivos detonados por controle remoto.

Ele sorri.

— Você é esperta, Chuva. É verdade. Embora nada que não possamos carregar, de uma forma ou de outra, tenho certeza.

— Há algo mais.

— O quê?

— Deve existir uma passagem secreta. No último ataque, alguns Lordeiros tiraram os médicos de vista rapidamente. Rápido demais. Como se estivessem escondidos bem à vista.

— Interessante. Você deve ficar de olho, observar. Descubra o que puder.

— Está bem.

— Talvez possamos planejar um ataque, uma ameaça, em um momento que você esteja lá, e poderá ver o que consegue.

O último ataque ao hospital vem a minha memória. Minha cabeça fica tonta e eu a balanço. Bombas. Tiros. Morte: escorregando no sangue grudento e gelado pelo chão. Meu estômago dá voltas e tenho de lutar para respirar, muito calmamente, evitando desmaiar.

— Chuva! — ele me chama, sacudindo meus ombros. — Fique comigo.

Com a pressão firme da mão dele, o calor começa a atravessar as roupas molhadas para a pele, as manchas das extremidades desaparecem. Tudo fica claro e firme.

— Sim. Farei o que você quer, qualquer coisa. Prometo.

— Bom. Minha Chuva especial! — ele me abraça e me sinto aquecida. As perguntas que eu tinha para ele desaparecem.

Ele me solta.

— Agora, vamos falar da Tori.

— O quê?

— Ela pode ser útil para nós. Vamos ver. Ela tem muita raiva; não sei se ela é capaz de aprender a controlá-la, canalizá-la. Mas lembre-se disso. Ela ainda é um risco e foi você que a trouxe. Se alguma coisa der errado, cai tudo sobre você — ele beija minha testa. — Já deve estar na hora de levar você para casa.

Naquela noite, repasso tudo em pensamento: o que foi dito e feito. E tudo ainda está confuso.

Por que sou especial para Nico e seus planos? Por que não perguntei a ele o que quero perguntar? É como se, quando estou com ele, minha vontade desaparecesse.

E, quando pensei no ataque que presenciei no hospital, eu quase a perdi. Mesmo agora, não consigo pensar nisso sem enjoar, o pânico subindo

novamente. *Sangue*. O toque de Nico — chamando meu nome, *Chuva* — e tudo passa. A calma e o controle retornam.

Sei que o hospital é um lugar ruim. O que eles fazem, roubar a mente e a memória das pessoas, é maldade. Os Lordeiros são maus. Eles precisam ser impedidos.

Eles serão impedidos.

Mas o que eu fiz antes, com Nico? E os Corujas. A lembrança do sangue no chão do hospital durante o ataque do mês passado é forte, clara. O horror que vem dali. Mas ainda nada sobre antes... nada além de um vislumbre.

O caminho de Nico é o correto. Meu caminho. É verdade, ele pode ser cruel. Ele não valoriza a vida. Não apenas as dos Lordeiros, ou transeuntes inocentes — mas mesmo a dos seus seguidores. O que foi que ele disse? Que aqueles que morreram tiveram uma boa morte.

Mas e Ben, ele teve uma boa morte, tentando se libertar de uma vida ditada pelos Lordeiros? Me encolho, parte de mim ainda rejeita a possibilidade, enquanto a maior parte está soterrada pela dor.

Na mesinha ao lado da minha cama há uma torre. A casa ainda estava vazia quando retornei esta tarde. Descansada, perambulei pelo andar inferior e encontrei um jogo de xadrez empoeirado em uma prateleira de livros. Não é tão legal quanto o da Penny; as peças são de plástico, e não de madeira. Mas peguei uma das torres e a segurei na mão. De alguma forma, era tranquilizador. Eu a mantive em meu bolso depois de mamãe e Amy voltarem para casa, e durante o jantar eu dava tapinhas no bolso de vez em quando para ter certeza de que ela continuava ali.

Agora a retiro da mesinha de cabeceira e ponho entre as mãos.

Eu corro. A cada passo, a areia escorrega sob meus pés, mas corro o mais rápido que posso. O pavor me dá forças que normalmente não tenho. Corro, mas há limites. A energia se acaba.

— Mais rápido!

Tropeço e escorrego, arfando por oxigênio. Caí em uma pilha.

Ele tenta me levantar.

Sacudo a cabeça.

— Não posso. Vá embora. Salve-se — respiro com dificuldade.

— Não. Nunca vou deixar você — ele passa os braços ao meu redor. Braços que me fazem sentir aquecida e protegida pela primeira vez em muito tempo.

Mas apenas por alguns segundos.

O terror se aproxima.

Ele é levado embora. Onde havia quentura, só restou o frio.

Eu grito.

Abro bem os olhos. Está escuro, silencioso. Nenhum som, exceto pelas batidas frenéticas do meu coração. Não há movimentos ou passos que indiquem que gritei alto em meu sonho, como faço às vezes. Ninguém está vindo para me confortar.

Sinto dor em minha mão esquerda. Meus dedos estão fechados com força e não consigo esticá-los. Conforme meu coração se acalma, abro os dedos um a um.

A torre está na palma de minha mão. Eu a segurei com tanta força que as pontas do topo do castelo me feriram. Ficou um círculo perfeito de seis pontas na pele, preenchidas por pontilhados de sangue.

Já tinha tido esse pesadelo muitas vezes antes. Mas desta vez foi diferente.

No início, quando corro apavorada, os detalhes são sempre tão claros quanto cristal: posso sentir a areia escorregando sob meus pés. Sinto minha respiração durante a corrida. O medo que me faz seguir em frente, passando dos limites. Mas, depois que caio, tudo *muda*.

No passado, tudo ficava nebuloso, vago. Ainda estou apavorada, mas os detalhes se tornam distantes e irreais. Sem um contorno claro. E alguém está gritando para que eu não esqueça e levante uma parede: a parede de tijolos. Uma representação concreta do que escondeu Chuva dentro de mim. Teria sido aí que fui levada pelos Lordeiros e Reiniciada? O que mais poderia ser tão assustador?

Mas esta noite foi diferente. Tudo se manteve claro até o fim. O homem que estava comigo também era diferente. Ele não gritava, ele me abraçava, e eu estava agarrada a ele até que ele foi tirado de mim à força. Meus olhos permaneciam fechados, mas pude sentir a aspereza da areia, a brisa fria e salgada do mar. Pude ouvir a batida do meu coração e o quebrar das ondas. Foi tão *real*.

Quem era o homem que corria comigo, que disse que nunca me deixaria? Esse nunca se transformou em segundos; ele foi levado praticamente na hora em que disse isso. E o que houve com ele, e comigo? O que veio a seguir?

O medo que ainda resta em mim após o sonho se converte em frustração, depois em raiva. Dou um soco no colchão. Por que não consigo lembrar o que *realmente* aconteceu, agora que tenho todas essas outras lembranças de volta?

Por quê?

São tantas coisas que ainda estão faltando. Me sinto vazia por dentro, como se existisse um buraco. Sentindo-me mole de repente, me enfio na cama, as lágrimas começando a descer por meu rosto, e eu não me preocupo em limpá-las.

CAPÍTULO 17

Bzzzz!

Acordo de repente com uma vibração no pulso, confusa. Meu Nivo...? Mas ele não funciona mais. Espio os números no escuro: 5.6. Mesmo que ainda funcionasse, meus níveis não estão baixos o suficiente para fazê-lo vibrar.

Bzzzz!

O comunicador na parte interna. Só pode ser. Chamada de Nico? Meu estômago dá voltas de nervoso.

Cutuco a parte de baixo do Nivo até apertar o botão escondido.

— Alô? — sussurro.

— Até que enfim! — a voz de Nico parece tensa.

— Desculpe. Não percebi que era você.

Ainda mais porque foi esperto o bastante para fazer meu Nivo vibrar. Ninguém perceberia, a não ser que vissem que os números não estavam baixos.

— Você pode falar?

— Sim.

A casa está silenciosa, escura. Estão todos dormindo, menos eu e Sebastian. Ele está esparramado na cama, olhando para meu Nivo, mantendo distância segura como se houvesse algum perigo à espreita.

— Estamos com um problema.

— O que aconteceu?

— Tori desapareceu.

— O quê?

— Eu tive um compromisso. Acabo de voltar e ela não está aqui. Ela parecia muito determinada desde que você saiu daqui ontem. Sobre o que vocês conversaram? Para onde você acha que ela foi?

Nico está se controlando agora, mas sua voz parece no limite. Tudo o que ela fizer é minha culpa. Seja lá o que ela disser, forçada ou não, no local onde esteja, ou com quem. É minha culpa ela ter desaparecido.

— Não sei. Falamos sobre Ben e sua cadela. Foi isso.

Ele fala um palavrão.

— Se lembrar de algo, me ligue — ele desliga num rompante, depois é só silêncio.

Eu deito e olho para o teto. Onde ela pode estar? Relembro o dia anterior e o pouco que conversamos. Tori manteve-se fechada a maior parte do tempo, contida. A única vez que se desarmou foi quando falamos sobre os Lordeiros a terem tirado de casa, e sobre sua mãe.

Sento direito. Eu disse a ela que Ben tinha ido ver a mãe dela e que ela lhe dissera que a tinha devolvido. Tori estava furiosa com ela. Deve ser isso, não?

Ela foi confrontar a mãe. Ligue para o Nico!

Eu devia ligar para ele. Mas já estou de pé, tirando roupas das gavetas e me vestindo no escuro.

Eu sou a responsável por isso, e não vou fazer do jeito dele.

Com cuidado e em silêncio, desço as escadas e saio de casa. Não há tempo para mais nada; pego a bicicleta de mamãe no barracão. A porta bate quando vou fechá-la e meu coração dispara pelo susto; estou nervosa. Mas nenhuma luz se acende, nenhuma cortina se move.

Não há tempo para discrição. Desço a rua de bicicleta o mais rápido possível, torcendo para que ninguém me veja.

Ben tinha me mostrado a rua de Tori uma vez enquanto corríamos: do outro lado do prédio onde temos reunião de grupo. Não sei qual é a casa, mas me lembro de Ben dizendo que era a maior no final da rua. Espero que seja o suficiente para encontrá-la.

Se Nico tiver o endereço dela, será um dos primeiros lugares que irá procurar.

E, se ele ainda não souber, logo saberá. Eu pedalo mais rápido.

A noite cai. Se ela estiver lá, posso entender o motivo. Ela achava que a mãe sentia sua falta, sem saber o que houve com ela, e eu destruí sua esperança. Idiota! Ela queria saber a reação de Ben quando ela foi levada. Aquilo era verdade, mas por que eu não disse que ele tinha ido procurá-la em vez de dizer que ele foi conversar com a mãe dela? Ben ficou falando dela. O suficiente para me deixar com ciúmes. Foi por isso que não contei a ela?

Chego à rua dela e diminuo a velocidade, tentando controlar minha respiração após aquela esticada. Já passa da meia-noite, mas a casa grande do fim da rua ainda está com luzes acesas. Há carros estacionados por toda parte, e ouço um

piano ao fundo. Alguns convidados estão espalhados pelo gramado e há vozes e risadas. Escondo minha bicicleta em uns arbustos e me aproximo com cuidado, pelas sombras. Há muitos olhos por ali, mas talvez isso tenha impedido Tori. Ela não seria doida de se aproximar com todas aquelas pessoas ali. Seria?

A rua termina depois da casa grande; há uma placa na calçada apontando para a floresta. Foi lá que ela se escondeu.

Do outro lado da rua, me esgueiro por trás das cercas do jardim, torcendo para que os vizinhos estejam dormindo, apesar do barulho da festa, e não olhem pelas janelas.

Foi fácil encontrar Tori entre as árvores escuras que cercam sua antiga casa, num casaco de capuz azul-claro que quase brilha no escuro. Chego até ela e toco seu ombro. Ela dá um salto, se vira e vê que sou eu. Volta a olhar para a casa.

— Você precisa aprender a se vestir para esse tipo de coisa.

Ela não responde, seus olhos estão fixos. Eu os acompanho: há um grupo de meia dúzia, conversando, dando risadas. Uma única mulher entre homens de *smoking*. Ela deve estar congelando naquele vestido preto e justo, os braços de fora. Ela ri de algo que um deles disse, a cabeça inclinada para trás.

— É ela? — pergunto, num sussurro.

Tori confirma com a cabeça.

Ela é bonita, como Tori. As duas têm cabelos escuros e compridos. Será que ela pediu uma Reiniciada com características similares às dela? Ouvi dizer que algumas pessoas fazem isso, pedem um filho ou filha com características específicas. Talvez, quando Tori fosse mais adulta, desviaria muitos olhares de sua mãe: sua versão mais jovem e mais bonita.

— Por que está aqui, Tori?

Ela não responde. Pego sua mão, está gelada.

— Vamos embora. Venha comigo. Não há nada para você aqui.

Ela não reage. Seus olhos estão fixos para a frente. A seguir uma lágrima se forma e desce por sua bochecha.

— Tori?

— Eu só queria vê-la. Eu queria que ela me dissesse por que me devolveu, queria ouvi-la dizer isso. Ver qual é a explicação dela.

— Tem muita gente esta noite.

— Sim. Talvez seja até melhor. Em frente de todos os amigos. Imagine como

ela ficaria envergonhada!

— Os Lordeiros pegariam você novamente.

Ela estremece.

— Valeria a pena.

Seguro sua mão.

— Venha comigo. Antes que nos vejam.

Ela desvia os olhos da mulher que tinha sido sua mãe.

— O que eu fiz de errado? — ela pergunta, e outra lágrima surge, encontrando a anterior em sua bochecha.

Eu balanço a cabeça de um lado para o outro.

— Nada. Você não fez nada.

Ela me deixa levá-la dali e obedece quando mando se abaixar para passar pelas cercas sem sermos vistas.

Chegamos até onde deixei a bicicleta.

— Vamos, eu levo você — e ela senta no banco de trás. Eu pedalo de pé rua abaixo. Minhas pernas protestam após o esforço anterior.

— Para onde vamos? — ela pergunta, em meu ouvido.

— Para a casa de Nico. Aonde mais?

— Ele vai ficar muito zangado.

— Sim. Ele já está.

Nico não está em casa quando chegamos lá. A casa está fechada, mas Tori sabe a combinação da porta e logo estamos do lado de dentro.

Ela está tremendo. Eu encontro uma garrafa de uísque e lhe sirvo um copo. Em seguida, também tomo um gole.

Então ligo para Nico e digo a ele onde estamos.

Tori está adormecida no sofá.

— O que você deu a ela?

— Um sedativo. Vai segurá-la por um dia ou dois até que eu planeje o próximo passo — ele diz, friamente. — Essa foi por pouco. Você devia ter me dito onde ela estava.

— Eu não sabia; deduzi.

— Suas deduções são boas, Chuva. Você devia ter me dito — ele se aproxima;

como é bem mais alto, olha para baixo e eu luto contra o ímpeto de me afastar.

Mantenho-me no lugar.

— Ela era minha responsabilidade. Deveria ser eu a lidar com ela. O que você vai fazer?

Ele me observa em silêncio por alguns momentos e então balança a cabeça, como se para si mesmo.

— Ainda acho que ela pode ser útil. Enquanto isso, preciso levá-la para um local mais seguro — ele suspira. — O que farei com você? — seus lábios se curvam para cima no que parece ser um sorriso, mas o gelo ainda está lá, por trás.

— Sinto muito, Nico. Eu só queria consertar as coisas; foi tudo minha culpa.

Ele me olha por um segundo, ou dois. Seus olhos ficam brandos. Ele coloca uma mão em cada um dos meus ombros, me puxa para perto e eu me aconchego em seus braços. Tenho receio de me mover, receio de respirar, de fazer qualquer coisa que possa destruir isso.

— Seu coração bate tão rápido — ele diz, finalmente. Me afasta e me olha nos olhos. — Não estou zangado com você, Chuva. Ao menos não como você acha que estou.

Sinto um alívio enorme.

— Não está?

— Não. Eu estava com medo.

— Com *medo*? — até mesmo dizer a palavra parece errado. Nico não tem medo de nada.

Ele sorri.

— Sim. Até eu sinto medo. Eu tive medo de que algo acontecesse com você. E se você fosse pega? Você devia ter me contado onde ela estava, para que eu pudesse tomar uma providência. Você precisa ficar em segurança, Chuva. Eu preciso que você esteja segura.

Eu o olho confusa.

— Desculpe.

— Não precisa se desculpar. Você foi corajosa. Mas me prometa uma coisa: não saia por aí salvando as pessoas sem falar comigo antes. Combinado?

— Combinado.

— Mais uma coisa antes de você ir. Aqueles mapas que você fez do hospital são incríveis, mas eu quero as pessoas também. Os rostos. Eu sei que você pode desenhá-los. Todos os rostos do hospital. Enfermeiras, médicos, seguranças. Todos com os quais você tiver contato agora ou que já teve no passado.

— O que você fará com eles?

Ele não responde, e eu só consigo pensar naquela enfermeira que morreu no último ataque do R. U. Livre ao hospital. O sangue dela empoçado no chão. Sinto um embrulho no estômago e luto para que não aumente. Se eles puderem ser identificados fora do hospital, eles serão alvo fácil.

— Você sabe a resposta, Chuva, mas não perca seu tempo protegendo aqueles que servem aos Lordeiros. Lembre-se de que lado você está. Pense nisso. Se você não está conosco, então está com os Lordeiros e tudo o que eles representam. Você também podia ter entregado Tori aos Lordeiros. Segurado Ben e terminado com a vida dele. Acendido o fósforo que queimou os pais dele vivos. Pense nisso, Chuva. Agora vá.

Sigo para a porta, para a longa pedalada que me espera até em casa. Ansiosa para escapar por entre a noite. Mas me esforço para olhar para trás. O peito de Tori sobe e desce; seu rosto está adormecido e em paz, um contraste marcante com a dor que carregava antes.

— Ela vai ficar bem? — não posso evitar a pergunta.

— Por enquanto.

Já em casa, sinto meus pés pedirem por uma caminhada de descida em um terreno arenoso. Nico quer rostos. Mas dar isso a ele é como decretar sentenças de morte para enfermeiras e médicos.

Eles não são inocentes!

Não. Eles me reiniciaram, e a incontáveis outros como eu. A culpa pelo que houve com Ben pesa sobre os ombros deles.

Eles obedecem a ordens. E eu sei que isso não é o suficiente. Mas alguns deles são legais, mais do que legais. Mas o que mais eu posso fazer? Nico está certo. Todos fazem parte disso.

Não consigo dormir. Espalho várias folhas de papel ao meu redor. Toda vez que meu lápis toca o papel, um rosto surge em minha mente. Como o cabelo grisalho e desarrumado da enfermeira Sally, do décimo andar. O meu andar, e ela foi uma das que tomaram conta de mim no início. Ela sempre estava rindo, e me falou sobre seu novo neto quando ele nasceu. Me mostrou uma foto.

Um dia, ele pode estar em perigo. O neto dela — era Brian, Ryan ou algo parecido — pode dizer algo de que as autoridades não gostem e então desaparecer e ser Reiniciado também. Para depois ser devolvido ou exterminado se algo der errado. Como Tori, cuja vida — sem me iludir com as promessas superficiais de Nico — agora está por um fio.

Será que Sally sacrificaria a si mesma por seu neto? Eu poderia tomar aquela decisão por ela? Por seu neto e por todas as crianças e netos cujas vidas estejam limitadas, controladas e ameaçadas pelos Lordeiros?

Continuo desenhando, compelida. Não consigo parar.

CAPÍTULO 18

— Kyla? Então, o que você acha? Kyla? Kyla...

— Desculpe. O que foi? — eu me viro para Cam, percebendo que estava ouvindo o eco do meu nome já fazia algum tempo. Perdida em meus pensamentos enquanto comia o sanduíche. A voz de Cam era um som confortável, mas sem significado.

— Um simples sim ou não é suficiente — ele zomba.

— Hum, vamos ver: você poderia estar me oferecendo bolo, então eu deveria dizer sim. Por outro lado, você pode ter me sugerido *qualquer coisa*.

— Decida.

— Sim!

— Ok, eu pego você por volta das dez.

— Para quê?

— Para uma caminhada amanhã.

— E o colégio?

Ele sacode uma mão em frente ao meu rosto.

— Tem algo de muito errado com sua memória — e então sua expressão demonstra que ele se deu conta de ter falado bobagem. — Desculpe. Eu não quis dizer isso.

— Não se preocupe. TEM algo de muito errado com a minha memória. Ser Reiniciada causa isso.

Sem mencionar todo o resto.

— Mas é só para o que houve antes, não é?

— Sim — embora não seja bem assim no meu caso. — Além do mais, se eu estiver mesmo prestando atenção, minha memória curta é boa.

— Como é a sensação?

— Do quê?

— Desculpe. Esqueça.

— Lá vem você de novo.

— Ah, desculpe, eu... — ele parece magoado, então eu recuo.

— Estou brincando. Pode perguntar o que quiser. Eu não me importo.

— Como é não ter memória nenhuma?

— Bem. Para começar, é normal. Porque você não conhece nada diferente. E todos no hospital são como você.

— E depois?

Eu faço uma cara feia.

— Comigo, foi pior quando saí. Eu queria saber coisas que não podia. E é como se você colocasse um bocado de coisas nessas lacunas, porque muito está em branco. E depois você não consegue distinguir o que é real do que não é.

— A maioria dos Reiniciados parece bem feliz com isso.

Eu rio.

— Verdade. Nossas configurações de felicidade são manipuladas, você não sabia? Além do mais, você aprende a se manter alegre, para que seu Nivo não apite o tempo todo e não faça você desmaiar.

— Ficar alegre e esquecer as coisas parece legal — ele diz em voz baixa. Estará pensando no pai? Eu me reclino para trás, refletindo. Eu seria mais feliz se não me lembrasse de nada. Se eu não fosse obcecada por Lucy e seus dedos quebrados; se as lembranças de Chuva nunca tivessem retornado. Mas então os Lordeiros teriam ganhado.

— É o seguinte: se você finge estar alegre para manter os níveis, você não consegue mais saber o que está sentindo de verdade. Nada parece real. Deve haver coisas que seria bom esquecer. Mas ainda assim é frustrante perder partes de mim mesma que eu quero lembrar!

Para alguém que fala tanto, Cam tem uma boa cara de ouvinte. Há algo nele que me faz querer contar tudo.

— No entanto, é bom ter um dia sem aula em honra à nossa aflição — ele diz.

— Do que você está falando?

— Você está brincando, ou realmente não se lembra?

Eu miro um soco no ombro dele, mas ele se esquiva.

— Diz logo!

— Não tem aula amanhã. É o Dia da Memória.

Temos uma tarde especial com o grupo sobre isso.

Sentamos em nossos lugares, curiosos.

O tutor observa nossos rostos.

— Alguém sabe me dizer por que não haverá aula amanhã?

— Dia da Memória — várias vozes respondem.

— Mas o que é memória? Alguém sabe?

Ele perde um bom tempo na explicação original: lembrar-se daqueles que morreram em guerras por este país, há tanto tempo que quase ninguém vivo se lembra. Os números são alarmantes. Mas, ainda assim, a população do Reino Unido é menor agora do que naquela época.

— E do que mais nos lembramos? — ele pergunta. Mas dessa vez ele não espera pela resposta. Ele diminui a luz e começa a passar um filme. Imagens horríveis preenchem a tela. Turbas raivosas, fora de controle, destruindo tudo em seu caminho. As revoltas estudantis dos anos vinte.

Janelas eram quebradas, lojas eram saqueadas e queimadas. Uma garota mais nova do que eu gritava enquanto era arrastada por uma gangue de jovens encapuzados, e, ainda que o filme não mostre, você deduz o que aconteceu. Um homem de idade é empurrado e pisoteado. Uma criança derrubada dos braços da mãe.

Eu fecho os olhos para não ver mais aquilo. Tenho um lampejo de memória: Nico. Ele nos mostrou esse mesmo filme! Eu me lembro. E depois nos mostrou outro.

Aquele que está no poder muda a história para que sirva aos seus interesses.

Foi isso o que ele disse. Os Lordeiros pegaram todos os fragmentos de evidência que eles tinham de revoltas fora do controle e destruição, juntaram tudo e transformaram em algo obrigatório para ser visto pela população. Eles não mostraram a versão de Nico. Lordeiros — policiais, como eram chamados naquela época — espancando estudantes. Causando a maior parte dos ferimentos e mortes mostradas, e então apagando seu rastro, para que parecesse que os revoltosos eram responsáveis por tudo.

No entanto, os estudantes também não eram inocentes. Eles causavam danos e prejuízos. Muitos mereciam ser punidos pelo que fizeram. Criminosos e gangues se juntaram a eles e tomaram parte em roubos e assassinatos.

Não foi unilateral. E eu me pergunto: se o R. U. Livre for bem-sucedido e os Lordeiros forem vencidos, como a história será reescrita? Para começar, eles não

seriam mais chamados de TAG, seriam R. U. Livre para todos. Um nome mais agradável, deixando o *terrorista* de lado.

Sinto como se a luz tivesse voltado às minhas pálpebras e reaberto os meus olhos. Todos na sala estão em silêncio, calados pela violência, embora isso seja exibido todos os anos.

Faltam poucas semanas para 26 de novembro, o Dia da Memória Armstrong. Este ano vão se completar 25 anos desde as mortes do Primeiro Ministro Lordeiro e sua esposa. Os pais da minha mãe. Eles foram mortos a caminho de sua famosa casa de campo para celebrar cinco anos no poder: faz, então, trinta anos agora que os Lordeiros estão no poder. Nosso professor nos conta sobre as celebrações planejadas.

Celebrações de um governo de Lordeiros que distorce e destrói mentes.

Saio para encontrar Jazz e Amy para voltarmos para casa, a ironia ainda está em mim. Os Lordeiros estão pedindo para nos lembrarmos daqueles que morreram defendendo o país de si mesmo, quase trinta anos atrás.

No entanto, eles agora fazem com que pessoas desapareçam, e garantem que elas sejam esquecidas, que ninguém faça nenhuma pergunta embaraçosa. Eles roubam memórias, como a minha.

Não esqueceremos.

— Você está quieta hoje — diz Jazz, assim que entramos no vilarejo, me observando do espelho.

— Eu estou bem.

Jazz e Amy trocam um beijo de boa-noite e eu entro em casa.

Amy corre para trocar de roupa enquanto eu preparo o chá. Eu lhe entrego a xícara quando ela desce a escada.

— Obrigada, Kyla. Você tem certeza de que está tudo bem?

— Sim, tudo. Pode ir — e ela sai correndo para o trabalho, no consultório médico do fim da rua.

Mas a casa está tão quieta; há muita escuridão em minha mente para ficar sozinha. Perambulo de cômodo em cômodo até que finalmente me sento com meu bloco de desenho. Ninguém estará em casa nas próximas duas horas. Quero desenhar, mas não o faço. Pego os desenhos que escondi na noite passada: a enfermeira Sally e seus amigos. Suspiro fundo.

O que isso diz sobre mim, sobre minha posição: sou tão fraca que não consigo fazer o que acho certo, só porque é difícil? E eu devo tudo a Nico. Depois de

tudo o que ele fez para me salvar e proteger, não posso desapontá-lo.

Mas, se eu der a ele esses desenhos, o que acontecerá com todas aquelas pessoas?

Não desenharei rostos esta tarde. O hospital: só isso. Já entreguei alguns mapas para o Nico, mas algo ainda está me escapando. A doutora Lysander desaparecer tão rápido durante aquele ataque. Deve haver uma saída secreta. Mas onde? Começo a desenhar o corredor que dá para o escritório dela.

Estou tão concentrada que quase não ouço a batida no andar de baixo. Largo o lápis, puxo as cortinas e olho para baixo. Um entregador com um enorme buquê de flores. Papai talvez esteja tentando reconquistar a mamãe.

Desço as escadas correndo e abro a porta.

— Entrega para O'Reilly — ele diz.

— Você errou de endereço. Não há ninguém aqui com esse nome.

Ele pega um papel e o lê.

— Janet O'Reilly?

— Não. Desculpe.

Ele revira os olhos.

— Desculpe o incômodo. Você sabe que horas são?

Olho para o meu relógio, e o entregador se aproxima para espiar, deixando um pequeno quadrado de papel na minha mão. Pisca e vai embora.

Dentro de casa, com a porta fechada, desdobro o papel.

"Me encontre na trilha do mirante sobre o vilarejo assim que possível. É muito importante. Destrua este bilhete. Assinado: A."

A... Aiden? Meus pés congelam no chão. Leio o bilhete novamente, com dificuldade de respirar. Mac ficou de falar com Aiden para escanear meu desenho de Ben para colocar no DEA. Agora Aiden quer me ver.

Ben! Eles devem ter notícias de Ben.

Engulo em seco. As notícias podem ser boas, ou ruins. Muito provavelmente ruins. Mas Aiden poderia ter enviado uma mensagem por Mac se fossem más notícias. Não podia? Mas ele está *aqui*.

Subo as escadas correndo, trocando o uniforme do colégio por jeans e botas, e saindo porta afora. Ouso ter *esperanças.*

Me esforço para andar a um passo normal pelo vilarejo, para parecer que saí

apenas para dar uma volta. Lutando contra a urgência de sair correndo.

Ninguém à vista até o início da trilha. Eu hesito, todos os avisos de mamãe para que eu evite esses lugares sozinha ecoam em meus ouvidos. Mas não tenho mais medo, não desde que minhas memórias voltaram. Sou boa em autodefesa.

Subo a trilha correndo, passo por campos, cercas e árvores no caminho. O ar está congelante, o sol da tarde desce no céu. Quando chego perto do mirante, diminuo o passo e começo a andar. Agora estou receosa do que Aiden tenha a dizer. Mas, até lá, posso fingir que ouvirei o que quero ouvir. Quando eu o vir e ele disser aquelas palavras, estará terminado. Diminuo o passo cada vez mais, paro e inspiro e expiro, para acalmar as batidas do meu coração, que não têm nada a ver com a corrida.

Ando devagar e em silêncio pelas sombras das árvores até chegar à última curva da trilha. Ele está de costas, mas seu cabelo cor de fogo brilha contra a luz do sol. Aiden. Eu me aproximo e ele se vira. Sorrindo.

Ele está sorrindo.

— Como está, Kyla?

Observo seus olhos para ver se minha resposta está lá. Olhos azuis, nada parecidos com o tom pálido dos de Nico; os olhos de Aiden são de um azul intenso. Olhos encorajadores. Seriam boas notícias?

Minhas pernas já não me aguentam e praticamente me jogo no toco ao lado de onde ele está sentado.

— Me diga, por favor? O que você descobriu?

— Pode ser que Ben tenha sido visto.

— Visto? — respiro fundo, sem ousar pensar no que ele queira dizer com aquilo.

— Sim, é verdade, Kyla. Eu não consigo acreditar, não mesmo. Achei que seria um tiro no escuro, mas coloquei no DEA o desenho que você fez de Ben, e alguém que se parece com ele foi apontado, algumas vezes. Não posso dizer com certeza que seja Ben. Mas a pessoa que fez a denúncia é muito confiável.

— Mesmo?

Ele balança a cabeça.

— Mesmo. Não é assim que o DEA costuma agir. Normalmente, só reportamos que alguém foi encontrado se a pessoa concordar com isso. Mas, como me sinto meio responsável com o que houve com você e Ben, abri uma exceção.

Não consigo me mover ou falar, nem acreditar. Seria possível?

— Fale alguma coisa.

Balanço minha cabeça.

— Eu só... é sério? — e sorrio.

Ele sorri de volta e sem pensar me jogo sobre ele. Seus braços me envolvem em um abraço. E de repente aquilo é demais, um pouco demais. A emoção transborda e estou tremendo, e então choro.

— Não pode ser ele. Não acredito. E se for um engano?

— Você não lida bem com boas notícias, não é mesmo? Seus níveis estão bons?

— Sim, estão. Corri até aqui, então meus níveis estão altos — digo, e agora, embaraçada, me afasto. Coloco minha mão no bolso para que ele não veja meu Nivo.

— Mas você está certa em ser cuidadosa. Como eu disse, pode ter sido um erro de reconhecimento.

— O que acontece agora?

— Tentaremos conseguir uma foto dele para lhe mostrar. Depois levaremos você até ele, se ainda acharmos que é ele. Tudo bem?

— Onde ele está? Para onde o levaram? Quando vou...

— Calma! Vou contar o que posso. Ele foi visto não muito longe daqui, a uns trinta quilômetros, mais ou menos. *Se* for ele: ele foi visto de longe, em uma pista de corrida. Então...

— É o Ben! Ele adora correr. Só pode ser ele. Quando posso vê-lo?

— Precisamos planejar. Aguente firme. Nenhuma palavra a ninguém. Está bem? — eu concordo. — Entraremos em contato.

— Outra entrega de flores?

Ele ri.

— Desta vez eu estava na área, e um amigo meu me devia um favor. Mas é melhor não usar o mesmo truque duas vezes. Mac será avisado se alguma coisa for acertada, está bem? Irei à casa dele na sexta à noite e posso lhe dizer o que descobri — Aiden se levanta. — Tenho que ir. É realmente muito bom ver você, Kyla — ele sorri, amável, e toca minha mão. — Se cuide.

Ele começa a se afastar. Eu não o vejo desde aquele dia em que o acusei de

levar Ben embora. Mas não fui justa. Ele não obrigou Ben a fazer nada que ele não quisesse, e agora está tentando ajudar.

— Aiden, espere — ele para e se vira. — Me desculpe pelo que eu disse da última vez.

— Está tudo bem. Eu entendo o quanto você estava aborrecida. É natural ser agressiva — ele me olha com firmeza, tranquilo e calmo.

Ele segue pelo outro lado da trilha e some de vista. Volto pelo caminho de onde vim, a cabeça girando. Era verdade? Poderia mesmo ser Ben? A apenas trinta quilômetros: tão perto. Se for ele, o que isso significa?

Os Lordeiros não deixariam que ele simplesmente se fosse. Deve ser uma cilada.

CAPÍTULO 19

Quando chego em casa, algo está errado.

Para começar, a porta da frente não está trancada. O carro do meu pai não está na frente de casa; mamãe e Amy estão no trabalho. Será que eu tinha saído sem trancar? Não tenho certeza. Quando saí para encontrar Aiden, estava tão apressada e com medo de que ele não estivesse mais lá quando eu chegasse. Eu poderia ter feito isso no automático, sem pensar. Não poderia?

Meus instintos gritam *perigo*.

Abro a porta e a empurro até o fim, sem entrar. O *hall* está vazio; apuro os ouvidos, sem me mover, sequer respirar.

Ouço passos no andar de cima. Minha garganta se contrai: meus desenhos! Eu não os escondi antes de sair, escondi? Idiota.

Subo a escada com cuidado, sem fazer barulho e devagar. Minha porta está aberta; dou uma olhada ao redor. Os desenhos ainda estão espalhados sobre a cama, o que comecei a fazer do hospital está virado para cima. Não foi bem assim que os deixei, tenho certeza. Meu estômago dá voltas.

Passos atrás de mim! Me viro, pronta para... bem, pronta para qualquer coisa.

Amy praticamente sai do chão com o susto.

— Ah, meu Deus, Kyla! Você me assustou. Por que você não grita olá ou algo assim quando entra em casa?

Sacudo a cabeça.

— Eu assustei você? *Você* me assustou! Não era para você já estar em casa.

— Você estava tão avoada esta tarde, que pedi para sair mais cedo para passar um tempo com você, sua boba. Mas, quando cheguei, não havia nem sinal de você. Onde estava?

— Eu... me desculpe. Saí para uma caminhada, para esvaziar a cabeça.

O rosto dela se descontraiu.

— Você está bem? Bem mesmo? Você tem estado tão estranha esta semana. Na verdade, desde que aconteceu aquilo com o Ben... — ela desvia o olhar, sem terminar a frase.

— Vamos descer e tomar um chá — sugiro.

— Só uma coisinha — e ela entra no meu quarto, abrindo a porta que deixei entreaberta, e vai direto para minha cama, onde está o desenho do hospital. — Me explique isso primeiro.

Estremeço, meu estômago em cólicas.

— O de sempre. Você me conhece: desenho tudo. E o que você estava fazendo, remexendo minhas coisas?

— Você não atendeu à porta; achei que estivesse chateada, ou que seus níveis tivessem caído e você não conseguia... — ela suspira e senta-se na cama. — Estou preocupada com você — ela estende a mão e eu a seguro, sentando-me ao seu lado.

Ela é perigosa.

Não. Esta é Amy, e não o inimigo.

Ela pega o desenho do andar da doutora Lysander.

— Me explique isso — ela pede e, como não tenho escapatória, obedeço. Falo sobre o ataque e sobre como os médicos desapareceram e me perguntei para onde. Eu estava curiosa, era um mistério e eu o estava desenhando.

Ela balança a cabeça.

— Kyla, você é TÃO idiota. Pense na encrenca que você teria se a pessoa errada visse isso! Por que perder tempo desenhando coisas chatas como essas, quando você é tão boa com pessoas e rostos? — e ela vira o desenho da enfermeira Sally. — Este está lindo. Ela está tão viva. Quem é ela?

— Ninguém. Só um rosto inventado.

Será que Sally já trabalhava no hospital quando Amy foi Reiniciada? Quando foi isso: cinco anos atrás. Ela devia estar por lá.

— Mas este — ela pega novamente o do hospital — tem que desaparecer. E não faça nada desse tipo novamente. Promete?

Prometo, e juntas o rasgamos ao meio diversas vezes, até que tudo o que sobra são pedacinhos de papel. Ela os joga no vaso e dá descarga.

— Chega disso. Vamos tomar o chá?

Já na cozinha, eu ligo a chaleira.

— Por onde estava caminhando? — ela pergunta.

— Ah, você sabe. Ao redor do vilarejo — menti, já que a trilha estava fora

dos limites.

— Mamãe teria um chilique se soubesse que você foi caminhar sozinha. Desde que Wayne Best foi encontrado, ela está preocupada.

— Você soube mais alguma coisa dele?

— Ah, eu não contei? Ele está falando e se lembrando das coisas agora.

Vou buscar as xícaras no armário, me esforçando para manter o rosto neutro. Ele se lembra? Oh, Deus. A cozinha parece escurecer e girar diante de meus olhos, como se estivesse virando um buraco negro para me sugar. Balanço a cabeça, e minha visão se clareia.

Conte ao Nico.

Meu estômago se contorce. Nico ficará furioso por eu não ter contado antes. Não posso dizer a ele agora. É tarde demais.

— Mas ele está com amnésia traumática — ela explica.

— O que é isso?

— Ele se lembra de tudo, menos o motivo pelo qual foi encontrado daquele jeito na floresta, e o que aconteceu lá.

— É?

— Ele vai acabar se lembrando, uma hora ou outra, o médico disse. Ouvi dizer que os Lordeiros ficaram irritados com ele por não responder — ela estremeceu. — Isso deveria ser suficiente para fazer sua memória voltar rapidinho, eu acho.

Sirvo o chá e o telefone toca. Amy corre para atender. Subo a escada correndo e recolho com cuidado o resto dos meus desenhos e os escondo em uma pasta junto com outros.

Amy quase reconheceu a enfermeira Sally. Eu não devia ter mentido sobre quem ela era: e se Amy lembrar que a enfermeira trabalha no hospital e ligar os fatos?

Amy realmente disse que ela não contaria a ninguém sobre os desenhos?

Me esforcei para lembrar. Não com essas palavras, mas ela me fez destruir o do hospital. Qual seria o propósito se isso não fosse segredo?

Me encolho, apreensiva, mas o momento para pedir que ela mantenha segredo já passou. Se eu tocar nesse assunto de novo, ela se perguntará por quê. O silêncio é melhor.

Mais tarde, naquela noite, me arrasto do quarto para a escuridão da sala de

estudos no andar de baixo. Fecho a porta e ligo a luz da mesa.

Mamãe é meio fanática pela história local. As prateleiras estão cheias de livros sobre os vilarejos e cidades da região, sua moeda corrente, história e mapas: estradas ainda em uso e mapas detalhados do exército, que mostram cada trilha e canal.

Mal posso esperar pela investigação cuidadosa de Aiden. Será que é o Ben? *Tem de ser*. Não aceito nenhuma alternativa. Meus pensamentos dão voltas em torno de si mesmos várias vezes, saltam entre bolhas de felicidade, expectativa e medo de que tudo seja uma mentira. Que qualquer esperança leve ao desapontamento.

Uma pista de corrida, a trinta quilômetros daqui. Eu visualizo um círculo e cuidadosamente passo por cada vilarejo e cidade a essa distância. As trilhas e pistas que posso alcançar a partir daqui.

Vou encontrar você, Ben.

CAPÍTULO 20

O dia seguinte está frio, com algumas nuvens claras e altas o bastante para não causarem problemas.

Coloco o capacete.

— Tem certeza de que não se importa em trocar por um passeio de bicicleta hoje?

— Seu desejo é uma ordem — diz Cam, se curvando. — Aonde você quer ir?

— Siga-me!

Ele obedece. As estradas estão quietas hoje por causa do feriado, se o Dia da Memória pode ser considerado dessa forma. Eu tinha memorizado o mapa. Conseguiríamos verificar ao menos três possíveis locais para a pista de corrida de Ben hoje. Ignoro a voz de dúvida que diz que, mesmo que eu encontre o vilarejo certo e a pista certa, eu nunca saberei disso, a não ser que ele esteja correndo ali naquele exato momento. Ao menos eu estou *fazendo* algo.

Amy ficara TÃO satisfeita por ouvir que Cam e eu tínhamos ido andar de bicicleta. Mamãe estava passando o dia com tia Stacey e achava que Amy ficaria de "babá" para mim hoje. Eu me pergunto o que Amy e Jazz vão aprontar. Amy lançou um sorrisinho para Cam quando saímos. Ela imagina coisas que não estão acontecendo.

Mas por dentro estou felicíssima porque Ben foi avistado; não há outra razão. Isto é apenas um passeio de bicicleta. Cam disse que entende o que sinto por Ben. Somos apenas *amigos*.

Em uma pequena ponte, desvio da estrada em direção à trilha do canal. Dou uma olhada para trás para ter certeza de que Cam está me seguindo: alguma coisa está se aproximando dele rapidamente por trás, na rua estreita. Aperto os olhos para ver melhor, pois o sol dificulta a visão. Uma van preta?

Entramos pela trilha do canal e sumimos de vista; nos livramos por pouco. Mesmo que fossem Lordeiros, eles estão por toda parte. É apenas uma coincidência.

Alguns quilômetros depois, estamos de volta à mesma rua, pedalando lado a lado, nos aproximando do primeiro vilarejo a ser checado. O motor de um carro

ronca atrás de nós e Cam acelera para frente. Não há muito espaço para um carro passar, então nós dois chegamos o máximo possível para a esquerda. O carro se aproxima e Cam dá uma olhada para trás. Seus olhos se arregalam.

Eu me viro bem a tempo de ver uma mancha em movimento. Portas deslizantes e pretas se abrem, um braço se estica e segura meu ombro. No instante seguinte estou voando pelos ares num salto em câmera lenta e descendo, com força, parte do corpo no canto da rua, outra parte numa cerca. Enroscada na bicicleta.

Olho para cima. Minha vista está turva, mas não tenho dúvidas do que sai da van e me olha por cima. Um homem grande, vestido de preto: um Lordeiro.

— Levante-se — ele ordena.

Tento me apoiar nos braços, mas não consigo me mover com minhas pernas embaixo da bicicleta. Ele me chuta de lado.

Dou um gemido.

Percebo outro movimento e Cam está ali, segurando o braço do Lordeiro.

— Deixe-a em paz! Você está cometendo um terrível erro.

Não, Cam, não. O medo me dá forças, empurro a bicicleta para longe e fico de pé.

Eis uma coisa que você não vê todo dia: um Lordeiro sorridente.

— Garoto, acho que é você quem vai descobrir que está cometendo um terrível erro. Isso não tem nada a ver com você — ele empurra Cam, jogando-o facilmente no chão.

— Você, entre no carro — ele aponta para mim. Não me movo, e ele se curva sobre mim, agarra meu braço e o torce, me empurrando para a van.

Cam luta para ficar de pé.

— Deixe-a em paz! — ele grita.

O Lordeiro suspira como se uma mosca irritante estivesse zumbindo em seu rosto, larga meu braço e se vira para Cam. Seu punho acerta o rosto de Cam e faz um som horrível. Ele se dobra lentamente até o chão. Algo dentro de mim diz *corra*, enquanto o Lordeiro está distraído, faça isso já, mas não posso deixar Cam. A raiva dentro de mim está aumentando e meus punhos se fecham.

Ele é muito grande. Espere.

E o momento para fugir já passou. Agora não serei apenas eu a ser jogada na van, mas Cam também.

Dois Lordeiros. O brutamontes está na parte de trás, conosco, enquanto o outro, uma mulher de tamanho normal, está dirigindo.

Seguimos por ruas esburacadas. Cam está gemendo no chão, os olhos fechados. Eu seguro sua cabeça no meu colo. Sua bochecha está sangrando. Ele tosse e tenta dizer algo.

— Silêncio! — diz o brutamontes.

Para onde estamos indo? Por quê?

Sempre me perguntei o que realmente acontece às pessoas que são apanhadas pelos Lordeiros. Parece que estamos prestes a descobrir.

Calculo o tempo. Andamos, provavelmente, uns três quilômetros por ruas esburacadas, depois doze ou dezesseis por ruas macias, quando a van para novamente em uma travessa. Não há janelas atrás: poderíamos estar em qualquer lugar naquelas imediações.

Os olhos de Cam estão abertos agora, olhando o brutamontes, analisando. Depois ele me olha. Eu esperava que ele estivesse apavorado, mas seus olhos estão calmos. A dor me corroeu por dentro: Cam se colocou na frente daquela parede de músculos por minha causa, e veja o que ele conseguiu.

— Senhor? — eu digo, e o brutamontes se vira, a surpresa estampada em seu rosto largo.

— O quê?

— Por favor. Poderia deixá-lo ir?

— Que gracinha. Cale a boca!

— Mas...

E uma mão se contorce, parando no último segundo antes de acertar o meu rosto, quando percebo que Cam está prestes a saltar. *Não, Cam!* Não seja tão idiota.

— Silêncio!

O carro para. A porta se abre por fora, onde há mais Lordeiros de uniforme preto. O brutamontes sai do carro e troca algumas palavras com eles, depois some por uma porta. Um deles vem até mim e outro para Cam e nos puxam para fora da van. A raiva está lá, bem dentro de mim. O brutamontes se foi, e este parece ser mais do meu tamanho.

Eu dou um giro e salto chutando um deles na cabeça. Ele se dobra no chão. Cam luta com o que o está segurando, e eu me viro e dou um golpe na parte de

trás da cabeça do tal Lordeiro, mas então ouço passos, muitos, entrando na sala. Braços me seguram. Eu luto, mas levo um soco no braço. Tudo começa a escurecer. Luto para manter meus olhos abertos. Cam está sendo arrastado pelo chão, não se move. Há quatro, não, há mais Lordeiros. Seus rostos ficam embaçados até que cada um parece um grupo inteiro de rostos idênticos e sem expressão. Deslizo até o chão.

*

Acordo lentamente, mas não quero. Conforme acordo, começo a lembrar. Eu estava no carro, sentindo o balanço do movimento pela estrada, a única pista, já que eu não conseguia ver nada, e não podia me mover. A cabeça ainda está tão pesada. Foi aquilo que me deram para beber, não foi?

Faço uma careta de reprovação para mim mesma. Antes disso, como foi que entrei no carro?

A memória falha e entro em pânico. Eu devia ter encontrado o papai, mas aquele sujeito não era ele. Alguém que não conheço disse que estavam me levando até papai, que era tudo parte do jogo.

Papai é um agente secreto. Ele irá salvar o mundo, ele disse. E disse para não contar para a mamãe, como quando eu estava desenhando aqueles símbolos para ele. Ela ficou louca de raiva.

Minha cabeça lateja, tudo parece desconexo. Minha boca está seca e eu tento engolir.

"Ela está acordando", diz uma voz de homem. Quem será?

Abro os olhos.

"Aí está você, Lucy. Bem-vinda à sua nova casa."

Sento-me rapidamente e tudo começa a girar.

"Onde está o meu pai? Quem é você?"

"Sou o seu médico. O doutor Craig."

"Eu não estou doente."

"Não. Mas ficará." Ele sorri, mas não é um sorriso bom.

Começo a gritar e uma mulher entra, uma enfermeira. Ela está nervosa, diz que tudo ficará bem, e fala para eu voltar a dormir.

Logo em seguida, a porta se fecha com um estalo. Uma chave é colocada na tranca e dá voltas. Passos se afastam pelo corredor.

CAPÍTULO 21

— Acorde! — alguém grita, sinto um choque gelado. Molhado. Um balde d’água?

Eu me esforço para sair do torpor, começando a sentir meu corpo e desejando que não sentisse. Tudo dói. Minhas mãos estão nas costas. Eu puxo; nada acontece. Estão amarradas. Minha cabeça está caída para a frente. Estou sentada... em uma cadeira? Uma mão puxa minha cabeça com força para cima, pelos cabelos.

Finjo de morta?

Qual a vantagem de protelar as coisas? Eu abro os olhos.

— E aí está você. Kyla, não é? Responda!

— Não! — respondo. Minha voz está forte e decidida. Minha boca está seca. Quem é Kyla? Faço uma careta, me concentrando. Lucy, a criança, foi um sonho que tive antes. Mas eu sou Chuva. Não sou?

— É ela, com certeza — afirma uma segunda voz, mais baixa.

— Mas ela não deveria conseguir mentir com aquilo em seu sangue.

— Quem é você? — grita a primeira voz.

Ah. A droga da verdade pode ser manipulada se você acreditar no que diz. Eu sou Chuva. Mas eu também sou Kyla.

— Kyla — respondo. — Sim, eu sou a Kyla.

— Boa menina.

A voz que grita se move atrás de mim, fora de vista. A voz mais baixa me rodeia e puxa uma cadeira em minha frente.

— Agora, Kyla, eu vou fazer algumas perguntas, está bem?

— Claro — eu digo. — Divirta-se.

— Ouvi dizer que você gosta de desenhar.

Eu olho para ele.

— E?

Faço cara de confusa.

— Isso é uma pergunta?

— Ah, desculpe; você está certa. Você gosta de desenhar?

— Sim.

— Agora, me diga: ouvi dizer que você gosta de desenhar o hospital Nova Londres. Onde você foi Reiniciada. Isso é verdade?

Eu faço careta, me concentrando. Eu *não gosto* de desenhar o hospital; eu sinto que preciso fazer isso.

— Não — respondo.

Ele olha para alguém que está atrás, fora de vista.

— Seja mais específico — diz uma terceira voz.

— Você desenhou o hospital ontem?

Não consigo ver uma saída para essa pergunta. *Pense*.

Não era exatamente um desenho do hospital. Era apenas um corredor interno. Meu rosto se descontrai.

— Não.

— Dou mais a ela?

— Se der mais, ela vai apagar.

— Vamos tentar outra coisa mais... dolorosa — outra voz.

Um rosto aparece em frente ao meu. Um olho está fechado, inchado. Ele toca em minha sobrancelha.

— Eu gostaria de fazer o que você fez comigo. Como uma Reiniciada aprendeu a chutar desse jeito é o que eu gostaria de saber — ele passa um dedo ao redor do meu olho como se escolhesse um lugar para chutar e eu sinto nojo.

Uma porta se abre em algum lugar atrás de mim, sinto uma corrente de ar.

O que está ao meu lado fica em posição de sentido.

— Senhor! — ele diz.

Há mais vozes, mas minha cabeça está muito confusa para entendê-las; não consigo me concentrar, quero dormir. Uma nova voz é fria. Há algo de diferente; eu sei quem é, e não sei. A voz está dizendo para eles me deixarem, para saírem e conversarem. Os passos se afastam. Silêncio. Meus olhos se fecham.

Quando acordo novamente estou deitada. Minha cabeça parece uma bola de futebol no meio de um jogo.

Não se mova; escute.

Mas não há nada para ouvir. O som de um relógio, apenas isso. Abro os olhos com cuidado.

Um escritório. Uma mesa. Estou em um sofá contra uma parede oposta à mesa. Vejo um Lordeiro de terno cinza sentado ali, usando um *netbook*. Ele ergue os olhos e vê que os meus estão abertos.

— Vejo que está acordada.

Não tenho como esquecer o rosto dele. Lábios finos, quase como se sua pele tivesse sido cortada por uma faca para fazer a boca. É o Coulson.

Então foi a voz dele que reconheci mais cedo.

Eu me esforço para sentar, para encará-lo. Sinto dor em toda parte, mas as coisas parecem estar funcionando. Sem danos colaterais. Toco meu rosto, ao redor do meu olho: ainda inteiro.

— Hoje foi um dia lamentável — ele sacode a cabeça. — As coisas não podem ser feitas desse jeito — ele suspira. — Não se preocupe, haverá uma investigação. Haverá punição, se necessário.

— Não entendo.

— Bem, vou explicar algumas coisas, Kyla. É o seguinte. Tenho observado você há algum tempo. Há algo errado. Você tem estado a par de coisas que não deveria. Para uma Reiniciada, isso é realmente preocupante — ele suspira novamente. — Nós queremos que todos vocês tenham sucesso, sabe. Uma segunda chance. É claro, meu interesse em você começou a partir da situação com Ben Nix. As pílulas da felicidade que ele tinha. Obviamente você também as vem tomando, ou não suportaria o que houve hoje. Já teria tido um colapso há muito tempo.

Não falo nada. O nome de Ben me deixou sem ação.

— Pobre Kyla. Eu sei que você é um mero peão. Usada pelo TAG para desenhar o hospital que mantém em segurança toda a dedicada equipe médica e pacientes. Mas nós queríamos seguir você, sabe. Para chegar ao TAG e seus planos. Então fiquei muito zangado quando soube que você foi pega hoje. Não era o momento, e agora as coisas mudaram.

Ele faz uma pausa, toma um gole de chá e eu o encaro, a mente anestesiada. *Ele sabe sobre o desenho*. Amy é a única que o viu... Não. Ela não faria isso. Faria?

Seus lábios finos se curvam no que poderia ser entendido como um sorriso,

mas está todo errado.

— Vamos fazer uma limonada com esse limão, que tal? Isso é o que acho que deveríamos fazer. Deixamos você ir. Você continua se encontrando com o TAG. Descubra o plano deles e nos conte tudo. O que acha?

— Não sei do que está falando. Eu não tenho nada a ver com terroristas.

Ele balança a cabeça tristemente.

— Nós sabemos, Kyla. Não há por que mentir. E o que aquele garoto, Cameron, tem a ver com isso? O que deveríamos fazer com ele, então?

Entro em pânico.

— Nada! Isso não tem nada a ver com ele. Nós só estávamos passeando de bicicleta.

— Seu desejo de proteger um amigo é louvável, Kyla. Mas por que eu deveria acreditar em você?

— Porque é verdade.

— Mas e Ben?

— O que tem ele?

— Você não gostaria de saber onde ele está?

Então é verdade: ele está vivo! Parte de mim está cantando por dentro, outra parte está paralisada pelo medo. Se Coulson sabe onde ele está, isso não pode ser bom.

— Onde está ele?

Coulson balança a cabeça.

— Eu não desperdiço informações; elas precisam ser conquistadas. Já que você mente sobre algumas coisas, como vou saber quando você diz a verdade ou quando mente? Agora, me fale novamente sobre os terroristas.

Mentir é inútil quando ele já sabe, não é?

— Eu não sei os planos deles. Não sei! Só estou fazendo desenhos. É só isso.

Ele faz que sim com a cabeça.

— Tendo a acreditar que eles não confiariam em você para revelar uma informação tão importante, embora eu esteja ciente da garota engenhosa que você é, Kyla. Você será capaz de descobrir mais, se tentar. E, apesar de todos os seus erros, estou inclinado a ser clemente. Não é uma tarefa fácil a que estamos lhe dando. Eis a minha proposta. Deixaremos você e Cameron irem embora hoje.

Ele ficará a salvo. Por enquanto. Você descobrirá o que o TAG está planejando e quem está envolvido, e depois contará a mim. Se você for bem-sucedida, se provar a nós sua lealdade, levaremos você até Ben. Você poderá começar novamente. E digo mais: nós até tiraríamos seu Nivo, como fez o Ben.

Ele me olha e aguarda, tranquilo. O relógio faz barulho, os segundos passam e eu estou congelada. Anestesiada.

— E então, o que me diz? Você faria isso?

Só há uma resposta, e seu olhar convencido diz que ele sabe disso. Só há uma maneira de salvar Ben. Uma maneira de salvar Cam. E a mim mesma.

— Sim.

Não muito depois, Cam e eu somos jogados ao lado da estrada, próximos às nossas bicicletas.

— Seu pobre rosto — eu toco em sua bochecha, cortada e inchada.

— Vai sarar — ele me olha nos olhos. Cam, que saiu em minha defesa quando era óbvio que iria perder. Ferido e ameaçado por minha causa.

— Sinto muito — começo a dizer, mas as palavras param em minha garganta. Agora que tudo acabou e os Lordeiros se foram, o horror, o medo toma conta de mim. Começo a tremer.

Ele segura minha mão e me puxa para perto. Ficamos ali, ao lado da estrada, sem nos mover, sem nos falar. Eu tento respirar devagar, me controlar, para não chorar. Mas ficar assim, com o calor dos braços dele ao meu redor, só torna isso mais difícil. Eu o empurro.

— Agora — ele diz —, você vai me contar o que há entre você e os Lordeiros?

Cam fez por merecer a verdade. Mas eu não posso dizer a ele. Só o colocaria em mais perigo se soubesse sobre meu acordo com Coulson. Sobre mim e o R. U. Livre.

Sacudo a cabeça.

— Não há muito para contar. Os Lordeiros pensaram que eu estivesse envolvida em alguma coisa. Mas depois se deram conta de que foi um engano e nos deixaram ir.

— Você não espera eu acredite nisso, não é? Não minta para mim — ele diz, os olhos cheios de mágoa.

Por dentro, estou vacilante. Mas não direi nada, não quando é tão perigoso o

conhecimento. Quanto menos ele souber, melhor para ele.

— Se houvesse algo que eu pudesse lhe contar, eu contaria. Desculpe.

Ele se levanta, verifica se minha bicicleta sobreviveu à colisão com a cerca, mas não me olha nos olhos. Eu quero muito contar tudo a ele, apenas para acabar com esse olhar ferido. Para ter alguém com quem dividir o que sei. Que me abrace e faça eu me sentir melhor, ainda que só por um momento.

Isso não fará bem algum. Não confie nele.

Isso é loucura! Ele acaba de ser arrastado comigo; seu único crime foi enfrentar aquele Lordeiro que me derrubou da bicicleta. Ele não demonstrou que pode ser confiável?

Não. Até que você descubra quem traiu você, não confie em ninguém.

É isso que ocupa minha mente durante todo o trajeto para casa. O sol está baixando no céu: final de tarde. Bem mais tarde do que deveríamos chegar em casa.

Quem contou aos Lordeiros sobre meu desenho do hospital?

Amy é a única que viu. Mas ela não faria isso. Nunca! De qualquer forma, isso não faz sentido. Se ela fosse me entregar aos Lordeiros, por que me fazer destruí-lo, ou admitir que o tinha visto?

Ainda assim... e se ela contou a alguém, sem a intenção de me prejudicar, e a pessoa contou a mais alguém?

Isso é possível. Mas foi apenas ontem que ela o viu. Como não houve aula hoje, as únicas pessoas que ela encontrou desde então foram mamãe e Jazz.

Só pode ter sido um deles.

Não! Não posso acreditar nisso. Mas quem mais poderia ter sido?

Eu não tenho resposta. Involuntariamente ou deliberadamente, Amy, Jazz ou mamãe devem ter me entregado aos Lordeiros.

Há poucas pessoas neste mundo em que confio e com as quais me importo, e uma delas me traiu. Eu não sei qual delas, e não acredito que alguma delas faria isso. Principalmente mamãe.

A mãe que você tem faz menos de dois meses.

Sim.

Aquela cujos pais foram mortos por terroristas; e também o filho, até onde sabemos. Você não acha que ela entregaria você se pensasse que você é um deles?

Eu me contorço por dentro. Talvez, mas... Não. Não consigo acreditar nisso.

Mas algo festeja dentro de mim: Ben está vivo! Ele está vivo! Agora não é só o avistamento relatado por Aiden que confirma isso; Coulson também confirmou.

Ele poderia estar mentindo, mas por que perderia seu tempo com isso?

Suas ameaças contra mim e Cam foram suficientes. E Coulson não sabe que, mesmo que eu não encontre Ben por mim mesma, posso encontrá-lo através de Aiden. Tudo o que tenho que fazer é encontrar Ben e avisá-lo sobre as ameaças de Coulson. Talvez possamos fugir juntos, para algum lugar onde os Lordeiros não nos encontrem.

Como a Lua?

Afasto a voz de dúvida e a ignoro. Alimento essa pequena chama de esperança dentro de mim e a mantenho acesa.

Sem isso, não tenho nada.

Quando chegamos a nossa rua, Cam desce da bicicleta em frente a sua casa. Sem dizer nada, ele começa a empurrá-la para a garagem.

— Espere — eu peço. Ele para e se vira. — O que você vai dizer que aconteceu?

— Caí da bicicleta. E você?

— Não vou dizer nada.

Ele vira as costas.

As lágrimas brotam em meus olhos. Ele é meu único amigo agora, sem contar Amy, mamãe e Jazz. E pelo menos um deles não é meu amigo de verdade.

— Cam, me desculpe — chamo com carinho.

Ele se vira novamente e balança a cabeça.

— Eu sei — e entra.

Inspiro e expiro para me estabilizar, depois empurro minha bicicleta até o barracão. Destranco a porta da frente.

— Olá! — eu chamo. Mas ninguém responde. A casa está em silêncio.

Corro para o chuveiro. Ao menos parecerei normal quando alguém chegar: vamos ver quem vai ficar surpreso de me ver aqui.

Eu os observo com cuidado durante o jantar. Jazz já está aqui, então todos os suspeitos estão presentes. Mas todos estão como sempre: ou alguém é um ótimo

ator, ou eu estou enganada. Mas qual seria a outra opção? Só pode ter sido um deles.

CAPÍTULO 22

O dia seguinte amanhece triste, chuvoso e acinzentado. E não ajuda que eu esteja com dor em toda parte, da cabeça ao dedão do pé. Ter sido jogada no chão e drogada pelos Lordeiros deixa qualquer um exausto. Sem mencionar a luta. Parte de mim ri por dentro quando penso no rosto inchado do Lordeiro que chutei; parte de mim estremece.

Eu me debruço sobre a mesa do café, mexendo o cereal para lá e para cá, sem comer muito.

— O que há com você esta manhã? — pergunta mamãe.

— Muitos suspiros no meio da noite por causa do Cameron, talvez? — diz Amy, entre risinhos.

Faço cara feia.

— Você entendeu errado; nós somos amigos — ou éramos. Suspiro. Eu me pergunto se ao menos ele ainda vai falar comigo.

— Viu? — ri Amy. E mamãe sorri como se concordasse com a conclusão de Amy. Como elas poderiam pensar isso, tão pouco tempo depois que Ben desapareceu? Sinto um embrulho por dentro ao pensar nele. *Ben, será que verei você logo?*

E o que importa o que elas pensam? Melhor isso do que saberem o que realmente atrapalha o meu sono. Claro que uma delas, ou ambas, sabe disso, se elas chamaram os Lordeiros.

No entanto, ao observá-las e ouvi-las esta manhã novamente, acho impossível acreditar que elas tiveram algo a ver com o que aconteceu ontem.

E o Nico? Se eu contar a ele sobre Coulson, ele saberá o que fazer. Mas o que ele fará comigo ao descobrir que deixei aquele desenho onde poderia ter sido encontrado tão fácil? Coulson disse que ele já estava me vigiando. Talvez minha falha tenha nos derrubado, ou nos colocado em uma boa posição: ao menos agora eu *sei* que estou sendo observada. Mas duvido que Nico veja isso dessa forma.

Nico passa por mim no corredor quando estou trocando de sala de aula naquela manhã. Ele inclina a cabeça suavemente, depois se dirige para sua sala.

Ele quer que eu o siga.

Será que de alguma forma ele já sabe o que houve ontem? A indecisão e o medo me seguram.

Melhor descobrir.

Verifico se alguém está olhando e bato uma vez à porta. Ela se abre, e Nico me puxa para dentro, fechando-a novamente.

— Chuva! Como você está? — ele está sorrindo.

— Hã, bem.

— Tenho uma surpresa para você. Não fique tão assustada! Você vai gostar — e não há nada em seu olhar para me deixar assustada, embora eu esteja.

— O que é?

Ele balança a cabeça.

— Calma. Primeiro vamos pegar a estrada hoje na hora do almoço.

— Para onde?

— Espere e verá, Chuva impaciente. Espere e verá — e ele me diz aonde devo ir para que ele possa me pegar.

— E minhas aulas da tarde?

— Me dê sua identificação na hora do almoço e eu cuido disso. Ninguém notará.

Quando o sinal do almoço toca, saio pelo portão lateral e desço a rua correndo. Conforme ando, me pergunto *por que* estou indo. Se ele souber, é perigoso. Se não souber, eu devia contar a ele. De qualquer forma, estou bem encrencada. Apesar disso, mesmo me questionando se devo virar as costas, meus pés me levam para o ponto de encontro. Por algum motivo, não consigo *negar* nada a ele.

Quando chego à curva que ele descreveu, mal tenho tempo de recuperar o fôlego quando o carro dele aparece e para. A porta do carona se abre. Eu entro.

Pouco depois, estamos fora da estrada principal, serpenteando pelas trilhas cheias de mato e desconhecidas. Nico continua em silêncio. Meu estômago dá voltas. Talvez tudo isso seja para me levar para um lugar silencioso e deserto para dar cabo de mim.

— Estamos quase lá — ele diz, mas tudo que consigo ver são árvores e mais árvores. A trilha se estreita até que o carro mal passe, e ele para. Nada à vista. Ele aponta para um caminho quase invisível, escondido no chão. — Você

encontrará respostas para o motivo que trouxe você até aqui, mais ou menos a dez minutos de caminhada por aquela trilha. Eu voltarei depois.

Ele pegou minha identidade escolar de onde estava pendurada, em meu pescoço, e a colocou sobre minha cabeça; seus dedos quentes fazem meu rosto corar.

— Vá. Cuide-se — ele diz.

Saio do carro e ele começa a dar ré até a travessa, e, quanto mais distante ele fica, mais dificuldade tenho para respirar.

Eu hesito, mas não há nada que possa fazer. Há?

Ando pelas árvores naquele caminho estreito. Com cuidado, em silêncio e devagar; não sei o que me espera à frente; preciso me concentrar para não me perder.

Com Nico, há muito tempo, fiz todo tipo de treinamento no interior da floresta, como me mover pela mata sem fazer barulho. Como deixar ou seguir uma pista, sem que ninguém veja. Aqui, há apenas dobras em algumas plantas para marcar o caminho, a intervalos de espaços irregulares. Até que eu perca a pista e tenha de voltar.

Fora de prática.

Sim. E me pergunto se não estou entrando em uma das ciladas de Nico. *Cuide-se,* ele disse: o que ele quis dizer com isso? Ele costumava nos testar, nos apresentar a perigos inesperados. Talvez esteja verificando se ainda estou preparada para isso.

Quando estou perto de dez minutos de caminhada, saio da trilha e começo a andar em círculos e em ziguezague. Vou seguindo rastros e controlando cada passo conforme avanço.

Eu me desvio tanto que encontro uma pequena clareira. De um lado, sob árvores frondosas, um toldo verde e galhos cobrem algo volumoso. Do outro lado, alguém aguarda, sentado em um toco, de frente para a trilha por onde eu deveria ter chegado. Ele olha para um relógio. Talvez se perguntando onde estou.

Pisco uma vez, e mais outra. Meus olhos só podem estar me enganando. Como se eu estivesse muito bem acordada e dormindo profundamente ao mesmo tempo; parada aqui e perdida em um sonho — ou pesadelo. Sinto arrepios nos braços e na coluna. A parte de trás da cabeça dele me é familiar, muito familiar. Seu cabelo escuro está mais comprido, seus ombros mais largos. Meu coração bate forte. Me pergunto quem é ele e se é ele realmente, tudo ao mesmo tempo.

Dou um passo à frente, insegura, sem olhar por onde ando. Piso em galhos secos.

Ele se vira ao ouvir o som. Olhos bem abertos, ele me olha por um segundo, dois. A emoção está estampada em seu rosto, rápido demais para identificar; ele estremece.

— Nossa, eu não acredito nisso. Chuva?

Ele faz uma careta, a mesma que eu quase já havia esquecido, mas agora está fresca em minha memória. A cicatriz da facada embaixo da bochecha direita estava mais clara do que da última vez que a vi, e minha memória sussurra o nome que ele escolheu para si mesmo.

— Oi, Katran.

— Nunca pensei que fosse ver *você* novamente.

Seu maxilar está tenso; um músculo se contrai do lado de seu rosto.

— Eu também. Nico não me disse que você estaria aqui.

— Nem para mim. Ele só me disse para encontrar uma pessoa. Em que buraco ele achou você? Pensei que você tivesse sido Reiniciada.

Levanto meu pulso, puxo a manga para cima. Mostro o Nivo.

— Você não deveria estar desmaiando diante da mera visão do meu lindo rosto? — ele sorri.

— Sinto desapontá-lo, mas você não é *tão* assustador assim. Além do mais, este negócio não funciona — eu giro o Nivo em meu pulso.

— Não é que você é especial!

Eu sorrio. Ecos de deboches do passado ecoam em meus ouvidos. *Chuva é muito especial para nos acompanhar; Chuva é muito especial para isso; Chuva é muito especial para aquilo.* Está voltando: Nico me impediu de andar com minha unidade diversas vezes. Até que... faço uma careta. A memória se foi.

— Vamos lá. Melhor irmos logo.

— Para onde?

Ele não responde; vai até a lona e a levanta. Debaixo dela há bicicletas de corrida.

— Lembra-se? — ele pergunta, um tom de desafio em sua voz.

— Tente acompanhar — eu digo, e saio na frente dele, pegando a trilha.

É difícil e animado; não é perfeito por causa dos hematomas de ontem, mas não me importo. É como voar! Mais rápido que Katran: é só isso que importa.

Após um tempo, chego a uma bifurcação no caminho e paro para decidir por onde ir. Ele passa por mim e segue pela esquerda, logo depois diminui ao chegar a um terreno rochoso. Descemos das bicicletas e as empurramos pelas árvores densas. Vejo uma casa. Por fora, parece em ruínas, e também pareceria por cima: feia, caindo aos pedaços, velha. Parece ser anterior aos conflitos, mas não muito. Há uma rua em um dos lados.

— Um abrigo? — pergunto. O R. U. Livre os tem por todo o país, em locais inesperados. Para esconder tanto pessoas quanto armas.

Ele balança a cabeça afirmativamente.

— Por que estou aqui?

— Nico sabe — ele diz; aquelas palavras e a expressão são familiares, ainda que esquecidas até que ele as diga. — Mas ele me falou para deixar você sozinha por um tempo com nosso último recrutado.

— Quem?

Ele revira os olhos.

— Princesa Ervilha.

Escondemos as bicicletas embaixo das árvores.

— Cuidado, há detonadores por toda parte — avisa Katran, apontando para os detonadores quase invisíveis, que darão o sinal na casa se alguém que não for convidado se aproximar.

Evitamos pisá-los e seguimos para a frente da casa. E ali, relaxada em uma espreguiçadeira no pôr do sol de fim de outono, está Tori.

Tori, uma recrutada? Posso sentir minha boca se escancarando e a fecho. Quando Nico disse que tinha um lugar para escondê-la, jamais eu pensaria que ele estava se referindo a *isso*. Ela ser uma de nós.

Katran se afasta, resmungando algo sobre encontrar o seu grupo. E deixando-nos a sós. Pelo seu olhar de costas e pelo olhar frio de Tori, tenho a sensação de que eles não se dão bem.

— Então, como estão as coisas? — pergunto, quebrando finalmente o silêncio.

— Tudo bem — ela olha para trás, os olhos indecifráveis, tempo suficiente para que isso ficasse desconfortável. Ela se levanta e pega uma caixa com facas de praticar arremesso. — Que tal? Tem uns alvos aqui. Ouvi dizer que você é boa nisso.

Vamos para os fundos da casa; uma árvore tem marcas de círculos apagadas.

Pego uma faca na caixa, a sensação e o peso em minha mão são tão seguros e familiares. Ela me traz a lembrança de vencer uma competição de arremesso, deixando Katran para trás. Eu sorrio.

— Facas são minha especialidade — explico.

— Sempre soube que havia mais sobre você do que aparentava, Kyla. Mas não entendo quem é você.

— Nem eu! — eu rio. — Mas eu não sou Kyla. Não aqui. Sou Chuva. E você, quem é?

Ela revira os olhos.

— Eles me disseram para escolher um nome de algo ao meu redor, mas não fui rápida o bastante e um idiota começou a me chamar de Princesa Ervilha — ela franze a testa. — Parece que pegou.

Começamos a lançar facas em direção ao alvo.

— Está tudo bem por aqui? — pergunto, observando-a cuidadosamente de esguelha, enquanto finjo me concentrar no alvo.

— Sim. Tudo ótimo! — ela faz uma careta. — Tirando o nome.

— Princesa eu entendo, mas por que Ervilha?

— Reclamei de algumas coisas quando cheguei aqui, alguns dias atrás — ela admite, com um olhar envergonhado no rosto. — Katran disse que era como a princesa reclamando da ervilha embaixo do colchão.

— Mas está tudo bem agora?

Ela sorri.

— Aqui, no meio do nada você pode fazer e dizer o que quiser. Até gritar, se tiver vontade! Ninguém se importa, não há Lordeiros — ela sente o peso de uma das facas. — Posso olhar para aquele alvo e imaginar quem eu quiser lá. Minha mãe, por exemplo — ela joga a faca. Um barulho surdo. Lançamento perfeito. — Ou um Lordeiro — ela joga outra, mas não acerta o centro. Ela resmunga, aborrecida.

Vamos até a árvore, tiramos as facas e voltamos para onde estávamos.

— Tente ficar mais distante desta vez — sugiro, e chegamos para trás. — Algum Lordeiro em particular? Planejando vingança?

— Tarde demais, ele já está morto — ela joga uma faca, mas está distraída e a faca desvia, errando o alvo. Ela xinga. Tenta novamente e acerta o centro do alvo.

— Você nunca me disse o que aconteceu.

Vamos novamente até a árvore e tiramos nossas facas. Em vez de voltar, ela senta, se recosta e fecha os olhos.

Faço o mesmo. Ela está em silêncio.

— Tori?

— Você não devia usar esse nome aqui. Eu não sou mais ela. Muitas coisas ruins aconteceram com ela. Estou deixando essas coisas para trás.

Ela se curva para frente, arranca um pé de capim e o pica em pedacinhos.

— Você sabe o começo da história. Fui levada embora. Durante a noite, enquanto dormia. Arrastada pelos Lordeiros. Eles não diriam por quê — ela suspira. — Fui levada para um lugar com outros Reiniciados. Havia meia dúzia de nós. Tão assustador. Nunca ouvi tantos Nivos apitando ao mesmo tempo. Um dos Lordeiros leu alguma coisa sobre como tínhamos violado nossos contratos, mas não nos deixou dizer nada. E então... — ela para, o rosto atormentado.

— Não precisa me dizer, se não quiser.

— Eles foram mortos — ela suspira.

— O quê?

— Exterminados. Com uma injeção. E jogados em um buraco no chão, como lixo. Claro que, assim que o primeiro morreu, a maioria desmaiou, então nem viram o que lhes aconteceu.

Você deduz que seja isso o que acontece com as pessoas que desaparecem. Mas ouvir alguém dizer, alguém que viu isso acontecer, é demais. Fico enjoada.

— Mas e você?

— Fui a última. Eu não desmaiei. Mas, depois, desejei ter desmaiado — ela dá um sorriso sem graça. — Me deram uma injeção. Eu lutei e chutei, mas eles conseguiram mesmo assim. Só que não foi o que os outros tomaram. Era o Elixir da Felicidade.

— O quê? Eu não entendo.

— Eu também não entendi. Depois um dos Lordeiros me enfiou dentro de um carro.

Salva por um Lordeiro? Inacreditável. Mas, quando ela disse isso, seus olhos se estreitaram.

— Por quê?

— No início, achei que ele tivesse alguma consciência. Queria me salvar, embora eu não conseguisse entender por que me escolheu em vez dos outros. Ele me escondeu em uma casa e chamou um médico para tirar o meu Nivo. Foi tão incrível! E ele me deu umas coisas. Roupas, coisas legais. Me tratou como a uma filha — ela virou o rosto. — Mas era tudo fingimento. Ele era completamente louco. As coisas que ele fez. Pequenas coisas no início, depois foi piorando. Eu não vou dizer o quê, não consigo.

Oh, Tori. O rosto dela, mesmo cheio de ódio, como agora, é perfeito. A mesma beleza que deve ter feito a mãe dela devolvê-la a fez sofrer de maneiras que ela não consegue sequer falar, nas quais eu nem ouso pensar. Estico minha mão e ela a agarra. E segura firme.

— E então, um dia, aproveitei minha chance. Parei de lutar. Fingi estar gostando das coisas que ele queria que eu fizesse. Então, quando ele estava... distraído, eu o matei.

Ela largou minha mão e pegou uma das facas, passando o dedo delicadamente pela lâmina.

— Não era tão afiada quanto esta. Uma faca de cozinha. Foi doloroso e lento. Ele sofreu, e eu gostei.

Ela olha para cima novamente.

— E então eu fugi. Não achava que chegaria longe, mas não me importava. Ia me matar para que eles não o fizessem, quando me pegassem. Para não dar esse gostinho a eles, sabe? Mas então me dei conta de que eu queria ver Ben antes de morrer — os olhos dela se enchem de lágrimas.

Estremeço por dentro. Se ela souber do meu envolvimento no sumiço de Ben, a faca não ficará parada em sua mão.

Ela aperta o cabo com tanta força que suas juntas ficam brancas.

— Não queria falar sobre isso. Sabe por que lhe contei?

Minha boca está seca, meu corpo preparado para reagir, para me defender se necessário.

— Por quê?

— Nico me pediu.

Eu relaxo, mas só um pouco. É esse o motivo de ele ter me trazido aqui? Por que ele faria isso?

— Tive que contar a ele — ela explica. — Ele insistiu em saber o que houve para me deixar ficar. Ele conseguiu tirar mais de mim do que jamais pensei que

diria em voz alta.

— Ele tem jeito para essas coisas — digo.

Ela concorda, um sorriso leve em seus lábios quando ela pensa em Nico, e no seu jeito. O ciúme cresce dentro de mim.

E então o sorriso dela desaparece.

— E, em troca, ele me disse que Ben cortou o Nivo dele, e que os Lordeiros o levaram. Eu cheguei tarde. Ele provavelmente está em um buraco em algum lugar, como aqueles outros Reiniciados.

Ela coloca a cabeça entre os joelhos, os braços apertados ao seu redor. Seu corpo treme entre soluços e eu coloco um braço no ombro dela. Eu devia dizer a ela que Ben foi visto. Mas não digo. Será por que não é algo concreto e pode nem ser ele? Para proteger Aiden? Ou por outra razão obscura? Não tenho certeza.

Ela ergue a cabeça e enxuga o rosto na manga da blusa. Olha para mim e sorri.

— Mas agora estou no R. U. Livre e vou matar mais Lordeiros. E é por isso que gosto disso aqui — ela se levanta. — Venha. Tenho que praticar.

E ela pratica. Tem boa pontaria, porque seus olhos veem sangue de Lordeiros.

CAPÍTULO 23

Tori segura a pistola com as duas mãos. Mira cuidadosamente e puxa o gatilho.

A garrafa explode ao mesmo tempo em que o braço dela sente o coice da arma.

Ela ergue o punho triunfante.

— Finalmente! — ela teve dificuldade, não tem um talento natural como para as facas, o treinamento foi longo, frustrante e, algumas vezes, perigoso. Nós duas estamos rindo quando nos viramos e vimos que Nico está lá, observando.

— Bravo! — ele comemora, e Tori se enche de orgulho. Eu me pergunto se ele terá visto os outros doze tiros que ela errou.

Nico joga minha identidade escolar; eu a pego.

— Correu tudo bem com isso? — pergunto, colocando-a de volta em meu pescoço.

— Claro que sim. Você esteve em todas as aulas, como programado, e é o que o computador do colégio vai mostrar se alguém duvidar. Venha — ele chama, apontando para mim e entrando na casa.

Eu o sigo. A casa é um dormitório improvisado, há colchonetes pelo chão. Engradados, caixas. Armas? Aparentemente não. Impossível que Tori gostasse daquilo; não é de estranhar que Katran a tenha chamado de “Princesa”. Mas, depois do que houve com ela, estar ali deve ser o paraíso.

— Sente-se — Nico aponta para uma caixa e senta-se em outra. — Precisamos conversar. Tori lhe contou a história dela?

— Sim.

— E você entende por que pedi a ela que lhe contasse isso? Chuva, você sabe que precisamos trabalhar em grupo: honestidade total. Eu fiz Tori contar sua história triste; você precisava saber. Para conhecer as forças e fraquezas dela, o que a motiva. Para trabalhar com ela.

Ele está colocando a mim e a Tori na mesma categoria, no mesmo nível! Estou magoada e não consigo ter certeza se é só por esse motivo ou por algo mais. Isso

não é ser honesto. Se Tori soubesse minha história — o que houve com Ben —, ela nunca me aceitaria. Suspiro.

— Pobre Chuva. Você sabe que estou do seu lado, não sabe?

Ele pega minha mão e a segura; eu retribuo com força, oprimida, sentindo-me isolada, sozinha. Eu não podia confiar em minha mãe e Amy; Cam não está falando comigo, ou está, mas precisa ser evitado para o próprio bem dele. Momentos antes eu sentira que Tori e eu estávamos iniciando uma frágil amizade. Mas tudo terminará em um instante, quando ela souber a verdade sobre Ben.

Só me resta Nico. Ergo os olhos e encontro os dele. Ele mantém o olhar, firme. Seus olhos são sempre os mesmos. *Honestidade total*: eu tenho que contar tudo a ele.

— Agora, como estão indo os seus desenhos? — ele pergunta.

— Fiz alguns; eu poderia tê-los trazido hoje se soubesse que você estaria aqui. Irei ao hospital no sábado. Tenho que verificar alguns detalhes, e desenhar mais. Eles precisam ser precisos.

— Sim. Mas faça isso logo, Chuva. Logo.

Respiro fundo.

— Preciso lhe falar sobre outra coisa. Eu...

— Espere — ouço passos e murmúrios do lado de fora. — Vá lá e conheça seus novos amigos primeiro.

Quando saio da casa, Katran está de volta e com ele um exausto grupo de nove pessoas. Pela aparência, recrutas novatos, todos de catorze ou quinze anos. Alguns são rostos meio conhecidos do colégio, e posso estar surpresa de vê-los, mas eles estão muito mais por me ver. Os olhares estão em meu pulso: no meu Nivo.

Quando Nico surge por trás de mim, acabam-se os sussurros. Estão em posição de sentido.

Nico se vira para Katran.

— Reporte.

Ele balança a cabeça.

— Um bando de inúteis esta nova cambada. Eles estavam todos de bate-papo quando voltei do meu *desvio* — e ele olha para mim.

O medo à minha volta é tangível, uma coisa pegajosa e sufocante que você

quase pode alcançar e tocar. Todos começamos desse jeito, morrendo de medo de Nico. Pouco a pouco fomos alcançando os objetivos e ele nos aprovou, e tudo mudou: o medo continuou, mas o resto se seguiu. Começamos a entender que tudo o que ele fez foi por nós. Para nos tornar mais fortes. Para nos manter a salvo.

Mas Nico apenas ergue uma sobrancelha.

— É o seu grupo, Katran. O que você acha que deve fazer a respeito?

Katran sorri.

— Passar a noite treinando hoje — Katran levanta a mão para dizer a eles para ir e alguns começam a se afastar com passos inseguros.

— Esperem — diz Nico. — Há outro problema.

Todos param, estáticos, olhos novamente em Nico.

— Tivemos uma séria falha na segurança. Um de vocês escapou e contou histórias sobre nós. Quem foi?

A voz dele é fria e, embora eu saiba que não sou eu, que é alguém deste grupo, o medo deles é tão contagioso que passa para mim. O pavor aumenta pelo que irá acontecer a seguir.

Ele olha para os rostos pálidos, um a um, e os encara. Eu vejo a culpada antes que ele chegue até ela: uma garota de cabelos escuros, do primeiro ano no colégio, eu acho. Ela treme e não consegue encará-lo.

Nico suspira. Gesticula para Katran, que a agarra e puxa para a frente dos outros. Ele a segura diante de Nico.

— Holly, não é? — ele pergunta, esticando a mão; ela se encolhe, mas ele apenas toca de leve em sua bochecha. Ele sorri. — Nos diga o que você fez — ele pede, gentil.

Ela olha para cima, uma esperança desesperada em seus olhos. Ela não o conhece tão bem quanto eu: a raiva seria melhor.

— Desculpe, Nico. Eu tinha que vê-lo, dizer adeus.

— Quem? Seu namorado? — Nico olha para Katran, que revira os olhos.

— Não. Meu irmão.

— Holly. Acho que me lembro de você me dizendo o quanto odiava os Lordeiros, que faria qualquer coisa para destruí-los. Que nós éramos sua nova família.

— Vocês são! Isso é tudo o que eu quero fazer, que eu quero ser. Você precisa

acreditar em mim. Eu farei qualquer coisa.

— Qualquer coisa? — ele balança a cabeça para si mesmo. — Vamos ver. Mas você nos colocou em perigo.

— Ele não vai contar nada a ninguém.

— Então, como é que eu sei sobre isso? — as palavras dele são penetrantes. O rosto dela fica ainda mais pálido, se é que é possível. — Não mudaremos as regras, Holly. Manter laços do passado distorce a lealdade. Eles deixam você vulnerável e fraca.

Nico olha por cima da cabeça deles e acena. O grupo se divide ao meio sem discussão; dois homens saem da mata e entre eles está um garoto. Treze anos, no máximo, cada braço seguro por um dos homens. Ele luta.

Nico observa cada rosto.

— Pessoal, conheçam o irmão de Holly. — Ele olha de volta para Holly. — Agora, eis o meu dilema. Vocês me dizem coisas, fazem promessas, e então quebram as regras — Nico sorri. — Entretanto, vocês dizem que farão *qualquer coisa* por nossa causa.

Ele acena para Katran, que a deixa livre. Ela está tremendo.

— Você causou um risco à nossa segurança. Você precisa eliminá-lo.

Nico busca algo dentro de sua jaqueta. Retira uma arma. Verifica. E estende para Holly.

Não. Ela não fará isso. Ele não a obrigará. Não!

O irmão entende antes dela. Ele para de lutar. Olha para ela com seus enormes olhos castanhos, para sua irmã mais velha, que agora tem uma arma na mão. Olhando para ela como se não entendesse como foi parar ali.

Nico coloca uma mão no ombro dela, puxa seu cabelo para trás da orelha e fala gentilmente:

— Saiba que foi você quem fez isso a ele, seja você que puxe o gatilho ou outra pessoa. Você fez isso. Termine o que começou — ele diz.

A arma treme selvagem na mão dela e eu luto para me controlar, para não me jogar diante dela e arrancar aquilo de sua mão. Para então ficar presa entre aqueles dois homens como aquele garoto está agora.

Ela finalmente levanta o rosto. Olha nos olhos de Nico. Ele balança a cabeça.

A expressão dela está em branco. Ela segura a arma com as duas mãos, tentando firmá-la.

— Pou! — grita Katran. Todos se encolhem, e então ele ri e tira a arma das mãos de Holly. Ele a abre e mostra para todos: não está carregada.

Holly desaba no chão. Nico se ajoelha ao lado dela.

— Eu jamais faria você matar seu irmão, menina boba. Eu me importo demais com cada um de vocês. Mas você precisava aprender uma lição. Todos vocês precisavam — ele se levanta e olha nos olhos de cada um do grupo, um após o outro.

Ele acena para os homens, que soltam o irmão de Holly. Ele está sorrindo agora; ele corre para a irmã e eles se abraçam.

— Desculpe — ele diz. — Eu tive que aprontar isso para poder entrar aqui. Só assim eu também poderia me juntar ao R. U. Livre.

Nico estica a mão e ajuda Holly a se levantar. Estou tremendo de alívio. Eu devia saber, devia ter tido mais fé em Nico. Eu acreditei em tudo. Não deveria ter caído daquela forma, como todos aqueles recrutas. Ou Katran também estava envolvido o tempo todo ou percebeu o que acontecia. Eu também devia ter percebido.

Holly segura a mão de Nico, os olhos cheios de gratidão.

— Obrigada, Nico. Muito obrigada. Você não se arrependerá de me dar outra chance.

— Tenho certeza — ele fala com segurança tranquila, e Holly talvez não perceba o gelo fino em que está pisando, mas eu sim. Ninguém confronta Nico e sai livre disso. Meu estômago embrulha. O que ela fez, contando ao irmão, não chega perto do que eu fiz. Se Nico descobrir que me descuidei e deixei os Lordeiros me pegarem... bem. Aquela arma estará carregada.

Não posso contar a ele.

Mas e Ben?

Nico olha para o grupo.

— Já que vocês estão aqui, tenho novidades. Uma grande honra para todos vocês. Graças a uma informação da Princesa aqui — um sorriso no canto de sua boca quando ele diz o nome e gesticula para Tori —, conseguimos descobrir a localização de um CRE de um Lordeiro. Um Centro de Recolhimento e Extermínio, para onde eles levam e matam os assim chamados quebradores de contrato. Vocês o atacarão em poucos dias.

O centro para onde Tori foi levada? Onde os Reiniciados foram mortos e jogados no buraco. Meus punhos se fecham, estou cheia de dor pelo que fizeram

com eles. E quase fizeram com Tori, antes que o destino, que deve ter sido pior, a chamasse.

Todos sorriem nervosamente, e então se animam. Primeira missão deles? Estão preparados? Olho para Katran, que levanta uma sobrancelha. Ele também não tem certeza.

Mas eu estou pronta. Talvez eu possa me livrar do problema com Coulson deixando isso para trás.

— Nico, posso...

— Espere — ele coloca a mão em meu ombro. — Vamos para dentro, minha especial. É hora de terminarmos a nossa conversa.

Eu o sigo de volta para a casa, sentindo os olhares em mim. *Especial*: uma etiqueta dessas na frente de todos eles. O sarcasmo de Katran ressoa em meu ouvido: *especial demais para ir conosco.* Isso nós vamos ver.

— Agora, sim. O que você queria me dizer?

— Me deixe ajudar. Quero ficar aqui, participar.

Nico sorri.

— Estou tão satisfeito de ouvir você dizer o que eu já sei, Chuva — ele se curva e beija minha testa. — Mas você não pode ficar aqui.

— Mas...

Ele estende uma mão.

— Ainda não. Você *ainda* não pode ficar aqui. Há coisas que você pode fazer por nós se ficar mais um pouco em sua outra vida. Grandes planos se aproximam, Chuva. Logo irei lhe contar. Por enquanto, é tudo que você precisa saber. Os Lordeiros e seus métodos estão ameaçados: haverá ataques simultâneos de várias frentes. E você terá um papel de vital importância. Você precisa estar a salvo.

— Por favor, me deixe ir ao ataque do CRE. Por favor! Farei qualquer coisa — ouço o eco das palavras de Holly e, por dentro, bem no fundo, uma parte de mim se pergunta: eu realmente faria *qualquer coisa*? Ela quase fez.

Ele me olha, pensativo. Levando tanto tempo que eu quase quebro o silêncio com mais apelos. E então ele concorda, fazendo que sim com a cabeça.

— Posso ir?

— Sim, Chuva. Você pode ir — ele diz, sorrindo, e eu regozijo com a aprovação. — Agora, me diga se há algo mais.

Ben. Me ajude a encontrá-lo; proteja-o do Coulson. Tire o Coulson do meu caminho. Mas ali, com os olhos de Nico em mim, eu não consigo. Não posso contar a ele sobre Coulson. Ele ficará furioso. Tudo que eu quero é fazer parte de sua causa. Nossa causa. Para que Nico continue olhando para mim como faz agora, com ternura e benevolência. Ficarei longe de Coulson e não lhe direi nada. Pensarei eu mesma no que fazer sobre Ben.

— Não, Nico. Não há mais nada.

— Então vamos lá, está na hora de você ir.

Não há nem sinal de Tori ou dos outros lá nos fundos, mas Katran espera ao lado da porta.

— Leve-a para casa — pede Nico.

Katran balança a cabeça e eu o sigo até as nossas bicicletas de corrida.

Sem dizer nada, ele acelera pela trilha e eu pedalo atrás. Nós vamos pelo mesmo caminho que percorremos até o cruzamento após o terreno rochoso, e então seguimos para o outro lado.

Ele continua em frente, e a trilha em que estamos cruza com o trajeto de um canal, não muito usado pelo estado em que se encontra. Tivemos que parar duas vezes, para erguer nossas bicicletas e carregá-las sobre árvores caídas.

Após um cruzamento, o caminho começou a se alargar e a parecer familiar: pelo outro lado se liga à trilha que vai até a casa de Ben, tenho certeza. Ou onde costumava ficar a casa dele. O que significa que essa se liga à trilha sobre nosso vilarejo.

Katran logo para.

— Colocamos um esconderijo aqui para uma bicicleta — saímos da trilha, indo por entre árvores e bambus. — Você pode deixar a sua aqui para ir até nós, se precisar.

— Obrigada.

— Nico me disse para providenciar isso — ele empurra minha bicicleta para dentro e aponta para uma caixa pintada atrás para que se parecesse com folhas. — Normalmente é aqui onde guardamos suprimentos. Água, comida, combustível — ele diz, e então puxa uma lona e galhos novamente por cima de tudo. — Nunca soube que isso era para você, ou teria pensado duas vezes.

Faço uma careta diante da acidez da voz dele.

— Qual é o seu problema comigo, afinal?

Ele volta para sua bicicleta.

— Meu problema? Eu não tenho um problema. Você, por outro lado, não é nada além de problemas, *garota especial* — então ele sobe na bicicleta e desaparece pela trilha.

Ótimo. A única pessoa do meu passado que eu realmente dispenso é justo a única que está aqui.

O sol está baixando no céu enquanto marcho para casa, me apressando agora para evitar perguntas sobre onde estive e por que cheguei tarde. Os últimos quilômetros desaparecem enquanto penso.

Eu me apavorei.

E é isso, hora de enfrentar: eu tive medo de dizer a verdade para Nico.

Veja o que aconteceu com Holly: se é isso que Nico faz com um dos seus, cujo único pecado é dizer ao irmão por que foi embora, o que ele fará comigo? Eu não serei mais especial se ele descobrir sobre o Coulson. Sobretudo porque não contei a ele na primeira oportunidade. E então pode ser que eu já não esteja viva.

Nós somos sua família agora. Nico não teria nenhum interesse de me ajudar a encontrar Ben. Para ele, Ben seria outro risco secundário: ele me torna descuidada. *Laços antigos, lealdade distorcida.*

Estou bem dividida: entre Nico e Ben.

Só há um jeito de saber o que fazer. Preciso ver Ben.

CAPÍTULO 24

— Sim, querida?

A tia de Cam é mais velha do que eu esperava, cabelos cinzentos, bagunçados no alto da cabeça. Olhos ansiosos espiam por finos óculos metálicos.

Eu me sinto acanhada.

— Cam está em casa?

— Sim, acho que sim. Entre, querida.

Eu a sigo pela entrada espalhafatosa que leva à sala da frente: o local inteiro está apinhado de coisas bregas, babados e animais de porcelana por *toda parte*.

— Cameron? Você tem visita — ela chamou.

Ele desce as escadas e eu prendo a respiração ao vê-lo. Um dia se passou, e o que o Lordeiro fez a ele parece pior, muito pior; metade de seu rosto está machucado, roxo e inchado. Ele é a visão do inferno e é tudo culpa minha.

— Obrigado — ele diz, olhando para a tia; ela parece um pouco afobada. Desaparece pela cozinha e fecha a porta.

— É... lugar legal.

— Pula a palhaçada. É um saco.

— Quer sair para caminhar?

— Claro — ele sorri para mim com a metade do rosto que ainda consegue sorrir. Seguimos adiante e penso que temos mais em comum do que eu achava. A atmosfera na casa é estranha. Vigilante. Ele está preso aqui com parentes que não conhece bem, em um lugar estranho. Não muito diferente do que me aconteceu há poucos meses quando aterrissei do outro lado da rua. Ao menos minha mãe tinha um gosto melhor para decoração.

Mas por que fui bater na porta dele justamente hoje? Após uma tarde com Tori, seguida por Katran e Nico, eu precisava fazer algo *normal*: visitar um amigo. Se é que ele ainda quer ser meu amigo depois de tudo o que aconteceu. Ou talvez eu não queira ficar sozinha com meus pensamentos?

Passamos do limite do vilarejo quando ele começa:

— Não vi você no colégio hoje.

— Desculpe.

— Senti sua falta na hora do almoço também: onde você estava?

— Por aí.

— Esperei do lado de fora da sua sala no final da tarde. E não vi você.

— Acho que eu gostava mais quando você estava me ignorando — eu digo, e então, imediatamente, desejo não ter dito. O rosto dele parece profundamente magoado. — Desculpe.

— Olhe. Se você me disser o que está acontecendo, talvez eu possa ajudar — chegamos ao final do vilarejo agora e viramos para voltar, mas ele me puxa pela mão em direção ao caminho escuro ao longo de um campo. — Vamos lá — ele diz, e eu estou apreensiva. Esse caminho leva para a mata onde Wayne foi encontrado, um lugar onde não quero estar novamente. Mas, assim que saímos de vista da estrada, ele para e se recosta em uma cerca.

— Kyla, escute. Eu entendo que, agora, você sente que não possa me dizer nada. E não diga que não há nada para contar. Eu não vou acreditar em você.

— Está bem.

— Mas se houver algo que eu possa fazer para ajudar, qualquer coisa, diga, e eu faço.

Olho para ele. Minha garganta parece apertada, como se eu fosse chorar, e é porque ele se importa demais para oferecer ajuda que ele pode se expor a todo tipo de complicação. Cam não é estúpido o bastante para não saber isso, não depois de ontem. Mas ao mesmo tempo eu me pergunto *por quê*. Por que ele está tão ansioso para se arriscar por alguém que mal conhece? É apenas amizade ou algo *mais*? Eu me aproximo e toco suavemente seu queixo ferido.

— Mas não foi por isso que você ficou assim?

— Bem. Se eu tivesse tido mais tempo, teria acertado aquele imbecil. Ele estava se saindo mal, não estava?

Eu sorrio.

— Claro que estava. Não sofreu nem um arranhão, mas ele estava tremendo.

— Ele não vai nos incomodar novamente — diz Cam, fazendo pose de pugilista.

Eu rio.

— Sim, tenho certeza. E obrigada novamente, por ter me defendido. Mesmo que tenha sido completamente insano.

— Eu faria qualquer coisa para dar o troco nos Lordeiros — ele diz, o rosto sério novamente. Seus olhos ficam distantes, focados em outro lugar, outra época, e eu não acho que ele esteja falando de ontem. Ele sacode a cabeça. — E você? — ele me olha; seus olhos estão de volta e me encaram.

Eu hesito.

— Tenho algumas coisas para organizar. É só o que posso dizer.

— Kyla misteriosa — ele diz. — Vamos lá, ou nos atrasaremos para nossos jantares.

Ele estende a mão e eu a seguro, apertando um pouco demais enquanto caminhamos para casa. Uma linha para outra vida. Uma que está se esvaindo.

No grupo, naquela noite, Penny continua seus jogos temáticos. Ela encontrou mais alguns jogos de xadrez, e, evidentemente, concluiu que, se um Reiniciado consegue jogar, o resto deles também pode.

Ela nos divide em dois grupos, eu em um e ela em outro, e ouvimos sobre a organização do tabuleiro, as peças e como elas se movem. Começamos alguns jogos, mas é tudo tão distante, tão sem importância, que não consigo me concentrar. Como se mover peças de xadrez — um jogador move, e então o outro, em sequência — tivesse algo a ver com a vida real.

Minha mente vaga em círculos e retorna novamente. Nico sempre parece estar no centro das coisas, direcionando e controlando a ação. Um mestre do xadrez sabe muitos movimentos por antecipação; as posições e os objetivos do outro jogador sempre podem ser previstos. Mas nem mesmo ele sabe sobre mim e Coulson.

Quem vencerá? É apenas um jogo para eles dois?

Naquela noite, foco no rosto de Ben, tento guardá-lo em minha mente, mas é uma frustração. Suas feições são escorregadias.

Ele é tudo para mim, mesmo que seja apenas um. Uma vítima entre muitas que os Lordeiros destroem a cada dia em que se mantêm no poder. O que é uma única pessoa quando o destino de muitos está na balança? Nico disse que devo ter um papel vital nos planos do R. U. Livre. Aquele pensamento me toma de orgulho e receio pelo que esse tal papel pode significar. Se Nico estiver certo — se os Lordeiros realmente estiverem sob ameaça —, que direito eu tenho de colocar isso em risco, mesmo para salvar Ben?

E como não fazer isso?

Eu desprezo minha fraqueza, por tudo estar tão confuso dentro de mim. Mas

há sempre uma única resposta: preciso ver Ben. Preciso avisá-lo sobre Coulson.

Corro o mais rápido que posso.

Mas nunca é rápido o bastante.

Às vezes ainda estou correndo quando acordo, perseguida por temores desconhecidos e anônimos. Outras vezes é pior, eu caí e ele não me deixará.

Mesmo quando estou lá, agora sei que é um sonho. Ele vem com frequência.

Mas saber não acaba com o terror.

Eu caio. E ele não me deixará. Meus olhos estão bem fechados. Não posso olhar. Não consigo ver o que acontece a seguir. Não consigo...

E estou gritando, mas uma mão está firme sobre minha boca, abafando o som. Eu luto, mas braços fortes e quentes me seguram com firmeza, me sacudindo de um lado para o outro. Uma voz murmura sons suaves em meus cabelos.

Shhh, Chuva. Está tudo bem. Estou aqui.

Abro meus olhos, e, conforme a razão retorna, ele tira a mão da minha boca. Katran está aqui. Foi apenas um sonho.

O mesmo de sempre?, ele pergunta.

Eu confirmo com a cabeça, tremendo, ainda incapaz de falar, tomada por outro medo. De perder algumas partes de mim mesma, de embrulhá-las e jogá-las fora.

Meus olhos se abrem de repente no escuro. O medo que senti no sonho é logo suplantado pelo choque. Meu sonho recorrente, o que sempre pensei ter surgido de quando fui Reiniciada? Não pode ser. Não se a versão desta noite tiver algum fundo de verdade. Se tive esse sonho quando Katran estava lá, então devo ter tido o mesmo sonho recorrente quando ainda estava treinando com os Corujas. *Antes* de os Lordeiros terem me pegado. *Antes* de ter sido Reiniciada.

Mas Katran me confortando, me abraçando: *só pode* ter sido criado por meu inconsciente. Impossível ter sido daquele jeito. Mas, mesmo que eu rejeite esse Katran cuidadoso, que eu não conheço, e me pergunte se o resto do sonho foi uma ficção também, eu sei que não pode ser. Parecia mais real, mais verdadeiro, que qualquer outra coisa.

E há algo mais, algo escondido naquele sonho. Está tão próximo que quase posso alcançá-lo e tocar com meus dedos, mas ainda me escapa.

Mesmo que meus punhos se cerrem, mesmo que eu queira gritar pela frustração de todas essas falhas em minha memória, há uma grande verdade ali.

Eu não quero saber.

CAPÍTULO 25

— Venha.

Apenas uma palavra em voz baixa, e é só. Esse Lordeiro eu não conheço; ele segue na frente e não olha para trás. Ele não tem dúvidas de que o seguirei. Até penso em correr, mas para quê? Eu o acompanho e apenas o mantenho à vista no meio dos alunos que mudam de sala. Coisa fácil de se fazer, já que deixam um bom espaço para ele: apenas sigo o ponto vazio em um corredor lotado.

Ele abre a porta do escritório no prédio da administração, entra e a deixa entreaberta. Olho rapidamente em todas as direções: Nico deveria estar no bloco de ciências, mas nunca se sabe. Não há sinal dele ou de mais ninguém que eu conheça.

Quando chego até a porta, noto que é diferente das outras pelas quais passei. Não há placa com nome ou número.

Bato uma vez e entro.

O Lordeiro que segui está de pé diante de uma mesa. Coulson está sentando do outro lado da mesa.

— Sente-se — ele diz. Só há uma cadeira, ao lado da pequena mesa, de frente para ele: muito perto para ser confortável, mas eu sento. — Fale.

Engulo, a garganta seca de repente.

— Escritório bonito — digo.

Ele não diz nada, mas o gelo da sala aumenta o suficiente para que eu perceba que estou com problemas. O silêncio é desconfortável.

A melhor forma de mentir é se prender à verdade o máximo possível.

— Deve haver algum plano, mas não sei para quando, ou os detalhes.

Ele inclina a cabeça levemente, o rosto em branco, como sempre. Pensando.

— Não é o bastante — ele diz, finalmente. — Que tipo de plano?

Meu cérebro não coopera; está gelado de medo. O que devo ou não dizer é um mistério despreparado, e, quanto mais ele me olha, mais meu cérebro para de funcionar. Até que eu encontre Ben, até que diga a ele para se esconder onde Coulson não possa encontrá-lo, Coulson *precisa* pensar que nosso acordo está de

pé. Ele precisa. Tenho de contar *algo* para ele.

— Deve haver planos de ataque esquematizados. Mas é só o que sei. Não sei onde, nem quando — falo rapidamente as palavras e me encolho por dentro. Nico é parte desses planos. Não posso dizer nada que leve a ele ou aos outros.

Ele me olha. O movimento do relógio na parede atrás de mim soa alto e parece muito lento, como se os segundos estivessem se esticando além de seu limite normal. Os olhos dele perfuram, veem as falhas no que eu digo, as coisas que deixo de fora.

— Há rumores sobre isso. Algumas... confissões, que sugerem algo parecido. O que mais?

— É tudo o que eu sei — respondo, as palavras quase presas na minha garganta.

O sinal para a próxima aula toca e eu me sobressalto.

Há algo nos olhos dele. Ele sabe que estou me segurando, que não lhe disse tudo.

O sangue para de correr no meu rosto.

Ele sorri, mas isso não me faz sentir melhor.

— Agora vá, você não pode se atrasar para a aula de matemática.

Eu praticamente salto da cadeira e sigo até a porta. Ele sabe até a minha próxima aula?

— Ah, Kyla?

Eu paro.

— Considere-se com sorte hoje. Eu não sou um homem paciente. A próxima vez que conversarmos, eu quero mais. Quero a história *completa*. Vá! — ele ordena, e eu saio porta afora.

Desço pelo corredor, feliz por estar atrasada, por ter uma desculpa para correr.

Passo meu identificador na porta da aula de matemática, me sento e pego o caderno. Finjo prestar atenção à explicação do professor sobre estatística enquanto minha mente é tomada pelas minhas próprias probabilidades.

Passaram-se apenas dois dias. Coulson é impaciente, agora? De alguma forma, ele sabe de *algo*. Que eu não estava onde devia estar na tarde de ontem. Mas como? Ou ele esteve observando ou alguém está me espionando.

Seguimos para a Reunião nesta tarde como fazemos todas as sextas-feiras, mas esta é diferente. Coulson está lá novamente com os Lordeiros, e desta vez

sei que não estou imaginando coisas. Os olhos dele realmente estão em mim, me marcando. Como uma placa de *neon* estampada em minha testa: Vejam a Espiã dos Lordeiros. Me sinto como uma borboleta espetada sob um vidro, com uma lâmpada quente queimando minhas asas.

Será que mais alguém percebe como ele observa? Olho em volta e levo um susto ao ver Nico sentando com o tutor de seu grupo, mais para a esquerda e algumas fileiras atrás. Os olhos dele encontram os meus e se desviam. Será que o Coulson viu?

Jogos perigosos.

Com o rosto cuidadosamente sem expressão, foco no Diretor quando ele inicia a inspeção. Por dentro, tudo está em desordem: aqueles dois, juntos, respirando o mesmo ar, na mesma sala. Talvez eu deva apontar um para o outro e deixar que se resolvam.

Não. Não é justo colocá-los juntos em minha mente desse jeito. Lordeiros são maus: me dá enjoo pensar no que houve com Tori nas mãos deles. E com tantos outros que desapareceram sem explicação. Nico está certo em querer dar um fim neles e em seus métodos.

Mas o que Nico é para mim... *isso* é complicado.

Eu devia ter dito a ele. Desde o início, assim que aconteceu, eu devia ter dito a Nico sobre Coulson e seu acordo. Deixar Nico decidir como lidar com isso, como dar o troco a eles. A Chuva do passado faria isso.

Eu não fiz. Não pude colocar Ben em risco; ou Cam. Mas esse não é o jeito do R. U. Livre. Eles farão o resgate dos seus se puderem, sem correr riscos desnecessários. De outra forma, tudo é dispensável; sabemos disso. É parte do plano. A segurança do grupo — a causa — é mais importante do que qualquer individualidade, no grupo ou fora dele.

Me sinto enjoada. É tarde demais para contar a Nico sobre isso; serei punida pelo atraso. Ele veria que estou dividida. Que sou fraca.

Não importa o que eu faça, é errado.

CAPÍTULO 26

Jazz pisca um olho e passa um envelope para minha mão quando chegamos em casa após o colégio. Corro para o meu quarto e fecho a porta. Ele teve o cuidado de fazer aquilo quando Amy não estava olhando. O que poderia ser? Minhas mãos estão tremendo tão forte que demoro a conseguir abri-lo, e quase o rasgo.

Dentro há uma fotografia. Um corredor: meio fora de foco, tirada em uma pista de corrida a alguma distância. Aquele cabelo, aquele corpo, o olhar perdido no rosto ao correr.

É o Ben.

Do outro lado está escrito a lápis bem apagado: *É ele?*

Abro o envelope novamente — não há nada mais, nenhuma orientação, nenhuma explicação.

Mordo a língua com força, para me impedir de dar um grito terapêutico. Não. É. Bom. O. Bastante. Isso não pode esperar.

A última vez que o vi, Aiden disse que estaria no Mac na sexta: hoje. Talvez ele ainda esteja lá. Se não estiver, talvez Mac saiba onde o Ben está.

Alguns minutos depois, estou pedalando pela rua.

*

Bato na porta da frente da casa de Mac. Ninguém atende, ainda que eu possa jurar ter ouvido alguém do lado de dentro quando me aproximei da casa. Eu experimento a fechadura, mas está trancada. Subo no portão alto ao lado da casa: uma van branca da companhia telefônica está estacionada do outro lado. Será que é do Aiden? Então Skye aparece e quase me derruba para lamber o meu rosto.

— Onde está todo mundo? — pergunto a ela. Ela abana o rabo.

Sigo até a porta dos fundos.

— É a Kyla. Me deixe entrar! — eu grito. — Sei que vocês estão aí.

Ouço passos do lado de dentro e a chave na fechadura. A porta se abre: Aiden.

Tiro a foto de Ben do meu bolso e a levanto.

— Onde é que ele está?

— Entre — Aiden segura minha mão e me puxa para a cozinha de Mac. — Desculpe não ter atendido a porta; eu não sabia que era você. Mac não está e eu não devia estar aqui. Skye não é uma boa cadela de guarda, é?

— Não — ela se recosta tanto nas minhas pernas que quase me derruba de novo, a cauda batendo enlouquecidamente.

— Eu ia tomar um chá — ele pega uma xícara extra e a ergue para mim. Eu aceno com a cabeça e ele liga a chaleira, e então se vira e se curva sobre a bancada. — Então, deduzo pela sua expressão que você acredita que seja Ben nessa foto.

— Sim. É ele.

— Cuidado, agora. Você tem certeza? Não é apenas porque você gostaria muito que fosse que acaba vendo o que quer? Olhe novamente.

Eu pego a fotografia. Olho com cuidado, mas *é* ele. Até mesmo no jeito de correr.

— Tenho certeza — respondo. — Onde está ele? Quando posso vê-lo?

— Não tão rápido. Pode ser... complicado.

— O que quer dizer?

Ele hesita.

— Ele está em um colégio interno. A redondeza está infestada.

— Infestada? Pelo quê?

— Lordeiros.

— Não entendo. Por quê?

— Não sei por quê. Mas há uma presença maciça de Lordeiros no vilarejo onde fica localizado o colégio. Estamos estudando isso.

— Eu preciso vê-lo.

— Você terá de esperar.

— Não. Me diga onde ele está.

— Kyla, até descobrirmos o que está havendo lá, é muito arriscado. Tenha paciência.

Olho para Aiden. Ele está sendo razoável, e cuidadoso, mas ele desconhece a situação.

— Se você não me ajudar, eu me viro.

— Sério? — ele ergue uma sobrancelha, cético.

— Sério. Você falou de uma pista de corrida, a uns trinta quilômetros daqui. Fiz uma pesquisa. Há exatamente nove possibilidades. Já estive em três delas — estou exagerando, mas eu teria estado no dia em que pedalamos, se os Lordeiros não tivessem interrompido. Mas eu posso fazer isso.

Os olhos dele se arregalam.

— Você fez o *quê*?

— Você me escutou.

Ele balança a cabeça.

— Você é doida — ele diz, mas em seus olhos está estampada uma inveja respeitosa. Talvez ele esteja até impressionado. E eu começo a acreditar que posso convencê-lo.

— Eu vou fazer isso, com ou sem você. Então, você vai me ajudar ou não?

Ele hesita, pensativo, e eu fico em silêncio para que ele possa decidir. Olhando fixamente para seus olhos azuis. Torcendo, torcendo com todas as minhas forças. Apesar de tudo o que eu disse, sei que é como buscar uma agulha num palheiro, e nós dois sabemos disso. Eu poderia ter deixado escapar uma pista nos mapas; a pista poderia ser nova e nem estar em um mapa. Eu poderia ir ao lugar certo e nem saber, se Ben não estivesse lá. Eu poderia ser pega.

— Seria melhor esperar — ele diz, finalmente. — Até que eu tenha mais informações.

— Mas...?

— Eu sou tão louco quanto você — ele sorri.

Eu me jogo e o abraço.

— Obrigada, Aiden! Quando?

— Que tal no domingo? Pode ser perigoso.

— Eu não me importo.

— Eu sim. Você tem que me prometer fazer o que eu disser no dia, Kyla, e cumprir. Ou estou fora.

Eu o encaro, em dúvida se devo fazer uma promessa que será difícil manter. Ainda que ele também esteja se arriscando.

— Prometo.

Aiden segura a foto.

— Esta foi tirada no domingo passado: treinamento na pista do vilarejo. Então podemos torcer que ele esteja lá, no mesmo lugar e horário novamente. Você ao menos poderá confirmar se é ele. O que acha?

— Eu vou fazer isso — repito, e Aiden me diz onde irá me pegar e a que horas; eu gravo os detalhes, mas ao mesmo tempo estou olhando para a foto de Ben nas minhas mãos.

É ele. Eu não sei como ou por que ele sobreviveu depois de ser levado à força pelos Lordeiros. Mas realmente é o meu Ben.

CAPÍTULO 27

Na manhã seguinte, aguardo nervosa na sala de espera da doutora Lysander. Há tanta coisa que preciso tentar esconder dela agora. Tento me lembrar de como é ser apenas a Kyla, antes de as memórias terem voltado, mas está sendo difícil. Ela não pode notar o quanto estou diferente, o quanto mudei: se ela pedir exames, estarei encrencada.

Mais uma vez há um Lordeiro de guarda do lado de fora da porta da doutora Lysander. Uma enfermeira sai do escritório ao lado, um rosto que não reconheço. Eu guardo sua imagem, na parte do meu cérebro que está ocupada colecionando pessoas que trabalham no hospital para desenhar para o Nico. E é quando me dou conta disto: e os rostos dos Lordeiros?

Eu me esforço para observar o guarda. É desconfortável tentar suplantar a vontade automática de olhar para o outro lado, de evitar o contato dos olhos, e evitar ser notada. Além de Coulson, cujo rosto está gravado em minha memória, e as feições daqueles de quando eu e Cam fomos pegos, não posso dizer que sei como se parecem os Lordeiros, exatamente. Homens e mulheres, eles se vestem todos iguais: ternos cinza idênticos na maioria do tempo. Ou de uniforme preto, como este que o guarda está usando, com um colete preto por cima e uma arma na cintura. Nico diz que os coletes são à prova de bala. E a forma como eles os usam e se comportam com eles diz *saia do meu caminho*. Os rostos geralmente são inexpressivos; os cabelos, ou são curtos ou presos para trás. Nada que os diferencie como indivíduos. Se você o visse num dia de folga, de calça jeans, ele pareceria como qualquer outra pessoa?

Ele é jovem, e eu estou surpresa. Por quê? Acho que o uniforme e a postura autoritária me fizeram achar que fosse mais velho. O rosto dele está inexpressivo, olhando diretamente para frente, sem notar ninguém inferior, como eu, por perto. Mas ele não parece mais velho que Mac ou Aiden, por volta de vinte anos, mais ou menos. Peso e aparência mediana. Dedos finos como de um músico, e não para segurar armas. Me chacoalho por dentro: pare de ser tão fantasiosa. Olhos cor de avelã, cabelo curto, castanho-claro. Características comuns e um rosto comum que seria difícil se distinguir em um desenho, mas eu o registro na mente para desenhá-lo depois, e...

Ele revira os olhos. Se vira um pouco para o lado, o rosto ainda sem

expressão.

Eu quase caio da minha cadeira.

A doutora Lysander aparece na porta.

— Kyla? Você pode entrar agora.

Salva. Eu passo por ele com pressa e atravesso a porta.

A médica sorri; ela está de bom humor, então.

— Bom dia, Kyla. O que há na sua mente hoje?

— Os Lordeiros são humanos? — me encolho após dizer isso: estava tão ocupada analisando o guarda que não preparei o que dizer.

— O quê? — ela ri. — Ah, Kyla, eu me divirto com você. Claro que eles são.

— Bom, eu sei que eles são *humanos*. Não foi bem isso que eu quis dizer.

— Explique, por favor.

— Eles são pessoas comuns: têm bichos de estimação ou fazem coisas para passar o tempo? Tocam algum instrumento ou vão a jantares? Ou apenas marcham de cara feia o tempo todo?

Ela sorri discretamente.

— Espero que eles tenham vida além do que nós podemos ver. Mas, agora que você mencionou, eu nunca vi um em um jantar, a não ser o que faz a guarda da porta.

— Você tem segurança para jantar?

— Eu tenho segurança na maioria dos lugares hoje em dia. Mas não estamos aqui para falar sobre mim.

— Bom, eu não tenho segurança. Eu sou ignorada, e gritam comigo — sequestrada e obrigada a aceitar acordos impossíveis. Eu guardo esse pensamento antes que apareça escrito no meu rosto; ela parece não notar e se volta para sua tela. Digita por um momento e então me olha.

Ela me observa com bastante cuidado.

—Você teve mais alguma memória? Ou sonhos que tenha achado ser reais?

— Pode ser.

— Me conte.

É impossível mentir para ela, e, mesmo que eu consiga, não devo. Ela tem de acreditar em mim ou irá pedir exames.

— Eu sonhei que estava tendo um pesadelo. E... — eu hesito.

— Sim, Kyla?

— Um garoto estava me abraçando quando acordei. Mas eu não acordei. Fazia parte do sonho — posso sentir minhas bochechas queimando.

— Entendo — ela parece estar se divertindo. — Aquele tipo de sonho bem comum na sua idade.

Mesmo que pareça fazer sentido deixar aquilo como está, eu me sinto arrepiada por dentro. Trata-se de uma memória real. Por mais que eu torça para que não seja o Katran, de alguma forma eu sei: aquilo aconteceu.

Ela torna a olhar para a tela.

— As coisas estão bem em casa?

— Sim.

— Mesmo? — ela se vira e estou de novo sob seu olhar.

Ela ouviu alguma coisa. Sinto uma angústia por dentro: minha mãe. Só pode ser, ela deve ter dito algo. *Só pode* ter sido ela. Meu pai não tem estado em casa, quem mais poderia ser?

O que posso dizer a ela?

— Bem...

— Continue.

— Eu não tenho certeza, mas acho que mamãe e papai não estão se dando muito bem ultimamente.

— Entendo. Você está incomodada com isso?

— Não. Eu não me importo que ele fique fora por mais tempo.

Ela inclina a cabeça. Posição de quem está pensando.

— Há uma exigência no seu contrato para que você tenha dois pais, para guiar você na transição entre casa e comunidade.

Meus olhos se abrem alarmados.

— Eu tenho, só não com tanta frequência quanto antes!

— Não se preocupe, Kyla. Enquanto as coisas estiverem estáveis em casa para você e sua irmã, não vejo nenhum motivo para reportar isso agora — ela olha para o relógio. — O tempo está terminando. Há algo mais que você queira me contar?

E os olhos dela se voltam para mim novamente. Há tantas coisas que querem

sair da minha boca quando ela me olha desse jeito. Eu me esforço para balançar a cabeça negativamente e levanto. O rosto voltado para a porta.

— Ah, Kyla? — eu me viro. — Conversaremos sobre qualquer coisa que estiver na sua mente da próxima vez — ela informa.

Eu saio apressada, escapar me faz bem.

O Lordeiro ainda está na porta. Em posição de sentido e olhando para frente. Não posso evitar olhar para ele antes de deixar a sala.

Ele pisca.

Quase tropeço.

Como assim? Tenho quase certeza de que piscar para uma Reiniciada pode causar problemas para ele.

— Seu pai ligou ontem à noite — diz mamãe, um olho na estrada e outro em mim. O trânsito de Londres próximo ao hospital está, como sempre, tão lento que não é preciso ter muita atenção.

— Ligou? Como ele está?

— Bem. Ele perguntou sobre você, como estão as coisas.

— Mesmo? — digo, surpresa. — O que você falou? — pergunto, incapaz de me calar.

— O que você me conta: que está tudo bem no colégio, que Cam é apenas um amigo, que não há nada de errado — ela suspira. — Eu queria...

— O quê?

— Eu queria que você não usasse essas frases *comigo*. Nós costumávamos conversar, conversar de verdade, não era, Kyla? O que está acontecendo nesses últimos dias?

Mordo a bochecha. *Concentre-se.*

— Nada, de verdade — eu sorrio; estou ficando melhor em mentir, ainda que, de alguma forma, mamãe não pareça muito convencida.

— Se precisar, podemos conversar. Só entre nós, está bem?

— Claro — eu digo. — Eu sei.

Mas o que eu não sei é quem me entregou aos Lordeiros. E, mesmo que eu pudesse ter certeza de que não foi ela, por onde eu ia começar? Talvez dizendo que faço parte do R. U. Livre. A mesma organização que explodiu os pais dela. Ou que eu não sou, afinal... sou uma espiã dos Lordeiros infiltrada no R. U.

Livre. De qualquer forma, não acho que ela estaria muito interessada.

Eu a observo enquanto dirige. Filha do Primeiro Ministro Lordeiro: ela é um deles, ou não é? Mas, apesar de tudo isso, há algo que me incomoda acima de tudo.

— Eu não entendo você — eu digo, finalmente quebrando o silêncio.

— Como assim?

— Por que você pegou a mim e Amy? Nós devemos ter feito alguma coisa, você não sabe. Podemos ser terroristas, ou assassinas.

— Você não me parece do tipo sanguinário.

As aparências enganam.

— Como é que você pode saber?

— Não posso. Mas eu sei quem você é agora. Você e Amy.

Olho pela janela. Ela sabe quem eu *realmente* sou? Será que ela me entregou aos Lordeiros porque descobriu?

— Mas e os seus pais? E seu filho. Eles foram atacados pelo TAG — eu gaguejo nas palavras, quase dizendo R. U. Livre em vez de TAG. *Cuidado.*

Ela não diz nada, continua dirigindo. O trânsito fica mais lento num sinal.

— Kyla, o que você sabe sobre Robert? Meu filho.

Eu me viro e olho para ela, surpresa ao ver seus olhos úmidos.

— O nome dele está no memorial do colégio. Ele foi morto quando o ônibus escolar em que estava foi bombardeado — é o que eu digo, embora Mac estivesse lá e tivesse outra versão para os eventos.

Ela balança a cabeça negativamente.

— Não. Eu acreditei nisso por muito tempo, mas não é verdade. Eu descobri que ele sobreviveu à bomba, mas nunca mais o vi. Acho que ele foi Reiniciado, embora eu não tenha sido capaz de provar. Fiz tudo que pude para encontrá-lo, mas nada.

Eu a olho, chocada. *Ela sabe.*

Alguém buzina atrás de nós; o trânsito começa a andar. Mamãe continua pela estrada.

— É esse o motivo, Kyla. Entende? É por isso que eu espero que alguém por aí esteja cuidando de Robert. Que alguém o ame. É por isso que faço isso por Amy e por você.

CAPÍTULO 28

A porta da van se abre totalmente.

— Rápido, agora — diz Aiden, e eu subo. — Desculpe, não é muito confortável aí atrás — ele empurra uma caixa de ferramenta para o lado. — Sente-se.

Eu me apoio na beirada da caixa. Aiden bate no encosto do compartimento da frente e a van começa a andar. Ela está repleta de coisas de material técnico, peças, ferramentas. Coisas penduradas do teto, em prateleiras e nas paredes. Mal tem espaço para nós dois em meio a tudo isso.

— Isso tudo faz parte da sua outra vida? — pergunto. — Técnico de telefonia durante o dia, super-herói à noite?

Aiden ri, um som natural e fácil, como sempre é o seu riso.

— Mais ou menos isso — ele responde, e sorri. E eu estou impressionada agora, pelo risco que ele está correndo para encontrar Ben. O mesmo risco que ele corre todo o tempo para encontrar outras pessoas perdidas.

— Obrigada por fazer isso — eu digo.

— Não me agradeça ainda. Eu vi a foto e não estou totalmente convencido de que seja Ben. Mas vamos checar. Arranjei um conserto de emergência em uma casa em frente à pista de corrida.

— Mesmo?

— Bom, é um trabalho simples, mas vai durar o tempo que precisarmos. Não demora muito para consertar de verdade, já que eu sei exatamente o que está errado. Mas talvez eu faça hora numa pequena sabotagem de super-herói.

— Malvado!

— Não fique com muita esperança. Há sempre uma chance de ele não aparecer hoje, embora ele tenha sido visto nos dois últimos domingos.

— Ben nunca perderia um treino.

— Se realmente for ele — ele insiste, o olhar sério.

— Para onde estamos indo? — pergunto.

Aiden pega um guia de mapas em uma prateleira e me mostra o nosso destino:

cerca de trinta quilômetros depois das rodovias. Eu rapidamente faço o trajeto na memória. A van passa em um buraco e dá uma guinada para o lado; meu traseiro bate na caixa de ferramentas.

Após o que parece ser uma eternidade, mas na verdade são mais ou menos trinta minutos, entramos em uma rua bem pavimentada e vamos mais rápido. Há uma janela na traseira, mas, com Aiden e tanta coisa no caminho, tudo o que consigo ver são uns relances de árvores e do céu azul.

Diminuímos a velocidade e fazemos algumas curvas.

— Quase lá, eu acho — diz Aiden, em voz baixa. A van para. Alguns momentos depois alguém bate e abre a porta. O motorista acena com a cabeça e eu digo oi. Aiden nos apresenta, e o motorista se afasta tão rápido que mal posso vê-lo.

— Vamos lá — diz Aiden. Protegidos pela van, seguimos para os fundos da casa, e o motorista fica para trás, pegando o equipamento. Ele começa a fazer um teatro, verificando fios do lado de fora da casa, e nós vamos para a porta dos fundos. Aiden vai até um vaso de planta e pega uma chave.

— Ninguém em casa?

— Ninguém. Ela pertence a amigos de amigos, mas eles combinaram de sair. Ela disse que, se subirmos até o quarto da frente, é o melhor lugar para ver. Foi de onde ela tirou a foto.

No quarto do andar de cima, a janela dá para um campo verde, cercado por uma pista de corrida. No lado oposto há um edifício grande: um centro de esportes? Há um grupo com alguns garotos, um treinador e alguns espectadores. Os garotos estão de pé, fazendo alongamento.

— Podemos ir até lá? Chegar perto para ver?

— Espere. Eles darão a volta — ele diz. — E então você pode olhar de mais perto. Por enquanto, tente com isto — ele me passa um binóculo, e eu observo ansiosa, tentando ver os rostos, mas eles continuam dando voltas, virando os rostos e...

Ali.

— Acho que o encontrei. Mais afastado do grupo.

Passo o binóculo para Aiden. Ele olha, pensativo.

— Pode ser — ele concorda, um momento depois. Ele o devolve e eu olho novamente: *é você mesmo, Ben?*

Após o que parece uma eternidade, eles começam a correr pela pista. Quanto

mais se aproximam, mais certeza eu tenho. O corpo dele, o jeito como ele corre e o quanto consigo ver de seu rosto: a marcha fácil que rapidamente deixa os outros para trás.

— É ele!

Eu me levanto e viro para a porta. Um sorriso enorme no meu rosto. Apenas essa visão rápida, a distância, e meu coração está batendo forte, o sangue correndo *rápido* em minhas veias. Tudo que quero fazer é correr para ele, jogar meus braços em volta dele e...

— Espere — Aiden coloca a mão em meu ombro.

— Mas eu preciso vê-lo.

— Ainda não. Você estava muito ocupada procurando por Ben para notar.

— Notar o quê?

— Uma van preta que acaba de estacionar. Olhe para os edifícios, do outro lado da pista. O que você vê?

Com uma sensação de abatimento, seguro o binóculo novamente e olho para a parte mais distante do campo. Alguns vultos. Homens. De preto. Parados, olhando os corredores na pista na curva que se aproxima deles. Um arrepio gelado passa em minhas costas e eu me afasto da janela sem pensar. Eles não conseguiriam nos ver daquela distância, a menos que tivessem binóculos também. O que eles provavelmente teriam, se tivessem razão para olhar. Qualquer coisa suspeita, como, por exemplo, uma van da companhia telefônica. Em um domingo. Minha boca fica seca.

— Por que haveria Lordeiros aqui?

— Eu não sei. Sinto muito, mas eles estão próximos demais para que você consiga chegar perto de Ben hoje. Eles estão perto demais até mesmo para estarmos aqui. Eu não gosto disso, de jeito nenhum.

Sou tomada pelo desânimo.

— Mas não posso ir sem dizer algo a ele, ver se ele está bem. Não posso. Tenho de vê-lo! — *Tenho de avisá-lo sobre Coulson*. Mais cedo ou mais tarde, quando eu não entregar Nico e os planos do R. U. Livre para o Coulson, ele fará valer sua ameaça.

— Sinto muito. É perigoso demais. Vamos sair daqui agora.

Aiden escolhe o momento em que os corredores estão dando a volta, do outro lado do campo, entre os olhares dos Lordeiros e nós. Saímos da casa e entramos na traseira da van, lutando contra os meus instintos — que dizem para correr

para a pista. Para ver Ben. Lutando para manter minha promessa com Aiden.

Estou por conta própria na parte de trás, desta vez. Aiden está na frente, com o motorista, para ver com seus próprios olhos o que está acontecendo.

Conto as curvas que fazemos em torno do campo, deduzindo que tenhamos passado perto dos Lordeiros. Sinto enjoo e me agacho, longe da janela de trás. Mas nada acontece. Seguimos em frente.

Assim que tenho certeza de estarmos longe do campo, eu me desvio de uma série de equipamentos e fios pendurados do teto da van e espio pela janela dos fundos. Do outro lado, há uma série de prédios que parecem ser edifícios escolares: o colégio interno que Aiden disse que Ben tem frequentado? E, depois dele, um canal. Passamos por uma ponte, e a trilha desce por uma ribanceira até onde consigo ver.

Ben correria aqui. Cedo pela manhã. Sei que ele o faria.

O desapontamento está por todo o meu corpo, me fazendo tremer. Caio no chão e abraço meus joelhos. Estávamos tão perto! As lágrimas ameaçam descer, e luto com elas, bravamente. Mas desisto da batalha. Não posso ganhar.

A van diminui a velocidade e para.

Momentos depois, Aiden abre a porta. Enxugo meu rosto com a manga da blusa.

— Deixei meu ajudante na última parada. Parei aqui para um descanso, está bem? Venha — ele diz, e eu seguro sua mão. Me abaixo para sair, as pernas rígidas, e noto que a van está parada em um acostamento, numa estrada de mão única, as árvores fazendo um túnel verde acima.

— Vamos esticar as pernas? — ele pergunta. — Atravessamos a rua para uma trilha e andamos em silêncio por alguns minutos, até uma enseada, e então até alcançar uma clareira. De um lado há um banco rústico.

— Vamos conversar — ele diz, e senta-se no banco. Eu o acompanho. — Então, aquele realmente era o Ben? Tem certeza?

— Sim.

— Espere aí. Havia muitas razões para pensar que ele estivesse... — ele hesita.

— Que ele estivesse morto.

— Sim. Mas ele está lá. Precisamos ter paciência agora, ver o que mais conseguimos descobrir sobre Ben e o colégio interno que ele está frequentando, qual é a história. Pensar num lugar seguro para você encontrá-lo. Assim que eu

souber de algo, falo para você. Está bem?

— Quando será isso?

— Não tenho certeza; farei o que puder. É o seguinte: estarei no Mac novamente na próxima sexta. Vá lá depois do colégio e, se houver alguma novidade, eu lhe conto lá.

— Preciso vê-lo, falar com ele. Preciso — eu digo, e posso ouvir minha voz desesperada, implorando, mas não consigo evitar. A necessidade de apenas avisar Ben havia passado; tê-lo visto hoje fez cada pedacinho de mim gritar para estar perto dele. Minha mão segura com força o braço de Aiden.

Ele solta os meus dedos e segura minha mão entre as dele.

— Eu sei — ele diz, gentil. — E você sabe o que mais eu sei?

— O quê?

— Ben é um cara de sorte.

Os olhos de Aiden estão ligados aos meus. São de um azul vívido, da cor do céu. Mornos, sérios, fixos em mim como Ben costumava fazer. Afasto minha mão e meus olhos.

— Kyla, escute. Você agora vê o quanto o DEA é importante, não vê? O que fazemos. Encontrar pessoas ou descobrir o que houve com elas, seja bom ou ruim. Para pessoas como você, que não podem seguir suas vidas até saberem.

Balanço a cabeça.

— Entendo.

— Não vou pressionar você hoje, mas pense mais sobre isso, está bem? Pense em se reportar como encontrada. Para ajudar alguém como nós estamos ajudando você.

Sinto uma onda de pânico por dentro, só por ouvi-lo dizer isso. Eu poderia fazer isso: reportar que Lucy Connor foi encontrada. Mas o que significaria? Ela não existe mais, a não ser por alguns fragmentos de sonhos.

— Vamos lá — diz Aiden. — Melhor levar você para casa.

Voltamos pela trilha, e Aiden abre a porta lateral da van.

— Desculpe, mas é mais seguro se você for atrás.

— Tudo bem — digo. Subo e me ajeito, e então me aproximo da janela assim que a porta é fechada.

Quero conhecer o caminho.

CAPÍTULO 29

Uma surpresa me aguarda quando abro a porta da frente. Papai está no sofá, com os pés para cima; Amy está ao lado dele, falando sobre sua semana. Mamãe está lendo um livro na cadeira. Três pares de olhos se voltam para mim.

Mamãe fecha o livro. Faz uma careta.

— Essa foi uma longa caminhada.

— Desculpe, eu...

— Dê a ela uma chance de entrar e dizer oi — diz papai. — Eu não a vejo há uma semana — ele estende a mão e caminha até mim; pega minha mão e me puxa para perto, beija minha bochecha.

— Sente-se, junte-se a nós — ele diz, e eu me empoleiro na outra ponta do sofá, ao lado de Amy.

— Aonde você foi? — pergunta mamãe.

Papai balança a cabeça.

— A pobre menina não pode sair para uma caminhada durante a tarde sem ter que dar satisfações?

Mamãe faz uma cara feia, e há algo *no ar*: ondas de emoção perturbadas tão reais que quase posso alcançá-las e tocá-las.

— Você não esteve sozinha nas trilhas, esteve? — ela pergunta.

— Não — respondo, sinceramente. Hoje não. A única trilha pela qual me aventurei foi com Aiden.

— Não é seguro. Eles ainda não pegaram quem atacou o Wayne Best — ela continua. — Você precisa ser cuidadosa e...

— Ora, Sandra — interrompe papai. — Ela diz que não esteve nas trilhas.

Amy e eu olhamos para ele, os olhos arregalados de surpresa. Mamãe está visivelmente indignada, como se fosse um ouriço e seus espinhos estivessem eriçados por todo lado. Papai, do *meu* lado? E mamãe, o rosto dela é um retrato da suspeita. Ela não confia em mim.

Eu me arrisco.

— Honestamente, não. Eu só fui até a prefeitura e voltei. Pela estrada — calculei em minha mente qual era a distância e por quanto tempo estive fora, e daria certo.

— Pensei que tivesse dito que tinha dever de casa e só precisasse de uma pequena caminhada para clarear a mente.

— Eu não ia tão longe. Mas está um dia tão bonito... — minha voz falha. Mesmo para mim, isso não soa convincente.

— Não negligencie o dever de casa — diz papai. Há algo mais em seu olhar.

— É melhor eu subir agora — eu digo, e começo a me levantar.

A expressão no rosto de mamãe diz que ainda tem mais.

— Espere um momento — diz papai. — Agora que estamos todos aqui, podemos ter uma reunião familiar sobre o DMA — olho para ele sem entender. — Dia do Memorial Armstrong — ele conclui.

— O convite se estende a vocês duas — diz mamãe. — Se quiserem ir.

— Claro que elas vão — ele se vira para mim e Amy. — Será uma celebração importante este ano: vinte e cinco anos desde os assassinatos, e trinta anos da Coalizão Central no poder. Será na Chequers, a casa de campo oficial do Primeiro Ministro — ele acrescenta, olhando para mim.

— E como é? — eu pergunto.

É minha mãe quem responde.

— Primeiro, a cerimônia de sempre dentro da casa de campo oficial, ao vivo na televisão como em todos os anos. É só para a família, então somos apenas nós e uma equipe de filmagem. Compaixão da nação, discurso da filha em luto e blá, blá, blá.

Papai ergue uma sobrancelha diante do tom de voz dela. Ela continua.

— E então, como este ano é uma celebração especial, o Primeiro Ministro estará lá para uma segunda cerimônia televisiva no terreno da propriedade, a ser realizada no exato momento em que o acordo foi assinado para formar a Coalizão Central, há trinta anos. Funcionários do governo, além dos ricos e famosos, estarão lá para celebrar. A seguir haverá um longo e chato jantar.

Funcionários do governo... Lordeiros.

— Você precisa ir às cerimônias, de verdade — explica mamãe, com um tom de arrependimento em sua voz.

— É uma honra! — diz papai.

— Mas você pode fugir do jantar, se quiser — ela sugere. Algo em seu olhar diz que será o mais sensato. Ela ainda me encara, um tom de incerteza por trás do seu olhar meigo.

— Podem me dar licença? Dever de casa — eu peço.

— Pode ir, então — diz papai.

Começo a subir as escadas. O que há com esses dois? Mamãe está cheia de suspeita, papai está relaxado. Eles trocaram de corpo?

E, para fechar com chave de ouro: cerimônia dos Lordeiros, à qual terei de ir.

Cerimônia dos Lordeiros. Algo bem difícil de se participar, a não ser que você seja da família. Desta família. Eu paro no alto da escada, gelada pelo *estalo* das peças se encaixando em meu cérebro.

Nico disse que preciso continuar nessa vida por mais um tempo; que tenho um papel importante. Seria isso? Algo relacionado ao Dia do Memorial Armstrong?

Ataques esquematizados, disse Nico. Que dia melhor para isso? Os Lordeiros estariam em alerta máximo, mas eu posso entrar. Eu estarei lá!

Me esforço para subir os últimos degraus, vou para o meu quarto e fecho a porta.

Antes que isso desmorone, tenho de avisar Ben. Mantê-lo afastado, a salvo, para que Coulson não desconte nele a raiva que sente de mim. Imagino o rosto de Ben, como o vi hoje. Ele *está* vivo. Minhas lágrimas eram infundadas. Tudo bem, não consegui falar com ele, tocá-lo, sentir que ele ainda respira, que seu coração bombeia o sangue para o corpo. Mas eu o vi. Ele está vivo. Por enquanto, isso é o suficiente.

Sou grata ao Aiden por tê-lo encontrado, mas ele está muito enganado se acha que vou me envolver com o DEA. Ele pensa que estou dividida entre me reportar ao DEA como encontrada e não fazer nada. Se ao menos ele soubesse que estou em uma posição muito mais perigosa: presa entre os Lordeiros e o R. U. Livre.

O que vem depois?

É um jogo de espera, disse o Aiden. Esperar até que ele descubra mais sobre Ben e sua situação, como me levar até ele em segurança.

Mas não posso esperar muito. Coulson insinuou que Ben está vivo, então, ao menos essa parte do que ele disse é verdade. Ele também insinuou que essa situação pode mudar, se eu não fizer o que ele quer. Mas Coulson não sabe que eu sei onde Ben está.

Enquanto isso... Nico deve estar pensando que estou do seu lado. Coulson deve pensar que estou do dele. Nenhum deles pode descobrir o que faço para o outro.

É como dois trens em alta velocidade, em rota de colisão, se aproximando mais e mais, em direção ao desastre.

Mais tarde, nessa mesma noite, o comunicador de Nico apita em seu esconderijo sob o meu Nivo. Acordo de supetão e tateio no escuro pelo botão.

— Oi? — sussurro.

— Pode falar?

— Baixo.

— O ataque ao CRE será amanhã. Mas há uma condição se você for.

— Qual?

— Chuva, você precisa fazer exatamente o que Katran lhe disser. Você promete?

Katran vai adorar isso. Mas que opção eu tenho? Eu prometo, e então ouço as instruções precisas de Nico.

O primeiro trem deixa a estação.

CAPÍTULO 30

Holly apoia a bicicleta contra uma árvore e caminha até a porta.

— Não sei se isso é uma boa ideia — sussurro as palavras ao ouvido de Katran. Ele resmunga e não fala nada. O rosto dele diz que ele também não gosta disso. O plano é de Nico, e foi fácil ver isso quando Katran nos contou os detalhes mais cedo, de que a interferência de Nico em seu grupo o irritava. Provavelmente pela minha presença.

O edifício dos Lordeiros é afastado, como era de esperar pelo que acontece ali dentro; não há nada na vizinhança, exceto alguns quilômetros pela estrada principal — boas ligações de transporte. Há uma van preta estacionada na frente agora. A vigilância dissera que a segunda-feira era um bom dia para isso. Nos outros dias há mais “entregas”: Reiniciados para serem exterminados.

Antes que Holly alcance a porta, um guarda Lordeiro sai.

— Oi — ela diz. Com um grande sorriso. Ela não devia parecer tão contente por ver um Lordeiro.

— O que está fazendo aqui?

— Desculpe, estou perdida. Pode me dizer como chegar ao mercado de produtos agrícolas?

Desculpa imbecil. Você precisaria ser um completo idiota para virar nessa rua sem sinalização e passar por todas as placas de “não entre”, ignorando as placas para o mercado.

Ele não diz nada, se aproxima de rosto impassível. Um olho nela e outro para a floresta ao redor. Instintivamente eu me abaixo atrás da moita, embora eu saiba que estamos na completa escuridão das sombras, bem fora de vista. A mão dele toca em um comunicador em seu cinto.

Holly gira rapidamente e o chuta, tirando a mão dele do comunicador. Eu faço menção de ir ajudá-la, mas Katran segura o meu pulso.

— Espere — ele sussurra. — Até que os outros saiam.

Há câmeras espiãs por toda a parte da frente. Por enquanto, do lado de dentro, o que se vê é o guarda lidando com uma menina franzina. Ele logo a imobiliza, apertando seu pescoço com a mão.

A porta se abre. Outro Lordeiro sai.

— Reporte.

— Ela diz que está perdida, depois me chuta.

— Não gosto disso. Verifique a área.

— Minha mão está ocupada.

Ele dá de ombros.

— Então a desocupe.

Ele move uma mão para o queixo de Holly, a outra em seu ombro. *Não!* Tento levantar, mas Katran me segura com força.

Uma torção rápida e violenta.

O Lordeiro a solta; ela cai no chão.

Seu corpo estremece, e então fica imóvel: pescoço quebrado. O horror dentro de mim logo se transforma em ira. Olho para Katran, pronta para atacar, mas seu rosto está tomado pela dor. Quando ele vê que estou olhando, retorna à sua máscara. A expressão se foi.

O Lordeiro fala por um comunicador — com alguém dentro da casa? E então dois deles saem. Um segue na direção onde Tori está, aguardando-os com suas facas; o outro vem na nossa direção.

Katran solta meu braço. Faz sinal para que eu fique fora disso e seu rosto está tomado por um olhar profundo de vingança.

Mas, então, os Lordeiros param e dão um passo atrás. Carros se aproximam pela estrada. Não. Uma van?

Ela para em frente ao edifício.

Katran balança a cabeça levemente.

— Alvos demais — ele sussurra.

E eu olho para ele, sem acreditar. Recuar? Agora? Depois do que houve com Holly?

Dois Lordeiros saem da parte da frente da van e conversam com os outros. Eles veem o corpo de Holly no chão. Um deles abre a porta lateral.

Um garoto sai, sacudido por um Lordeiro, seu rosto está pálido: posso ouvir o Nivo daqui antes que ele desmaie. Alguém grita dentro da van. Uma garota é arrastada para fora; ela tenta alcançar o garoto.

— Faça alguma coisa! — sussurro. O rosto de Katran se contorce, indeciso.

Meus dedos se curvam em volta de minha faca.

— Fique aqui — ele diz. — Não quebre sua promessa! — Ele pega seu comunicador para dar a ordem de ataque. Ele e os outros atacam.

É tudo muito confuso. Gritos. Golpes. Parte de mim está clamando para correr até eles, para me unir àquilo, para atacar os Lordeiros. Outra parte me prende aqui, enlouquecida com o que está acontecendo, os olhos fechados com força. Para que eu sirvo? Por que me trazer aqui para fazer nada? Eu me esforço para manter os olhos abertos.

Um dos Lordeiros se liberta e corre em direção à floresta, direto para o meu esconderijo.

Agacho em posição de combate e lhe dou uma rasteira. Ele está sem fôlego. Minha faca está em minha mão, estou prestes a usá-la, a esfaqueá-lo — mas não. Ele torce meu braço, a faca cai da minha mão e ele pega a dele. Ele sorri.

Uma pancada ressoa alto — Katran o chutou atrás da cabeça. Ele cai. Não se move mais, tem sangue na parte de trás da cabeça. Katran retorna para a casa.

Eu me levanto cambaleando. O cabelo dele está *vermelho*, muito vermelho, e meus ouvidos zunem. Dou um passo atrás. A seguir alguém grita que está tudo bem, e eu não sei por quanto tempo fiquei ali, parada, incapaz de abrir meus olhos ou me mover; quase num transe. Um transe sanguinário e vermelho.

Mas percebo algo: um grito. Uma garota ainda está gritando. A Reiniciada? O som do Nivo dela está alto, e penetra fundo em meu crânio.

Ela precisa de ajuda.

Luto contra a névoa, me esforço para andar por entre as árvores. Foco os olhos na garota e não no que está caído no chão. Passo um braço pelo ombro dela.

— Está tudo bem. Feche seus olhos. Não olhe em volta; esvazie sua mente. Respire devagar. Você consegue — O Nivo dela está em 3.4: muito baixo.

Ela balança a cabeça, os olhos ainda arregalados, me olhando. E então Tori surge.

— Ela precisa do Elixir da Felicidade, eles devem ter algum! — diz Tori, e levamos a garota para dentro.

Katran está segurando um médico com força.

— Elixir da Felicidade: onde está? — exige Tori.

Katran relaxa um pouco a mão. O médico tosse, buscando por ar, e aponta um armário. Com um gesto de Katran, o médico tira uma seringa da gaveta. E a

passa para Katran.

— É ilegal usar em alguém como ela. Não que você se importe.

Katran se vira para a garota e segura as mãos dela.

— Não, vocês não podem; não — as mãos dela estão em frente da barriga, de forma protetora. — Não podem. O bebê.

Ela está grávida?

Eu olho para o médico.

— Matará a criança se usá-lo — ele diz.

O Nivo dela vibra novamente.

— 3.2 — eu aviso.

O médico dá de ombros.

— Ela está morrendo, de qualquer forma. Que diferença faz?

Tori lhe dá um soco no rosto, com força.

— Dê isso a ela — Tori diz a Katran.

— Não podemos forçá-la — Katran se ajoelha diante dela e pega sua mão. — O que você quer fazer? — ele pergunta. Os olhos dela estão arregalados de pavor. Como uma corsa que quer correr para a floresta mas é pega, a perna presa em uma armadilha.

— Não. Sem drogas — ela diz, decidida.

Ele passa a seringa para Tori.

— Ela disse não.

E acontece. Os níveis dela caem um pouco mais. Seu corpo se curva com as convulsões. Ela grita, o corpo se contorcendo de dor.

— Dê a ela o Elixir da Felicidade! O bebê morrerá de qualquer jeito se ela morrer — diz Tori.

— É tarde demais para isso agora, e não temos nada mais forte aqui — diz o médico. — Isso é mais doloroso do que do nosso jeito — ele volta ao armário, até uma gaveta, e pega outra seringa. — Dê a ela uma injeção inteira disso e acabará rápido.

— Ela disse sem drogas — diz Katran, mal controlando a voz.

Eu a seguro. Ela não sabe mais onde está, seu rosto está tenso de agonia. Seu corpo se curva uma última vez: rígido, e então relaxa.

Ela se foi.

Tori olha para o médico, e então para a faca na cintura.

— Posso? — Ela pergunta a Katran. — Lentamente?

Katran balança a cabeça negativamente. Pega a segunda seringa da mão do médico.

— Não. Dê a ele o que costuma dar para os outros — ele a entrega a Tori.

Katran segura o médico, que se dá conta do que está prestes a acontecer. Ele luta.

— Vocês não podem fazer isso. É assassinato!

— E o que vocês fazem aqui? Como você chama? — pergunta Tori.

— Leis existem por um motivo. Essa aí... se ela conseguisse ter o bebê, o que aconteceria depois? Ou ela morreria pelas contrações no parto, ou daríamos drogas a ela para que as contrações parassem e o bebê morreria. Ela quebrou o contrato quando ficou nessa condição. Quem tem mais de dezesseis anos e quebra o contrato é exterminado, de acordo com a lei. A cláusula estava lá quando eles assinaram!

— Como se tivéssemos alguma opção, além de assinar — eu digo, com o punho para cima. Os olhos dele se arregalam quando vê meu Nivo. — Vocês podiam tirar o Nivo dela para que o bebê pudesse viver, então os dois sobreviveriam!

Ele balança a cabeça.

— E depois? Toda garota Reiniciada do país ficaria grávida de propósito para se livrar de sua sentença.

Tori sorri para a seringa, ainda em sua mão.

— Então. Você diz que uma dose completa disso dá uma morte rápida. E que tal metade da dose?

O horror que passa pelo rosto do médico responde bem à pergunta.

Tori se dirige para ele, mas não posso ficar, não posso olhar. A tonteira retorna, tudo começa a ficar cinza. Saio cambaleante do edifício. Passo por corpos e tento não olhar, mas ali, no canto da minha visão, estão eles. Sangue. Morte. Não mais.

Alcanço as árvores, abraço uma e vomito no chão. Ouço gritos vindo do edifício.

Luto para clarear a mente, para processar o que aprendi. Um Nivo mataria

uma Reiniciada no parto; as drogas para impedirem isso matariam a criança antes que ela nascesse. É essa a verdadeira razão para que Amy e Jazz nunca possam ficar sozinhos? Por que não me impediram de ficar sozinha com Ben? Eu não sei. Impediram aquela garota?

Os Lordeiros a Reiniciaram, e agora, não importa o que pudéssemos fazer, ela morreu. Ela parecia mais velha que Amy. Quão próximo estavam os 21 anos e a liberdade? Abro minha mão. Dentro dela, um anel que tirei do dedo da garota: uma aliança de prata. Há algo gravado por dentro: *Emily e David para Sempre*. Seria aquele garoto Reiniciado que estava com ela? Eles estavam juntos para sempre agora. Aperto meus dedos em torno do anel, com força.

Emily. Eu me lembrarei dela. Eu me lembrarei deste momento.

Incluindo Holly, três de nós morreram, o garoto Reiniciado e a garota. Cinco Lordeiros e um médico. Um centro de extermínio fora de ação. Katran coloca fogo no lugar antes de partirmos. Nos embrenhamos na floresta, em pares, e corremos para os pontos onde estão as caminhonetes, eu e Katran juntos.

— Sua idiota — ele resmunga, enquanto corremos. — O que você acha que estava fazendo, correndo para aquele Lordeiro com uma faca na mão? Eu disse para você se esconder.

— Você me mandou ficar onde estava! Foi o que eu fiz. Ele correu direto para mim.

Katran balançou a cabeça, irritado.

— Se eu não estivesse como sua babá, a pedido do Nico, talvez não tivéssemos perdido três.

— O quê? Você, minha *babá*?

— Você me ouviu. O que está pensando? Olhe. Eu sei que quer ajudar, mas você é inútil. É um perigo ter você por perto.

— E a Holly?

— Que tem ela?

— Ela não devia ter ido sozinha.

— Ela se voluntariou. Atraí-los para fora da casa era a melhor estratégia — ele parece desconfortável.

Ela tinha algo a provar para o Nico depois de ter quebrado as regras, e ela provou. De uma vez por todas.

Ficamos em silêncio o resto do caminho. O que houve? Eu queria matar

aquele Lordeiro. Eu tinha uma faca na mão; a oportunidade estava lá. Mas o simples pensamento de usá-la, de puxar a faca e cortar sua pele, veias e músculos... me fez congelar. Não consigo fazer isso.

Se Katran não tivesse voltado correndo, eu estaria morta.

Meu punho se fecha. Para que serviu todo o treino que tive com Nico e os Corujas? Conheço tantas maneiras de acabar com uma vida.

Mentalizo o rosto de Emily. Ela recusou o Elixir da Felicidade que poderia tê-la salvado, e por quê? Agora ela e o bebê estão mortos. E Holly: pescoço quebrado. Os outros dois de sua célula, cujos nomes eu sequer conheço.

Lordeiros fizeram aquilo.

A próxima vez que eu tiver uma arma na mão e um Lordeiro estiver na minha frente, não irei falhar.

CAPÍTULO 31

— Você faria aquilo, o que fez aquela garota? — pergunta Tori. Ela analisa sua faca e damos os últimos passos para a casa. Ela obviamente não tem problemas em usá-la.

— Foi em vão. Ela não salvou o bebê.

— Mas talvez ela não conseguisse viver sabendo que sua decisão foi o que o matou. Como se eu tivesse estado lá quando Ben morreu e não tivesse feito tudo o que podia para salvá-lo. Eu não conseguiria viver com isso.

Olhei para ela, cuidadosa, pelo canto do olho. Será que ela sabe algo sobre Ben? Não. Ela está apenas relacionando ao que houve com a garota, com aquela que ela não fez nada para salvar. Suspiro.

Tori passa um braço sobre meus ombros.

— Ao menos eles não exterminarão mais ninguém, não por um bom tempo. Não foi maravilhoso hoje?

— Pelo que eu pude ver... — o que foi mais do que o suficiente.

Tori olha para frente; Katran está mais adiante agora, quase fora de vista. Ela abaixa a voz.

— Não é justo. Fale com Katran, faça-o ver que você precisa entrar em ação da próxima vez. Mas, ainda assim, você fez parte daquilo, e nós *fizemos* algo — ela aumenta a voz novamente. — Mostramos a eles, não foi?

Os outros à nossa volta soltam um grito de alegria.

Nico sai de casa ao chegarmos: a tarde já se foi, ele está de volta do colégio. Onde eu deveria estar. Ele olha em volta, vê quem está faltando.

— Eles tiveram uma boa morte? — ele pergunta a Katran.

— Sim.

O irmão de Holly aparece atrás de Nico. Não foi autorizado a sair hoje; não foi treinado o suficiente, dissera Nico.

— Onde está Holly? — ele pergunta.

Ninguém responde. Katran segura em seu ombro, enquanto ele treme. Nos juntamos todos: um minuto de silêncio se estende por lentos segundos.

Nico ergue os olhos e acena; todos começam a se afastar. Katran está com o braço em volta do irmão de Holly agora, falando com voz baixa em seu ouvido. Diferente e gentil: como o Katran do meu sonho, que me confortou quando eu estava assustada. Aquilo realmente aconteceu? Não importa o quão louco isso pareça, algo dentro de mim diz que *sim*.

— É bom ver vocês duas se dando bem — diz Nico, gesticulando para Tori e eu, que estamos lado a lado, de braços dados.

— Por que não nos daríamos? — pergunta Tori.

— Não é sempre que duas garotas que dividiram o mesmo namorado conseguem ser amigas.

Tori olha para mim de olhos arregalados. Ela me empurra.

— Ben? — ela sussurra. Olho para ela, dou de ombros, sem alternativa. O que posso dizer? Ela vira de costas e marcha em direção às árvores.

Nico sorri.

— Uma palavrinha — ele diz, apontando para mim e entrando na casa. Eu fico ali um momento, chocada demais para reagir.

— Venha — ele me chama.

Eu o sigo pela sala sem janelas que ele fez de escritório. Velas lançam luzes tremulantes pelas paredes úmidas.

— Por que você fez aquilo? — perguntei, sem conseguir evitar.

— O quê?

— Contar à Tori sobre mim e Ben.

— Chuva, você sabe o quanto precisamos trabalhar em grupo: honestidade total. Nenhum segredo entre nós. Lordeiros mentem: nós dizemos a verdade.

— Verdade é liberdade, liberdade é verdade — eu digo, as palavras do passado voltando de algum lugar escondido dentro de mim.

Ele sorri.

— É isso. Agora me diga: como se sente a respeito do que tivemos de fazer após o ataque de hoje? — o rosto dele está brando, mas seu olhar está alerta.

Afasto o sangue vermelho de minha mente e aperto o anel gelado de Emily em meu bolso. Lembrando o que os Lordeiros fizeram com ela, e fazem com outros como ela. Precisamos impedi-los. Estou decidida.

— Estou do lado certo. Do nosso lado.

— Bom. Logo haverá outro trabalho a ser feito — ele sorri, toca minha bochecha com a mão, e eu me sinto inundada pelo calor de ter sua aprovação.

— Estou dentro.

— Eu nunca tive dúvidas — ele afirma, mas *teve*. — O que foi? — ele pergunta, alerta como sempre a qualquer mudança em minha expressão.

— É só que... eu realmente não entendo. Por que você me quer envolvida. O que posso fazer?

— Você é uma de nós — ele diz. — Não importa o que houve com você quando foi levada, ou quem você era antes de ser Reiniciada, você sempre será uma de nós. Mas, além disso, você é importante para mim.

Ele não diz mais nada, passa um braço em meu ombro. A sensação vem novamente. Eu pertenço a este lugar, com o R. U. Livre: esta é quem eu sou. O que devo fazer. Mas o quê, exatamente?

— O que está acontecendo?

— Em breve, Chuva; em breve.

Meu rosto reflete o desapontamento.

— Você não confia em mim.

— Confio — ele hesita; e sorri. — O que posso lhe contar é o seguinte: logo teremos ataques esquematizados, em Londres, outros alvos grandes.

— O que estávamos fazendo hoje, então? Aquilo não estava coordenado com nada.

Ele sorri novamente.

— Você é inteligente, Chuva. Nós não queremos chamar atenção para nossas atividades agora. Eles precisam pensar que tudo está como sempre, não podem saber que estamos planejando algo grande. E identificamos alvos individuais também.

Meu estômago dá voltas.

— Assassinatos?

— Não seja escrupulosa — a voz dele é fria. — Você sabe o que esse governo fez, está fazendo, com pessoas como você. Com a Tori. Pense no que houve com ela. Teremos sequestros também, espalhafatosos, numa variedade de setores ao mesmo tempo. Conseguiremos alguma atenção nos lugares certos.

— E quanto ao ataque ao hospital? Ele é muito bem protegido e guardado. Terão reforços e... — eu paro, ao me dar conta. — Uma distração?

— Exato. Vazaremos planos de ataque ao hospital, mas na hora certa, quando eles estiverem preparados para nós lá, estaremos em outro lugar.

Outro lugar... outro momento.

— Dia do Memorial Armstrong — digo, afirmando, não é uma pergunta. — Na casa de campo do Primeiro Ministro. É o lugar e o dia em que as coisas começarão, não é?

Ele se mantém em silêncio.

— Minha família vai estar lá.

— Nós somos sua família — uma leve reprovação. Eu coro.

— Nico, você não entende. Mamãe não é a favor dos Lordeiros, não é mais.

— Não?

— Não! Eles Reiniciaram o filho dela — e eu conto a Nico sobre Robert, sentindo culpa por quebrar o segredo, mas tenho de fazê-lo ver. — Ela tentou descobrir o que houve com ele; ela não é um deles.

— De qualquer forma, como ela não nos apoia, os sentimentos dela pelos Lordeiros não são relevantes. Ela pode se tornar um mártir por nossa causa — ele coloca uma mão em meu queixo e ergue meu rosto. O horror deve estar em meus olhos. — Chuva, eu sei que isso é duro. Mas você precisa ser forte. Nós temos que atacar os Lordeiros onde os machuca mais. Ela é o símbolo da causa deles, ela é conivente com isso. Não importa o que ela sinta, ela é uma ferramenta para os Lordeiros.

Aperto o anel de Emily em meu bolso.

Tenho de ser forte.

Ele beija minha testa.

— Isso é o bastante para saciar sua curiosidade por enquanto. Hora de voltar para casa antes que notem sua falta.

— Por que não posso ficar aqui? — pergunto, sem ter planejado, mas, sim, por quê? Porque quando estou aqui, com Nico, e até mesmo com Katran, me sinto fazendo parte de algo. Acredito nos planos deles. *Nos nossos planos.*

Ele coloca uma mão quente de cada lado do meu ombro.

— Aguente firme um pouco mais, está bem? Precisamos de você infiltrada. Você não pode desaparecer daquela vida, ainda não.

Tori não está à vista, mas Katran está de volta. Ele me segue quando me embrenho entre as árvores.

— Não preciso de segurança, sabe. Eu me lembro de como chegar lá.

Katran ignora minhas palavras e continua a me seguir.

— Você me ouviu? — viro e olho para ele junto às bicicletas.

Ele dá um sorrisinho.

— Ouvi, garota especial, mas é uma ordem de cima. Para garantir que você chegue em casa em segurança.

— Não conto para ninguém. Aproveite, vá para trás de alguma rocha e tire uma soneca.

Ele me ignora e pega nossas bicicletas do esconderijo. Partimos, Katran na frente. Indo rápido demais para quem não pode chamar a atenção, mas ele sempre foi assim, não foi? Mais valentia do que sensatez, Nico costumava dizer nos velhos tempos, mas parou quando percebeu que Katran estava prestes a perder o controle. Perto do precipício, sempre assim. Mas logo sou tomada pela velocidade, ao me lembrar do passado, usando isso para não pensar em tudo o que aconteceu no dia, e não me importo com os riscos.

Volto a me sentir como naqueles tempos. Com a excitação do perigo. Fragmentos de memória vêm e vão, fazendo com que me sinta viva; me provocam, e então se vão de vez.

Eu não consigo entender. Olho para Katran, mais à frente: quem é ele, realmente? Quem era ele para mim há alguns anos? As dúvidas queimam e reviram por dentro.

O esconderijo a alguns quilômetros de casa aparece ao longe. Katran diminui, para, vira a bicicleta na trilha, pronto para disparar de volta em outra direção.

— Espere um pouco — eu digo, e fico em dúvida. — Quero lhe perguntar uma coisa.

— O quê? Não consegue encontrar o caminho de casa?

Faço uma careta e fecho os punhos; por que isso me incomoda?

— Por que você é tão desagradável às vezes?

— Você quer realmente saber? — há raiva naquela pergunta.

Eu me viro, enfio a bicicleta entre as árvores e a guardo no esconderijo. Katran fica e observa: provavelmente para ver se estou fazendo tudo direito. Puxo a lona e a camuflo, para começar a seguir a trilha a pé.

— Volte aqui. Me desculpe — ele diz.

Katran se desculpando? Estou tão espantada que paro e me viro. Ele desceu da

bicicleta, e eu vou até ele. Os olhos dele são desafiadores e eu o encaro, sem titubear. Mas com seus olhos escuros olhando para os meus, as palavras não saem.

— E então? — ele diz, finalmente.

Engulo em seco.

— Minhas memórias estão um pouco... confusas. Posso perguntar uma coisa? Sobre o passado?

— Manda.

Eu cruzo os braços.

— Tive uns sonhos bem ruins. Pesadelos. Ainda os tenho — respiro fundo e olho para o chão. Não quero dizer em voz alta, mas, ao mesmo tempo, preciso descobrir o que ele sabe. — Sendo perseguida. Correndo, na areia, muito assustada. E... — levanto os olhos. — Você costumava me acordar, me abraçar quando eu estava com medo — eu afirmo, não pergunto, porque, de alguma forma, sei que é verdade.

E lá está, nos olhos dele: a confirmação. Ele se vira, o vermelho da raiva, da cicatriz irregular em sua bochecha desaparece. Às vezes, como agora, quando ele não está com raiva para combinar com a cicatriz, é possível ver uma pessoa diferente. Aquela pessoa que passou o braço em volta do irmão de Holly.

Aquele que me abraçou à noite, anos antes.

— Obrigada — eu digo.

— Tudo bem — ele parece embaraçado. — Éramos amigos, você e eu. As coisas... mudaram.

— Por quê?

— Você mudou.

— Não compreendo.

— Eu mesmo não entendo — ele suspira. — Quando você apareceu para treinar conosco, você era diferente. Você era assustada, chorava muito. Não queria estar ali, não como o resto de nós. Mas houve um momento em que você mudou. Para essa garota louca e com raiva: a marionete de Nico, dançando pelas cordinhas dele. E tem algo a ver com Nico e com esse médico que levava você, às vezes por dias. Cada vez que você voltava, tinha mudado mais um pouco, até que a garota que eu conheci quase não aparecia mais.

Um médico? Um clarão em minha mente: um médico especial, não do tipo

que conserta ossos ou cura doenças. Eu estava com medo dele, com tanto medo. Tentei lembrar; seu rosto e depois seu nome começam a surgir. *Doutor Craig.* Naquele sonho que tive, era o médico que dizia que eu ficaria doente.

— E Nico nos disse, quando você se transformou nessa outra pessoa, para tratar você como se fosse uma de nós, e para ignorar quando você fosse a outra. Aos poucos, a outra se foi, e só retornava quando você tinha pesadelos.

Minha cabeça dói, está pesada. Duas pessoas, como o Nico disse. Lucy e Chuva. Eles me dividiram em duas pessoas... aquele médico? Me sinto enjoada. Eu me viro, mas Katran me segue. Ele me vira e segura meus ombros, para que eu não possa olhar para o outro lado.

— Me escute. Nico está tramando algo para você, e isso começou há anos. Eu não entendo e não gosto disso. Não deixe que ele a use. Você não pertence ao nosso grupo; nunca pertenceu. Fuja enquanto ainda pode.

Eu balanço a cabeça.

— Não — digo, me sentindo zonza. — Não — repito, com mais convicção. — Você só quer que eu saia do caminho. Você tem ciúme de mim com Nico. Do quão importante eu sou para ele e para a causa.

Ele ri, a raiva começando a surgir.

— Sim, claro: é isso — ele se vira e pega a bicicleta.

Começo a me afastar.

— Espere — ele diz, e eu paro. — Me escute, Chuva. Eu acredito no que estamos fazendo. Que é *a* maneira, a única maneira, de se livrar dos Lordeiros, para nos libertarmos. Tornarmos nossa vida melhor. Mas não tem que ser sua luta. Não quando você nem sabe quem é: como pode escolher? Tente recuperar suas memórias, como elas deveriam ser. Não as bloqueie.

Eu o vejo desaparecer na trilha, tremendo, confusa. Com raiva e medo. As memórias espreitam, ameaçam dominar, mas eu não as quero. Eu as afasto.

De alguma forma, consigo chegar em casa. Subo as escadas em silêncio e me encolho na cama.

Já é final da tarde, só chegará alguém em casa em uma hora. Preciso tomar banho, trocar de roupa, parecer normal quando chegarem, mas meus pensamentos estão atordoados.

Tentar me lembrar?

Mas do que Katran falou, sobre como eu era anos atrás, existem pequenos traços. É como uma música que lembramos pela metade, podemos assoviar no

tom, mas não sabemos as palavras.

Pensei que minha confusão, e como as memórias vêm e vão, era porque eu era Reiniciada. Mas, segundo Katran, começou muito antes que os Lordeiros pusessem as mãos em mim.

Tentei me concentrar. Nico disse que me protegeu de ser Reiniciada, que eu fui partida em duas pessoas: mas como ele fez isso? Sei que fez Lucy ser destra e que Chuva se escondeu quando os Lordeiros me pegaram. Eles me Reiniciaram como se eu fosse destra. Lucy se foi, e as memórias de Chuva continuaram após eu ser Reiniciada, escondidas, esperando pelo momento certo para se libertarem.

Era isso que Nico queria que acontecesse. Mas não é a história toda. Alguns murmúrios de Lucy e suas memórias — seus sonhos e medos — ainda estão ali. Enterrados bem fundo. Um nó na garganta me diz que Nico não ficaria feliz se soubesse disso. Ele foi cauteloso quando mencionei Lucy, surpreso por eu saber quem era ela.

E agora estou zangada, muito zangada, com Katran. Eu estava tão segura antes, certa de ser parte do R. U. Livre, e parte daquilo tudo: de pertencer a eles. Para que então eu *pertencesse* a algum lugar, e soubesse quem eu era. Katran estragou tudo.

Agora só o que resta é confusão.

É óbvio que há algo errado com minha memória.

E eu tenho escolha? Esquecer Kyla e sua vida, e ficar com o R. U. Livre. Mergulhar de cabeça, sem deixar nada para trás. Eu aperto o anel de Emily com tanta força na mão, que se forma um círculo em minha pele.

Mas não quero esquecer Ben. Foco em seu rosto, para mantê-lo claro em minha mente, mas não é o suficiente. Nunca é. Pego meu bloco e lápis e o desenho diversas vezes. *Concentre-se.* Foco no seu olhar, no jeito como fica parado. O jeito como corre. Katran desafia o mundo natural ao se movimentar. Ben é parte dele.

Ben é parte de mim.

Preciso vê-lo, tocá-lo. Quando eu estava com ele, sempre sabia quem eu era. Juntos, podemos pensar o que fazer.

Aiden disse que entrará em contato assim que descobrir uma maneira de me levar a Ben em segurança, mas não dá para esperar.

Eu não posso esperar.

CAPÍTULO 32

Uma forte geada brilha na grama sob a luz da Lua. Estremeço tanto de frio quanto de entusiasmo e atravesso o vilarejo adormecido em direção à trilha. Espero que eu esteja certa; que Ben esteja lá. Será que está muito frio, ou muito escuro, nesta época do ano, para uma corrida de manhã cedo?

Assim que chego à trilha da bicicleta, lamento não ter pensado em usar luvas. O frio adormece minha mão e tenho dificuldade para manejar a bicicleta no escuro. Finalmente tiro a bicicleta e começo a seguir a trilha do canal.

Num território antes familiar, luto para me manter atenta, para encontrar o caminho no mapa que memorizei, quando tudo em que penso é *Ben*. De vez em quando, tenho que acender a lanterna, quando o caminho está muito escuro, com receio de errar.

A três quilômetros de casa, paro e tiro o anel de Emily do meu bolso. Não posso ficar com ele: é muito perigoso. E se alguém o vir? Eu o beijo e quero jogá-lo em uma parte profunda do canal. Deixar que ele desapareça entre a lama. Mas não consigo. Em vez disso, subo em uma árvore e o deslizo por um galho que não é visto por baixo. Meus olhos gravam o lugar, a dobra do canal. Um dia, eu virei buscá-lo.

Retomo o caminho, e algo me incomoda, tira minha concentração. Alguma coisa não está certa. Vem de algum lugar distante atrás de mim, muito longe para eu identificar; um som fraco. Parece outra bicicleta.

Eu paro, coloco a minha entre as árvores e rastejo por onde vim; devagar, quieta. Um vulto na trilha, e...

Ali está.

Alguém aguarda na trilha. Na bicicleta. O rastreador em seu guidão brilha de leve: o que ele está rastreando parou. A indecisão está em seu rosto: ficar a uma distância segura ou seguir em frente e ver o que o fez parar?

Eu me aproximo de Katran.

Ele se assusta. A culpa passa por seu rosto, mas desaparece.

— Oi — eu digo.

— Oi.

— Então, você vai me dizer ou vou ter que adivinhar? — eu digo, e ele dá de ombros, sem responder. — Há um rastreador na bicicleta. Você está me seguindo para ver se estou bem.

Katran fica tão corado que até naquela luz posso notar.

— Há um rastreador na bicicleta, sim. Mas não é por isso. Todas têm rastreadores, por segurança, sabe?

— Mas você a estava monitorando.

— Nico me pediu.

Nico: sinto uma onda de medo.

— Ele sabe?

— Ainda não. Para onde você está indo?

Eu fico em silêncio.

— Bem, seja aonde for, vou com você.

Eu me afasto lentamente. Talvez eu consiga me livrar da bicicleta antes que cheguemos muito perto e despistá-lo. Ou talvez eu consiga achar o rastreador e tirá-lo.

Mas Katran acelera e está perto.

Quando chegamos aonde eu havia deixado minha bicicleta, eu viro para ele:

— Por favor, não me siga. Espere aqui se quiser. Eu não vou demorar, e podemos voltar juntos.

— Não.

— Eu não preciso de babá!

— Sim, você precisa.

Eu suspiro, acuada; sem opção, a não ser dizer a ele.

— Sabe quando você falou para eu me lembrar de quem eu sou? Para não deixar as coisas para lá? — ele aguarda. — Eu vou ver o Ben.

— O quê? Aquele de quem a Tori vive falando?

— Ela não entende as coisas direito. Eu e ele éramos... próximos.

— Mas eu pensei que ele estivesse morto.

Eu balanço a cabeça.

— Ele está vivo, e eu vou vê-lo.

— Ele tem mantido contato?

— Não. Ele não sabe que estou indo. Ele pode nem estar lá hoje; é só uma tentativa.

— Mas como...

— Não pergunte como o encontrei. Eu não vou dizer. Mas agora você entende por que não pode ir comigo?

O rosto de Katran tem tantas emoções — preocupação e mágoa, lutando com a raiva —, que, sem sequer notar como me movi, no instante seguinte estou com a mão em seu braço.

— Katran, você está bem?

— Não — ele suspira, colocando o cabelo para trás com uma das mãos. — Olhe, eu vou seguir você, ficar fora de vista. Fico de olho em você para o caso de algo sair errado. É o melhor que posso fazer, está bem?

E aquilo é tão contra a vontade dele, tão além do que eu podia esperar dele, que sorrio.

— Está bem.

Subo em minha bicicleta e sigo, fazendo algumas curvas. Minha memória estava correta: é o caminho certo. O céu ainda está escuro quando chegamos ao local perto do colégio de Ben em que tenho certeza de que ele correria. Escondemos nossas bicicletas e aguardamos entre as árvores, observando.

A escuridão, pouco a pouco, dá a vez para uma suave luz vinda do céu. Nem sinal dele. Minha garganta está apertada, e estou prestes a virar para Katran e dizer *desculpe, eu devo ter entendido errado*, quando ele pega meu braço.

— Olhe — ele sussurra. E aponta uma parte mais alta da trilha. Um vulto solitário desce correndo, a luz às suas costas. Aperto os olhos, em dúvida, e então — sim. É ele! Um sorriso se escancara em meu rosto, e meus pés estão saindo da mata e descendo a trilha atrás daquele vulto que se afasta.

Ben corre muito. Sempre correu. Aumento a velocidade mais e mais. Ele deve ter ouvido algo, vira a cabeça lentamente para ver quem está atrás; e então se volta para frente e continua.

Talvez, com aquela luz, ele não consiga notar que sou eu. Acelero.

— Espere — chamo com calma. — Ben, espere.

Seu passo diminui, ele começa a andar.

Eu o alcanço.

— Sim? — ele diz.

Eu dou um largo sorriso para seus olhos castanhos cintilantes. Seguro sua mão. Ele olha para nossas mãos e sorri.

Os detalhes começam a aparecer. Alguma coisa não está certa.

— Ben?

— Desculpe. Você me confundiu com outra pessoa.

— Não confundi — eu agarro sua mão.

Ele balança a cabeça e tira a mão.

— Desculpe, eu não sou o Ben. Se você me dá licença, tenho pouco tempo para terminar minha corrida — e ele parte. Afasta-se correndo. Ele me deixa ali, parada, vendo-o se afastar, vendo-o correr, e todo movimento que ele faz me dá certeza de que ele é o *meu* Ben. As lágrimas começam a rolar de meus olhos.

Ele não sabe quem eu sou.

Ele não se lembra de nada.

Sinto meu estômago revirar. Ele foi Reiniciado novamente. É a única resposta. Mas ele tem dezessete anos. Eles não deviam fazer isso, ao menos que ele tivesse menos de dezesseis. Por que eles quebrariam sua própria regra com Ben?

Ele não sabe quem eu sou.

Estou tremendo, ainda parada na trilha. Ben pode se virar e voltar por aqui. Com esse pensamento, me escondo entre as árvores e espero. Ele logo surge ao longe. Eu olho quando ele se aproxima, no seu passo gracioso de sempre, e então retorna à colina rapidamente.

Ouço sons na mata atrás de mim, mas permaneço ali, vendo Ben desaparecer na luz do nascer do sol.

— Chuva? — uma voz gentil: Katran.

Eu não me viro, não quero que ele veja as lágrimas em meu rosto, incapaz de impedi-las. Uma mão suave toca o meu braço e me vira.

— O que foi?

Eu balanço a cabeça, sem conseguir falar. Ele hesita e coloca a mão em meu ombro. Ele me puxa para perto, seus braços firmes a princípio, depois macios. E eu soluço, digo a ele que Ben não sabe mais quem eu sou.

Finalmente ele me afasta e me olha nos olhos.

— Você precisa se recompor, e já. Precisamos sair daqui. Está ficando muito claro; mais pessoas podem aparecer.

Ele me puxa de volta para a floresta, para nossas bicicletas, e retornamos pela trilha do canal. O ar frio no meu rosto fere meus olhos, tornando difícil enxergar, enquanto três palavras passam pela minha cabeça repetidamente. Elas ainda não parecem reais.

Ben se foi.

Mesmo tendo sido Reiniciada, eu recuperei parte da minha memória, por causa do que Nico fez. Mas não vai acontecer a mesma coisa com Ben. Não funciona desse jeito. É como se eu nunca tivesse existido para ele. Nada do que aconteceu entre nós aconteceu para ele. Ele não sabe de nada daquilo.

Ben se foi.

Minhas lágrimas pararam; estou vazia. Não há nada. Nenhuma esperança. Nenhuma saída.

Chegamos ao esconderijo e eu fico ali enquanto Katran esconde minha bicicleta.

— O que você estava pensando ao ir até lá? — ele sacode a cabeça: o bom e velho Katran está de volta.

Fico em silêncio. Ele empurra meu ombro, um desafio.

— Você diz ao Nico e ao resto de nós que apoia o R. U. Livre, e então faz algo assim. É arriscado, Chuva. E se eu não estivesse lá para arrastá-la de volta e você fosse pega? Eles tirariam informações de você. Eles têm seus meios. Você os faria chegar a todos nós.

Alguma coisa se revolta e se enrijece dentro de mim.

— Os Lordeiros me tiraram Ben uma vez. Agora fizeram isso de novo. Ele se foi. Acabou. Para mim acabou. Eu farei de tudo para me vingar deles.

— Você parece sincera. É a sua razão?

— Como assim?

— O que finalmente faz você ultrapassar os limites. E então você *se torna* realmente capaz de qualquer coisa.

Dou de ombros, mas tudo dentro de mim está se modificando, se realinhando. O anel de Emily, agora escondido em uma árvore qualquer, foi o suficiente. E Ben também: *sim*. Ultrapassei os limites, não há volta.

— Qual foi a sua razão?

Ele pega minha mão e a coloca em sua bochecha — na cicatriz —, e então me afasta.

— Você não se lembra? Isto. Quando eu tinha dez anos, minha irmã mais velha desapareceu. Estava escondida. Ela estava encrencada, nada muito sério, mas sabe como os Lordeiros são.

Ele me gira de repente, coloca minhas costas contra ele, um braço em volta do meu pescoço.

— Um deles me segurou assim — ele sussurra. Coloca a outra mão na minha bochecha, abaixo do meu olho. — Estávamos em nossa garagem de barco. Ele pegou a faca de mergulho do meu pai e enfiou a ponta aqui — ele passou o dedo por minha bochecha, onde fica sua cicatriz. — Quando ele chegou aqui, eu disse a eles onde ela estava. Nós nunca mais a vimos novamente.

Ele me afastou. A faca de mergulho: uma *katran*. O nome que ele escolheu para que nunca esquecesse. A faca que ele ainda carrega, agora. *Eu me lembro*.

Levo a mão à minha bochecha. Ele não me machucaria, mas eu ainda sinto seu dedo em minha pele, traçando o caminho da faca. Olho para ele com terror.

— Não foi sua culpa. Você era uma criança!

— Pode ser. Mas é por isso que eu morreria antes de trair qualquer pessoa novamente. Eu não contarei a Nico o que você fez hoje. Nem contarei a Tori sobre Ben. Agora vá. Volte para casa, antes que sintam sua falta.

— Katran?

— Sim?

— Obrigada.

Ele olha para mim.

— Aceito que você queira ficar conosco. Mas precisa saber de suas limitações.

— O que quer dizer?

Ele balança a cabeça.

— Outra hora — ele hesita, e depois toca minha bochecha com a mão. — Sinto muito pelo Ben.

Está quase no horário de me arrumar para o colégio quando chego a nossa rua, tarde demais para me esgueirar pelo fundo, aliviada por ter deixado um bilhete de garantia, que dizia “Saí para correr”.

Não preciso ser silenciosa desta vez.

Abro a porta da frente.

— Oi, cheguei — grito.

Mamãe espia da cozinha e eu abaixo para desamarrar os sapatos.

— Não está frio demais para isso esta manhã?

— Frio é bom para correr! — respondo, tentando fazer com que minha voz pareça casual. E falhando.

Ela vem pelo *hall* e eu coloco o sapato no armário.

— O que há de errado? — ela pergunta, e seus olhos parecem preocupados, de verdade. Eu gostaria tanto de acreditar nisso. De cair nos braços dela e lhe contar sobre Ben. Mas não posso. Nem posso negar o que ela pode ver claramente em meu rosto. Meus olhos vermelhos.

— Estava pensando no Ben. Não consegui dormir, então fui correr.

Ela coloca a mão em meu ombro e aperta de leve. Me empurra até a escada.

— Vá. Tome um banho e se agasalhe. Preparei um excelente café da manhã.

CAPÍTULO 33

Desde ontem pela manhã é como se o mundo, em solidariedade, tivesse mergulhado em uma profunda frieza: a temperatura fica próxima de zero o dia todo e esfria muito mais à noite. Isso e Ben me deixaram anestesiada; vou para o colégio, para casa e outros lugares, quase no automático. Os minutos passam de um jeito estranho, como se eu estivesse em uma janela, distraída, e, quando olho para cima, vejo que o tempo passou. Eu até fiz o dever de Shakespeare, da aula de inglês, para ter algo, qualquer coisa, para ocupar minha mente. Um esforço tolo, mas é uma coisa a menos para me causar problemas. Ao menos até que o leiam, porque está bem ruim. Embora Nico ou Coulson façam meu trabalho de inglês se tornar irrelevante a esta altura.

E, à noite, tenho Grupo.

Normalmente, correr me faz sentir melhor, mais eu mesma. Seja lá quem eu seja. Mas, quando meus pés tocam a estrada, não estou certa de que foi uma boa ideia. Isso só me faz lembrar de correr com Ben para o Grupo.

Nós costumávamos correr para elevar os Nivos. Todas aquelas reações químicas em nosso cérebro advindas do exercício duro — endorfinas — tornavam possível pensar, falar sobre coisas desagradáveis sem que nossos níveis caíssem. Mas era muito mais do que isso: Ben amava correr. Até mais do que eu. Era parte dele.

Meus pés vacilam, eu quase tropeço: correr *ainda* faz parte da vida de Ben.

Diminuo para uma caminhada. O que significa isso? Algo começa a me incomodar sob a dor da perda, e é isso. Achei que Ben correria naquele lugar pela manhã porque o conheço bem. E ele foi. Isso significa que parte dele ainda está lá.

Faço esforço para me lembrar de cada momento da manhã anterior, analisando tudo. Algo que venho tentando evitar. Ele não sabia quem eu era, então deduzi que ele tivesse sido Reiniciado mais uma vez. Não havia nenhum Nivo à vista, mas as mangas dele eram muito compridas para eu ter certeza. Elas teriam escondido o aparelho.

Havia alguma coisa errada. Se ele tivesse passado por aquilo novamente, ele seria como um novo Reiniciado, não? Todo alegre e com um sorriso enorme e

estúpido. Não tinha se passado tanto tempo. E ele não estava desse jeito: na verdade, estava menos assim do que antes. Seja lá o que houve com ele, não foi isso. Foi algo diferente.

Caminho pela estrada gelada, mergulhada em pensamentos, mal percebendo a aderência do frio agora que parei de correr. De vez em quando, luzes se acendem atrás de mim, então se vão. São carros, depois uma van, que passam.

Quando me aproximo de uma esquina, uma van para do outro lado da estrada.

Uma parte do meu cérebro nota: uma van branca.

“Melhores construtores” está pintado do lado.

Corra!

A ideia mal se forma quando mãos me agarram pelo braço, saindo das sombras ao lado da estrada.

Minha primeira reação é girar e chutar, mas as luzes de um carro se aproximam do outro lado. Ele me larga quando a luz passa por nós, e eu confirmo: é o Wayne.

Wayne, mas está mudado. Seu rosto, que nunca foi agradável, está pior: uma cicatriz assustadora corre do olho até o alto da cabeça; o cabelo está faltando sobre ela e não nascerá novamente.

— Estou bonito, não? — ele pergunta, lendo meus pensamentos.

— O que você quer? — pergunto, protelando. Me lembrando de que ele não se recorda: foi o que Amy disse que estavam comentando no consultório médico. Ele teve amnésia traumática. Ele não se lembra de quem o atacou. A não ser que, ao me ver, tenha recuperado a memória.

Outro carro passa.

— Acho que você sabe.

Todos os meus instintos me dizem para *correr*, sair dali.

— Fale — eu digo.

Ele ergue uma sobrancelha, tomada pela cicatriz, parecendo ter sido partida ao meio.

— Só uma coisa. Continue de olhos atentos, querida, porque um dia, quando você estiver sozinha, eu estarei lá.

Ele pisca e eu percebo que um olho é falso; está voltado para o lado errado.

— Outra hora — ele diz. E se afasta para a van. Entra e liga o motor, dirigindo

pela estrada. Ele buzina duas vezes antes de desaparecer de vista.

Meus joelhos tremem tanto que preciso parar e me recosto contra uma árvore. Olho para minhas mãos: que estrago elas causaram. O treinamento de Nico me tornou um perigo. Foi em defesa própria, sim, mas tudo o que vejo é o sangue. A cabeça dele ensopada de sangue. Respiro lentamente, lutando para não ficar enjoada.

E o Wayne *lembra*. Ele sabe que fui eu que fiz aquilo com ele, mesmo não tendo contado para as autoridades. Ele quer acertar as contas comigo sozinho.

Estremeço e começo a seguir novamente, andando, depois correndo. Vamos encarar os fatos: por mais assustador que ele seja, Wayne não é o pior dos meus pesadelos. Há tantas ameaças sobre mim, que eu deveria instalar um espelho no meu ombro para poder vigiar por todos os lados.

A luz brilhante e os sorrisos do Grupo não me animam. Ainda estou tremendo quando mamãe me pega no final.

— Está vendo? Eu disse que estava muito frio para correr. Você devia dar ouvidos à sua mãe.

Fom, fom! A buzina do carro está alta para os meus ouvidos. Mas o trânsito parou. Eles não vão a lugar algum e eu grito para o motorista do ônibus: mova-se, faça alguma coisa! Eu sei o que irá acontecer, mas ele não pode me ouvir.

Um zumbido, um clarão, um BUM que ressoa em meus ossos, se expande, mas não há como escapar. A lateral do ônibus está partida, dobrada ao meio.

Ouço gritos do lado de dentro; mãos ensanguentadas batem nos vidros. As chamas lambem a traseira do ônibus.

Eu paro. Outro zumbido, o clarão, a explosão.

Do lado oposto do ônibus, uma placa num poste, meio deslocada — de algum pedaço perdido de estilhaço? O edifício atrás está intocado.

A placa diz Escritórios Londrinos dos Lordeiros.

Com o coração batendo forte, os olhos finalmente abertos, estou tremendo: o cobertor na minha boca para impedir o grito.

Um ataque do R. U. Livre deu errado. Um rosto flutua na minha mente: doutor Craig. Por quê? O que ele tem a ver com isso?

Katran faria *qualquer coisa* para atingir os Lordeiros. E eu também! A determinação fala alto dentro de mim. Mas *não aquilo*. Eu não poderia fazer aquilo.

Algo deu errado quando aquele ônibus foi atingido — aquilo foi um erro.

Eu estava lá? Tudo diz que sim — os detalhes, os sons, os cheiros —, tão real, tão claro.

Tive esse sonho algumas vezes antes. Em uma das versões, Robert, filho da minha mãe, e sua namorada estavam no ônibus. Mas isso aconteceu há seis anos: eu tinha dez anos de idade! Eu não podia estar lá; não faz sentido. Eu sequer estava com Katran e os Corujas até fazer catorze anos.

Entretanto, devo ter feito coisas como essas no passado. Deve ser por isso que os detalhes são tão reais, tão claros. E então, quando eu me tornei uma dos Corujas, eu faria *qualquer coisa* para dar o troco nos Lordeiros. Eu era forte.

Eu serei forte novamente.

Posso fazer qualquer coisa.

CAPÍTULO 34

Nico me leva para sua sala no colégio, no dia seguinte durante o almoço. Ele fecha a porta às nossas costas.

— Tenho um trabalho para você — ele diz, segurando um pequeno envelope. — Coloque isso em um lugar em que sua mãe encontre, onde ninguém mais vá ver. Mas não até amanhã à tarde.

Eu estico a mão e pego o envelope.

— Não vai perguntar o que é isso?

Eu vacilo por um momento e balanço a cabeça, negativamente.

— Não. Porque você está certo.

— Eu estou sempre certo, mas a que você está se referindo, em particular? — o rosto dele está engraçado.

— Mamãe. Ela é uma ferramenta para os Lordeiros. Não importa suas inclinações particulares, ela é um símbolo para eles, ela é um alvo para nós.

Os olhos de Nico brilham serenos. Ele sorri.

— Mas você também estava certa.

— Eu?

— Ao me contar sobre o filho dela, Robert. Há uma chance de usarmos isso. Se conseguirmos que ela traga publicidade para o nosso lado, melhor ainda.

Eu olho para o envelope em minha mão.

— E isso?

— Você pode dizer que é um convite.

Um convite selado, eu noto ao colocá-lo na mochila para entregar no dia seguinte.

Durante as aulas, analiso melhor as coisas. Então, após minhas resoluções difíceis — meu comprometimento de fazer *qualquer coisa* —, Nico encontrou uma saída para mim? Ele se importa. Ele não quer me ferir, ele acreditou em mim quando eu disse que mamãe não apoia os Lordeiros. Ele está buscando outra maneira.

No final do dia, Jazz leva a mim e Amy para a casa de Mac — uma visita planejada no início da semana. Eu havia me esquecido disso, com tanta coisa acontecendo. O encontro prometido por Aiden para que pudesse me dar notícias de Ben.

Quando Jazz e Amy saem para uma caminhada, encontro Aiden no quarto dos fundos.

Ele não diz nenhuma palavra, apenas me encara com seus intensos olhos azuis, até que eu pisco e me viro.

— O que é? — pergunto.

— Eu não queria fazer isso. Queria contar imediatamente. E agora, que você está diante de mim, é difícil.

— Alguma coisa aconteceu com o Ben? — pergunto, o pânico crescendo dentro de mim.

— Não. Não que eu saiba. Mas eu tenho investigado o colégio interno em que ele estuda. Ele não existe.

— Como assim? Nós o vimos.

— Ele está fisicamente lá. Mas, se você buscar onde estão catalogados os colégios que existem, ele não existe. Não está em nenhum arquivo oficial sobre educação. Não há informação sobre ele em nenhum canal oficial.

— E quanto aos não oficiais?

Ele hesita.

— Isso é mais suposição e rumores do que qualquer outra coisa.

— Continue.

— Certo. Pode haver alguma ligação entre aquele colégio e os Lordeiros. Lembra que vimos agentes no campo de treino? Não foi apenas uma estranha coincidência. Eles estão locados naquele colégio.

— Às vezes temos Lordeiros em meu colégio também. Eles vão à reunião de grupo e parecem ter um escritório lá.

— Não é isso. Eles estão sempre lá e não são poucos. Rumores dizem que fazem algum tipo de experimento e treinamento lá, algo novo. E os alunos: há algo de diferente neles, como grupo. Eles não são uma turma normal, variada. Todos eles estão em forma, são saudáveis e altos. Do tipo atlético ou com outras habilidades que os fazem se destacar.

— O que quer dizer?

— Eu não sei exatamente. Estamos curiosos para descobrir o máximo possível. Mas de uma coisa eu sei: é muito perigoso para você ver o Ben.

Eu cruzo os braços e olho para o vácuo. Aiden me puxa para perto, braços reconfortantes em meus ombros.

— Você não parece tão chateada como eu esperava.

Tantos segredos: quando é a hora certa de compartilhar? Eu me lanço para a frente, a cabeça entre as mãos, e suspiro.

— Existe uma razão para isso.

— E qual é?

Eu me endireito e olho para Aiden. Encaro a verdade.

— Eu já estive com ele.

— Você o *quê?*

— Sabe aquele canal que cruzamos na van perto do campo de treino? Eu o vi pelo vidro traseiro. E de alguma forma eu sabia: o Ben que eu conheci correria ali, bem cedo pela manhã. E ele corre.

O queixo de Aiden caiu.

— Você enlouqueceu?

— Nada me aconteceu, está vendo?

— A questão não é essa — Aiden parece zangado, realmente zangado. — Eu lhe disse para esperar até que descobríssemos mais.

— Você não é meu chefe — retruco, e me arrependo a seguir. — Desculpe. Eu não podia esperar mais.

Ele faz uma pausa, tentando se recompor. Analisa meu rosto.

— Deduzo que não foi um reencontro feliz, então — ele diz.

— Não. Ele não me reconheceu. Nada. Na hora achei que ele tivesse sido Reiniciado novamente, mas ele é muito velho para isso.

— Na hora? O que você pensou depois?

— Eu não sei. Não parecia bem isso. Para começar, eu ainda o conheço, sei como ele é, não sei? Que ele correria lá pela manhã. E ele não era como um recém-Reiniciado. Todo sorridente e estúpido. Ele estava mais... distante. Não parecia em nada com um Reiniciado.

— Interessante. Ele tinha um Nivo?

— As mangas dele eram compridas demais. O que você acha?

— Bem, algumas coisas: ele não é um prisioneiro lá, é? Ele tem liberdade para entrar e sair, do contrário não estaria correndo tão cedo e sozinho.

Verdade. Eu me apego às boas notícias.

— Eles estão fazendo algo diferente. Não estão reiniciando. Ou, ao menos, não como estamos acostumados a ver. Mas qual é o propósito?

Ele segura minhas mãos e me olha nos olhos.

— Me prometa, Kyla, que ficará longe dele. Por enquanto, ao menos. Vou ver o que mais conseguimos descobrir.

— Mas...

— Sem mas. É perigoso demais ir até lá com tantos Lordeiros. Eu não quero que nada lhe aconteça. Nem Ben iria querer.

Ben: cobaia de algum experimento desconhecido dos Lordeiros. Ele não se lembra de mim. Ao menos ele parecia em forma, parecia bem. Não feliz como um Reiniciado, mas também não estava triste. Apesar da ameaça de Coulson, eles não fariam algo com ele por minha causa, fariam? Não importa o quão cruéis sejam, os Lordeiros são racionais. Não destruiriam um experimento apenas para me atingir. Eles não sabem que sei onde Ben está: podem simplesmente me contar outra história fantasiosa e esperar que eu acredite. Mas não há nada a ganhar indo visitá-lo novamente. Ele não vai me reconhecer.

— Tudo bem — eu digo. — Eu prometo.

Mas, por mais que a lógica me diga que Ben está em segurança, ao menos por enquanto, tudo dentro de mim grita de medo por ele. Quem sabe o que está acontecendo ou acontecerá a ele por lá?

Doutora Lysander pode saber, ou ser capaz de descobrir. Eu a encontrarei amanhã, na nossa consulta de sempre. Mas ela me dirá?

CAPÍTULO 35

O mesmo Lordeiro está de guarda do lado de fora do escritório da doutora Lysander enquanto espero. Ele olha direto para frente, inexpressivo. Seja lá o que o possuiu para que piscasse para mim da última vez, havia desaparecido.

— Entre — chama a doutora Lysander; eu entro e fecho a porta.

Ela me observa atravessar a sala e sentar. Suas mãos estão cruzadas a sua frente, o computador está fechado. Alguma coisa está acontecendo. *Perigo.*

Engulo em seco.

— Bom dia, Kyla — ela diz, finalmente. — Como está hoje?

— Bem, e você?

Ela faz uma pausa.

— Estou bem, obrigada. Mas percebi uma coisa após nosso último encontro. Estivemos brincando de gato e rato, eu e você.

— E eu sou o gato ou o rato? — ironizo, antes que a razão me impeça.

— Você devia ser o rato, mas às vezes não tenho muita certeza. Quero algumas respostas, Kyla.

— Eu também tenho perguntas.

O aborrecimento luta com a curiosidade em seu rosto.

— Está bem — ela diz, finalmente. — Você me faz uma pergunta, e eu respondo; depois é a minha vez. Combinado?

— Combinado — respondo, embora a cautela me diga que seria melhor ela começar. Eu busco pelas palavras.

— E então?

— Você se lembra do Ben: Ben Nix. Meu amigo? — pergunto, e ela inclina a cabeça levemente. — Quero saber o que houve com ele. Onde ele está agora.

— Eu já lhe disse, eu não sei.

— Você sabia que ele cortou o Nivo; você falou. Você deve saber de alguma coisa.

— Você também sabia, eu nunca lhe perguntei sobre isso. Mas até onde eu sei

do que houve com ele depois, eu pesquisei na época: essa informação não estava em nosso sistema — ela suspira. — Olhe, vou provar, está bem?

Ela abre o computador.

— Dê a volta, e você verá com seus próprios olhos. Sobrenome Nix, não é isso?

Confirmo com a cabeça. Ela digita “Ben Nix” na caixa de busca.

Resultado nulo.

— Talvez ele se chamasse Benjamin — eu disse, e ela tentou: resultado nulo.

— Não compreendo — ela franze a sobrancelha e então seu rosto se clareia. — Ele está na sua ficha. Sim. Eu cruzo referências entre ele e seus amigos e famílias — ela troca de página. — Sim, aqui está o número dele — ela digita algo novamente.

Resultado nulo.

O rosto dela reflete raiva e algo mais. Ela fecha o computador.

— O que foi? — pergunto.

Ela se recosta, tira os óculos e esfrega os olhos. Ela parece diferente sem eles — são uma moldura pesada, dura e preta. Os olhos dela sem a lente de aumento parecem cansados, mais humanos. Ela os coloca de volta.

— Ele deve ter sido apagado.

— O que quer dizer isso? Ele está...

— Se está morto? Eu não sei. Morrer não é o suficiente para que alguém seja apagado desses documentos, Kyla. Nem mesmo eu tive permissão de apagar um nome do sistema. Ninguém nesse hospital pode, nem mesmo o Conselho. Eu posso criar fichas para um novo paciente, atualizá-las, editá-las, mas não posso apagá-las. É contra a regra. Ainda assim, é como se ele nunca tivesse existido.

— Quem poderia fazer isso?

— Rostos sem nomes, com... — ela para. — Você é o gato e eu o rato? Chega das suas perguntas. Você pode ver que eu respondi, o quanto pude, e disse coisas que nem devia. É a sua vez. Me diga: você teve alguma outra lembrança? — ela se reclina para frente, o rosto ainda cuidadoso, mas, por trás da ansiedade, havia curiosidade.

Há uma parte de mim que anseia dizer tudo a ela. Ela poderia ver o que houve comigo, explicar. Mas *perigo.* Ninguém pode saber. Eu estou no radar do Lordeiro. E se ele ouvir?

E meus olhos estão espiando, buscando pela sala. Pode haver escutas ali, escondidas em qualquer lugar.

— O que foi?

— Aqui não. Não posso falar sobre isso aqui. Não me sinto segura.

— Posso garantir, esta sala não é monitorada. Seria uma completa quebra de contrato de confidencialidade entre médico e paciente.

— Seria quebrar uma regra mais séria do que apagar os dados de um paciente?

Ela entreabre os lábios, e os fecha novamente. Pensa por um momento.

Ela escreve em um pedaço de papel e me passa: *Me encontre às 9 da manhã na terça-feira*. Uma trilha para cavalgada perto do meu colégio está marcada em um mapa rabiscado do outro lado.

Com tantos motivos para dizer *não* eu aperto o papel em minha mão. Faço que sim com a cabeça.

— Você sabe montar? — ela pergunta.

— Sim — respondo, a palavra saindo antes que eu sequer saiba se é verdade. Mas é. Tenho um reflexo de memória, com cavalos correndo em um campo. Saltando uma cerca baixa: como se voasse!

— O que foi, Kyla?

— Eu me lembro — sussurro. — De um cavalo. Preto e branco. Nós podíamos voar!

E os olhos dela estão ansiosos para saber, para saber de tudo. Para ver o que houve de errado na minha cabeça.

Mas, se ela satisfizer sua curiosidade, o que acontece depois?

Assim que chego em casa depois do hospital, olho para o envelope de Nico no meu quarto, desejosa de saber o que ele contém.

Eu poderia abri-lo; ver o que há dentro. Eu o enfio no bolso e desço a escada.

— Vou à casa do Cam — anuncio, calçando o sapato e abrindo a porta.

Eu saio, paro e coloco a cabeça para dentro novamente.

— Mamãe? — chamo.

— O quê? — ela aparece no *hall*.

— Isto estava preso na porta. Está com o seu nome — eu seguro o envelope de Nico, sem esconder para que mamãe pudesse encontrá-lo sozinha, como instruído. Mas eu preciso saber. O que há ali, qual será a reação dela?

Ela franze a testa e o pega. Rasga o envelope e tira uma folha de papel. Passa os olhos e eles se arregalam. Respira profundamente.

— O que é?

— Nada importante — ela mente, e o enfia no bolso.

Eu a olho, sem acreditar, e por um segundo os olhos dela se abrandam, há indecisão ali. Ela está prestes a me contar algo, seja verdade ou outra história. Há tantos segredos entre nós. Ela vai se abrir comigo? E, se o fizer, eu farei o mesmo?

Ra-ta-ta-tá!

Nós duas nos assustamos.

Mamãe abre a porta.

— Cam, oi. Entre.

Ele entra, e olha para nós duas, como se percebesse que há algo ali.

— Grandes mentes pensam igual — eu digo. — Eu ia à sua casa agora mesmo, para ver se você queria fazer uma caminhada.

— Claro — ele responde. — Mas primeiro tenho uma pergunta. O que devo usar para esse negócio do DMA? — mamãe e eu o olhamos surpresas, e ele olha para nós duas. — Epa! Ele não disse para vocês, não é?

— Quem? Nos disse o quê? — pergunto.

— Seu pai. Ele me convidou para ir à cerimônia com você, para que eu traga você para casa antes do jantar.

Meus olhos se arregalam de espanto; eu luto para não demonstrar. Não, Cam! Não esteja lá. Quem sabe o que pode acontecer?

— Mas se você não quiser que eu vá...

Minha mãe se sobressalta.

— Não, claro que queremos, Cam. É uma ótima ideia! Apenas não sabíamos, é isso. Mas é preciso terno e gravata.

E eu faço os sons corretos, tento ser convincente. Enquanto penso no que posso dizer a ele para que *não* vá, assim que estivermos sozinhos.

— Hora de sairmos para caminhar — eu digo. — Antes que fique escuro.

— Cam, uma pergunta antes de você ir — diz mamãe. — Você viu alguém na nossa porta da frente hoje?

Os olhos dele passam por mim, depois por ela.

— Acho que não. Apenas Kyla saindo e voltando um momento depois. Por quê?

— Por nada. Podem ir, vocês dois.

Caminhamos pela trilha acima do vilarejo. Olho para Cam de esguelha.

— Você não quer ir para essa cerimônia idiota na casa oficial.

— Claro que quero! Uma chance única de me vestir de forma elegante, e me misturar com os grandes e bons. Por que eu não ia gostar?

— Vai ser *muito* chato.

— Provavelmente! — ele sorri e pisca. — Mas você estará lá.

— Pare com isso, cabeça-oca. Serão discursos, política. Lordeiros por toda parte. Se tivesse uma maneira de escapar, eu escaparia.

— E é por isso que eu vou. Para tirar você de lá assim que acabar. Então chega de "mas".

Chegamos ao mirante e, com Cam ali, os demônios são exorcizados. Ele se pendura em uma árvore num impressionante estilo Tarzan, e eu rio, de pé sob o sol da tarde. O sol está baixo no céu; logo ficará escuro. Eu estremeço.

— Vamos lá, é melhor voltarmos — eu digo, e ele me segue enquanto desço a trilha.

— E então — ele diz. — Você vai me dizer o que está acontecendo? É óbvio que *alguma coisa* está incomodando você.

— Nada.

— Não pense que sou idiota.

— Não penso — eu digo. Dou de ombros, hesito. — É o de sempre.

— O misterioso de sempre?

— Basicamente.

Ele segura minha mão na descida. Se despede na frente de casa. E acrescenta, em voz baixa, que, se algum dia eu precisar de um amigo para conversar, posso contar com ele.

Mas eu não posso colocá-lo em perigo desse jeito.

CAPÍTULO 36

Nico estaciona na parte de trás de um bar. Saímos do carro e ele bate na porta dos fundos; ela se abre. Andamos pela cozinha, e então entre os salões. O edifício é velho, muito velho — teto de palha, chão desnivelado, cantos e fendas estranhas em salas bagunçadas. Ouvem-se vozes distantes, pessoas, na frente do edifício. Uma sala ao fundo com poucas mesas descombinadas e cadeiras vazias. Há outra porta na parte de trás: Nico a abre e surge uma pequena despensa.

— Você entra aqui — ele diz.

— Obrigada por me deixar vir.

Ele sorri.

— Foi algo que você mesma conseguiu. O que acontecer nesta reunião afetará você. Achei que você deveria ouvir. Agora, entre. Fique quieta — ele olha para o relógio. — Se as coisas saírem como o planejado, não demorará muito.

Ele fecha a porta; há uma grade pela qual só consigo espiar. Talvez dez minutos depois, o homem que nos deixou entrar retorna, carregando uma bandeja de chá. Atrás dele vem minha mãe.

Ela senta em frente a Nico. Pálida; as mãos estão trêmulas, até que ela as entrelaça. Seus olhos correm de um lado para o outro, até para a porta em que estou escondida, e eu involuntariamente me encolho, apesar de saber que ela não consegue me ver nesse cômodo escuro.

— Chá? — Nico pergunta.

— Onde é que ele está? — ela pergunta.

Ele serve as xícaras de chá e coloca uma em frente a ela. Não dizem nada, e eu posso ver que ela está lutando para não perguntar novamente. E falha.

— Onde está o meu filho? — Ah... Robert. Foi essa a isca que ele usou para trazê-la até aqui. — Você disse que ele estaria aqui! — ela começa a se levantar.

— Eu disse: venha, se você quer ver seu filho novamente. Eu não disse que ele estaria aqui.

Ela para, de olhos atentos. Torna a se sentar na cadeira.

— E então? — ela pergunta.

— Nós sabemos onde ele está.

— Venho tentando encontrá-lo há anos.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Podemos ter fontes às quais você não tem acesso.

— Quem são vocês exatamente?

— Acho que você sabe.

— Eu desconfio, mas quero ouvir você dizer.

Os lábios de Nico se contraem. Ele está se divertindo. Está jogando com ela, e uma parte de mim quer abrir a porta e gritar para os dois, para dizerem o que estão pensando.

Ela faz exatamente isso.

— Vocês mataram os meus pais; vocês bombardearam o ônibus do meu filho.

Ele balança a cabeça levemente.

— Eu não tenho idade suficiente para ter acabado com seus pais, e não foi bem isso o que houve com seu filho.

— Como?

— Você sabe o que houve com Robert — era uma afirmação, não uma pergunta.

— Eu também tenho informantes.

— E?

Ela suspira.

— A versão oficial dos eventos é que ele foi morto no ônibus bombardeado, mas ele foi visto com vida um pouco depois. Ele deve ter sido Reiniciado.

— Você se dá conta de que, se o reencontrar, ele não saberá quem você é?

Ela não responde; seus ombros estão caídos. É claro que ela sabe disso.

— Pense no que fizeram com você — diz Nico. — O que fizeram com incontáveis mães e pais.

— Com seus filhos — ela sussurra.

— Você tem a chance de fazer algo sobre isso.

— Não concordo com seus métodos.

Ele inclina a cabeça.

— Sei que não. Mas há algo que você *pode* fazer. Ajudar futuros pais e filhos a não passarem pelo que você passou. Não se engane, os Lordeiros estão por trás disso tudo: se não fosse por eles, não teríamos por que estar aqui.

— Estou ouvindo.

— O Dia do Memorial Armstrong. Quando você fará seu discurso, na casa de campo do Ministro. Será televisionado ao vivo?

— Sim. Como todos os anos. Mas...

— Conte ao país inteiro sobre seu filho. Seu Robert. Comece pelo de sempre, a trágica perda dos seus pais. E então mencione que Robert também foi morto pelas bombas terroristas... a seguir diga a verdade sobre o que houve com ele. Que os Lordeiros infringem as próprias leis. Se você acabar com o sigilo, se as pessoas souberem o que realmente está acontecendo, elas irão impedi-los.

Ela sacode a cabeça.

— Isso nunca vai funcionar. Os Lordeiros cortarão a transmissão.

— Tenho meios. Posso lhe garantir que essa transmissão será realmente ao vivo. Não haverá *delay*. Você será capaz de passar a informação rapidamente se for esperta e planejar como dizer.

— E depois?

— Você é alguém em quem as pessoas acreditarão. Será o início do fim dos Lordeiros. E nós levaremos seu Robert até você.

Meu estômago se revolta. O que ela decidirá? O que Nico fará se não for o que ele quer?

Mas então, quando ela começa a falar, ele a silencia com a mão erguida.

— Você precisa pensar sobre isso, sobre o que fazer. Não decida agora. Vá.

Ela levanta da mesa e segue até a porta. Estou congelada de medo de que ele não a deixe ir realmente, que sua paranoia venha à tona e ele pense que ela irá entregá-lo aos Lordeiros. É só quando ela se vai que consigo respirar novamente. Não sei bem de que lado ela está: pode ter sido ela que me traiu e entregou para os Lordeiros, possibilidade sobre a qual Nico nem faz ideia. Como ele poderia saber o que ela vai fazer agora?

Leva um longo minuto até Nico abrir minha porta.

— Venha. Temos que sair daqui.

Saímos pela porta dos fundos em direção ao carro dele. Descemos uma rua lateral, depois outra, fazemos várias curvas e damos voltas. Ele fica atento, mas

ninguém está nos seguindo.

— Iremos direto para a casa. Precisamos conversar — ele diz.

— Você realmente sabe onde Robert está?

— Ainda não, mas saberei — ele olha para os lados. — Você a conhece melhor do que eu. O que acha que ela fará?

— Honestamente? Não sei.

— Nem eu — ele admite, e estou surpresa: isso não é comum para Nico, admitir não ter certeza. — Mas haverá um plano B, não se preocupe.

Ele dirige em silêncio o resto do caminho.

Quando chegamos à casa dele, na floresta, ele me leva até o escritório, passando por olhares curiosos. Katran está lá, e os outros também. Tori passa os olhos por mim como se eu não estivesse ali.

— Sente-se — diz Nico, e fecha a porta do escritório. Estamos sozinhos. Ele puxa uma cadeira oposta à minha e vira meu rosto para cima, para ficarmos olhos nos olhos. — Tem algo sobre o qual precisamos conversar. Chuva, eu entendo que você tenha ido ver o Ben.

— O quê? — eu quase caio da cadeira, o choque da traição me ferindo profundamente. Katran, depois de tudo o que disse, contou a ele?

— Agora, Chuva, isso foi uma coisa muito tola de se fazer — ele me coloca de novo na cadeira, segurando minhas mãos para que eu fique ali. O rosto dele está firme e eu sinto um tremor percorrendo meu corpo.

Ele levanta a outra mão antes que eu possa falar.

— Espere. Você não devia ter feito isso, foi perigoso. Se fosse pega, todos nós estaríamos em risco. Você sabe disso. Mas. Eu entendo.

— Entende?

— Claro. Eu sei o que é amar, e perder quem a gente ama — e os olhos dele estão cheios de simpatia. — Me diga, Chuva — ele continua. — O que houve quando você falou com o Ben? — e os olhos dele, tão familiares e tão desconhecidos ao mesmo tempo, estão calmos, presos aos meus. — Me diga — ele insiste.

Engulo em seco.

— Foi horrível. Ele não me reconheceu, não se lembrou de mim! Eu não sei o que houve com ele, e...

— Eu sei.

Eu paro.

— Você o quê?

— Sei o que aconteceu com Ben.

Ele faz uma pausa.

— Seja forte, Chuva. Aquele colégio em que Ben está não é um colégio. Ao menos, não como você pensa. É um centro de treinamento de Lordeiros. Eles estão fazendo experimentos de vários tipos. Como reiniciar, mas menos drástico. Os indivíduos mantêm a iniciativa própria e as habilidades, mas continuam sob controle — ele segura minhas duas mãos novamente. — Acredite em mim quando eu digo, eu sinto muito. Mas Ben está perdido para sempre.

— Não — eu sacudo a cabeça, as lágrimas ameaçando descer.

— Ele está treinando para ser um inimigo: um agente Lordeiro.

E sou incapaz de aceitar. Aiden insinuou aquilo, eu me dou conta, sem dizer. Mas Ben, um Lordeiro? Não. Ele não poderia. Ele não faria isso.

Eu me acalmo conforme vou entendendo. Após o que fizeram a Ben, ele não é mais quem era antes. Ele não toma mais decisões.

Soluços profundos começam a surgir e eu luto para manter alguma compostura na frente de Nico, para deixar a reação para depois, mas ele coloca seu ombro contra mim. As lágrimas começam a descer.

Há uma batida na porta.

— Espere — ele diz.

Ele sai, fechando a porta atrás de si.

Eu coloco a cabeça entre as mãos. De certo modo, eu já sabia. Estava evitando a verdade. E eis mais uma, que irei encarar: Katran contou ao Nico que fui ver Ben, só pode ter sido ele. De que outra forma ele saberia? Mas Katran disse que não faria isso!

A dor e as lágrimas se transformam em raiva, em ira. Katran disse que eu não poderia tomar essa decisão, mas ele estava errado. É somente minha. Os Lordeiros precisam ser impedidos a todo custo. Não importa o sacrifício.

Antes que minhas memórias começassem a retornar, eu jamais poderia ter me juntado ao R. U. Livre. Sendo apenas Kyla, eu não poderia ter enfrentado seus métodos, não importando seus objetivos. Mas agora eu posso. Posso esquecer que a Kyla odeia violência; esquecer o medo dela, que ela um dia existiu. Assim como eu esqueci Lucy. Mas nunca esquecerei Ben.

Sim! Guarde a dor. Use-a para focar.

Quando Nico abre a porta novamente, a raiva obscurece todos os outros sentimentos, menos o desejo de vingança.

Ele senta à minha frente.

— Onde estávamos? Ah, sim. Há uma coisa que ainda precisamos discutir. Katran e eu tivemos uma conversinha hoje cedo. Sobre você.

— O quê? — ele tem contado mais dos meus segredos? Eu cerro os punhos.

— Ele foi muito cuidadoso ao dizer que você está do nosso lado.

— Eu estou!

— Mas ele também demonstrou preocupação. Ele acha que você é muito... frágil, para ser útil.

— Isso não é verdade! Eu faço qualquer coisa!

— Faz mesmo, Chuva? — Nico se reclina para trás, a dúvida estampada em seu rosto. Ele ergue uma mão, num gesto que diz *fique quieta.*

Eu mordo meus lábios.

— Estou com um problema. Katran acha que você é um risco: eu geralmente confio na opinião dele.

Estou de novo em choque: a traição. Lá estava Katran me lembrando como costumávamos ser amigos, que era ele que me abraçava quando eu tinha medo. Sendo gentil a respeito de Ben. *Costumávamos ser amigos*, essa é boa.

— Ainda assim... — Nico dá de ombros. — Por mais que eu queira confiar em você, Chuva, há algo mais. Você é um perigo para nós?

— O que quer dizer?

— Suas ações, sem pensar nas consequências — novamente a mão dele está erguida, pedindo silêncio. — Como Tori... um risco de que eu aprendi a gostar, mas ainda assim um risco. E ter ido ver o Ben. O que aconteceria se você fosse capturada? Você seria capaz de nos manter em segredo?

— Sim — respondo, instantaneamente, sem pensar. Eu nunca disse nada ao Coulson que ele já não soubesse, disse?

Nico, sempre alerta a qualquer nuance de pensamento ou sentimento, nota isso.

— Me diga, Chuva. Há algum outro risco ao qual você nos expôs?

Mas eu não posso dizer a ele sobre o Coulson; é tarde demais.

— Chuva? — uma voz impaciente, uma que não quer esperar. — Me conte o que está escondendo, e agora. Qual é o risco?

Vire o jogo.

— Eu recuperei minhas memórias quando fui atacada e precisei me defender. Ele... sobreviveu, e se lembra disso.

— Nome — ele disse friamente.

— Wayne Best — as palavras saem lentas e baixas, como se relutassem em ser ouvidas. Seria uma sentença de morte? Ainda assim, tantos que morreram não mereciam; Wayne está abaixo do nível de humanidade, até onde sei.

— Por que não me disse isso antes? — ele balança a cabeça. — Como posso confiar em você?

— Faço qualquer coisa para provar para você.

— Faz? — ele suspira. Nico se vira de repente e se aproxima, uma mão em cada braço da minha cadeira, olhando intensamente nos meus olhos. — Pense, Chuva. O que você pode fazer por nós? O que você pode nos dar, que garanta que você realmente *fará* qualquer coisa. Para eu ter certeza de que posso confiar em você.

Busco por algo na memória, qualquer coisa, que possa provar a ele onde está minha lealdade. Imagens e rostos passam girando e então...

Meus olhos se abrem quando um rosto me vem à mente.

— Você pensou em alguma coisa. Me conte — ele diz, com um tom de comando na voz. Um clarão de outra época, outro lugar: um tijolo. Dedos. Eu me encolho por dentro. É preciso obedecer a ele.

As palavras são arrastadas para dentro, lentamente; cada uma é uma nova ferida. Uma linha desenhada. Uma decisão.

— Posso lhe entregar a doutora Lysander.

Quando saio, a incerteza e o medo lutam contra a felicidade de conseguir a confiança de Nico.

Tudo que foi preciso foi oferecer a doutora Lysander.

Aperto meus dentes. Ela merece isso. É tudo por causa dela: reiniciar as pessoas foi uma invenção maligna dela, se é que se pode chamar isso de invenção. É tudo culpa dela. O destino de Ben, indiretamente, também.

Nico acena para Katran, que se levanta quando saio pela porta.

— Posso ir para casa sozinha — digo, friamente, mas Katran me segue. Vejo

um carro nos fundos da casa, com um homem fumando recostado nele. Ele se vira como se quisesse se esconder. Um rápido olhar em um rosto comum, compleição física comum, ainda assim familiar. Como?

Caminhamos pelo curto trajeto até as bicicletas na floresta. Eu ignoro Karan e saio andando, mas a raiva cresce cada vez mais dentro de mim. Não estamos nem na metade do caminho quando diminuo, fazendo sinal para ele parar. Eu quase jogo minha bicicleta no chão.

— O que há com você? — ele pergunta.

— Você contou ao Nico!

— Contei o quê?

— Que fui ver o Ben!

O rosto dele demonstra surpresa e dor.

— Eu disse que não contaria. E não contei.

— Então como é que ele sabe?

— Nico sabe! — ele diz, nosso antigo lema, mas a jogada de ombros e o sorriso não estão ali.

Balanço minha cabeça, incapaz de entender como isso é possível. Ainda assim... aquele rosto familiar perto da casa; me dou conta agora. Era o motorista da van de Aiden? Talvez tenha sido assim que Nico descobriu: talvez não tenha sido Katran. Mas não é só isso.

— Como pôde falar de mim pelas costas, dizendo para o Nico que sou inútil? — pergunto, as palavras saindo entre os dentes, meus punhos fechados ao lado do corpo. — Sou melhor atiradora que você! Tão boa com facas quanto, e...

— Você é, Chuva. Não há dúvida de suas habilidades. Contra alvos desconhecidos, você é a melhor.

— O que quer dizer?

— Você não se lembra?

— Do quê?

Ele revira os olhos para cima.

— Vou lhe mostrar.

Ele puxa uma faca da bainha, escondida ao lado do corpo, e a segura até que a prata cintile na luz da noite. Não é apenas uma faca; é *a faca*. A faca de mergulho que um Lordeiro usou para cortar o rosto de Katran tantos anos atrás.

Ele arregaça a manga e toca a lâmina no antebraço.

— O que está fazendo? Pare!

Mas é tarde demais: ele corta a própria pele. A lâmina desliza; o vermelho começa a brotar. Não apenas gotas, mas um fio contínuo, uma linha vermelha que corre por seu braço até embaixo, para sua mão. Eu odeio sangue. Odeio. O cheiro, a textura, o gosto. Começo a gaguejar e a me afastar, mas não consigo desviar os olhos do vermelho. Algumas gotas caem de seu braço, parecem parar no meio do ar e então chegam ao chão, e meu estômago começa a pesar, com força. Eu fico ofegante, me curvo, e minha visão começa a ficar turva, tento não vomitar.

Katran se aproxima e eu me encolho. Ele suspira, pega um lenço, enxuga o braço e o segura.

— É apenas um arranhão. Estou bem. Está vendo? — eu me viro, e toda a evidência do vermelho está escondida, fora de vista. Minha respiração começa a se normalizar.

— Está vendo agora, Chuva? — ele pergunta, em voz baixa. — Por que você não pode estar conosco. Você é um perigo, um risco para todos nós. Se você reage assim com algumas gotas de sangue, o que dirá de bombas e munição? Você pode desmoronar a qualquer momento. Se eu precisar ficar de babá, outros estarão em risco.

— Eu não compreendo. Eu *consigo* me lembrar dos ataques e do sangue — engulo em seco, e me esforço para recordar: sons altos. Gritos, pessoas correndo. Mas os detalhes estão confusos: não me lembro do que fiz. Devo ter machucado pessoas e me forçado a esquecer, por isso os detalhes não são claros. Por dentro, fico envergonhada. Eu realmente seria capaz de matar alguém? Será?

— É o que Nico está testando — Katran devaneia, praticamente fala para ele mesmo. — Ele precisa ver que isso é impossível. Por que ele quer você envolvida? Por que isso é tão importante para ele?

E então, como se ele se lembrasse que ainda estou ali, Katran torna a se virar. E coloca minhas mãos entre as suas.

— Chuva, me prometa. Pense nisso. Pense no que houve hoje, e antes, e toda vez que você vê sangue. Pense nisso, e se lembre — ele faz uma pausa, seus olhos atentos aos meus. Sem me abalar, quero desviar os olhos, mas não consigo.

Sem pensar, eu me aproximo: passo os dedos trêmulos na cicatriz em seu rosto, com uma sensação de que já fiz isso antes.

Ele empurra minha mão, como se meus dedos queimassem sua pele. Volta para a bicicleta e eu o sigo. Vou refletindo o resto do caminho para casa: é verdade o que ele diz? Eu sou um fracasso como terrorista?

Tudo dentro de mim grita que *não*. É nisso que sou boa; em tudo o que Nico me ensinou. Eu lutei para ser a melhor em tudo que fizemos, e quase sempre o fui.

Isso não faz sentido. Se o que Katran diz é verdade, por que Nico iria me querer envolvida? Não deve ter sido fácil me encontrar. E sempre me perguntei como ele me encontrou depois que fui Reiniciada. Se aquele motorista de van for do DEA, pode ter sido assim. E deve ter sido como ele descobriu que fui ver Ben. Minha memória pode ser falha de muitas maneiras, mas eu me lembro disso: Katran nunca mente. Se ele tivesse feito isso, teria dito.

Por que Nico teria tanto trabalho para me encontrar se sou tão inútil? Ele não teria como saber antecipadamente que eu ficaria com minha mãe. Quem ela é. E tenho um encontro com a doutora Lysander, mas isso ele também não poderia adivinhar.

Aperto meus dentes. Tudo bem, sangue é mais do que nojento, está certo, mas eu vou superar isso, pela força ou pela vontade. Se Nico acredita em mim, eu consigo fazer isso.

Preciso fazer isso.

De qualquer forma, entregar a doutora Lysander para o R. U. Livre tem de valer alguma coisa. Muita coisa.

Mais tarde naquela noite, eu tento. Uma faca afiada na cozinha, uma mão trêmula: apenas uma gota de sangue. Mas eu não consigo, não posso. Jogo a faca do outro lado e ela finca na parede.

CAPÍTULO 37

— Kyla! Espere — A voz de Cam chama atrás de mim, no caso mais colossal de hora errada.

Penso em ignorá-lo, mas ele não vai desistir. Eu me viro.

— Sim?

— Você não vai para a aula?

— Claro.

— Você está indo na direção errada.

O fluxo de alunos passa por nós em todas as direções, se apressando para a primeira aula na terça-feira de manhã. Providenciando uma cortina de fumaça que logo terminará.

Eu me concentro. E sorrio.

— Tenho dever de casa para entregar primeiro. Um projeto de artes — respondo, pegando uma aula que sei que ele não faz. — Vejo você mais tarde — minto, e me apresso, mas ele me acompanha. Eu xingo por dentro.

— Está tudo bem? — ele pergunta.

— Tudo ótimo — eu sorrio. — Como estão as coisas?

Ele dá de ombros. Seu rosto não está mais inchado pelo soco daquele Lordeiro; os hematomas roxos ficaram marrons, mas ainda tinham que clarear mais. O soco que ele levou para me defender. Sinto um certo enternecimento por dentro. Pobre Cam. Será que os Lordeiros irão atrás dele assim que descobrirem que ignorei o acordo? Eu deveria avisá-lo.

Não há tempo. Agora não.

Eu paro. Sorrio.

— Desculpe, preciso correr, ou não conseguirei voltar a tempo. Vejo você depois?

— Tudo bem — ele diz.

Sigo pelo caminho e vou direto para o prédio de artes do outro lado do gramado, para o caso de Cam estar olhando. E então me encolho por dentro. Por

que ele faria isso? Ainda assim, não me desvio até que alcanço a porta, e então dou a volta no prédio. Chego bem a tempo no portão para seguir um grupo de alunos de agricultura indo para os loteamentos do colégio. Para o observador comum, estou matando aula. Mas, assim que saio de vista do terreno do colégio, retorno e alcanço a trilha, e então acelero para a estrada.

Eu deveria estar me apressando, mas meus pés começam a ficar lentos. Ela quer falar comigo hoje, descobrir meus segredos. Ela irá conhecer o maior de todos, não é?

Meu estômago embrulha. Nervos?

Ou culpa.

Não! Ela é parte de todo esse sistema dos Lordeiros, Reiniciados e tudo o mais que veio daí: Emily. E Ben. Não tenho pena dela. Não posso.

Não terei. Preciso mostrar a todos eles: Katran, Nico, Tori e os outros. Que eu sou parte da luta contra os Lordeiros. É minha luta também.

A trilha de cavalgada está esburacada e enlameada, e me atrasa. Ela está esperando, e a vejo antes que ela me veja. O cavalo dela é lindo, e não é só isso: há outro, e sobre ele o mesmo Lordeiro que faz sua segurança no hospital.

Eu solto um gemido. Nico disse que provavelmente teria alguém com ela. Eu tenho de tentar separá-los e então sinalizar para que eles se aproximem.

Eu aceno conforme caminho na trilha. Os olhos do Lordeiro se arregalam quando ele me vê: eu sou uma surpresa? Ótimo. A doutora Lysander diz algumas palavras, e ele parece argumentar com ela, depois concorda. Apeia do cavalo e passa a caminhar.

— Que dia maravilhoso, não é? — ela sorri, e parece diferente. Seu cabelo escuro, com alguns fios brancos, cai pelas costas. A roupa de cavalgar tem mais a ver com ela do que o jaleco branco que sempre usa. Os óculos pesados se foram: lentes de contato, ou os óculos são apenas acessórios? — Você falava sério quando disse que sabe cavalgar?

— Sim.

— O agente Lewinski gentilmente ofereceu a você o cavalo dele, mas diz para irmos devagar e não sair de vista. Você precisa de ajuda? — eu nego com a cabeça. Meus pés mal alcançam o estribo, mas eu consigo: para cima!

O cavalo se movimenta e eu me adapto a ele, à sela. As memórias surgem novamente, velozes, afiadas. Cavalos, mas onde, quando? De olhos fechados, estou em outro tempo e lugar. Não há detalhes; é mais uma sensação do que

qualquer outra coisa. Que delícia! A velocidade. Uma certeza de que estou segura, de que nada pode me acontecer, desde que... o quê? O saber infantil de quem não sabe nada do mundo.

— Você está bem, Kyla?

Me sobressalto e olho ao redor: de volta para o aqui e agora.

— Sim, tudo bem. Quem é este? — pergunto, acariciando sua crina.

— Jericó — ela diz. — E esse é o meu Heathcliff — ela dá tapinhas no pescoço do cavalo: ele bate as patas e funga.

Começamos a trotar pela trilha. O guarda se mantém atrás, como pedido, mas parece não estar contente com isso. Posso sentir um longo relatório sobre mim muito em breve, e estou certa de que irá voando para o Coulson. Balanço a cabeça internamente. Não vai fazer muita diferença depois de hoje, vai?

Gradualmente começamos a andar um pouco mais rápido. Acelero Jericó com meus joelhos, para dar uma distância entre o guarda Lordeiro e nós, antes de chamar Katran.

Ela me olha de lado.

— Sabe aqueles dados hospitalares desaparecidos do seu amigo Ben? Ele não é o único — ela diz, em voz baixa. — Verifiquei por alto e há outros. Falhas nos registros. E pior.

— O quê?

— Há médicos desaparecidos, também — ela diz, horrorizada.

Eu debocho por dentro. Um médico desaparecido é muito mais preocupante para ela do que centenas de Reiniciados, aposto.

— O que isso significa? — pergunto, mas penso: será que esses médicos desaparecidos poderiam estar naquele colégio do Ben?

Ela hesita.

— Só posso conjecturar neste momento, e minhas deduções são todas desagradáveis.

Eu a olho e finalmente pergunto o que minha curiosidade está pedindo há algum tempo:

— Por que você me diz essas coisas? Por que não me denunciou quando suspeitou que estou recuperando minhas memórias? Por que veio me encontrar aqui? Eu não entendo.

— Em parte, porque estou curiosa. E quero saber o que houve de errado com

você, para impedir que aconteça novamente.

— E?

Ela hesita e balança a cabeça.

— Muito sentimentalismo de minha parte. Você me lembra uma garota que conheci no colégio, há muito tempo — ela revela, e a tristeza passa por seu rosto.

— O que houve com ela?

— Ela foi pega nas revoltas. Não havia opção na época; ela foi executada — ela desvia o rosto. — Chega de perguntas, e do passado. Ele está muito atrás de nós, Kyla, para deixar você à vontade. É a sua vez. Me diga agora, como você prometeu. Do que você se lembra? Por que você se lembra?

Eu poderia apertar o comunicador em meu pulso para chamar Katran e terminar aquela conversa antes mesmo de começá-la. Mas... os olhos dela. Tão curiosos. A única coisa que posso fazer por ela é responder a suas perguntas com sinceridade. Talvez ela consiga explicar coisas que eu não consigo. Ou seria mais porque parte de mim está programada para responder, e não pode simplesmente parar de fazê-lo? Nico ficaria furioso, mas ele não está aqui para ouvir.

— Eu me lembro de coisas estranhas: imagens, sons, sentimentos. Pessoas e lugares; desconectados, conectados. É até difícil explicar. Como quando subi neste cavalo. Senti-lo se mover me trouxe associações e sentimentos de outra época, mas não sei de onde ou quando.

— Fascinante — ela diz. — As ressonâncias que você fez antes de deixar o hospital mostravam que tudo estava conforme o esperado.

— Não começou ali. Apenas alguns sonhos. Quando deixei o hospital, as coisas começaram a voltar. No início, apenas pequenas coisas, fragmentos e pedaços.

— E depois?

Eu hesito. E depois, Wayne.

— Eu levei um grande susto. E elas voltaram de supetão. E isto? — apontei para o meu Nivo. — Inútil agora — eu o giro para demonstrar.

— Não entendo como isso pode ser possível.

— Também não entendo completamente. Mas há pequenas coisas que eu sei. Eu nasci canhota, não destra. O R. U. Livre me deu um tipo de treinamento, condicionamento. Eu não sei exatamente o quê. Mas é quase como se tivesse me

transformado em duas pessoas, minhas memórias divididas entre elas: uma destra, outra canhota. Quando fui Reiniciada, eles pensaram que eu fosse destra porque eu estava sendo aquela pessoa. A outra estava escondida dentro de mim.

— Interessante. Pressões circunstanciais extremas às vezes podem causar um distúrbio de dissociação de identidade. Essencialmente, uma fragmentação de si mesmo, em camadas — ela explica. Seus olhos ficam perdidos, pensativos. — É teoricamente possível induzir a fragmentação de uma personalidade, então uma personalidade guarda as memórias que a outra descartou. Mas apenas com métodos muito extremos: traumas deliberados ou abuso de natureza tão severa que a fragmentação é a única maneira de sobrevivência.

As palavras dela me dão arrepios nas costas. Que trauma teria sido suficiente para conseguir isso? Qual foi o tijolo que Nico empunhou para fazer isso comigo?

— Mas, Kyla, eu não compreendo. Por que isso seria feito com alguém?

— Para que parte de mim pudesse sobreviver ao ser Reiniciada.

Os olhos dela encontram os meus em choque. As engrenagens estão se movendo atrás do olhar dela conforme ela reflete sobre as implicações.

— Houve discussões a respeito disso; acabaram concluindo ser impossível.

Algo mais se reflete em seu rosto, nos olhos dela.

— Kyla, por que você foi Reiniciada? — ela perguntou, gentil.

— Os Lordeiros me pegaram. Isso não está na minha ficha?

— Sua ficha diz que você foi capturada em um ataque terrorista. E ficharam você como uma “joana-ninguém”: identidade desconhecida — conforme ela diz aquilo, meus olhos se reviram, eu incrédula.

— Uma “joana-ninguém”? — pergunto, espantada. — Não fazem teste de DNA em todas as pessoas ao nascer?

— Sim, de acordo com a lei. Mas, às vezes, bebês nascem em locais afastados, onde seus pais se escondem, para se manter distante de leis assim.

Minha mente está girando com essa informação. É realmente possível que os Lordeiros não soubessem quem eu era? Mesmo eu tendo sido reportada como desaparecida pelo DEA? Não posso acreditar que eles não monitorem aquele *site* ilegal. Mas talvez isso explique algo mais.

— Se eles não sabiam quem eu era, como saberiam minha idade, e se poderiam ou não me reiniciar?

— Testes simples revelam a idade com bastante eficácia, Kyla, e foi feito de acordo com a lei. Você tinha menos de dezesseis quando foi Reiniciada.

— Não. Eu tinha dezesseis. Eu sei disso; eu me lembro da data do meu nascimento.

— Você deve estar enganada. Aqueles testes não erram. Mas chega de distrações: voltando à minha pergunta, Kyla. *Por que* você foi Reiniciada? — ela questiona novamente, e eu fico confusa.

— Eu não sei. Eu não me lembro do que aconteceu.

Os olhos dela se movem, focam atrás de nós e se arregalam. Eu me viro a tempo de ver o Lordeiro dela preso ao chão por Katran. Mas eu não o chamei ainda. Eu planejava deixá-lo para trás primeiro. O que está acontecendo? E então ela dispara por outro caminho, acelerando o cavalo num galope, e eu xingo. Eu me distraí com suas perguntas! Eu devia tê-la agarrado, feito algo, qualquer coisa.

Mas, antes que pudesse segui-la, ela para. Puxa as rédeas de Heathcliff com força. E estende as mãos em um gesto de rendição. Por quê? E então eu vejo dois R. U. Livre mais adiante, com as armas apontadas para Heathcliff. Ela não arriscará seu cavalo.

Um som atrás de mim: de estrangulamento, um gorgolejar, e eu me viro. Katran está com o Lordeiro, um braço preso nas costas dele, mas então ele o solta e o afasta. Ele limpa a faca na grama enquanto o Lordeiro se dobra lentamente até o chão.

Vermelho.

Não apenas uma gota de sangue, como tentei ontem à noite. Um mar de vermelho. A garganta dele é uma cortina de sangue que pulsa com o coração. Seu corpo estremece no chão e então para, no mesmo momento em que caio do cavalo.

CAPÍTULO 38

Minha boca tem um gosto amargo, com pedaços de cascalho, tudo está escuro. Estou deitada, em algo macio. A cabeça está zonza. Onde... o quê? Abro os olhos. Tudo está manchado e clareia conforme pisco.

Um quarto pequeno, uma porta fechada. Uma janela quadrada e gradeada. Não estou sozinha: a médica está um pouco adiante, olhando pelas barras.

Eu me sento.

Ela se vira ao notar meu movimento.

— Tudo bem, Kyla? — ela pergunta, calma, tranquila.

Fico confusa.

— O que houve? — pergunto, e minha voz soa estranha.

— Você devia saber mais do que eu. Mas talvez não. Você parece estar presa aqui comigo.

Eu me sento. Minha boca está com um gosto amargo, horrível. Minhas roupas estão bagunçadas. Lama, e coisa pior. Vômito?

O cheiro revira meu estômago, e eu inspiro e expiro lentamente, até passar.

— Tem água aí? — pergunto.

— Não — ela bate na porta. — Alô, aí de fora! Precisamos de água — ela diz. A voz num tom de autoridade tranquila de sempre, que talvez não funcione por aqui.

Ouço um murmúrio na porta; o tempo passa. E então uma voz:

— Afaste-se da porta.

Ela se abre. Tori espia por ela.

— Está fedendo aqui — ela torce o nariz perfeito e me olha. — Você está fedendo! Atrás dela, Katran está em uma cadeira, alerta, arma nas mãos. Eu reconheço o escritório de Nico. Então, estamos onde pensei, mas por que eu estou...?

Uma onda de medo me agarra por dentro. Talvez Nico tenha descoberto sobre Coulson e pensa que sou uma traidora.

Katran balança a cabeça discretamente, e Tori entrega a garrafa d'água para a doutora Lysander. O olhar dele diz *fique quieta. Espere*.

— Me deixe sair — eu tento. Mas, em vez de exigir, minha voz soa fraca, uma lamúria.

Tori ri.

— Acho que não — ela diz, e sai, fechando a porta, parecendo muito satisfeita com a situação.

A médica toma um gole e me passa a garrafa.

— Pode ficar com o resto. Você deve estar desidratada, afinal — e ela gesticula para o meu estado.

Eu tomo um gole e despejo um pouco de água no canto mais limpo que encontro em uma manga da minha blusa para limpar o meu rosto. Para o resto de mim, não há solução. Suspiro. Minha cabeça lateja. O que terá acontecido? Tento me concentrar, pensar, mas tudo está confuso.

— Eu achava que você daria uma boa médica, Kyla, mas vejo que estava errada. Você sempre teve fobia a sangue?

— Eu não! Eu... — e eu paro. Com ela dizendo aquela palavra, tudo retorna. Só consigo ver o guarda Lordeiro e *vermelho, vermelho, vermelho...*

Uma cortina de sangue. As lágrimas surgem em meus olhos agora, e estou tremendo. Todo aquele sangue. Esqueça, ignore isso, jogue fora...

Mas Katran disse que não devo esquecer, devo me lembrar, eu...

Katran. Ele o matou. Cortou sua garganta e o fez na minha frente, de um jeito que praticamente dizia *veja isto.* Por que ele o matou? Por que a maneira tão grotesca?

Fobia a sangue acaba com a carreira de qualquer terrorista.

— É possível se superar uma fobia? — pergunto.

— Claro. Mas não é fácil. A forma que dá mais resultado é uma dessensibilização sistemática: encarar o que lhe causa medo em um ambiente controlado até que isso comece a perder o poder de aterrorizar. Como colocar uma pessoa que tem aracnofobia junto com aranhas cada vez por mais tempo enquanto ensina o paciente a relaxar. Assista a mais alguns assassinatos e você deve ficar bem.

Dessensibilização. Uma palavra que ecoa lá no fundo, até que o mundo gira e eu estou *de volta*. Imagens lampejam como um filme de terror antigo em 3D

onde as coisas assustadoras saltam sobre você diversas vezes. Sem dar trégua. Explosões, gritos, sangue. Coloco as mãos na cabeça e me enrosco como uma bola, consciente, em algum lugar distante, de que a doutora Lysander está chamando meu nome, de que sua mão está no meu ombro. Estou tremendo e lutando, os olhos fechados com força, mas tudo ainda está lá. Um zumbido; um clarão; uma explosão. Um ônibus cheio de crianças. Gritando, mãos ensanguentadas batendo contra as janelas de vidro. E, então, tudo acontece novamente. E se repete de novo, e de novo.

Dando voltas. Se... repetindo? Assim que me dou conta disso, as imagens se torcem e se transformam em algo achatado. Uma tela de projeção. Eu, em uma cadeira, incapaz de me mover. Não é real. Todas aquelas coisas horríveis. Eu nunca estive lá, mas fui forçada a assistir: uma tentativa de se *dessensibilizar.* Que nunca funcionou.

Eu me endireito e abro os olhos. Talvez... eu nunca tenha matado ninguém. Talvez, eu não conseguisse.

O tempo passa. Evito o olhar da doutora Lysander. Ela deve saber que é tudo minha culpa. Mesmo assim, ela não faz nem diz nada. Ela está controlada; calma, contida. Atenta e aguardando.

E então... o som de um carro.

Logo se ouvem vozes do outro lado da porta, eu fico gelada. É a voz de Nico. Apenas ele poderia ter mandado me trancar. Por quê?

Os minutos passam, e então a porta é destrancada, pelo próprio Nico. Um Nico de aparência satisfeita.

— Ah, olá; doutora Lysander, eu presumo? Você gostaria de vir aqui? É hora do chá da tarde.

Ele segura a porta, sorri, como se convidasse um amigo. Ela demora um instante, e atravessa a porta. Nico se vira para enfiar a chave em uma gaveta da mesa. Eu penso que fui ignorada, mas, após oferecer uma cadeira a ela, Nico se vira para mim.

— Ah, o que temos aqui? — ele torce o nariz. — Oh, querida criança. Talvez... sim. Acho que, antes de se juntar a nós, você deve se limpar um pouco.

Ele se vira para Tori.

— Leve-a para um banho e lhe dê roupas limpas, por favor, depois a traga de volta.

Ela me arrasta pela porta e pelo lado da casa, e eu me pergunto: corro? Mas há

outros. Guardas, armas na mão: Katran está do lado de fora agora, assim como outros dois. Cortesia pela presença da doutora Lysander, sem dúvida.

— Espere — diz Tori. Ela dá a volta e eu ouço a água caindo. Ela volta com um balde nas mãos e o joga sobre a minha cabeça; levo um choque de água gelada. Tusso e cuspo. Ela aguarda, pensativa. — Não, não é o suficiente — outro balde se segue. Ela me deixa ali, tremendo, e retorna para a casa. Volta alguns momentos depois.

— Vista isto — ela ordena, e me passa um jeans e um moletom. Eu olho em volta e os guardas estão me encarando. Então Katran tosse com um olhar significativo e eles se viram. Eu troco de roupa rapidamente. Tremendo, anestesiada. A cabeça está leve. Quando me curvo para vestir o jeans, tudo roda e eu quase caio no chão. Visto o moletom pela cabeça, tremendo violentamente enquanto luto para colocar os braços nas mangas, até que Tori dá um puxão, impaciente. Os outros guardas ainda estão olhando para o outro lado. Mas não Katran: os olhos dele estão presos aos meus, calmos, atentos, dizendo algo. O quê?

— Vamos lá — diz Tori, chutando minhas roupas para longe. — Nico está esperando — ela sorri, e meu corpo quase rasteja enquanto a sigo para dentro da casa. Está apenas um pouco mais quente que do lado de fora, e eu tremo de frio e medo.

Há uma cadeira extra agora no escritório de Nico.

— E aí está você — ele diz. — Sente-se, Kyla.

Tori protela na porta.

— Saia — ele diz, e ela atravessa a porta e a fecha, mas não antes que eu veja um olhar em seu rosto: de profundo aborrecimento.

— Chá, Kyla? — Nico pergunta, a chaleira na mão.

— S-s-sim, por favor — respondo. Os dentes batendo por mais que eu tente controlar.

— Ah, pobrezinha. Não temos água quente aqui, sinto muito — ele explica para a doutora Lysander. — Fazemos o melhor possível.

Ele serve uma xícara e me entrega, eu a envolvo com as mãos e me concentro em absorver o calor.

Nico deixa a sala, mas retorna segundos depois com um cobertor nas mãos e o coloca sobre os meus ombros.

— Não posso deixá-la congelar até a morte antes de decidirmos o que fazer

com você.

A doutora Lysander está sentada, de pernas cruzadas, uma xícara de chá em uma das mãos. Ainda em suas roupas de folga, é claro, mas está com o jeito do hospital, como se usasse seu jaleco branco. Observadora, calma.

— Talvez esteja na hora de você me explicar o que está acontecendo? — ela pergunta a Nico, uma sobrancelha erguida, como se estivesse gentilmente interrogando um paciente qualquer.

— Vamos comer um biscoito antes — ele abre uma lata, e a passa para mim; eu balanço a cabeça, de estômago vazio, mas incapaz de aceitar qualquer coisa além do chá que sacode em minhas mãos.

Nico finalmente termina seu chá e tem a mão cheia de biscoitos de chocolate. Ele se recosta na cadeira.

— Você deve ter ouvido falar no R. U. Livre, não? Provavelmente está mais familiarizada com o nome que os Lordeiros nos deram: TAG — ele diz.

Ela inclina a cabeça.

— Um pouco.

— Você foi honrada hoje com um convite para ajudar a causa. Para derrotar os Lordeiros perversos que sufocam e estrangulam nossa juventude, e tudo o mais neste grandioso país.

Ela levanta uma sobrancelha. Ele olha para mim.

— Veja essa pobre criança, por exemplo. Olhe para ela, tremendo. Perdida e sozinha. O governo a Reiniciou, a tornou incapaz de diferenciar seus amigos de seus inimigos. Ela não consegue pensar por si mesma. Tão fácil de manipular para qualquer propósito. Geralmente, propósitos dos Lordeiros, mas também podemos fazer algo. O que lhe resta? O que o país lhe oferece para o futuro?

Parte de mim, uma pequena parte desafiadora, se agita, se enfurece e grita. É isso o que ele pensa, o que ele fez? Me usou para seus propósitos e agora vê o quão inútil eu sou e quer me descartar? Mas a maior parte de mim está dormente e gelada. Consciente de que, se eu interrompesse Nico, isso seria a última coisa que eu faria.

— Perguntas estranhas que você me faz — diz a doutora Lysander. — O futuro dela? Por tê-la feito participar disso hoje, você o extinguiu como se apaga um fósforo.

— Você poderia dar um fim a isso agora mesmo, então — diz Nico, e abre uma gaveta de sua mesa. Ele tira uma pistola. Verifica a munição. Sorri. Ergue

casualmente a arma e libera a trava. Aponta para a minha cabeça.

O terror, quente e real, me toma por completo. Mas... não. Nico jamais atiraria em mim aqui dentro. Ele não gosta de sujeira. Ele me arrastaria para a floresta e atiraria, se fosse esse o plano.

— Não — ela pede. — Por favor.

Ele ergue uma sobrancelha, surpreso, e faz uma leve careta.

— Por que não?

Ela parece confusa com a pergunta.

— Eu sou uma médica, jurei salvar vidas. Ela é minha paciente.

Ele dá um sorriso de lado.

— Não. Não é isso, não é mesmo, doutora Lysander? Está na cara. Você realmente se importa. Dá para perceber isso. Essa miserável — ele diz e sorri para mim, com afeto, como um cãozinho que fez bagunça mas que você ainda ama. — É como o filho que você nunca teve. Você se importa, como eu. E é disso, doutora Lysander, que estamos tratando aqui — ele abaixa a arma. — Você pode ir agora, Kyla.

— O quê?

Ele abre a gaveta novamente, recoloca a pistola e tira outra coisa.

— Aqui — ele joga minha identidade escolar sobre a mesa. — Garanti que você estivesse em todas as suas aulas. Pode ir, ou chegará tarde em casa e precisará de explicações.

Eu fico de pé, confusa e incerta, olhando de Nico para a médica. A postura dela estava levemente abalada desde que Nico pegara a arma. Ela não tinha fobia a sangue. Tenho certeza de que ela já viu coisa pior do que ferimentos de bala, embora talvez não tenha presenciado alguém ser baleado.

Sigo até a porta, hesitante com a descoberta: *ela se importa*.

— Por quê, Kyla? Pergunte a você mesma o porquê — ela diz de forma gentil quando saio e bato a porta atrás de mim.

Tudo aquilo hoje era Nico manipulando a doutora. Foi isso que se viu.

Nico e seus jogos, jogos dentro de jogos. Significados ocultos e manipulações. Ele é um mestre, e quer algo mais da doutora Lysander, isso posso perceber.

Mas, de alguma forma, eu acho que eles estão no mesmo nível.

Tori está deitada em um dos colchonetes no chão, as mãos atrás da cabeça.

Rindo.

— O que há com você? — pergunto.

— Você devia ter visto a sua cara! “Me deixe sair” — ela faz mímica, um sussurro trágico e melancólico.

— Você se divertiu bastante.

Ela senta.

— Talvez. Mas eu tinha uma questão para resolver. Você e Ben — ela diz. — Mas agora estamos quites. Amigas novamente? — ela estende a mão, mas eu a ignoro e saio da casa. A risada dela me acompanha.

Caminho para a floresta, temendo que me deixar ir tenha sido mais um joguinho. Que Nico realmente tenha decidido me matar onde não faria sujeira. Que ele os enviaria atrás de mim. Mas apenas Katran me segue, nenhuma arma à vista. Não que ele precise disso se a ordem for dar cabo de mim.

— Chuva? — ele diz. Eu não respondo. — Vai me ignorar, então? — ele pergunta um momento depois.

Dou de ombros.

— Você está irritada exatamente com o quê?

— Estou com tanto frio, tão cansada, tão esgotada, que não consigo nem tentar responder — digo, assustada com as palavras que escolhi. Me recosto contra uma árvore.

— Eu não podia lhe contar — ele explica. — Desculpe.

— Não podia me contar que parte? Que era uma emboscada, que não esperaria pelo meu sinal? Que eu também seria levada como prisioneira? Que ser prisioneira era tudo fingimento? O quê?

— Nada disso. Se você pudesse saber, Nico teria lhe contado. Você sabe como ele é.

Dou de ombros, mas eu sei. Ele vê tudo.

— Saiba que eu nunca participaria disso, se fosse de verdade.

— Mesmo? Depois do que você fez hoje, acho que você seria capaz de qualquer coisa.

A dor que passa pelos olhos de Katran é real. Ele estende a mão para mim, mas eu me desvio e dou um passo para trás. Aquela mão segurava uma faca, cortou uma garganta. Tirou uma vida.

— Você precisava matá-lo? — pergunto.

— Chuva, ele era um Lordeiro. Um inimigo. Além de ter nos visto, ele poderia identificar você. Sim: eu precisava matá-lo. Estamos em uma guerra. As pessoas morrem — ele dá de ombros, e não há nada em seus olhos que demonstre arrependimento, ou que sente por ter tirado uma vida. Apenas o empurrou com o sangue jorrando pelo chão, como se fosse um monte de lixo.

Sinto novamente uma volta na garganta.

— Me leve para casa — sussurro.

— Vamos.

Temos que ir juntos, já que minha bicicleta está em casa. Ele me coloca na garupa da bicicleta dele. Sentamos perto e estou ávida por sentir o seu calor, mas o espaço entre nós é imenso.

Quando chegamos ao encontro daquela trilha com a que passa atrás da minha casa, ele para. Eu desço, me afasto, sem dizer nada.

À noite, o banho quente e o jantar não eliminam o frio que sinto por dentro. Estou bem enrolada nos cobertores, o aquecedor está no máximo, e eu ainda tremo. As lembranças do dia passam pela minha mente, fora de ordem, repetidas vezes. Eu quero afastar tudo, voltar atrás, esquecer, ainda assim...

Mas, se eu fizer isso, como posso seguir adiante? Preciso me lembrar; preciso trabalhar no *porquê*. Preciso enfrentar o medo, ver o que está do outro lado.

Com tantas coisas lutando por atenção, algo se repete, muitas e muitas vezes: o *porquê* da doutora Lysander. Ela não desperdiça palavras ou pensamentos; ela diz o que é importante. Isso passa pela minha cabeça, buscando por um lugar para se assentar. Começo a adormecer, tão cansada, o corpo e a mente embalados em um ritmo, como de corrida, ou sobre um cavalo galopando pelos campos, saltando sobre cercas.

Por quê...?

Eu grito. E grito de novo.

Até que minha porta se abre, e a luz entra, vinda do hall.

— O que foi, docinho? — papai está sentado ao lado da minha cama.

No início eu apenas choro. E então aponto. Para baixo.

— O que é?

— Ouvi alguma coisa. Tem alguma coisa ali — eu sussurro.

— Onde?

— Embaixo da minha cama.

— Oh, querida. Acho melhor eu dar uma olhada.

— Tenha cuidado.

— Não se preocupe, eu terei — ele pega nossa lanterna de caçar monstros no armário e a liga. Ele se curva, aponta para baixo da cama, agita para um lado e para o outro. Olha para cima novamente.

— Verifiquei com bastante cuidado. Nada de monstros.

— Mas eu ouvi! Ouvi!

— Não há nada ali, eu garanto — ele se apoia nos calcanhares, ainda no chão, um olhar pensativo em seu rosto. — Sabe, a melhor forma de ter certeza é olhar por si mesmo — eu nego com a cabeça, mas pouco a pouco ele me convence a sair das cobertas.

— Veja, Lucy. Assim você terá certeza. Enfrente o seu medo, e não ficará tão assustada.

Eu estremeço, me ajoelho e ilumino embaixo da cama. Alguns sapatos, um livro perdido.

Nenhum monstro.

CAPÍTULO 39

Ainda está escuro quando acordo. Tento manter o sonho, sentir como Lucy se sentia com seu pai. Eu sei quem ele é, embora seu rosto nunca esteja claro nesses sonhos. Para Lucy, a criança que fui há tantos anos, não havia monstros que seu pai não pudesse enfrentar. Uma lembrança ou apenas uma história inventada? Não. Tudo dentro de mim diz que é real. Mas, quanto mais acordada estou, mais isso se esvai.

Mesmo que eu *tente* me lembrar de algo sobre Lucy, não consigo. Sei de algumas coisas, fatos: o aniversário, algumas semanas atrás, é um deles, não importa o que a doutora Lysander diga sobre exames celulares para saber a idade, eu sei que eles erraram: meu aniversário é no dia 3 de novembro. Mas e os sentimentos, rostos? Nada.

Lucy deveria ter desaparecido para sempre. De acordo com a doutora Lysander, fui fragmentada — Lucy e Chuva —, e Chuva se escondeu quando Lucy foi Reiniciada. Mas e esses sonhos?

E há o *porquê* da doutora Lysander. Tento me lembrar de tudo o que conversamos ontem, tudo o que dissemos. Quando estávamos andando a cavalo, eu contei a ela os meus segredos. Como os conheço. E naquele momento ela insistiu no *porquê de eu ter sido Reiniciada.*

Seria o mesmo *porquê* que ela mencionou quando deixei a sala?

Puxo pela memória, tento seguir esses fiapos de lembrança, mas, como lã entrelaçada, está tudo enrolado e cheio de nós. Os Lordeiros me reiniciaram porque me pegaram: simples assim. Não me lembro de nada. Reiniciada ou abandonada onde eu não consiga encontrar, não faz diferença. Eu não sei o que aconteceu.

Mas talvez ela não estivesse se referindo a isso, a esses eventos específicos. Talvez ela quisesse saber o que me levou àquele lugar.

Bem, foi Nico, é claro. Se eu não estivesse com o R. U. Livre, eu nunca teria sido Reiniciada. Mas todos assumimos aquele risco: fosse qual fosse a situação no passado, desta vez, optei pela causa. Optei por ignorar o acordo com Coulson e enfrentar os Lordeiros.

Ainda assim, há algo no *porquê* da doutora Lysander que machuca como um

dente podre. Que você sabe que precisa ser arrancado, mas você não tem coragem de ir ao dentista.

E pior. Mesmo lá, sob a custódia de Nico, em uma situação de grande perigo, perigo em que se colocou por minha causa, ela ainda estava tentando me ajudar?

Uma surpresa me aguarda lá embaixo: mamãe e papai tomando café juntos.

— Levantou cedo hoje — diz mamãe.

— Sim. Acordei e não consegui dormir de novo.

Pego um pouco de chá e sento. Amy chega depois, se espreguiça e dá um abraço em papai. Ela é como Lucy com o pai, e por dentro sinto um pouco de ciúme. Amy encontrou uma família em seus pais adotivos após ter sido Reiniciada. Ela é bem apegada a papai, em particular. Comigo, ele sempre foi esquisito: às vezes muito amigo, outras vezes frio e ameaçador.

Algo não está certo, algo em relação a papai e Amy. Mamãe se agita pela cozinha, olhando para todo lado, menos para papai. Ele faz tudo como se estivesse prestando atenção às histórias de Amy, mas seus olhos estão em mim. Observando, analisando. Até mesmo curioso, mas cuidadoso, e ele não é assim.

Alguma coisa *estala* dentro de mim. Talvez eu tenha entendido errado.

Quando subo, bato à porta do quarto de Amy. Ela está ocupada, arrumando a mochila do colégio.

— Amy, sabe aquele dia em que encontrou meus desenhos? Do hospital e outras coisas. Você contou ao papai sobre eles?

Uma onda de culpa passou por seu rosto.

— Desculpe, ele ligou, e, sim, eu disse a ele. Ele me pediu para cuidar de você e garantir que você não se metesse em nenhuma confusão. Ele castigou você por isso?

— Não, não; está tudo bem — respondo. Não quero que ela corra para contar a ele. — E quanto à mamãe? Você contou a ela?

Ela franze as sobrancelhas.

— Não, acho que não. Por quê?

— Por nada. Não se preocupe.

Vou para o meu quarto e escovo o cabelo, olhando para o espelho sem me ver.

Eu estava tão errada. Não pensei que pudesse ter sido ele; papai nem sequer estava em casa. Eu não contava com Amy me dedurando pelo telefone.

Então: ele foi até os Lordeiros. Foi por causa dele que eu e Cam fomos pegos aquele dia.

Pobre mamãe. Eu quero correr lá embaixo e lhe dar um abraço, pedir desculpas por tê-la evitado. Mas é muito tarde para isso. Barreiras foram criadas. A doutora Lysander está presa por minha causa e o guarda está morto. Eu não posso manter mamãe em minha vida, não mais. Escolhi meu caminho com o R. U. Livre e não há volta.

Se eu estava tão errada sobre mamãe, no que mais posso estar errada?

Por que fui Reiniciada?

— Amy, Kyla — mamãe grita das escadas. — Jazz está aqui.

Conforme o carro se afasta do vilarejo, o trânsito fica complicado. Vamos seguindo e acabamos descobrindo a razão. Uma ambulância e alguns Lordeiros. A estrada está bloqueada em uma pista, um Lordeiro organiza o trânsito, e nós esperamos a vez para passar. Há um lençol cobrindo algo no chão. E uma van branca queimada e esmagada contra uma árvore.

Eu fico gelada por dentro. Porque sei o que está escrito ali, posso ver o que restou de *Melhores Construtores* pintados na lateral.

Corro para o escritório de Nico na hora do almoço. Ele tranca a porta.

— Chuva! — ele sorri, como se estivesse em êxtase por me ver ali, e me agarra para um abraço. Eu não retribuo.

Ele me solta.

— Ah, você está chateada com a pequena charada de ontem? Desculpe, Chuva. Tudo pela causa. Sente-se — ele diz, e empurra uma cadeira na minha direção. — É o meu último dia aqui.

— No colégio? — pergunto, surpresa.

— Muitos planos em movimento para perder meu tempo aqui — ele pisca. — Cá entre nós, eu terei uma emergência familiar que me levará embora.

— Como está a doutora Lysander? — pergunto, incapaz de evitar. — O que acontecerá com ela?

— Ela é uma mulher fascinante — ele responde. — Muita força de caráter.

Ele não diz mais nada. Talvez não tenha conseguido tirar o que queria dela. Será que fez algo a ela?

Ele deve ter visto isso em meu rosto.

— Chuva, lembre-se: ela é sua inimiga. Embora esteja a salvo, por enquanto.

Mas chega de falar sobre ela: precisamos conversar sobre o que está para acontecer em Chequers. Se sua mãe adotiva não fizer o que é certo e não contar a verdade, o que acontecerá depois?

— Você disse que tem outro plano. Qual é?

— Você, minha querida, é o plano B.

— Como assim?

— Ou ela diz a verdade ao mundo, ou morre. E tem que ser durante aquela transmissão, ao vivo para todo o país.

Eu o olho indignada.

— Eu sou o plano B... eu? Eu tenho de fazer isso?

— Não há outro jeito. Só você e sua família estarão presentes na cerimônia. E irão juntos em um carro do governo, assim como o Primeiro Ministro: eles não fazem revista de segurança. Você é a única que pode levar uma arma.

Eu entro em pânico. Eu, matar alguém? E não uma pessoa qualquer... mas a minha mãe?

— Nico, eu...

— Você é a única pessoa que pode fazer isso, Chuva. A única que pode deter os Lordeiros. A liberdade está aqui, em suas mãos: agarre-a!

— Mas eu...

— Não se preocupe. Você não vai me decepcionar — ele diz, com certeza absoluta, seu olhar me transpassando. Olhos a que se deve obedecer. Se Nico diz que devo fazer isso, que consigo fazer isso, então assim será.

Algo ainda espreita dentro de mim, por trás de todo o horror: o que me trouxe aqui hoje? O *porquê* por trás de tudo.

— Posso fazer uma pergunta? — eu mal tenho coragem, mas de alguma forma as palavras saem. — Você dirá a verdade?

Ele fica imóvel.

— Você insinua que eu nem sempre digo a verdade — ele afirma, com um tom perigoso na voz. — Você deveria me conhecer melhor agora. Posso não responder curiosidades inúteis, mas, quando respondo, é com a verdade.

Ainda assim, a verdade de Nico não é sempre como as das outras pessoas.

Mas então ele sorri.

— Você, querida menina, após nos entregar o troféu de ontem, pode perguntar

o que quiser que responderei — ele senta na beirada da cadeira, atento. — Vamos lá.

Eu engulo em seco.

— Por que eu fui Reiniciada?

— Você sabe por quê.

— Sei?

— Ou, ao menos, sabia. Pense. Veja se consegue descobrir — ele diz. — Protegemos parte de sua memória de ser Reiniciada, não foi? Suas memórias estão voltando, cada vez mais.

E outra pergunta passa por minha mente, como se sempre tivesse estado ali: por que me preparar para ser Reiniciada a não ser que eu estivesse destinada a ser Reiniciada desde o início? Foi esse o verdadeiro *porquê* da doutora Lysander? Meus olhos se arregalam com o choque.

— O que foi? — ele pergunta.

— Eu estava destinada a ser Reiniciada. Não foi apenas um risco, ou má sorte que me pegou, ou qualquer outra dessas coisas.

Ele inclina a cabeça.

— Bravo, Chuva: você se lembra.

Eu recuo, o choque e o horror suplantando o medo o suficiente para que eles não saiam do meu rosto.

— Mas por quê?

— Precisávamos mostrar aos Lordeiros que eles podem falhar; que podemos nos aproximar deles. Que em algum lugar, a qualquer momento, quando eles menos esperam, estão vulneráveis.

— Mas como você pôde fazer isso comigo?

— Agora, Chuva: você concordou com esse plano. Assim como seus pais. Eles nos entregaram você pela causa, para esse propósito.

— Não — sussurro. — Não. Eles não fariam isso.

— Eles fizeram. Seu pai verdadeiro fazia parte do R. U. Livre, ele sabia que em um país liderado pelos Lordeiros não havia futuro para sua filha, ou qualquer outra — o rosto dele estava cheio de compaixão. — Você pediu a verdade. Essa é a verdade.

Eu fecho meus olhos, bloqueio o rosto de Nico e suas palavras, e foco no

sonho de ontem. Aquele homem não faria algo assim. Ele não entregaria sua filha para Nico. Nunca.

Torno a abrir os olhos, desta vez com cuidado para esconder a descrença.

Nico coloca as mãos nos meus ombros.

— Você fez essa escolha. E é a escolha certa. Você sabe, em primeira mão, que os Lordeiros e o processo de Reiniciação podem ser impedidos.

— Eles precisam ser impedidos — sussurro, e não estou fingindo. Verdade é liberdade; liberdade é verdade.

— Você não vai me decepcionar — ele se curva e beija minha testa. — E não se esqueça do que eles fizeram com o Ben — uma onda de dor passa por mim ao ouvir esse nome. Há tanta coisa se aglomerando dentro de mim que o deixei de lado por um tempo.

— Ben também estava do nosso lado, você sabe — lembra Nico. — Ele iria querer que você lutasse por ele.

Nico me conduz para fora do escritório. Suas palavras só se encaixam realmente um tempo depois, quando estou fora do prédio e em meio a um dia cinzento de novembro.

Ben estava do lado do R. U. Livre? Nico só poderia saber disso se estivesse recrutando Ben.

Minhas mãos se fecharam com rigidez. Eu sempre me perguntei um outro *porquê*. Por que Ben decidiu de repente tirar o seu Nivo e pensou em entrar para o R. U. Livre? Só poderia haver uma resposta: Nico.

Ele tem recrutado outros do colégio, mas por que Ben? Um Reiniciado não é um recruta ideal: não são bons em guardar segredos e, tirando Tori, eles têm sérios problemas com violência. Ben só pode ter sido escolhido por minha causa.

Mais tarde, naquela noite, não consigo dormir. Não mesmo. Ondas de raiva passam por meu corpo, um fluxo de metal fundido pulsando em meu coração, em minhas veias, por tudo que Nico me fez. E ao Ben. Uma raiva que não tem para onde ir, mas que cresce ainda assim.

Mas, no fim de tudo isso, estão os Lordeiros. Eles e o processo de Reiniciação ainda são o inimigo principal: foram eles que me trouxeram aqui. Eles reiniciaram Ben, e o levaram embora. Eles ainda são o alvo. Nico continuará.

Um zumbido em meu pulso me assusta: o comunicador de Nico, como se ele estivesse ouvindo meus pensamentos, esperando pelo momento certo. Eu penso em não responder, mas aperto o botão.

— Sim? — respondo, em voz baixa.
— É o Katran. Me encontre junto à sua bicicleta em uma hora — e desliga.

CAPÍTULO 40

Eu me esgueiro pelas sombras escuras por trás de nossa casa, depois subo a trilha. Tantos mistérios fazem os quilômetros passarem rápido, andando com a cabeça cheia de perguntas e meias-respostas.

Qual o motivo do encontro? Talvez Nico tenha decidido que sou um risco muito grande, e enviou Katran para me eliminar. Meu estômago revira ao pensar no que Katran fez, e tem feito, e o que isso o torna: um derramador de sangue. Um assassino frio.

Mas, anos atrás, era Katran quem me abraçava no meio da noite quando os sonhos me faziam chorar de terror. Katran, que acredita com todas as suas forças que o que está fazendo seja o caminho para derrubar os Lordeiros e tornar nosso mundo um lugar melhor.

Estou tão perdida em pensamentos que quase trombo com ele.

— Oi — eu digo.

— Cuidado por onde vai — ele sussurra. — E tente não fazer barulho, eu ouvi você a um quilômetro de distância.

— Mentiroso. O que foi?

— Nico me enviou.

Ao ouvir esse nome, a raiva irrompe novamente por dentro de mim e cerro os punhos com força. — Por quê?

— Ele quer que eu lhe entregue isso, mas eu não quero — ele enfia a mão no bolso e uma pequena arma brilha em sua mão sob o luar. Ele vai me matar. Eu dou um passo atrás.

Ele ri.

— Você deveria ver sua cara. Sua idiota. Isso é para o plano B do Nico: assim você pode matar sua mãe. Mas quem você está enganando? Você nunca seria capaz de fazer isso. Desista. Fuja enquanto ainda pode.

Eu estendo minha mão, desejando que esteja firme. Ele segura a arma, como se fosse puxar o gatilho.

— Está vendo isso, Chuva? Você puxa aqui. De perto. Um único tiro. O dano

que isso pode causar: destruir os tecidos, os músculos. Sangue, Chuva: uma chuva de vermelho, de sangue quente. Vai respingar por todo o seu corpo.

Meu estômago revira novamente; luto para não imaginar o que ele descreve. Para manter a mão firme.

Ele xinga em voz baixa, e a raiva em seu rosto muda para algo mais suave.

— Chuva, por favor. Pense melhor. Se você conseguir puxar o gatilho, o que vai acontecer com você? Você será morta em segundos.

— Me entregue. Agora.

Ele deixa a arma em minha mão. Balança a cabeça. Me mostra como funciona corretamente desta vez — pequena, tambor único; uma tira que passa ao redor do braço para mantê-la escondida. Feita de plástico especial que deve passar pela maioria dos detectores. De curto alcance. Não há problema, pois estarei bem ao lado de mamãe, pronta, para o caso de ela não fazer seu discurso do jeito que Nico quer.

— Nico também quer que eu verifique se você está do nosso lado. O que o preocupa?

— Eu percebi algumas coisas, e fui tola o bastante para falar disso com ele.

— Nossa! Como o quê?

— Você pode responder a uma pergunta primeiro?

— Pode perguntar. Só não sei se vou responder.

— Como os Lordeiros me pegaram? O que aconteceu para que eu terminasse sendo Reiniciada?

Katran fica quieto, e começo a achar que ele não vai responder. Em seguida, ele suspira, passa os dedos pelo cabelo, como sempre faz quando está preocupado. Como consigo me lembrar de pequenas coisas como essa, e não das grandes coisas?

— Honestamente? Eu não sei. Houve um ataque a um local de armazenamento de armas dos Lordeiros, mas eu não estava lá. Eu deveria estar, mas no último minuto Nico me enviou para uma missão estúpida. Eu estava com tanta raiva! Então, quando voltei... — ele sacode a cabeça. — Ouvi dizer que era uma emboscada. De alguma forma eles sabiam que estaríamos lá. Três mortos. Você e alguns outros que eram mais novos foram levados, deduzimos que Reiniciados. Eu não estava lá para protegê-la! Até reencontrar você aqui, dias atrás, era tudo o que eu sabia sobre o que tinha lhe acontecido.

Eu fico olhando para ele, chocada. Tantas vidas desperdiçadas.

— Não foi culpa sua. Além disso, o que você poderia ter feito se estivesse lá, mas fosse morto?

— Talvez. Eu não sei — ele diz. Mas Katran sempre pareceu invencível, como se, se ele tivesse estado lá, as coisas pudessem ter terminado de outra forma. Foi por isso que ele foi enviado para outro lugar?

— Não foi sua culpa, mas eu sei de quem foi.

— Dos Lordeiros.

— Eles fizeram o trabalho sujo, mas quem armou tudo?

— O que quer dizer?

— Ouça. O que eu descobri hoje é que eu sempre estive destinada a ser Reiniciada. Não foi um ato aleatório, ou azar que me fez ser pega. Eu fui preparada para isso, e sempre esteve nos planos de Nico.

— Não. De jeito nenhum. Mesmo que seja verdade, não com todos os outros lá. Não!

— Ele não podia simplesmente me entregar aos Lordeiros e dizer: “Aqui está, por favor, Reinicie esta menina na qual temos feito experiências”...

Os punhos de Katran se fecharam.

— Se isso for verdade, eu vou matá-lo.

— É verdade. Ele me confirmou. Mas e quanto ao R. U. Livre e tudo pelo qual você tem lutado?

Seus olhos estão enfurecidos.

— Como posso simplesmente continuar como se nunca tivesse ouvido isso? Como posso confiar nele novamente?

— Simples: não confie nele. Eu não confio. Mas isso não muda o motivo pelo qual estamos trabalhando: a mesma coisa que Nico quer. Derrubar os Lordeiros — me ouvi dizer as palavras, me odiando por defender Nico quando o que me aconteceu, o que houve com Ben, foi culpa dele. E pensar que eu culpava Aiden, quando era Nico que estava por trás das ações de Ben o tempo todo. Mas, ainda assim, foram os Lordeiros que reiniciaram Ben; Lordeiros que o transformaram seja lá no que ele é agora. — Mas quando os Lordeiros se forem... — falo, dando de ombros. *Depois será outra história*. Nico não vai sair disso impune. Não agora que Katran sabe.

— Quando eles se forem... — diz Katran e, em seus olhos, vejo a morte de Nico.

— Você acha que isso realmente é possível? Ganhar dos Lordeiros?

— Sim. Vamos conseguir desta vez. Estamos organizados como nunca estivemos antes.

— Sério?

— Há muita coisa planejada. Teremos ataques coordenados por todo o país. Assassinatos-chave, também, e tudo no momento exato em que foi assinado o tratado que deu início à Coalizão Central e seu controle sobre este país. Mas ainda precisamos do apoio geral. Sem isso... — ele dá de ombros.

Sem isso, vamos falhar definitivamente.

— Precisamos do discurso da minha mãe, que ela diga a verdade. Mas e se ela não disser? O que acontece depois?

Ele me vira, suas mãos nos meus ombros. Os olhos nos meus.

— Nico diz que é o plano B. Apunhalar o coração dos Lordeiros matando a filha de seu herói: mostrar que ninguém está a salvo, que eles são vulneráveis em toda parte. Mas não faça isso, Chuva. Salve-se.

Eu engulo em seco.

— Tenho de fazer. Os Lordeiros precisam ir embora. Lembrar as coisas, o que Nico fez, não muda isso.

Os olhos escuros de Katran imploram para que eu mude de ideia. Sem pensar, estico a mão como fiz antes, para tocar levemente a cicatriz em seu rosto. Seu *porquê*. Desta vez, ele não se afasta.

— Katran, você estava certo, o que você disse no outro dia: eu preciso saber o que houve comigo, e por quê. Tudo.

— Você realmente está falando sério?

— Sim. Nico disse que meus pais me deram para ele. Que eles e eu concordamos que isso fosse feito comigo. Quero saber. *Preciso* saber a verdade.

— Tenho uma coisa para você — ele diz. — Mas só se você tiver certeza. Você quer se lembrar, não importa o que seja?

— Sim. Tenho certeza.

Ele coloca a mão dentro da camisa e puxa uma tira de couro que está ao redor de seu pescoço. Quando ele a coloca para fora da camisa, noto que há algo pendurado nela.

— O que é isso?

Ele a tira do pescoço e coloca em minhas mãos.

— É algo que você me deu, há alguns anos.

A luz é fraca, e eu sinto o objeto com os dedos: ainda com o calor de sua pele, uma peça esculpida em madeira, com poucos centímetros de comprimento. Uma torre. Meus dedos se lembram, e não é apenas uma torre qualquer, é *a torre*. Minha torre. Do meu pai. Respiro fundo.

— Você se lembra dela?

— Acho que sim. Algo da minha infância. Eu não entendo. Por que eu lhe dei isso?

— Seus pesadelos eram muito ruins. Você disse que, mesmo não querendo mais perder nenhuma peça de si mesma, você não podia mais manter aquela. Precisava deixá-la ir, para esquecê-la. De alguma forma, tem relação com esta torre. Você me pediu para me livrar dela para você porque não suportaria fazê-lo. Mas eu sempre a guardei, Chuva. Para manter comigo uma parte do que você foi. Talvez ela a ajude a se lembrar.

Eu olho com espanto para Katran. Parte do que fui, próximo ao seu coração?

— Obrigada — eu digo, e a coloco em volta do meu pescoço, debaixo das minhas roupas. Um pavor que eu não identifico me invade quando a sinto contra a pele.

— Hora de ir — ele diz, mas não se move, e nem eu.

— Tenha cuidado amanhã — eu peço. Combata o bom combate. — Ecos da voz de Nico em meus ouvidos: *tenha uma boa morte*. Sinto um arrepio na espinha.

— Vamos ficar bem, você e eu — ele diz. Devagar, indeciso, ele estende as mãos. As mãos violentas de um assassino; mãos gentis, que confortam e protegem. Eu me aproximo dele, ele me abraça. Seu coração bate enlouquecidamente no peito. — Vá — ele diz no meu ouvido, e me dá um pequeno empurrão. — Tente ser silenciosa desta vez.

Eu me afasto, e momentos depois ouço o som distante de sua bicicleta.

De volta à cama, seguro a torre com força: minhas mãos são também as de uma assassina? Por que a torre é tão importante? Tudo o que eu sei sobre isso é a lembrança de um sonho feliz, jogando xadrez com meu pai.

Nós corremos. Ele segura minha mão, com força, como se nunca a fosse soltar novamente.

Mas minhas pernas estão falhando, minha respiração está tão ofegante que

meu peito irá estourar com certeza, e não consigo ar o suficiente. A areia escorrega sob os meus pés, e ainda assim eu corro.

Até cair. Tropeço, caio e aterrisso com força na areia da praia, sem fôlego. Sem força, mais nada.

— Vá! — eu o empurro, mas ele se vira, me abraça.

— Nunca se esqueça — ele diz. — Nunca se esqueça de quem você é!

E o terror se aproxima. Eu consigo ouvi-lo, mas não posso olhar. Ele me dá cobertura, mas eu giro o corpo e dou cobertura a ele, e meus olhos se fecham com força. Eu não posso olhar, não posso.

Um eco de outra época, outro lugar. Terrores do meio da noite, e uma voz gentil: vá em frente e olhe, Lucy. Enfrente o que assusta você, e ele perderá o poder.

Abro os olhos. Mas, desta vez, não é como debaixo da cama.

Esse medo é real.

O terror me olha de volta. Grandes e pálidos olhos azuis brilham diante da morte e do triunfo.

Dou um pulo da cama, o coração batendo dolorosamente contra minhas costelas. Um terror tão real e forte que preciso acender as luzes. Os cobertores estão puxados até o meu queixo, mas ainda assim estou tremendo. Nunca, em todas as versões desse pesadelo, eu tinha me atrevido a abrir os olhos e ver o que me perseguia.

Apenas um homem tem olhos como aqueles.

Nico.

Eu amaldiçoo o medo que me acordou, tão perto de saber... *o quê?*

Quem estava comigo? O que aconteceu depois?

CAPÍTULO 41

— Que tal estou? — Cam dá uma rodadinha para mostrar o terno. O Senhor Casual está surpreendentemente bem de paletó e gravata, mas outras coisas ocupam minha cabeça.

Franzo a sobrancelha.

— Sua gravata está torta. Fique em casa, Cam. Você não quer ir. — Meus olhos imploram.

Ele ajeita a gravata em nosso espelho do *hall* e me olha.

— O que foi, Kyla? — ele pergunta. — Me diz.

— Nada. É só que vai ser chato como o inferno. Você não precisa ir; fuja enquanto pode.

Ele parece pensativo, como se notasse que há algo que eu estou tentando esconder. Ele entreabre a boca para dizer alguma coisa quando meu pai aparece.

— Vocês dois estão ótimos — ele diz.

Eu estava usando o que me mandaram, sem questionar. Um vestido verde escuro — chamativo e sedoso —, felizmente de mangas compridas. Me caiu bem. Sapatos idiotas de salto alto não são meu calçado preferido em dia nenhum, mas hoje a velocidade pode ser útil e, se for assim, eles terão de sair. A fria sensação de algo cilíndrico e mortal contra a minha pele, amarrado em meu braço.

— Sua mãe ainda não está pronta?

— Eu vou ver — respondo, e subo as escadas. Bato na porta de seu quarto. — Mamãe?

— Entre — ela diz.

— Você está bem?

Ela encolhe os ombros, passando pó no rosto.

— Odeio essas cerimônias.

— Por quê? Ela honra seus pais, lamenta a perda deles, para você e para o país — repito, como um papagaio, o lema oficial do Dia do Memorial Armstrong. Eu a observo de perto.

— Eu sinto falta deles, muito. Mas hoje, aqui, eu sou uma marionete em um cordão. Isto não tem nada que ver com meus pais, ou comigo. Mas com *eles*.

— Lordeiros?

As sobrancelhas dela se movem; ela confirma com a cabeça.

— Talvez seja a hora de cortar os cordões.

Ela olha para trás.

— Talvez — ela diz, finalmente, e suspira. — Se ao menos fosse assim tão simples.

— Você não pode simplesmente dizer como se sente? Diga a verdade. Não é sempre a coisa certa a se fazer?

— Saber o que é certo e errado não resolve tudo, Kyla. Eu vivi minha vida desse jeito: esqueça essa bosta toda, esqueça a política, fique fora disso. Cuido das pessoas com as quais me importo, quem está aqui, agora. Como você — ela toca minha bochecha e sinto uma dor profunda por dentro. — Se todo mundo fizesse isso.

— Talvez, às vezes, o aqui e agora não seja tão importante quanto fazer o que é certo. Talvez as pessoas com as quais você se preocupa possam entender — e eu sei que estou forçando, que ela vai começar a se perguntar. Mas *não posso* deixar de dizer isso.

Ela me olha.

— Talvez.

— O carro já chegou — papai chama lá embaixo.

— Vamos lá — ela diz. — Hora do *show*.

Cam nos acompanha até nosso carro.

— Não é tarde demais para mudar de ideia — digo a ele.

— Sem chance! Vejo você lá.

Nossa limusine é um carro do governo, como Nico disse que seria: bandeiras sobre o capô. Uma escolta de motocicletas com Lordeiros na frente e atrás. Papai está na sua versão feliz, conversando com Amy. Mamãe está silenciosa; seus olhos estão cansados, tensos. Aparência de quem não tem dormido bem. Aparência de quem está às voltas com uma decisão.

Por dentro, tudo implora a ela: *conte a verdade*. Faça isso!

Não me faça matar você.

Estamos perto dos portões da casa, e ao lado da entrada está uma van preta. Segurança Lordeira. Uma onda de medo me sufoca: talvez isso acabe aqui. Eles vão me arrastar, revistar; encontrar a arma e me levar presa. Coulson nunca me deixaria passar por essas portas sem ter certeza, não quando ele suspeita do que, afinal, é verdade. Não quando ele não sabe se eu vou me ater ao combinado.

Entretanto, como Nico tinha dito que seria, nossa limusine e a escolta passam pelos guardas direto pelos portões. Seguimos pela rua Vitória: uma pista de cascalho que dá a volta em um gramado com uma estátua quebrada.

— Estão vendo isso? — diz papai. — Estátua da deusa grega da saúde. Quebrada por vândalos nas revoltas. Eles foram encontrados aqui e executados ao lado de sua afronta; que é mantida assim para nos lembrar pelo que lutamos.

Executados aqui: na grama. Por derrubar uma estátua? Lordeiros fazem essas coisas. A decisão cresce dura e fria por dentro de mim.

Paramos na frente das portas principais. Guardas as abrem e nós percorremos um corredor de pedra. Seguimos um oficial para o Grande Salão, e eu recupero o fôlego. O teto é tão alto, o espaço tão descomunal, que nossos passos parecem pequenos ao caminharmos ali. Pinturas enormes estão penduradas nas paredes: retratos de mortos nos observam. Um fogo crepitante queima em uma lareira branca, duas poltronas dispostas em um dos lados. Câmeras e microfones arrumados mostram que o discurso será aqui.

Um funcionário passa a ordem do dia. Primeiro: às 13:10, o momento em que a bomba explodiu matando os pais dela, mamãe fará o discurso televisionado ao vivo. Apenas a família estará presente: papai, Amy e eu. A seguir, nossos amigos e familiares — Cam incluído — terão permissão para se juntar a nós, e vamos tomar um chá. Segundo: novidade este ano, para lembrar os 25 anos de suas mortes, o atual Primeiro Ministro se pronunciará para a nação, e a um seleto grupo de dignitários. Isso será nos jardins da casa. Nós estaremos ao lado ele, exatamente às 16 horas, momento preciso em que o tratado que acabou com as revoltas foi assinado, há trinta anos. E então eu saio com Cam, enquanto mamãe e papai ficam para uma recepção interminável e, mais tarde, o jantar. Amy, garota louca, optou por ficar para isso também.

Mas as coisas nunca passarão do *primeiro* ato do cerimonial, não é mesmo? De uma maneira ou de outra.

Eu fico olhando para o teto, bem acima. Será que tiro faz eco?

— Impressionante, não é? — diz mamãe. — No entanto, ainda me faz sentir em casa. Eu costumava adorar estar aqui. Há uma biblioteca tão grande que dá

para jogar críquete lá.

— Você jogava?

Ela pisca.

— Eu não lia muito naquela época.

Somos chamados para nossos lugares. Mamãe em uma cadeira, papai em outra. Amy e eu temos que ficar de pé, atrás da mamãe, cada uma com uma mão descansando em sua cadeira. Luzes são verificadas; em seguida o som; e eu faço a minha própria checagem.

Lordeiros. Eles estão por toda parte, mas não muito perto, para que não apareçam na filmagem. Mas perto o suficiente para impedir o discurso de mamãe se eles acharem que há algo errado, e ela terá apenas segundos antes de a transmissão ser cortada. Eu estudo seus rostos, convencida de que Coulson estará aqui, que ele impedirá isso antes de começar. Mas ele não está.

Uma garota se aproxima e retoca o rosto de mamãe com maquiagem.

Mas e se ela não fizer o discurso que queremos?

Minha cabeça está leve. Eu olho para cima novamente e sinto como se estivesse flutuando sobre a sala, tudo está se arrastando, cada segundo — *tique, taque* — ficando mais lento.

Se ela não fizer o discurso que queremos, *então*: eu devo deslizar a mão pela minha manga e puxar a arma? Não. Estou ao lado dela, não é preciso mirar. Mão na manga, seguro a arma. Atiro nela através da manga; eles não terão chance de ver, de me impedir.

Não. Ela dirá a verdade. Ela dirá.

Se ela disser... o que fazer, então? Os Lordeiros ainda estarão aqui. Transmissão interrompida. Será que eles vão prendê-la? Atirar nela? Eu pisco.

Nico disse que não. Eles não ousariam, eles têm de fazer coisas legais e adequadas, todo mundo estará observando como ela será tratada. E, se for provado que o que ela disse é verdade, não existe traição. E ele encontrará o Robert, e provará que é verdade.

A menos que os Lordeiros reajam sem pensar, atirem nela para impedir suas palavras antes que a transmissão seja cortada. Meu estômago embrulha. O país iria vê-los em ação, ver o que eles realmente são.

Mas se ela não contar a verdade... eu tento alcançar a fria solução que senti mais cedo, guardada do lado de dentro. Concentre-se. Mão na manga; arma; tiro. Eu posso fazer isso. Haverá sangue. Mas não até que eu tenha feito isso, e o que

importa depois, se eu enlouquecer? Com todos os Lordeiros aqui eu estarei morta antes de ter uma chance. Nós duas estaremos mortas.

— Kyla? — Amy me cutuca. — Sorria.

Eu recomponho meu rosto. Eles estão em contagem regressiva. Uma luz aparece na câmera, e então...

Ela começa.

— Hoje faz 25 anos que houve uma terrível tragédia com a morte de William Adam M. Armstrong e sua esposa, Linea Jane Armstrong, nas mãos dos terroristas. Nossa nação perdeu seu Primeiro Ministro e sua esposa. Eu perdi os meus pais. Não foi por acaso que escolheram esse dia. Em 26 de novembro, há trinta anos, os tratados foram assinados nesta mesma sala para formar o nosso Governo de Coalizão Central. O governo liderado por meu pai que acabou com as revoltas, que trouxe a paz de volta a este país. Estou aqui diante de vocês com minha família agora, e eu me pergunto o que meu pai diria se estivesse aqui. O que ele faria.

Ela faz uma pausa. Há pequenos cartões brancos em suas mãos. Não estão abertos.

Vejo o funcionário atrás da câmera trocando um olhar atento com outro. Ela não está mais seguindo o discurso preparado! A esperança cresce dentro de mim.

— Meu pai era um homem de princípios. Ele acreditava estar fazendo o certo, e lutou para tornar este país um lugar seguro para seus filhos, e os filhos de seus filhos, em um momento de caos, quando isso parecia um sonho impossível. No entanto, ele não conheceu seu próprio neto. Um filho que eu também perdi.

Ela realmente vai falar. Sem pensar, minha mão segura o seu ombro. A mão de mamãe se estende e segura a minha.

O funcionário está sussurrando para um técnico, ouvindo, vigilante.

— Uma das minhas lindas filhas me lembrou hoje o que é importante: fazer o que é certo. Dizer a verdade. Mas a verdade para mim é esta: é hora de parar de se concentrar em tragédias passadas. Nós não podemos voltar atrás, só podemos ir para a frente. É hora de o nosso país se concentrar no que é bom: no que podemos fazer por nossos filhos e pelos filhos de nossos filhos.

Os Lordeiros estão em alerta; suas palavras estão chegando perto do limite agora.

Seus olhos passam por eles. Ela se vira para Amy e para mim, e sorri.

Um Lordeiro se aproxima dos técnicos da câmera.

O tempo está se esgotando! *Diga agora!* Imploro por dentro. *Diga o que houve com o Robert.*

Ela se vira e encara a câmera.

— Obrigada — ela diz.

Estou gelada. Isso é tudo? Estava nos olhos dela, naquele momento em que ela se virou para mim e Amy. Ela não ia fazer ou dizer nada que nos colocasse em perigo. Foi isso. Ela ainda segura a minha mão, a mão que deveria estar escorregando por minha manga, agora, buscando os meios de acabar com a vida dela. A minha também.

Um funcionário se aproxima. Estamos na frente da câmera ao lado dele; ainda transmitindo ao vivo. Ele agradece à mamãe e começa a explicar a ordem do dia. E todo o tempo eu poderia largar a mão dela. Buscar a arma dentro da minha manga. Ainda há tempo. Os segundos estão se esgotando, cada tique-taque do relógio soa mais distante, cada um é uma eternidade de decisão.

Pense.

Arranque o coração dos Lordeiros. Isso foi o que Katran disse; repetindo o que disse o Nico, sem dúvida. Suas palavras eu reconheço.

Precisamos de apoio popular: novamente Katran. Mas como matar a mamãe, a filha do herói Lordeiro, conseguiria isso? O buraco na lógica está se abrindo na minha frente. Poderia ter o efeito oposto, afastar a opinião pública de nós. Certamente Nico percebe isso.

Nico diz que devemos atacar as Lordeiros onde e como podemos: mostrar sua vulnerabilidade...?

Não.

Afasto as palavras dele. Sou apenas eu, sozinha, neste momento.

Aqui, agora: eu decido. Eu não sou quem eu era, ou quem Nico quer que eu seja. Eu quase suspiro alto quando percebo:

Eu sou o que eu escolho fazer.

Assim como mamãe. Quem ela é, em sua essência, é a soma de todas as decisões que ela toma. Ela fez o que achou certo: extrapolou os limites do que disse, mas não muito. Para nos proteger.

Eu não posso fazer isso.

Eu não vou fazer isso.

A luz da câmera se apaga. Muito tarde. É muito tarde para ela dizer o que

deveria ter dito.

Tarde demais para eu fazer o que eu nunca conseguiria.

— Está tudo bem, Kyla? — pergunta mamãe. — Você está tão concentrada.

— Estou com dor de cabeça — eu digo, com sinceridade. As pessoas agora se espalham pelo salão principal para chá e bolos. Alguns poucos rostos familiares, mas muitos mais que não são. E Lordeiros, em toda parte: olhos atentos, que prestarão mais atenção na minha mãe, agora.

Tudo está se movendo, tremendo por dentro. Ela não pôde fazer nada que nos colocasse em perigo, não importa o que ela pensava. Eu não poderia machucá-la, também. Todo este sentimento: é uma armadilha? Os laços que nos prendem às nossas lealdades, Nico diria. Ele estava errado sobre mim: eu não era capaz de fazer isso.

— Pode ir, se quiser — diz mamãe. — Você não precisa ficar para a segunda cerimônia. Você só precisava realmente estar aqui para a primeira, para a foto oficial de família — ela revira os olhos. E acena para Cam. — Por que vocês dois não vão agora?

— Claro — ele diz. — Este terno me dá coceira. Vamos, Kyla.

Somos instruídos a seguir um funcionário: pelos corredores até uma porta. Através de um gramado até o estacionamento, onde está o carro de Cam.

Conforme caminhamos, meus pensamentos se agitam. O que acontece agora? Nico disse que os ataques do R. U. Livre seriam ao mesmo tempo do discurso da minha mãe sobre os Lordeiros terem Reiniciado o filho dela, ou de sua morte. Nada disso aconteceu. Isso é tudo?

Nico ficará indignado com o meu fracasso. Eu suspiro. Não apenas zangado; mas letal. Eu estou morta.

Talvez Katran tente impedi-lo. Mas...

Katran. Ele disse que os ataques foram sincronizados para ocorrerem quando o tratado foi assinado: a segunda cerimônia. Nico disse que seria na primeira. Eu entendi algum deles errado? Franzo a testa. Não, tenho certeza de que não entendi errado. O que Katran disse? Os ataques e assassinatos cronometrados juntos, na segunda cerimônia: ela começa às 16 horas.

Assassinatos... isso inclui a doutora Lysander? A dor cresce por dentro.

Chegamos ao carro de Cam e entramos. Um funcionário sinaliza para esperarmos. Outra limusine está chegando, motos na frente e atrás. Ela para, e a porta é mantida aberta; temos um vislumbre dos cabelos loiros desarrumados

antes que os seguranças cerquem o Primeiro Ministro, escondendo-o de vista. Eles caminham até os degraus e entram. Assim que a porta se fecha, nos fazem sinal para ir.

— Você perdeu sua chance de conhecer o Primeiro Ministro — diz Cam, conforme seguimos para fora do portão. Eu não respondo. — O que há de errado? — ele pergunta.

Eu balanço a cabeça, fecho os olhos, me recosto no banco. A doutora Lysander foi empurrada dos meus pensamentos por todo o resto. Ou talvez eu estivesse evitando pensar no que aconteceria com ela.

Ainda assim, mesmo quando eu não entendia o que ela estava fazendo, ela estava me protegendo. Ao ponto de falsificar registros hospitalares. Ela infringiu regra após regra para me dizer o que eu precisava saber. E a maior de todas, ao me encontrar fora do hospital. Nico disse que, para ela, eu sou a filha que ela nunca teve. Sim, ela faz parte de todo o regime de Lordeiros que eu odeio. Mas, por minha causa, seu segurança está morto, e ela é uma prisioneira.

A doutora Lysander é como parte da minha família. Ela, como minha mãe, me protegeria, se pudesse. *As palavras da minha mãe, mais cedo, em casa: cuide das pessoas com as quais você se importa, que estão aqui, agora.*

Eu olho para o meu relógio: 14:20.

— Kyla?

— Cam? Lembra quando disse que, se tivesse qualquer coisa que você pudesse fazer para ajudar, você faria?

— Claro.

— Você pode dirigir rápido para casa, para que eu possa trocar de roupa? E então me deixar em outro lugar. Mas o mais importante: sem perguntas.

Ele sorri e pisa no acelerador.

Em casa, subo correndo as escadas, tirando os sapatos e abrindo o vestido ao mesmo tempo. Jogo o vestido no chão do meu quarto, enfio um jeans e uma camiseta escura. Odeio a sensação da arma de Nico na minha pele, mas a deixo presa ao meu braço. Eu posso precisar dela. Começo a correr para a porta e paro em seguida.

O comunicador de Nico. Pode ser um rastreador também, e eu não quero que ele saiba para onde estou indo. Eu paro, passo o dedo debaixo do meu Nivo para tentar soltá-lo. Xingo, estou prestes a desistir, quando minha unha finalmente encontra uma borda. Um toque e o retiro. Eu o jogo em uma gaveta de roupas e

corro para baixo.

Cam já está no carro, também trocou de roupa.

— Isso foi rápido — ele diz. — Algum tipo de emergência?

— Sem perguntas, lembra? — repito, e então cedo. — Digamos que eu só preciso ajudar uma amiga.

Explico a ele o caminho conforme nos dirigimos para lá, o tempo todo me perguntando: o que estou fazendo? Vou me atrever? Posso me opor a Nico?

Sim.

Por muito tempo fui empurrada para um lado, depois para o outro; entre quem eu era, e quem eu sou. Mas quem eu quero ser?

Quem eu sou agora e o que eu faço, agora, será decidido por mim, e apenas por mim.

Há tantas grandes questões: as políticas. Que envolvem Katran e Nico. Os Lordeiros estão errados, muito errados, mas cortar suas gargantas, uma após a outra, é a solução? Eu me convenci de que Nico estava certo; que, como Chuva, eu já tinha feito essa escolha, havia muito tempo, que devemos usar todos os meios necessários. Mas eu estava errada. Essa não é a minha resposta.

Guio Cam direto pela estrada da trilha única, o caminho pelo qual Nico me levou na primeira vez, e então sinto um aperto gerado pelo medo: e se ele vier por esse caminho hoje? Mas é tarde demais para voltar atrás.

— Pare aqui — eu digo, finalmente. — Você vai ter que dar ré um pouco antes de voltar.

— Aqui? Você tem certeza? — Cam espreita pelas árvores ao redor.

— Sim. Aqui. Obrigada.

— Não está na hora de você me dizer o que está acontecendo? — ele faz uma pausa, e olha meu rosto de perto. — Aleluia! Você realmente *vai* me dizer alguma coisa, não é?

— Uma coisa — eu digo. — Sabe aqueles Lordeiros a que fomos apresentados outro dia? Eles podem estar irritados comigo, e eu realmente espero que isso não se estenda a você. Eu só queria avisá-lo. Sinto muito.

— De Lordeiros irritados eu gosto, mas não na minha cola. Mas, se eles vão agir daquele jeito, me deixe ir com você. Talvez eu possa ajudar.

— Não.

Ele suspira.

— Tem certeza de que você ficará bem?

— Absoluta — minto, mão na porta do carro, pronta para correr se ele tentar me seguir.

— Boa sorte — ele diz.

— Até logo, Cam — eu digo, e saio, me embrenhando nas árvores. Aguardo fora de vista para ter certeza de que ele vai embora. Ele dá ré até a pista e desaparece.

Tem algo *errado*. O quê, exatamente, eu não sei. Ele desistiu muito fácil? Fico atenta, escutando até que o motor soa distante e o som não é mais ouvido.

E Cam é uma das piores culpas que sinto em tudo isso. Não foi culpa dele ter chamado a atenção dos Lordeiros, foi puramente por minha causa. Espero, com todas as minhas forças, que nada aconteça com ele. Se tudo der certo hoje, se a doutora Lysander escapar, Coulson vai saber em breve no que tenho me metido. E acho que ele não vai ficar muito contente.

CAPÍTULO 42

No esconderijo de Katran, onde as bicicletas estavam na primeira vez que vim por aqui, a lona está mais baixa do que eu esperava. Eu a retiro novamente para ter certeza, e suspiro: nenhuma bicicleta aqui hoje. Devem estar todos na casa: eu vou ter que ir a pé. Rápido.

O ar está úmido e pesado, tranquilo, molhado. O céu está escurecendo. E eu penso ter ouvido sons abafados, alguém ou alguma coisa escondida. A imaginação está a mil, continuo me virando, certa de ter ouvido o estalo de um galho distante ou algo entre as árvores. Mas, se eu me viro rápido, silenciosa e cuidadosa, não há nada lá.

Conforme ando, considero o ponto fraco do plano: quem está guardando a doutora Lysander? Se Katran está diretamente ligado aos ataques das 16 horas, todos que podem estar em ação devem ter sido designados; pode ser apenas um guarda do lado de fora da porta trancada. Como faço para tirá-los da casa e distraí-los o suficiente para libertar a doutora Lysander? Não tenho ilusões sobre uma luta para valer: a única maneira de eu realmente machucar alguém seria em autodefesa. Como foi com Wayne. Eu estremeço por dentro: eu não lamento, exatamente, por ele estar morto. Pode ter sido pelas mãos de Nico, mas, ainda assim, é outra morte cuja culpa é minha.

Concentre-se.

Se Nico estiver na casa, estou em apuros. Ele não deve estar, deve estar coordenando os ataques.

A menos que esteja no que matará a doutora Lysander às 16 horas.

Você sempre pode desistir, fugir. Se esconder.

Não. É hora de enfrentar o problema que causei. Me apresso pela trilha, meio andando, meio correndo. Um olho no relógio: 15:15 agora, e vou mais rápido, examinando e rejeitando planos no caminho. Há muitas incógnitas.

Chego ao local onde as bicicletas estão escondidas perto da casa: estou quase lá. Mais uma vez sou tomada pela sensação, tão forte, de estar sendo vigiada; eu paro, prendo a respiração e apuro os ouvidos, mas não consigo escutar nada. O único movimento é um falcão vermelho circulando lá em cima, de olho em alguma presa aqui embaixo. Medo e imaginação: isso é tudo.

Em silêncio, me embrenho entre as árvores ao redor da casa, escondida, fora de vista. Nenhum carro: Nico não está aqui! O alívio é tão grande que relaxo contra uma árvore. Por mais que eu tente fingir que sou capaz de enfrentá-lo, eu conseguiria? Sério? Além do controle que ele sempre teve sobre todos, há um outro controle em mim, que até recentemente estava enterrado tão fundo que eu não sabia. Ele é o meu terror. O material de que são feitos os pesadelos.

Há um movimento na porta: eu me encolho. Um vulto de cabelos escuros sai, derrama os restos de uma xícara no chão e volta para dentro: Tori. Ela é a guarda? E talvez o carrasco também.

Fora isso, a casa ainda parece abandonada, vazia. Meus olhos procuram os pequenos detalhes que dizem o contrário, pois sabem onde procurar. Vejo e evito o fino arame que circunda a casa, escondido na vegetação rasteira: um sistema de alerta para os que estão lá dentro.

No entanto — alguma coisa ainda parece *errada*.

Um silêncio, não na casa, mas em torno de mim, como se as árvores prendessem a respiração. Os pássaros estão silenciosos. O próprio vento, e...

Eu recuo. Ouço um pequeno estalo, à esquerda. Eu me viro, pé para cima preparado para um chute, mas paro no último segundo.

— Cam? Que diabos você está fazendo aqui? — pergunto, em um sussurro feroz, e o empurro de volta para as árvores.

Ele sorri.

— Eu não poderia deixar você ir sem ter certeza de que você estava bem. O que está acontecendo?

— Não fique tão satisfeito consigo mesmo. Isto não é uma brincadeira! — estou com raiva: de mim, por ter optado pela maneira fácil, deixando que ele me trouxesse de carro; dele, por me seguir; de mim, por não tê-lo visto antes.

Ele guarda o sorriso, mas a expressão permanece em seus olhos.

— Desculpe, senhorita.

— Volte por onde você veio. Já!

— De jeito nenhum. Eu não vou embora. Você pode muito bem me deixar ajudá-la. O que é isso? Você disse que estava ajudando uma amiga, mas, se é sua amiga lá dentro, você está tomando cuidados demais para circundar a casa, conferir, ficar quieta. Devo bater na porta e ver se eles estão? — ele dá um passo à frente; eu o agarro pelo ombro e o puxo de volta.

— Você realmente não vai sair por bem, não é?

— Não — ele diz, e desta vez há uma séria determinação em seus olhos, uma que estava lá o tempo todo por trás das piadas.

— Cam, você não sabe no que está se metendo.

— Então me diga.

Eu suspiro, e o puxo mais para trás por entre as árvores. Preso.

— É o seguinte. Há uma pessoa trancada na casa, e eu quero arrancá-la de lá.

— Fuga da prisão. Bom, eu gosto disso.

— Espero que só tenha um guarda.

— Certo — ele se abaixa, com os punhos para cima. — Quer que eu o traga para fora para você?

Eu reviro os olhos.

— É uma garota, e cale-se e me deixe pensar.

Ele fica quieto. Preciso distrair Tori. Uma luta é uma maneira, mas há outra: Ben. Suspiro por dentro. Toda essa culpa com a qual preciso lidar nesse esforço de fazer o que é certo. Preciso dizer a ela que Ben ainda está vivo. Isso deve ser o suficiente para desviar sua atenção de seus deveres de guarda.

— Está bem. Que tal isso — eu digo. — Eu entro lá e a chamo para uma conversa. Eu a levo para dar uma volta em torno da casa. Você entra na casa, destranca a porta e tira a prisioneira de lá — explico a ele como é lá dentro, e onde está a chave na gaveta de Nico. Torcendo para que Tori não esteja com a chave quando sair de lá.

— Sim, saquei — ele diz. — Sem *pobrema*.

Eu balanço a cabeça. Pode haver todo tipo de problema.

Faço Cam se esconder na lateral da casa, longe da porta para que Tori não o veja quando sair.

— Vou dar outra volta, para sair da vegetação no lugar certo, no caso de ela verificar as trilhas. Então, espere alguns minutos.

Conforme retorno para a mata, com cuidado para não fazer barulho, alguma coisa me incomoda. Isso ainda parece *tão errado*. Ele não deveria estar aqui, mas não é só isso. *Como* ele está aqui?

Eu paro onde estou, e reflito sobre a dúvida que me incomoda por dentro. Eu fiquei tão ocupada sentindo raiva, tentando descobrir como fazê-lo ir embora, e depois pensando no que fazer quando ele não foi, que eu não foquei no principal.

Como ele me seguiu? Ele deveria estar bem trás. Ele dirigiu para longe o suficiente pela estrada até que eu não ouvisse mais o carro dele, e, depois, teria tido que voltar tudo de novo pela estrada, e pela floresta. Como sabia que caminho seguir? Eu estava em alta velocidade — como ele conseguiu me alcançar?

Cruzo os braços ao me dar conta. Ou ele é um mestre em perseguir e correr em silêncio, ou, muito mais provavelmente, ele pôde ficar bem para trás porque há algum rastreador em mim. Eu não entendo, isso não se encaixa. Cam?

Eu retorno para a posição em que ele estava, silenciosa e com cuidado. Talvez ele tenha sido apenas sortudo, pegou o caminho certo e acabou na trilha das bicicletas. Assim que se avança na trilha, há marcações o suficiente para seguir sem muita dificuldade.

Não é provável.

Ele ainda está onde o deixei, esperando, conforme instruído. Eu rastejo para mais perto. Ele está de costas para mim; reclinado, fazendo algo com as mãos. Há um ligeiro estalo metálico. Ele se vira um pouco e vejo a arma em sua mão, a expressão mortal em seu rosto.

Cam? Com uma arma?

O choque é tão grande que fico como uma idiota, movimentando meus pés. Ele se vira com o ruído, me vê e não me resta escolha a não ser atacar. Dou um pontapé em seu pulso. A arma voa pelo ar.

— Quem *é* você? — consigo dizer.

Nenhuma resposta. Mas agora há uma faca em sua mão. Ele mergulha, finge ir para um lado. Eu rolo, mas não rápido o suficiente; sinto uma pressão, um corte, no meu ombro. E eu me lembro da arma presa ao meu braço, me contorço para pegá-la, mas ele mergulha novamente e há outro golpe quente na lateral do meu corpo, um mais profundo. Para o inferno com a distração, eu preciso de ajuda. Eu volto aos tropeços para o arame escondido e me jogo sobre ele.

Cam se aproxima e sorri, mas não são os seus olhos, aquele não é o Cam que eu pensava conhecer.

— Quem é você? O que é você? — eu sussurro novamente, pressionando as minhas mãos na lateral do meu corpo, e meus dedos estão molhados com o vermelho pegajoso. O mundo gira. Sua imagem se divide em quatro ou cinco Cams, feio de repente, mudado.

Ele me olha e se vira, afastando-se da casa. Ele não vê Tori aparecer pela

lateral, ou a arma em sua mão. A indecisão no rosto dela, por ser uma péssima atiradora. Ela se aproxima lentamente e acerta a arma, com força, na parte de trás da cabeça de Cam.

Há um baque assustador. Ele se vira e então cai de rosto no chão.

Ela dá a volta e o chuta, mas ele não se move.

— Quem é este? — ela se vira para mim, finalmente percebe que estou sangrando, sem me mover. Corre.

Uma parte da minha mente percebe que Nico não ficaria *nem um pouco* impressionado com ela: não verificou se havia outros atacantes, não deu um jeito em Cam, para o caso de ele se levantar, nada.

Eu solto um gemido, o início de um plano em formação.

— Estou morrendo — sussurro, embora duvide disso. Os cortes fizeram um estrago, mas são superficiais; o sangue está fazendo o de sempre e quase me fazendo desmaiar, mas não pelos ferimentos. E Tori não sabe disso.

Ela parece assustada. Não tenho ilusões de ser a sua favorita, mas ela sabe que Nico me quer, por alguma razão.

— Tori — eu sussurro. — A médica, eu preciso de um médico agora, é a única maneira... — minha voz desaparece e meus olhos se fecham. Eu me largo para trás na melhor imitação de inconsciência que consigo, então espreito entre meus cílios. Tenho de dar um crédito a Tori: ela dá um chute em Cam, para verificar se ele está neutralizado antes de correr de volta para a casa.

Eu inspiro e expiro, lutando para ignorar o vermelho que escorre do meu ombro, e da lateral. Testo meus membros, mas apenas um leve movimento e tudo roda doentiamente. Nada bom. Eu xingo por dentro.

Um momento depois, a doutora Lysander aparece na porta. Ela corre para mim, Tori atrás dela, a arma apontada para a cabeça da prisioneira.

Ela se agacha, verificando, puxando minhas roupas. Ela é médica, deve perceber que eu não deveria estar inconsciente apenas com isso. Ela está entre mim e Tori, bloqueando a visão de Tori. Abro os olhos e pisco. Seus olhos se arregalam.

— Eu preciso de um torniquete, agora — ela diz. — Me arranje um kit de primeiros socorros!

Tori hesita.

— Vá! Ou ela morre.

Tori corre para a casa. Eu me sento.

— Corra — eu digo, e aponto. — Direto por ali há uma trilha; vá para a esquerda quando ela se ramificar.

— Não sem você.

— Vá! Faça isso. Eu não posso; eu estou meio grogue por causa do sangue.

— Não — ela me coloca em pé. Minhas pernas estão bambas, mas ela está determinada e coloca um braço em torno da minha cintura, e começamos a mancar para o bosque.

Então Tori sai correndo da casa. Deixa cair seu kit de primeiros socorros e se volta para pegar a arma.

Mas, antes que Tori possa alcançar a arma, há um grande *estrondo*, e lascas de madeira voam sobre nossas cabeças.

— O próximo não será em uma árvore — diz uma voz. Uma voz que me faz tremer.

Nós paramos. Viramos.

E lá está Nico, arma apontada para minha cabeça.

— Agora. Será que alguém gostaria de me dizer que diabos está acontecendo aqui?

CAPÍTULO 43

— Estou me sentindo um pouco irritado — diz Nico. Seu olhar e sua voz estão frios; não apenas frios, mas glaciais. — Alguém tem que pagar por isso.

— Você — ele olha para Tori enquanto ainda aponta a arma diretamente para mim. — Você fez uma coisa certa, ao menos. Me chamando. Eu estava quase chegando, de qualquer forma, por isso vim sorrateiro para ver qual era a situação de emergência, e o que eu encontro? Você deixou nossa prisioneira sair — ele diz para Tori.

Ele se vira e aponta a arma para ela.

Ela fica pálida.

— Não, Nico; não, eu...

— Você nega ter destrancado a porta?

— Não, mas...

— Foi minha culpa — eu digo.

Ele se vira para me olhar.

— E quem é esse? — ele aponta para o Cam, sangrando e ainda no chão.

— Só alguém da escola; mas eu não sei. E mais: ele me seguiu. Ele não deveria ter sido capaz de fazer isso.

— Você deixou alguém seguir você até *aqui*? — ele balança a cabeça, desgostoso. — Estou cercado por estupidez! Quem deve pagar? — ele suspira. Aponta a arma para mim, e a doutora Lysander dá um passo à frente e levanta a mão, prestes a dizer algo, mas eu a puxo de volta.

Ele aciona o gatilho; o som ressoa alto na floresta. Sobre nossas cabeças novamente.

Estou congelada. Medo. Choque. Olhos o mais longe possível de Cam, do sangue na parte de trás da sua cabeça, do meu sangue também, mas não posso desmaiar agora, não posso. Respiro profundamente, esvaziando minha mente. Colocando aquilo de lado, para *então* poder lidar com isso.

— E você, Chuva. Que decepção. Isso me machuca. Por que você não está em Chequers agora, onde deveria estar?

— Eu não consegui. Eu não poderia machucá-la. Ela não fez nada para merecer levar um tiro.

Ele balança a cabeça.

— Garota estúpida. Se ela tivesse feito o discurso como queríamos, isso teria sido a cereja sobre o bolo. Mas você precisava *estar lá* às 4 da tarde! Sua idiota — ele está tremendo de raiva.

No entanto... por que eu precisaria estar lá às 4? Os segundos estão passando depressa. 15:50 agora. O que irá acontecer lá às 4? Estou confusa. Era para eu matá-la na primeira cerimônia, na parte interna.

A menos que ele já soubesse que eu não seria capaz de fazer isso.

A raiva nos olhos de Nico é absoluta.

— Depois de tudo que eu fiz por você — ele balança a cabeça. Aponta a arma novamente. — Eu deveria resolver isso, agora mesmo, mas não vou. Há uma razão, sabe — ele diz, em tom de conversa. — Você precisa viver para morrer um outro dia. Sua morte ainda pode ter um grande impacto! Teria sido a ocasião perfeita para isso hoje. Mas não importa. Fica para outra vez. Se tivermos que drogar e amarrar você, vamos garantir que você seja filmada e a imagem fique gravada para sempre: a Reiniciada loirinha e de aparência angelical que mata pessoas e tira a própria vida.

Eu balanço a cabeça, sem entender. Horrorizada demais para me mover, assustada demais para falar.

— Claro. Faz sentido agora — diz a doutora Lysander. Você quer provar publicamente que um Reiniciado pode ser violento, para atacar de uma só vez tudo o que os Lordeiros estão fazendo. Mas e os outros Reiniciados? O que aconteceria com eles?

A constatação supera o meu medo dormente.

— Os Lordeiros veriam todos nós como um risco. Eles não saberiam quem poderia ser violento. O que eles fariam sobre isso?

— Todas as atrocidades que os Lordeiros cometem fortalecem a nossa causa. Nos dão mais adeptos.

— Tori — ele grita. — Tranque essas duas juntas.

Ela fica lá, olhando para ele. Confusão em seu rosto.

— Mas o que vai acontecer com todos os Reiniciados?

Ele revira os olhos. Levanta a arma e aponta para ela. Então os olhos dela

focam por trás dele; eu vejo isso e ele também. Há uma fração de segundo em que ele se pergunta se ela está evitando olhar para ele, mas, antes que possa decidir, sua arma voa pelo ar, com um chute em sua mão. Katran.

— Seu desgraçado — Katran vocifera. Nico finge ir para um lado, gira o corpo para o outro, e dá uma rasteira em Katran.

— Tori! — Nico grita. — Escolha um lado.

Tori pega a arma de Nico e olha para ela em sua mão.

Ela olha para mim e depois de volta para a arma. Eu me aproximo, os pés ainda vacilantes, mas mais fortes agora.

— Me entregue — eu peço, estendendo a mão.

Nico e Katran se atracam no chão. Algo prateado cintila e Katran grita: Nico cortou o braço de Katran com uma faca que tinha escondida. Nico fica de pé, a faca em riste. Gingando. Katran rola para o lado e saca sua faca. Ele fica de pé.

— Ben está vivo! — Nico grita. — E ela sabe disso.

O rosto de Tori se contorce. Ela levanta a arma. Eu mergulho e um tiro ricocheteia atrás de mim.

Doutora Lysander está congelada.

— Corra — eu grito para ela, e desta vez ela obedece, se embrenha entre as árvores, e eu a sigo. Meus músculos funcionam novamente, o suficiente para cambalear atrás dela, mas não acompanhá-la. Grito por dentro, a cada passo, com medo por Katran: Nico não pode ganhar essa luta. Pode?

Mas então ouço novos sons: gritos. Pisadas fortes.

Olho para trás, e ali, por entre as árvores, vejo: Lordeiros. Meia dúzia deles, pelo menos, convergindo para a casa a pé.

CORRA.

— Pare — diz uma voz na frente. Uma voz que eu conheço.

E eu faço exatamente isso. Em vez de mergulhar, atacar, qualquer coisa, eu simplesmente paro.

À minha frente está Coulson.

— Você poderia ter facilitado bem as coisas para si mesma se tivesse simplesmente *me contado* o que estava acontecendo aqui. Felizmente o jovem Cam nos chamou e rastreamos você até aqui.

— Me rastrearam...? Como?

Ele dá tapinhas na testa, soltando um risinho. Um movimento não natural nos seus músculos faciais. Uma arma surge em suas mãos e está apontada para minha cabeça.

Depois de tudo, é assim que termina? Ouço gritos, luta e barulho atrás de nós, que gradualmente desaparecem, até que tudo o que existe é o aqui e agora. Meus olhos, e os dele. Minhas pernas estão moles como geleia. Meus joelhos se dobram.

— Me deixe ir — eu sussurro.

— Eu não posso fazer isso.

— Por favor.

Ele balança a cabeça. O que acontece distante de nós ainda soa fraco, um outro lugar distante, alheio a este momento. No entanto, alguns sons persistentes se intrometem, se aproximam. Até que...

Coulson estabiliza a arma com as duas mãos e puxa o gatilho.

CAPÍTULO 44

Em vez de ser jogada para trás por um tiro, para uma morte rápida; em vez disso, há um baque e um grito atrás de mim. Eu me viro.

— Katran?

Suas mãos estão contra o peito. *Vermelho, vermelho, vermelho* por toda parte, e ele cai no chão, e por dentro sinto tudo girar, tudo ficar cinza, prestes a desaparecer e me tirar desse novo horror, e...

Não. Luto internamente, por mais tempo, o mais forte que posso. NÃO. Eu rastejo até ele, pego sua mão, passo meus braços à sua volta. Seu corpo estremece e *vermelho, vermelho, vermelho...*

— Desculpe, desculpe, desculpe — repito sem parar, e seus olhos são espelhos do choque dos meus. Katran é invencível; não podemos acreditar *nisso*. Em seguida... uma leve agitação de sua cabeça, seus olhos se modificam, ele tenta falar, mas tosse, e mais sangue aparece, mais vermelho escorre. As palavras não vêm, mas seus olhos falam. *Olhos de amor*.

— Não, Katran, não. Não vá! — eu digo, em choque, mas ao mesmo tempo conhecendo a verdade de como ele se sente. Como ele sempre se sentiu, e a raiva que o fez esconder seus sentimentos. A raiva que tentou me afastar para longe, longe de Nico e do R. U. Livre. Para me proteger.

Seus olhos ficam imóveis, seu corpo deixa de tremer.

Não.

NÃO NÃO NÃO e eu estou gritando por dentro e por fora, e depois, de repente, eu me *lembro*. Outro lugar e tempo, muito parecidos com estes para não lembrar. Aonde eu nunca mais quero ir, mas para o qual sou arrastada de volta diversas vezes.

ENTÃO

Eu não o reconheci, no início. Não com os meus olhos.

As mudanças eram óbvias, seu rosto tão esquecido. Conscientemente, ao menos. No entanto, algo quase *soou* por dentro: uma confusão de terror e saudade, misturados. Eu não entendia, mas o encarava sempre que podia.

Ele estava ali, naquele lugar, entregando comida e outros suprimentos. Mas não era apenas um entregador; ele era um deles, isso estava claro. Eu o via através das barras da minha janela, conversando com os guardas. Do quarto que vinha sendo meu fazia dois anos.

Uma vez por semana ele vinha, ficava uma noite no prédio ao lado e, em seguida, ia embora. Um dia, ele me viu olhando pela janela, e algo passou por seu rosto. Um ar de desespero, substituído de repente por uma gentileza que não cabia ali. Eu mergulhei de volta em meu quarto, abalada e confusa.

Toda semana em que ele vinha, ele me dava aquele olhar especial quando encontrava meus olhos. Um olhar gentil em um lugar onde isso não existia.

Ele começou a trazer umas garrafas e outras coisas para os guardas, retirando-as de seu casaco e colocando no deles. Então, houve uma semana em que a maioria dos guardas ficou muito doente. Intoxicação alimentar; mas ninguém mais passou mal. E ele ficou a semana lá, se misturando com eles, e eu o vi mais, não apenas através da minha janela. Ele estava lá quando eu ia e vinha das sessões com o doutor Craig; para os treinos com armas sob a vigilância do homem de olhar frio e estranho que liderava os guardas.

Então um dia ele colocou algo em minha mão. Eu quase gritei: um pedaço de papel. Um bilhete. Eu o escondi, para ler mais tarde. *Lucy, eu sei que pareço diferente: estou disfarçado. Mas sou eu: o papai. Nós vamos tirar você daqui e eu vou levar você para casa assim que encontrar uma maneira. Eu te amo.*

E eu o rasguei em vários pequenos pedaços, até que virasse pó. Eu não tenho mais uma família. Doutor Craig disse isso, várias e várias vezes. E, mesmo que ele seja o meu pai — e meus pensamentos ficam confusos só de pensar nisso —, *ele* me deu. Ele não me quer.

Racionalmente, não acreditei nele, mas alguma outra parte de mim acreditou, e eu me peguei: com esperança, sentindo. Coisas de que o doutor Craig não gosta, como lembrar de coisas que eu devo esquecer.

Então, uma noite eu estava dormindo, e, de alguma forma, aquele que me deu o bilhete estava no meu quarto. Falando em voz baixa com muita tristeza, de outros tempos, outros lugares. E isso me fez querer gritar e gritar. Chamar os guardas e fazer parar a sua voz, fazê-la ir embora e nunca mais ser ouvida novamente. Mas não fiz isso.

Ele estava idealizando um plano. Íamos na próxima semana. Mas eu balancei a cabeça negativamente; com medo de quê, eu não sei. De deixar um lugar que eu odiava? Confusão e saudade misturadas. Ele então estendeu a mão. Nela, um

pequeno pedaço de madeira esculpida, como um castelo.

Quando o segurei em minha mão esquerda, havia alguma coisa, alguma memória. E de repente outras surgiram.

— Papai? — eu sussurrei, e ele sorriu, com muita alegria.

Ele tomou a torre de volta.

— É melhor eu continuar com isso por enquanto, para que ninguém veja. Mas, se você o encontrar escondido no parapeito da janela, essa será a noite que sairemos daqui. Esteja preparada.

E toda noite eu olhava. E finalmente estava lá: escondido entre um canto e uma barra onde não podia ser visto, apenas sentido e retirado por pequenos dedos.

Naquela noite, a casa estava em silêncio quando ele destrancou a porta e pegou a minha mão.

— Silêncio — ele sussurrou, e nos esgueiramos pelo corredor até sairmos pela porta. Mas o que houve com os guardas? Nenhum estava lá, mas, à medida que nos aproximávamos do lado da casa, eu vi pés por trás de uma cerca viva.

Ele sussurrou em meu ouvido sobre um barco que aguardava na praia, que precisávamos ser rápidos para aproveitar a maré. Nós rastejamos por entre as dunas que levavam para o mar quando isso aconteceu. Um barulho distante. Vozes.

— Hora de correr, Lucy.

E nós corremos. Ele segurou minha mão e corremos e corremos. Havia vozes, sons atrás de nós, se aproximando.

— Mais rápido! — ele gritou, e nós corremos.

Mais e mais os meus pés batiam na areia que escorregava e cedia.

Então eu tropecei e caí. Ele tentou me puxar para que eu ficasse de pé, mas a exaustão e o terror me mantiveram imóvel.

— Eu não posso — gritei.

— Nunca se esqueça — ele disse. — Nunca se esqueça de quem você é!

E eles estão em cima de nós. Sou agarrada, e afastada. Papai é empurrado de volta para a areia.

O de olhar frio sorri, levanta uma arma.

— Lucy, feche os olhos — diz papai. — Não olhe — sua voz está calma, me

tranquilizando.

Eu fico olhando para a arma. Não. Ele está apenas assustando papai, como faz comigo o tempo todo. Ele não vai fazer isso, ele não vai.

Será que vai?

— Olhe para o lado, Lucy — papai diz, mas meus olhos estão bem abertos, como se não fosse eu que os controlasse; eles são atraídos, tremendo, incapazes de se desviar ou fazer qualquer outra coisa.

Os momentos se combinam e se separam, um clarão que se sucede diversas vezes ao mesmo tempo. O barulho ensurdecedor. A torre apertada com força em minha mão. O vermelho que se espalha de um lugar até que haja mais e mais, e ainda não consigo desviar o olhar. As mãos que me seguravam me soltam, e eu corro para ele apenas a tempo para que seus olhos olhem nos meus antes de se fecharem para sempre.

Ver o que assusta você e entender seu significado não diminui o terror. Ele ainda tem o poder de partir seu coração, diversas vezes.

CAPÍTULO 45

Movimento. Vagamente percebido, mas ignorado. Até parar, e uma pancada da minha cabeça contra algo duro me força a retornar para o *agora*, para o meu corpo, a consciência. Abro os olhos, me esforço para sentar. Sem saber quanto tempo se passou.

Estou no chão perto da casa. Sinto meu braço: a arma que estava presa ali se foi. Um Lordeiro com uma arma está próximo, ele se agita quando me movo, vigilante.

Coulson está gritando com outros Lordeiros que desaparecem pela mata: caçando alguém. Quem?

Tori está segura por um Lordeiro, com um braço preso às costas, sugerindo que ela tem dado trabalho. Cam está sentado, de costas. Um médico verifica sua cabeça. Doutora Lysander também está aqui, falando com Coulson. Katran está — e eu engulo em seco — morto: eu o incluo numa lista (ainda por fazer) de pessoas cujo paradeiro agora eu conheço, mas tenho medo de pensar nessa imensa perda. E no papel que tive nisso.

O único desaparecido é Nico. Será que conseguiu fugir?

Nico corre e eles o perseguem. Se for pego, será morto na floresta assim como foi o meu pai na praia? Como Katran? Ambas as dores são tão fortes que ameaçam tomar conta de mim, me engolir, e então tudo o que existe é a dor. Uma recente, outra de anos atrás, mas esquecida. Tudo retornou hoje.

Mais tarde.

Doutora Lysander olha para onde fui jogada. Ela deixa Coulson no meio da frase e corre até mim.

Ela se ajoelha, tocando, verificando, puxando minhas roupas.

— Está ferida onde?

E eu não posso responder, não posso falar. Onde não estou ferida? Mas então percebo que foi o sangue fresco na minha roupa que lhe chamou a atenção. O sangue de Katran.

— Este sangue não é meu — consigo responder, mais um sussurro do que palavras.

Coulson caminha, contornando alguns corpos pelo chão. Corpos com roupas pretas de Lordeiros.

— Eu disse a eles que você me salvou, que não os chamou para minha segurança — diz a médica, sua voz baixa e preocupada.

Tudo parece distante. Cam era parte dos Lordeiros que ele afirmava odiar? Ele *traiu você*, uma voz sussurra dentro de mim, mas isso também fica para mais tarde. Eu não posso lidar com nada além da morte do meu pai.

E Katran. Coulson o matou. Se tivesse tido a chance, Katran teria matado, sem pestanejar, qualquer um desses Lordeiros. E eles também. Nico mata até os seus para promover a causa de matá-los.

— O que tudo isso significa? Por que tudo isso?

— Silêncio — diz a médica, e eu percebo que falei a última coisa em voz alta.

— E aí está ela — diz Coulson. — Ela vai sobreviver? — ele pergunta à médica.

— Espero que sim. Ela precisa de alguns pontos.

Seus olhos frios passam por mim, me avaliando.

— Entendo que devemos a segurança da doutora Lysander às suas ações. Nós vamos investigar melhor e ver o que aconteceu aqui. Mas diga-me agora: quem é o homem que escapou de nós?

Que lealdade tenho para com o homem que assassinou o meu pai?

Nenhuma.

— Nico. Nicholas. Sobrenome desconhecido.

Coulson faz uma pausa, noto um brilho em seus olhos.

— Sabemos quem ele é.

Ele acena com a cabeça para o Lordeiro cuja arma está apontada para mim.

— Ela está livre para ir. Por enquanto — ele se vira para mim. — Entrarei em contato.

O rosto de Tori se contorce de fúria. Ela dá estocadas, um súbito movimento que surpreende o guarda. Ela se liberta e está quase me alcançando quando é arrastada de volta.

— Traidora! — ela grita. — Kyla, ou Chuva, ou quem quer que você seja, eu vou pegar você. Eu vou caçar e estripar você com a minha faca — ela é arrastada para longe, jogada na traseira de uma van dos Lordeiros. Mas não antes de eu

ver o ódio estampado em seus olhos.

CAPÍTULO 46

Coulson fez um dos Lordeiros me levar para casa depois de uma parada em um hospital local para os pontos. Em uma de suas vans pretas, mas, desta vez, sentada na frente. O desgosto está estampado em seu rosto, mas eu não me importo. Há muita coisa com que me *importo*, gritando dentro de mim.

É tarde da noite agora. Está escuro. Conforme descemos a estrada principal do nosso vilarejo, eu me pergunto distraidamente se as cortinas que balançam nas cozinhas e janelas dos quartos o fazem pela visão de uma van dos Lordeiros passando.

Ele estaciona em frente à nossa casa. O carro do meu pai está aqui. A porta da frente se abre: mamãe.

— Saia — diz o Lordeiro, a voz fria.

Abro a porta da van e desço. Começo a caminhar rigidamente para casa enquanto ele se afasta.

— Oh, meu Deus — diz mamãe. — O que aconteceu com você? O que eles fizeram? — minhas pernas ficam bambas e ela tenta me segurar.

Eu dou de ombros.

— Eu estou bem — respondo, a maior mentira de todos os tempos, e atravesso a porta da frente.

O rosto chocado de Amy aparece na cozinha. Silencioso.

Meu pai sai da sala e me olha de cima a baixo. Sorri. E bate palmas: uma, duas, e mais uma vez; lenta e deliberadamente. Ele sabe; de alguma forma, ele sabe. *Lordeiro*, eu concluo. Não apenas um informante, mas um deles.

Minha mãe olha para ele e depois para mim.

— Kyla? — ela pergunta, incerta. — O que aconteceu?

Mas eu olho para o pai.

— Você não apenas me dedurou para os Lordeiros. Você é um deles.

Ele não responde, seus olhos se dirigem inquietos para a minha mãe, e depois retornam.

— Não importa — eu digo, compreendendo tudo. Cam estava aqui, abrindo

caminho para entrar em minha vida antes que eu fizesse o desenho do hospital. Eles estavam de olho em mim *de qualquer forma*, como disse Coulson. Tudo o que meu pai fez ao me delatar e fazer com que fôssemos pegos serviu para me dar a dica de que eu estava sendo vigiada. — Você é um peixe pequeno, não é? Eles nem sequer lhe disseram o que realmente estava acontecendo em sua própria casa. Então, quando você finalmente notou alguma coisa, eles mandaram você calar a boca e manter-se fora disso.

A boca dele começou a se abrir, em seguida se fechou novamente.

— Kyla? — mamãe insiste, mas eu não posso falar mais, não agora.

— Desculpe — me esforço para dizer. — Eu preciso de um banho — subo as escadas. Tranco a porta do banheiro. Tiro minhas roupas, cobertas por meu sangue, mas muito mais pelo sangue de Katran, e as jogo no cesto de lixo. Caminho rígida, lenta, como uma marionete. Como se não tivesse controle do meu corpo, com tanto controle necessário em outro lugar. Para me impedir de me enrodilhar em um canto e gritar, gritar e gritar.

Sangue se lava, eu sei disso: em breve estou limpa, pele macia e suave. Algumas novas cicatrizes, cortesia de Cam. Meia dúzia de pontos no meu ombro, mais ao lado do corpo. Analgésicos ainda no meu sistema para me ajudar a seguir, mas eles não fazem nada pelo verdadeiro dano, o interior.

Eu nunca vou esquecer nada, nunca mais. Não importa o que seja, ou que seja tão ruim que machuque. Nico e aquele médico — doutor Craig — naquele lugar de que eu nem sequer me lembrava direito até esta tarde: eles me ensinaram maneiras de esquecer, de esconder. E os meus anos perdidos, entre Lucy desaparecendo aos dez anos, e Chuva tomando o controle aos catorze? Era lá que eu estava. Com eles, sendo forçada a me dividir ao meio, de modo que parte de mim poderia ser escondida atrás de uma parede em minha mente, e sobreviver quando fosse Reiniciada.

E o tijolo, grande o suficiente para me partir em duas: agora eu sei o que era. Vendo Nico matar meu pai. Quando Katran morreu nos meus braços, isso trouxe tudo de volta.

No meu quarto, visto o pijama e me enrolo com um cobertor apertado em minha volta. Há uma leve batida na porta.

Amy espreita.

— Quer companhia? — ela pergunta, hesitante. Eu dou de ombros. Ela entra, e Sebastian a segue. Ele salta para cima da cama, sobe no meu colo. Amy senta-se ao meu lado. Coloca o braço em volta dos meus ombros. Estremeço e movo

sua mão para que não toque nos meus pontos; em seguida, me aconchego nos braços dela.

Há ecos de vozes lá embaixo. Vozes acaloradas.

— Eles me mandaram aqui para cima — diz Amy.

— Foi?

— Sinto muito.

— Pelo quê?

— Por contar ao papai sobre o seu desenho. Mamãe o fez admitir que ele delatou você. Eu não posso acreditar nisso — o rosto de Amy está em choque.

— O que mais ele disse? — pergunto, minha voz soando fraca e distante para os meus ouvidos, como se eu estivesse falando embaixo d'água, e não exatamente ali.

— Coisas em que não consigo acreditar. Que você vinha sendo algum tipo de agente duplo para os Lordeiros. Loucura.

— É. Loucura — sussurro.

— Você quer falar sobre isso?

Eu neguei com a cabeça e, em vez de ela me fazer vinte perguntas, como eu esperava, ela parece quase aliviada, e não diz nada mais. Mas ela fica, calorosa e firme, ao meu lado.

Há uma pancada repentina na porta lá de baixo. Um carro liga na frente de casa, desce a rua cantando pneus e vai embora. Há uma longa pausa, e então, passos na escada. A porta abre e mamãe está lá, quieta, olhando para nós duas e o gato aconchegados juntos.

— Que boa ideia — ela diz, e consegue se acomodar do meu outro lado. É como um abraço apertado.

Devo ter caído no sono. Horas mais tarde, quando acordo, o quarto está escuro, e o único que ainda está comigo é o gato.

O vazio entorpecido está se dissolvendo, deixando apenas a dor para trás. Eu choro pela menininha que eu fui, da qual eu mal consigo lembrar além do fato de que ela amava seu pai. Eu choro por ele, e por tudo o que ele fez para tentar resgatá-la, não importa como ela tenha chegado lá. Eu choro por ter falhado com ele: *nunca se esqueça de quem você é*, ele disse, e eu esqueci. Eu choro por Katran, cujas falhas eram óbvias, mas cujo sentimento não era. Quando ele poderia ter corrido, fugido como Nico, ele voltou por mim. Tentar me salvar o

levou à morte.

E eu choro por mim, por quem sou agora. Onde está o meu lugar neste mundo?

CAPÍTULO 47

Um Lordeiro vem até mim dias depois. Outra van preta no início da manhã, e eu me controlo para não correr e me esconder. Para onde estou indo? E eu me pergunto se hoje me estará reservada a parte de trás ou da frente da van. Será que eles se deram conta de que, em primeiro lugar, foi por minha causa que a doutora Lysander foi feita prisioneira?

Mas o Lordeiro sai e abre a porta do passageiro, e lá vamos nós. *Leve-me ao seu líder* — um pensamento aleatório que quase digo em voz alta, e tenho que reprimir uma risada histérica que quer sair da minha garganta.

Seguimos de carro por um tempo.

— Para onde vamos? — eu arrisco, mas o motorista permanece em silêncio.

Nos arredores de Londres, passamos por um portão seguro e bem guardado, em direção a um prédio feio de concreto de paredes espessas. Parece que se destina a cidadãos furiosos.

Eu o sigo para fora da van para uma porta de escritório. Ele aponta e eu entro. Ouço o clique de uma fechadura atrás de mim.

Há uma enorme mesa de madeira, com uma cadeira felpuda. Fico de pé, incerta, e então penso *ah, que se dane,* e me entrego ao desejo de me sentar na enorme cadeira do outro lado da mesa. Ela reclina e gira, e estou dando uma volta experimental quando a porta se abre.

Coulson.

O assassino de Katran. Ele olha para mim e eu olho para ele; eu, inabalável do lado de fora, não quero que ele veja a minha dor, o medo. Acima de tudo o que vejo são as mãos dele, a arma nela, Katran, e...

Ele estreita os olhos, e eu salto da cadeira.

— Sorte sua que estou de bom humor hoje — ele diz. Suas palavras e o fato de que eu ainda esteja viva provam isso. Seu rosto é inexpressivo e frio como sempre. — Sente-se, ali — ele resmunga, apontando para uma cadeira em frente à mesa, e eu me esforço para obedecer.

— Nós tínhamos um acordo — ele diz. — Você não fez as coisas exatamente como eu teria preferido, no entanto, o resultado foi satisfatório. Logo levaremos

você para o hospital para ter seu Nivo removido.

Eu olho para a coisa inútil no meu pulso. Uau. Que grande prêmio. Claro, ele não sabe que meu Nivo é inútil. Ele deve pensar que eu tenho tomado Pílulas da Felicidade todo esse tempo para os níveis pararem de cair.

— Mas há outra coisa que você deve fazer por nós.

Tudo se contorce e gira por dentro.

— O quê?

— Se você vir ou ouvir qualquer coisa sobre o Nico, nos avise.

Se há alguém que eu iria gostar de entregar para os Lordeiros é o Nico, mas estou cheia de descrença.

— Ele não foi capturado?

Um tom de aborrecimento atravessa seu rosto.

— Não. Mas desmantelaram a maioria de seus planinhos malignos — os lábios dele se curvam em uma satisfação cruel. — Muito disso foi graças a você.

E eu estremeço por dentro. Assim que comecei a ver as coisas com clareza, não quis fazer parte do R. U. Livre, parte de suas explosões e mortes. Mas desmontar os planos do R. U. Livre significa capturas, prisões. Pessoas sendo Reiniciadas e sentenças de morte. Por minha causa, o controle dos Lordeiros está mais forte que nunca.

A culpa é minha. E Nico, ainda à solta, seus planos desfeitos, irá me culpar.

— Ele virá atrás de mim — eu falo, em voz baixa, me odiando por dizer isso, e desse jeito: com um silencioso *me proteja* subentendido. Eu não quero ajuda de Lordeiros.

— Estaremos de olho.

Mas por que não estiveram sempre de olho?

— Tem algo que não entendo — eu começo a dizer, e então paro. Ele não diz nada; permissão para continuar? — Se você estava me observando, por que não no Dia do Memorial Armstrong? Por que simplesmente entrei, sem perguntas, sem revistas, nada?

Há um brilho de raiva em seus olhos? Ele se foi tão rápido que não posso ter certeza.

— Isso não é da sua conta.

Há uma batida na porta.

— Hora de ir para o hospital — ele diz.

— Só mais uma coisa — atrevo-me a dizer quando levanto. — Você disse que ia me contar o que aconteceu com meu amigo. Ben Nix.

Ele olha para mim.

— Ah, sim. Ben. Infelizmente, ele morreu — ele diz, mas não há nada em seu rosto que esteja “infeliz”. Na melhor das hipóteses, desinteressado, antipático.

O chão fica instável sob meus pés, meus joelhos estão cambaleando. Não. Não pode ser. Pode?

Eu paro na porta, olho para trás.

— O que aconteceu? — pergunto, com dificuldade.

— Convulsões quando seu Nivo foi cortado. Não se preocupe, isso não vai acontecer com você hoje, e não no hospital.

Eu sigo cambaleando o motorista Lordeiro, o alívio quase me fazendo tropeçar. Por um momento horrível, pensei que algo tivesse acontecido com Ben nestes últimos dias desde que eu o vi correndo naquele colégio. Mas, não, ele disse que aconteceu quando seu Nivo foi cortado. Ele está mentindo.

Pouco depois, estou no escritório da doutora Lysander no hospital Nova Londres.

— Desculpe — eu começo, mas ela levanta a mão e a coloca ao redor da orelha, a boca murmurando: “depois”. Ela deve ter descoberto que sua sala está grampeada.

— Hoje vamos remover seu Nivo. Não há riscos significativos quando isso é feito em hospital — ela explica sobre isso, aquilo e aquilo outro, enquanto minha mente divaga.

Eu seguro o Nivo no meu pulso. Está ali há muito tempo. Governou minha vida quando o recebi: muita tristeza ou raiva, e ele causava desmaios dolorosos; um pouco mais, e ele poderia ter me matado.

Ainda assim... uma parte de mim ainda sente falta daquele controle. Ele tornou realmente impossível que eu sentisse dor após um determinado nível. E, quando ele se for, o que pode acontecer? Começo a compreender.

— Venha agora, Kyla — diz doutora Lysander, de pé junto à porta.

Deixamos seu escritório.

— Eu não quero tirar. Ele tem que ser removido?

— Não. Pelo menos, eu acho que não; eu posso verificar o quão rígida é essa

solicitação dos Lordeiros. Mas por que mantê-lo?

— Todo mundo vai saber. Eu posso nunca mais ser a pessoa que eu era.

— Depois de tudo o que aconteceu, você poderia voltar a ser quem era, de qualquer forma? — ela pergunta, gentil. Chegamos ao elevador, e novamente ela coloca uma mão sobre o ouvido e balança a cabeça. O elevador está grampeado também?

Descemos vários andares para um andar de tratamento. Enfermeiros passam de um lado para o outro, com os pacientes em cadeiras de rodas, ou inconscientes em macas.

Ela me leva para um pequeno escritório. Um homem que digita em uma tela olha para nós; ela gesticula, e ele sai.

— Agora podemos falar normalmente — ela diz, sentando. — O que a preocupa se o Nivo sair?

— A única maneira que eu poderia me livrar dele e não ser levada por Lordeiros seria se eles mesmos fizessem isso. Todo mundo vai saber. Vão achar que sou algum tipo de espiã.

— Isso provavelmente é verdade. No entanto, você acha que as pessoas não vão suspeitar disso, de qualquer maneira?

E eu penso nas vans dos Lordeiros indo e vindo em nossa casa, e todas as pessoas desaparecidas ligadas a mim, embora seja uma injustiça. Olhos atentos e vozes fuxiqueiras ligarão os fatos. Eu suspiro.

— Você deve estar certa.

— Há uma outra questão — ela diz.

— Qual?

— Nico. Fontes me disseram que ele não foi capturado. Enquanto você tiver esse Nivo, você é uma Reiniciada. Ele poderia retomar o plano de usá-la em um ataque, para mostrar ao mundo que um Reiniciado pode ser violento. Sem o Nivo, ele não pode.

— Não. Eu nunca faria isso. Ele só pode me usar se eu esquecer o que aconteceu, e eu estou me apegando a cada detalhe — anos atrás, eu fui forçada a esquecer a dor da morte do meu pai nas mãos de Nico: imagine como as coisas teriam sido diferentes se eu tivesse me lembrado antes. Eu nunca teria caído sob seu feitiço.

— Vamos começar com isso, então? — ela propõe.

— Primeiro, eu tenho uma pergunta.

— Vá em frente.

— Eu tenho alguns fragmentos de memória de antes de ter sido levada pelo TAG. Mas eu não me lembro de nada da minha casa antes, minha mãe: nada. Posso recuperar essas lembranças?

— Existem algumas possibilidades. Memórias que você tenha suprimido conscientemente como parte da vida de Chuva podem ser acessíveis: mas, para encontrá-las, é preciso encontrar os gatilhos certos. Essa fragmentação de personalidade que eles induziram? Não sei o quão profundo e o quão longe foi isso. Se a outra metade foi Reiniciada, deveria ter ido embora, mas... — e sua voz diminui, os olhos ficam pensativos, e eu me esforço a ficar quieta, a não interromper. — Pode haver uma maneira de conseguir isso de volta também — ela diz, finalmente. — Reconectar cirurgicamente todos os caminhos cortados para torná-los acessíveis de novo. É teoricamente possível, mas nunca foi tentado, não que eu saiba.

— Como assim? Pensei que ser Reiniciado significasse ir embora para sempre — minha cabeça está girando. — E quanto ao Ben? Você poderia reconectar coisas no cérebro dele?

— Ben? Já lhe disse, Kyla, que não temos nenhum registro de sua localização. Por mais difícil que seja aceitar isso, mesmo que ele esteja vivo, ele está perdido para você.

Devo contar a ela? Apesar de tanta coisa na minha vida ter provado que ninguém é o que parece, depois de tudo, e contra toda a lógica, ela é uma pessoa em quem confio.

— Ele não está.

— Ele não está o quê?

— Morto, ou perdido. Eu sei onde ele está.

É forte o choque que a doutora Lysander leva quando explico sobre o paradeiro de Ben e como ele está: Ben não tem ideia de quem eu seja, mas não está como um novo Reiniciado.

— Isso é muito preocupante — ela diz, finalmente. — Seja lá o que eles estão fazendo naquele lugar, não foi sancionado pelo Conselho de Medicina. É antiético.

— E reiniciar é ético?

Ela me olha aborrecida.

— É — ela responde, mas em seu rosto há traços de dúvida. — Você preferiria ter enfrentado uma sentença de morte? Como minha amiga, tantos anos atrás.

— Como posso saber? Eu não me lembro! — as palavras são amargas. Mas estou pensando no que ela disse antes. — Então você poderia trazer Ben de volta.

Ela balança a cabeça.

— Não. Eu não sei o que foi feito a ele. Seria muito arriscado sequer considerar.

— Arriscado, mas possível?

— Teoricamente, talvez. Agora. Ficamos aqui por muito tempo. Venha comigo: vamos tirar esse Nivo.

*

Minutos depois, ele se foi: meu pulso é uma extensão vazia de pele que de alguma forma está *errada*. Meu pulso nu. A remoção hospitalar era uma simples questão de ir até uma máquina, apertar alguns botões e vê-lo se partir; estava desfeito.

Me sinto em evidência, diferente.

Como se um grande sinal luminoso flutuasse sobre minha cabeça: veja a espiã dos Lordeiros!

De volta ao seu escritório, a doutora Lysander abre o computador, faz sinal para que eu olhe, mas continua falando sobre nada e sobre tudo ao mesmo tempo.

Ela vai aos meus registros. O número do meu Nivo: 19418.

Ela faz uma pausa, consulta uma lista na tela que diz “números inativos”. Muda o meu número para 18736.

Eu balanço a cabeça, sem entender.

Em um pedaço de papel, ela escreve uma única palavra: *indetectável.*

E só quando estou a meio caminho de casa na van do Lordeiro é que entendo. Se sou indetectável agora, isso implica que eu não era antes. Tudo o que ela fez foi mudar o meu número no computador, o mesmo número que estava no meu Nivo. Como eu poderia ser rastreada só com aquele número, sem o meu Nivo?

Mas há algo mais. Algo dentro de mim: o *chip* no meu cérebro que trabalhava com o Nivo. Que ainda está lá.

Sinto-me mal por dentro quando entendo: Coulson, dando tapinhas na testa quando perguntei como Cam me rastreara. O chip na minha cabeça. Colocado quando fui Reiniciada: chips de rastreamento. Como usam em cães.

Agora que a doutora Lysander alterou os meus registros, mudando meu número, eles não podem usá-lo mais para me encontrar.

Indetectável.

CAPÍTULO 48

— Você não pode se esconder em casa para sempre — diz mamãe.

— Eu sei.

Ela beija minha testa e, em seguida, marcha pela garoa e pelo frio até o carro para ir trabalhar. Amy já foi para a escola com Jazz, e a paciência de mamãe está se esgotando com a minha recusa em me juntar a eles.

Com uma xícara de chá, eu retorno para a cama, um lugar em que tenho passado muito tempo ultimamente. Eu sei que ela está certa, mas é como se eu estivesse em animação suspensa. Meus pontos foram retirados, os ferimentos estão quase curados, mas, por dentro, eu estou processando as coisas que aconteceram; aprendendo a viver com a perda, a dor. As memórias. Uma nova experiência para alguém que foi forçada a esquecer.

E certas questões ainda estão me incomodando. Eu achava que ter sido pega quando estava com o R. U. Livre, e ter sido Reiniciada, tinha sido apenas azar. Descobri que estava errada. Nico planejara isso. Perdi a capacidade de aceitar coincidências, pois há muitas delas na minha vida. Foi coincidência, após eu ter sido Reiniciada, ser colocada com Sandra Davis, filha do herói Lordeiro? Foi coincidência eu ser uma "joana-ninguém", que milagrosamente não tem registros de DNA que possam ser rastreados? Foi coincidência eles terem cometido um erro com a minha data de nascimento nos testes celulares, e me Reiniciado ainda que eu tivesse mais de dezesseis? Os Lordeiros nunca notaram uma garota que se parecia comigo no *site* do DEA e deduzido quem eu era?

E tudo o que aconteceu no Dia do Memorial Armstrong. Não é costume de Nico deixar tanta coisa ao acaso. E Coulson ter esquecido de me monitorar e revistar, justo nesse dia?

Por trás de todas as minhas perguntas não respondidas, vagas ideias e planos se configuram, e uma necessidade em forma de Ben. Mas é quase como se eu estivesse reunindo minhas forças, à espera de alguma coisa. Do quê, eu não sei.

Então acontece.

Bzzzz... Bzzzz...

Um suave ruído, mais uma vibração e, sem pensar, eu busco automaticamente

em meu pulso, onde o Nivo costumava ficar.

Bzzzz... Bzzzz...

Meus olhos se arregalam com o choque. O comunicador de Nico: ele imita o zumbido de um Nivo. Eu o deixei em meu quarto, jogado em uma gaveta antes de sair correndo para resgatar a doutora Lysander. No caso de ser um rastreador.

Bzzzz... Bzzzz...

O que eu faço? Engulo em seco. Melhor saber...

Eu o pesco do fundo da gaveta onde estava escondido e esquecido todo esse tempo, e aperto o botão.

— O quê?

— Olá, Chuva — uma voz, uma que nunca serei capaz de esquecer: Nico.

— Esse não é o meu nome. Não mais.

— Uma rosa, se não se chamasse rosa, teria o mesmo perfume...

— Deixa de palhaçada. Eu me lembrei que você matou meu pai.

— Ah. Foi esse o motivo da traição, Chuva? — a voz dele é fria. — Não importa. Podemos começar de novo! Tudo será esquecido.

— Nunca. De qualquer forma, os Lordeiros retiraram o meu Nivo, então, não tenho utilidade para você agora, Nico. Arranje outro plano.

Eu desligo antes que ele possa responder, tremendo. Será que ele aceitará minha palavra e seguirá em frente? Simplesmente vai deixar para lá?

Não o Nico que conheço e odeio.

E então eu não suporto ter mais nada dele, aqui, no meu quarto, nesta casa, nem por mais um segundo. Corro até a janela aberta e jogo o comunicador o mais longe que posso. Assim que ele deixa a minha mão, me dou conta: terei que encontrá-lo e destruí-lo uma outra hora. Estúpida. Observo como ele brilha na luz da manhã, atravessa parcialmente o gramado. E descansa perto do carvalho.

Fecho a janela, volto para a cama, e...

BUM!

Uma onda de som e mais alguma coisa me empurra para o outro lado do quarto. Caio no chão. Sem fôlego. Dor. Solto um gemido. Tento levantar, e percebo que estou coberta de vidro. Vidro quebrado da janela. Atordoada, confusa. A fumaça aumenta e eu tusso. O que está acontecendo?

Cambaleio até a janela. A árvore está em chamas. O que resta dela.

A mesma árvore onde o comunicador de Nico caiu segundos antes.

Eu fico olhando, incrédula. A segunda função do comunicador não era ser um rastreador, mas uma bomba?

O choque da descoberta quase me derruba no chão. Nico insistindo que eu não podia desapontá-lo; em seguida, sua raiva por eu não estar na segunda cerimônia na casa do ministro. Uma cerimônia ao ar livre, por isso não haveria sinal bloqueado como havia dentro da casa. Uma cerimônia onde eu estaria de pé ao lado da minha família, e o atual Primeiro Ministro Lordeiro. Os grandes e os bons todos por perto, como Cam os tinha chamado. Nico não tinha apenas um plano B; ele tinha um plano C também. Sem que eu soubesse, era para eu ser seu "homem-bomba". Quando remexessem os escombros e encontrassem o que restara de mim e vissem que eu era a portadora da bomba, com uma arma do TAG presa em meu braço, eles não teriam dúvidas: uma Reiniciada absurdamente *violenta*. Abalaria tudo o que os Lordeiros fazem. Tornaria todos os Reiniciados um risco que os Lordeiros não poderiam tolerar.

Nico ia matar todos nós naquela cerimônia, mas eu arruinei isso por correr para salvar a doutora Lysander. Não é de admirar que ele estivesse tão zangado!

E agora Nico o detonou por controle remoto para me matar. Ou ele acreditou em mim quando eu disse que meu Nivo se foi, ou ele decidiu que se vingar era mais útil do que qualquer outra coisa que ele pudesse fazer comigo.

Ou talvez ele só tenha ligado antes para ter certeza de que eu o estava usando.

Uma risada começa a subir pela minha garganta.

Acalme-se!

Mas eu não posso evitar, e logo estou agachada no chão, rindo, e fazendo careta pela dor que sinto novamente no meu corte por causa do movimento.

Nico acha que estou morta. E eu rio mais.

E eu estou *indetectável* pelos Lordeiros. Graças à doutora Lysander.

Antes que o pensamento esteja totalmente formado, estou de pé, colocando algumas coisas na mochila. Verificando apressadamente minhas costas no espelho: apenas pequenos cortes. Um pouco de sangue, mas isso perdeu o poder de me deixar como antes. Eu jogo algumas roupas na mochila e bato meus dentes quando tento vestir um casaco pela cabeça. A dor física eu posso ignorar. Rápido, agora.

Sebastian aparece na porta do quarto, pelo e cauda completamente arrepiados. Esse gato está seriamente assustado. Sinto uma pontada no peito quando o pego

e lhe faço um carinho rápido.

— Eu queria poder levar você comigo, mas não posso. Cuide de mamãe e de Amy.

Outra pontada: um bilhete para mamãe? Não. Eu não posso. Alguém poderia encontrar. Eu vou falar com ela, de alguma forma.

As sirenes começam a chegar à estrada no momento em que empurro a cerca dos fundos e desapareço pela trilha do canal.

Todos esses planos meio formados em minha mente, de coisas que eu poderia fazer um dia...?

Um dia é agora.

CAPÍTULO 49

É uma longa viagem no escuro, sem uma das bicicletas de corrida de Katran. Em vez disso, uso uma bicicleta antiga, desengonçada, e sigo em torno do canal e pelas trilhas no meio da noite. Ganhei bastante tempo, por isso ainda está escuro quando eu chego.

Sinto culpa, me esgueirando sem dizer uma palavra para Mac, depois de tudo o que ele fez por mim, deixando que eu me escondesse em sua casa enquanto eu planejava o que fazer. E culpa, também, pelo empréstimo de sua bicicleta raquítica sem lhe pedir. Mas o que eu mais compreendi foi o seguinte: eu não podia dar nenhum passo para a frente sem dar um passo para trás.

Eu escondo a bicicleta na floresta.

Desta vez, será diferente. Vou ser diferente, tendo pensado sobre isso com cuidado.

E se ele não vier?

Ele virá. Ele tem de vir. Não aceito nenhuma outra possibilidade, mesmo com o medo que me corrói.

Escondo a peça camuflada que usei sobre minhas roupas durante a viagem. Tiro o chapéu; escovo o cabelo até que ele fique brilhante. Um top verde claro de corrida, quente, ainda que justo, que Ben uma vez dissera realçar a cor dos meus olhos.

O céu mal começa a clarear enquanto me aqueço. Um vulto distante aparece no alto da colina: Ben! Eu quase derreto de alívio. Tremendo com tantas emoções que eu mal sei o que são, eu corro pela trilha. Rápido. Para que, quando ele subir a colina, eu esteja bem à vista.

Ele não vai resistir à ultrapassagem. Será que vai?

Não, ele não vai resistir.

Eu o ouço se aproximando por trás e, pouco a pouco, aumento o meu ritmo para que ele possa quase, mas não completamente, acompanhar. Sentindo a pressão, o esforço. A alegria da velocidade. Eu fico ligeiramente para trás e então acontece. Corremos lado a lado. Essa música familiar dos pés deslizando: o *tum tum* que ele faz e as batidas de minhas pernas, mais curtas. Eu olho para o

rosto dele assim como ele olha para o meu. Ele sorri, sorriso largo, e é tão exatamente o Ben que eu conheci, que meus pés vacilam, e ele ultrapassa. Mas então diminui o ritmo para que eu possa acompanhá-lo.

Finalmente, nós dois diminuímos para uma velocidade de caminhada.

Ele está rindo.

— Excelente corrida! — ele diz, e eu sorrio. Sinto como se estivesse iluminada por dentro, e tudo o que eu sou está ali para ser visto, estampado em meu rosto. Como eu costumava ser. É tão fácil esquecer, fingir que nada aconteceu.

Fingir que somos apenas Ben e Kyla. Amigos, e em seguida algo mais, com vidas e famílias descomplicadas. Um possível futuro juntos. Eu sofro para chegar, e aperto sua mão. Paro e o puxo para perto, e...

Mas nós não somos aqueles fantasmas. Não mais.

— Você é aquela garota — ele diz, e eu me mantenho em silêncio. Será que uma parte dele me reconhece ou sente quem eu sou? *Aquela garota*. Não. Ele deve se lembrar da outra vez por esta trilha. — A que disse que me conhecia — ele diz, confirmando. — Mas eu me lembraria de você.

— Lembraria? — eu rio. O nascer do sol está a caminho agora. A luz morna de uma manhã fria em nossos rostos.

— Eu vou me atrasar. Viemos muito longe — ele diz, e inverte a direção. — Correr de volta?

— Ainda não. Precisamos conversar.

— Precisamos? Sobre o quê?

— Quem é você?

— Não posso responder isso. Estou em uma missão secreta — ele diz as palavras como se estivesse brincando, como se fosse um jogo, mas há algo por trás disso. — Quem é você?

— Eu estou em uma missão secreta, também. Mas posso lhe contar uma história. Uma que aconteceu.

— Vá em frente — ele diz, ainda parecendo o Ben. Em seus olhos: curiosidade, querendo saber tudo o que eu sou por dentro, como ele sempre fazia.

— Era uma vez um garoto Reiniciado chamado Ben, que adorava correr. Ele conheceu uma garota Reiniciada com alguns problemas: vamos chamá-la de

Kyla. Mas ela também amava correr. Eles se tornaram... amigos. Mais do que amigos — eu coro.

— Ben: foi assim que você me chamou da última vez.

— Sim.

E eu vejo o entendimento em seus olhos.

— Tenho bom gosto para garotas, mesmo nos contos de fadas — ele diz, ainda leve, provocativo. Curioso.

— Mas agora é onde fica difícil — meu sorriso desaparece. — Ouça, Ben, ou quem você seja agora. Você foi Reiniciado novamente, ou tratado de alguma forma para esquecer. Eu não sei como, nem por quê. Não acredite no que lhe dizem. O Ben de antes lutou para pensar por si mesmo! Ele acreditava que poderia haver uma maneira melhor do que a maneira dos Lordeiros.

Ele olha nos meus olhos, algo dentro dele pensando, considerando, por alguns instantes. Em seguida, o olhar se foi junto com seu sorriso.

— Isso é realmente um conto de fadas — ele diz. — Está na minha hora de ir, garota dos sonhos — e ele parte, correndo, de volta para onde veio. Eu me impeço de correr atrás dele e me embrenho nas sombras sob as árvores. Lutando para não chorar no vácuo gelado criado por sua ausência.

Eu fiz o melhor que pude. Será que consegui alguma coisa?

Por um momento, houve algo em seus olhos, algum traço de pensamento. Eu não imaginei isso! Será que plantei uma semente de dúvida que pode crescer e se transformar em algo forte o bastante para suportar o que tem sido feito com ele, o que tem sido implantado nele naquele lugar de Lordeiros?

Eu visto novamente minhas roupas escuras sobre a que estou usando e pego a bicicleta para iniciar a longa viagem de volta à casa de Mac.

Pensando no que eu disse, no que eu poderia ter dito que fosse melhor, e...

Quando me dou conta tão de repente que quase caio da bicicleta.

Garota dos sonhos, foi como ele me chamou. Será que ele tem sonhado comigo? Como eu sonho com o passado, e memórias perdidas. Será que ainda estou lá, escondida, em seu subconsciente?

Em algum lugar dentro de mim há um pequeno brilho, um sentimento. É quente e estranho, e eu o seguro, o abraço apertado.

É a esperança.

Mais tarde, naquela noite, eu estou no Mac, sentada diante de seu computador.

O rosto de Lucy — o meu rosto, de tantos anos atrás — preenche a tela no *site* do DEA. Ela foi Desaparecida em Ação, mas não mais.

Aiden se senta ao meu lado.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — ele pergunta, seus olhos azuis escuros estão atentos e amáveis. Sem pressionar, mesmo que eu saiba o quanto ele quer isso.

— Sim — respondo. — Tenho; muita certeza. Papai disse *nunca se esqueça de quem você é,* mas eu esqueci. Eu falhei com ele. Só há uma coisa que eu posso fazer para tentar consertar isso: eu devo isso a ele, tentar descobrir quem era Lucy. Quem eu era. E não há outra maneira de encontrar os pedaços perdidos de mim mesma, além dessa.

Quem relatou que estou desaparecida? Com meu pai morto, terá sido a mãe de que não consigo me lembrar, ou outra pessoa? Só há um modo de descobrir.

Eu pego o *mouse* e clico no ícone: Lucy Connor foi *encontrada*.

Table of Contents

ROSTO
FRONTISPÍCIO
CRÉDITOS
DEDICATÓRIA
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 40
CAPÍTULO 41
CAPÍTULO 42
CAPÍTULO 43
CAPÍTULO 44
CAPÍTULO 45
CAPÍTULO 46
CAPÍTULO 47
CAPÍTULO 48
CAPÍTULO 49